ESCREVENDO COMO RICHARD BACHMAN
STEPHEN KING
O CONCORRENTE
SUMA

O Concorrente

Bem-vindo à América do ano 2025,
onde os melhores não se candidatam
à presidência, mas à sobrevivência.

Stephen King (Richard Bachman)

Menos 100

e CONTANDO...

OLHOS APERTADOS, ELA OLHAVA PARA O TERMÔMETRO à luz branca que entrava pela janela. Às suas costas, na chuva miúda, outros arranha-céus de Co-Op City erguiam-se como as torretas cinzentas de uma penitenciária. Embaixo, no poço de ar, linhas de roupa estalavam à lavagem magnética. Ratos e gordos gatos de beco circulavam pelo lixo.

Olhou para o marido, sentado à mesa, fitando a Free-Vee em um estado de concentração firme, vazia. Estivera assistindo àquilo durante semanas. O que não combinava com ele. Odiava aquilo, sempre odiara. Claro, todos os apartamentos dos Projetos Habitacionais possuíam uma delas — era lei — mas continuava a ser legal desligá-la. O Projeto de Lei de Benefício Compulsório de 2021 deixara, por uma margem de seis votos, de obter a maioria de dois terços necessária. Habitualmente, nunca assistiam àqueles programas. Mas desde que Cathy adoecera, ele estivera acompanhando os programas de distribuição de grandes prêmios. Aquela situação provocava-lhe um medo doentio.

Por trás do guincho compulsivo do locutor no intervalo, narrando as últimas notícias, os gemidos roucos de Cathy, agravados pelo resfriado, continuavam.

— Qual é a gravidade? — perguntou Richards.

— Não é tão grave assim.

— Não me enrole.

— Custa 104.

Ele desceu ambos os punhos sobre a mesa. Um prato plástico subiu no ar e caiu no chão com um estrondo.

— Nós arranjaremos um médico. Veja se não se preocupa tanto. Ouça...

Começou a falar freneticamente para distraí-lo. Mas ele se virara e assistia novamente à Free-Vee. O intervalo terminara e o jogo continuava. Não era um dos grandes programas, claro, apenas um dos baratos, apresentados durante o dia, intitulados *Acione o Moinho de Degraus e Ganhe Dólares.* A produção só aceitava doentes crônicos com problemas de coração, fígado ou pulmão, às vezes incluindo um aleijado para proporcionar um alívio cômico. Por cada minuto que permanecia no moinho de degraus (mantendo uma conversa regular com o mestre-de-cerimônias), ele ganhava dez dólares. A cada dois minutos, o mestre-de-cerimônias fazia uma Pergunta Especial na categoria do contestante (o que estava no moinho nesse momento, portador de um sopro cardíaco, e natural de Hackensack, era maníaco por história americana) que valia cinqüenta dólares. Se o participante, tonto, sem fôlego, o coração fazendo acrobacias fantásticas dentro do peito, errava a pergunta, cinqüenta dólares eram deduzidos de seus ganhos e se acelerava a rotação do moinho à força humana.

— Nós daremos um jeito, Ben. Realmente. Eu... eu...

— Você o quê? — Fitou-a, brutalmente. — Prostituir-se? Mais, não, Sheila. Ela precisa ser tratada por um médico autêntico. Não mais por parteiras

de mãos sujas e fedendo a uísque. Todo o equipamento moderno.

Ele cruzou a sala, os olhos girando hipnoticamente para a Free-Vee soldado à parede acima da pia. Tirou do gancho a jaqueta jeans barata e vestiu-a com gestos frenéticos.

— Não! Não, eu não vou... não vou permitir isso. Você não vai...

— Por quê? Na pior das hipóteses, você pode ganhar alguns paus como chefe de uma família sem pai. De um jeito ou de outro, você vai ter que ajudá-la a ficar boa.

Ela nunca fora realmente uma mulher bonita e durante esses anos todos em que o marido estivera desempregado ela ficara esquelética, mas nesse momento parecia bela... Imperiosa.

— Não vou aceitar isso. Prefiro dar uma espinafração no homem da televisão e mandá-lo de volta com seu dinheiro sangrento quando ele vier aqui. Será que tenho que receber um prêmio pela morte de meu homem?

Ele virou-se para ela, sombrio, sem humor, agarrando fortemente alguma coisa que o colocava numa classe à parte, um algo invisível que a Rede impiedosamente calculara. Ele era o dinossauro nessa época. Não um dos grandes, mas ainda assim uma reversão ao passado, um embaraço. Talvez, um perigo. Grandes nuvens condensam-se em torno de pequenas partículas.

Fez um gesto na direção do quarto

— O que é que me diz dela numa cova sem marcas de mendigo? Isso lhe agrada?

Essas palavras deixaram-na apenas com o argumento da mágoa insensata. A face rachou e dissolveu-se em lágrimas.

— Ben, isso é exatamente o que eles querem para pessoas como nós, pessoas como você.

— Talvez eles não me aceitem — respondeu ele, abrindo a porta. — Talvez eu não tenha o que quer que seja que eles procuram.

— Se você for agora, eles o matarão. E eu ficarei aqui assistindo. Você quer que eu assista a isso com ela no quarto ao lado?

Através das lágrimas, ela mal conseguia falar coerentemente.

— Eu quero que ela continue a viver.

Tentou fechar a porta, mas ela se interpôs no caminho,

— Então, dê-me um beijo antes de ir.

Beijou-a. Corredor abaixo, a sra. Jenner abriu a porta e olhou para fora. O cheiro forte de carne enlatada e repolho, atormentador, enlouquecedor, chegou até eles. A sra. Jenner estava indo bem — ajudava na drogaria local de descontos e tinha um olho quase sobrenatural para descobrir portadores de cartões ilegais.

— Você aceitará o dinheiro? — perguntou Richards. — Não fará nada estúpido?

— Aceitarei — murmurou ela. — Você sabe que aceitarei.

Abraçou-a, desajeitado, depois virou-se rapidamente, sem nenhuma graça, e mergulhou no poço da escada, de inclinação maluca e mal iluminado.

Ela ficou à porta, sacudida por soluços silenciosos, até ouvir a porta bater com um som oco cinco andares abaixo, e só então levou o avental ao rosto. Continuava a segurar o termômetro que usara para tomar a temperatura do bebê.

A sra. Jenner aproximou-se silenciosamente e torceu o avental.

— Queridinha — murmurou —, quando o dinheiro chegar, posso lhe arranjar penicilina no mercado negro... bem barata... boa qualidade...

— Saia daqui! — gritou ela.

A sra. Jenner encolheu-se, o lábio superior subindo instintivamente sobre os tocos escuros dos dentes.

— Eu estava apenas tentando ajudar — murmurou, e voltou rápido para seu quarto.

Mal abafados pela delgada madeiplástica, os gemidos de Cathy continuaram. A Free-Vee da sra. Jenner berrou e assoviou. O participante do *Acione o Moinho para Ganhar Dólares* acabara de errar uma Pergunta Premiada e tivera simultaneamente um ataque cardíaco. Estava sendo levado dali em uma maca de borracha enquanto a platéia aplaudia.

O lábio superior subindo e caindo com a regularidade de um

metrônomo, a sra. Jenner escreveu o nome de Sheila Richards em sua caderneta de notas.

— Veremos — disse, não se dirigindo a pessoa alguma. — Nós simplesmente veremos, sra. Cheirosinha.

Fechou a caderneta com um estalo cruel e acomodou-se para acompanhar o programa seguinte.

...Menos 099

e CONTANDO...

A GAROA SE TRANSFORMARA em chuva forte quando chegou à rua. O grande termômetro no outro lado da rua marcava 11°C. Isso significava que dentro do apartamento a temperatura devia estar por volta de 16°C. E Cathy estava com influenza.

Um rato cruzou preguiçosamente, nojentamente, o cimento rachado e empolado da rua. No outro lado, o esqueleto antigo e enferrujado de um Humber modelo 2013 repousava sobre eixos podres. O carro fora completamente depenado, haviam levado até mesmo os rolamentos e os calços do motor, mas os tiras não o haviam removido dali. Nesses tempos, os tiras raramente se aventuravam ao sul do Canal. Co-Op City erguia-se em uma área que se irradiava de pátios de estacionamento, lojas abandonadas, Centros Urbanos *com playgrounds* pavimentados. As gangues de motocicleta eram a lei ali e todas aquelas histórias nos noticiários sobre a intrépida Polícia de Quarteirão de South City nada mais era do que uma bosta fedorenta. As ruas eram fantasmagóricas, silenciosas. Se saía de casa, a pessoa tomava o ônibus pneumático ou levava um cilindro de gás.

Andou rápido, sem olhar em volta, sem pensar, no ar sulfuroso e denso. Quatro motocicletas passaram por ele e alguém lhe atirou um pedaço de pavimento de asfalto. Esquivou-se facilmente. Dois ônibus pneumáticos passaram, socando-o com golpes de ar, mas não os mandou parar. O salário-desemprego de vinte dólares semanais (dólares velhos) já fora gasto. Não tinha dinheiro para comprar um bilhete. Achou que as quadrilhas ao largo lhe sacavam a pobreza. Não foi molestado.

Arranha-céus, Projetos Habitacionais, cercas de correntes, pátios de estacionamento vazios exceto pelas cascas depenadas de carros, obscenidades rabiscadas no leito das ruas em giz mole que nesse momento a chuva dissolvia. Janelas quebradas, ratos, sacos úmidos de lixo espalhados pelas calçadas e transbordando pelos esgotos, pichações em letras angulosas escritas sobre paredes cinzentas que desmoronavam: HONKY NÃO DEIXE O ILUMINAR VOCÊ MOROU? OS VELHOS FUMAM DOKES. SUA MÃEZINHA FODE. MOSTRE O PAU, TOM, O MEU TÁ DURO. HITLER ERA LEGAL. MARY. SID. MATEM TODOS OS CRIOULOS. As velhas lâmpadas de sódio instaladas nos anos 70 quebradas por pedras e pedaços do calçamento. Nenhum técnico ia substituí-las por ali. Eles ali viviam com Novos Dólares-Crédito. Os técnicos ficam na cidade alta, meu docinho Lá é legal. Silêncio por toda parte, quebrado apenas pelo chiado que sobe e desce dos ônibus pneumáticos e as passadas de Richards. Este campo de batalha só se ilumina à noite. Durante o dia, é um silêncio cinzento deserto sem nenhum outro movimento que o dos gatos, ratos e varejeiras brancas andando pelo lixo. Nenhum aroma, salvo o fedor desse bravo ano de 2025. Os cabos da Free-Vee estão enterrados em segurança sob as ruas e ninguém, salvo um idiota ou revolucionário, iria praticar atos de vandalismo contra eles. A Free-Vee é a matéria dos sonhos, o pão da vida. O pó custa 12 dólares o papelote, o ácido de Frisco sai por 20 o comprimido, mas a Free-Vee deixa-o baratinado sem nada cobrar. Mais adiante, no outro lado do Canal, a máquina de sonhos funciona 24 horas por dia... mas funciona na base dos Novos Dólares e só os empregados dispõem deles. Há quatro milhões de outras pessoas, quase todas elas desempregadas, ao sul do Canal, na Co-Op City.

Andou uns 4,5km e as ocasionais lojas de bebida e antros de fumo, no início fortemente protegidas por grades, tornaram-se mais numerosas. Depois, as Casas-X (!! 24 Perversões — Conte: São 24. Mesmo!!), as Casas de Penhores, os Empórios de Compra de Sangue. Viciados sentados em motos em todas as esquinas, os esgotos cobertos por neve formada por baganas de cigarros de maconha.

Nesse local podia ver os arranha-céus penetrando nas nuvens, altos e puros. O mais alto de todos era o Edifício Jogos da Rede, de 100 andares, a metade mais alta perdida na cobertura de nuvens e smog. Fixou nele os olhos e caminhou mais quilômetro e meio. Começaram a aparecer os cinemas mais caros e casas de fumo sem grades (mas com Porcos de Aluguel no lado de fora, cutucadores elétricos pendentes de seus cintos de lona). Um tira da

municipalidade em cada esquina. O Parque do Povo: ingresso, 75 cents. Mães bem-vestidas vigiando os filhos que fazem cabriolas no astrodomo, atrás de cercas de correntes. Um guarda de cada lado do portão. Um rápido e patético vislumbre da fonte.

Cruzou o Canal.

Aproximando-se mais, pareceu-lhe que o Prédio dos Jogos tornava-se mais alto, mais e mais inacreditável, com suas camadas impessoais de janelas de escritório, sua alvenaria polida. Policiais observando-o, prontos para mandá-lo andar ou prendê-lo se ele tentasse cometer o crime de vadiagem. Ali só havia uma função para um homem que usava calças cinzentas frouxas nos fundilhos, cabelos cortados rentes e olhos fundos nas órbitas. A finalidade era Os Jogos.

Os exames de qualificação começaram pontualmente ao meio-dia e quando Ben Richards se postou atrás do último homem da fila, quase chegou ao cone de sombra do Prédio dos Jogos. O prédio, porém, ainda estava a nove quadras a mais de quilômetro e meio distante. A fila se estendia à sua frente como se fosse uma serpente eterna. Outros tomaram seus lugares atrás dele. A polícia vigiava-os, mãos nas coronhas das armas ou nos seus chicotes elétricos. Nos lábios deles, sorrisos anônimos, desdenhosos.

— Aquele ali não lhe parece um débil mental, Frank? Para mim, parece.

— Aquele cara ali me perguntou se havia um lugar onde ele pudesse ir ao banheiro. Você pode imaginar um coisa dessas?

— Os filhos da puta não são...

— Matariam a própria mãe por...

— Fede como se não tomasse banho há...

— De qualquer modo, não é nada mais do que um programa de monstruosidades...

Cabeças abaixadas para se protegerem da chuva, eles arrastavam os pés no mesmo lugar e, depois de algum tempo, a fila começou a se mover.

...Menos 098

e CONTANDO...

PASSAVA DAS 4H quando Ben Richards chegou à mesa principal e de lá foi encaminhado à Mesa 9 (Q-R). A mulher sentada diante do enorme teclado plástico parecia cansada, cruel e impessoal. Olhou para ele e não viu ninguém.

— Nome, prenome, nome intermediário.

— Richards, Benjamin Stuart.

As mãos da mulher correram pelas teclas. *Cliter-cliter-cliter* crepitou a máquina.

— Idade-altura-peso.

— Vinte e oito, l,87m, 75kg.

Cliter-cliter-cliter.

— Q.I. pelo teste de Weschler, se souber, e idade em que fez o exame.

— Cento e vinte e seis. Quatorze anos.

Cliter-cliter-cliter.

O enorme saguão era uma caixa de ressonância imensa, retumbante e ecoante. Perguntas feitas e respondidas. Pessoas chorando estavam sendo levadas para fora. Outras eram expulsas. Vozes ásperas se erguiam em protesto. Um ou outro grito. Perguntas. Sempre perguntas.

— Última escola freqüentada?

— Ofícios manuais.

— Formou-se?

— Não.

— Há quantos anos e em que idade deixou a escola?

— Dois anos. Dezesseis anos de idade.

— Razões para abandonar os estudos?

— Casei.

Cliter-cliter-cliter.

— Nome e idade do cônjuge, se algum.

— Sheila Catherine Richards, 26 anos de idade.

— Nomes e idades dos filhos, se alguns.

— Catherine Sarah Richards, 18 meses.

Cliter-cliter-cliter.

— Última pergunta, moço. Não se dê ao trabalho de mentir. Vão descobrir no exame de saúde e desqualificá-lo nessa etapa. Já usou heroína ou o alucinógeno de anfetamina sintética conhecida como Soco São Francisco?

— Não. Um cartão plástico saltou e ela entregou-o.

— Não perca isso, grandalhão. Se perder, vai começar tudo de novo na próxima semana.

Olhava-o nesse momento, vendo-lhe o rosto, os olhos zangados, o corpo magro. Nada feioso. Pelo menos, alguma inteligência. Boas declarações.

Tomou-lhe bruscamente o cartão e perfurou o canto superior direito, dando-lhe uma aparência estranha.

— Para o que foi isso?

— Esqueça. Alguém lhe dirá depois. Talvez.

Apontou por cima do ombro dele para um longo corredor que levava a uma bateria de elevadores. Dezenas de homens recém-dispensados pelas mesas estavam sendo detidos, mostravam suas identidades plásticas e eram mandados prosseguir. Enquanto o observava, um trêmulo e encovado viciado em Soco foi detido por um policial e levado à porta. O viciado começou a chorar. Mas foi.

— Mundo duro este, grandalhão — disse, sem simpatia, a mulher atrás da escrivaninha. — Siga em frente.

O que fez.

Às suas costas, recomeçou a ladainha.

...Menos 097

e CONTANDO...

UMA MÃO DURA E CALEJADA bateu-lhe no ombro no início do corredor que ficava do outro lado das mesas.

— Cartão, meu chapa.

Richards mostrou-o. O tira relaxou, o rosto misterioso e chinês demonstrando desapontamento.

— Você gosta de mandá-los de volta, não? — perguntou Richards. — Isso realmente lhe dá um tesão, não é?

— Quer ser preso, verme?

Richards passou por ele e o policial permaneceu imóvel.

A meio caminho da bateria de elevadores parou e olhou para trás.

— Hei, tira.

O policial fitou-o, truculento.

— Tem família? Pode ser você na próxima semana.

— Ande! — berrou furioso o guarda.

Com um sorriso, Richards continuou a andar.

Havia uma fila de talvez uns vinte candidatos à espera do elevador. Richards mostrou o cartão a um dos policiais de serviço, que o olhou atentamente:

— Você é durão, filho?

— O suficiente — respondeu Richards, e sorriu.
O guarda devolveu-lhe o cartão.

— Vão amolecê-lo, novamente. Acha que vai continuar sabidinho com buracos na cabeça, filho?

— Mais ou menos tão sabidinho como você falando sem o revólver e as calças amadas até os tornozelos — retrucou Richards, ainda sorrindo. — Quer experimentar?

Durante um momento, pensou que o guarda ia socá-lo.

— Eles vão dar um jeito em você — disse o guarda. — Você vai andar

um pouco de joelhos antes de acabar.

O guarda dirigiu-se arrogante a três candidatos recém-chegados e pediu-lhes o cartão.

O indivíduo à frente de Richards virou-se, rosto nervoso e infeliz, e cabelos escuros que terminavam em ponta na testa.

— Hei, não é sabido provocá-los, cara. Eles têm um sistema de comunicação clandestino.

— É mesmo? — perguntou Richards, fitando-o humildemente. O homem virou-lhe as costas.

Bruscamente, abriram-se as portas do elevador. Um policial negro com um barrigão enorme protegia com o corpo o painel de botões. Outro guarda, sentado em um pequeno tamborete, lia uma revista de perversões sexuais em 3-D, dentro de um cubículo à prova de bala, do tamanho de uma cabine telefônica, nos fundos do grande carro. Uma escopeta de cano serrado descansava em seus joelhos, os cartuchos alinhados próximos e a fácil alcance da mão.

— Para o fundo do carro! — exclamou o policial gordo, falando com entediada importância. — Para o fundo do carro! Para o fundo do carro!

Aglomeraram-se ali numa profundidade em que uma respiração profunda era impossível. Carne triste subia em volta de Richards por todos os lados. Subiram até o segundo andar, onde as portas foram abertas. Richards, que era uma cabeça mais alto do que todos ali, viu uma enorme sala de espera cheia de cadeiras e dominada por uni Free-Vee. Em um dos cantos, viu uma máquina automática de vender cigarros.

— Fora! Fora! Mostrem o cartão de identidade à esquerda!

Todos eles deixaram o carro e mostraram os cartões a uma impessoal lente de câmera. Três guardas mantinham estrita vigilância no local. Por alguma razão, uma campainha tocou à vista de algumas dezenas de cartões e seus portadores foram arrancados da fila e levados para algum lugar.

Mostrou o seu e, com um aceno, recebeu ordens de passar adiante. Foi até máquina de vender cigarros, comprou um maço de Blams e sentou-se tão longe quanto possível do Free-Vee. Acendeu o cigarro, tragou, exalou e tossiu. Não fumava há quase seis meses.

...Menos 096

e CONTANDO...

QUASE IMEDIATAMENTE, foram chamados para exame de saúde os que tinham nomes iniciados com a letra A. Mais ou menos duas dezenas de homens levantaram-se e seguiram em fila por uma porta atrás da tela da Free-Vee. Um grande letreiro pregado em cima da porta dizia: POR AQUI. Embaixo das palavras, uma seta indicava a porta. O nível de alfabetização dos candidatos aos Jogos era notoriamente baixo.

Chamavam uma nova letra a cada 15 minutos, mais ou menos. Ben Richards sentara-se ali mais ou menos as 5h e calculou que teria que esperar até um quarto para as 9h antes de ser chamado. Desejou ter trazido um livro, mas achou que as coisas iam bem daquele jeito. Na melhor das hipóteses, livros eram vistos com desconfiança, especialmente quando nas mãos de alguém que morava ao sul do Canal. Pederastas pervertidos eram mais seguros.

Assistiu inquieto o noticiário das 6h (a luta no Equador havia se tornado mais cruenta, novos distúrbios canibalescos haviam estourado na índia, os Detroit Tigers haviam surrado os Harding Catamounts pelo escore de 6-2 em um jogo à tarde) e quando o primeiro dos jogos com grandes prêmios em dinheiro foi anunciado na tela, dirigiu-se agitado para a janela e ficou olhando para fora. Nesse momento em que tomara uma decisão, os Jogos entediavam-no. A maioria das outras pessoas ali, contudo, assistia com pavorosa fascinação o *Armas de Brinquedo.* Na próxima semana, poderiam ser eles os participantes.

No lado de fora, o dia sangrava lentamente e se transformava em noite. Os elevadores passavam em alta velocidade através dos anéis de energia acima da janela do segundo andar, seus poderosos faróis vasculhando o ar cinzento. Nas calçadas embaixo, multidões de homens e mulheres (a maioria, claro, constituída de técnicos ou burocratas da Rede) começa a ronda noturna em busca de divertimento. Um Vendedor Licenciado de Drogas vendia sua mercadoria numa esquina. Um homem levando uma mulher vestida com casaco de marta em cada braço passou por baixo dele. O trio ria a respeito de alguma coisa.

De repente, sentiu uma grande saudade de Sheila e Cathy e teve vontade de lhes telefonar. Mas não achava que isso fosse permitido. Ainda poderia desistir, claro; vários homens haviam feito isso. Cruzaram a sala, sorrindo vagamente para coisa nenhuma, e dirigiram-se para a porta marcada DIREÇÃO: RUA. Voltar para o apartamento e a filha com o rubor da febre no outro quarto? Não. Não podia. Não podia.

Ficou à janela por mais algum tempo, voltou para seu lugar e sentou-se, O novo jogo, *Cave Sua Sepultura,* estava começando.

O cara sentado a seu lado puxou-lhe nervosamente o braço.

— É verdade que eliminam mais de 30% apenas no exame físico?

— Não sei — respondeu Richards.

— Jesus — continuou o homem. — Eu tenho bronquite. Talvez o *Acione o Moinho...*

Richards não conseguiu pensar em nada para dizer. A respiração daquele homem parecia um caminhão distante, tentando subir uma ladeira muito íngreme.

— Eu tenho família — disse o homem, em tranqüilo desespero. Richards olhou para a Free-Vee como se ela o interessasse.

O cara ficou calado durante muito tempo. Quando o programa mudou novamente às 7:30h, ouviu que ele perguntava a mesma coisa sobre o exame de saúde ao cara que estava sentado no outro lado.

Lá fora era noite fechada. Richards perguntou a si mesmo se ainda estava chovendo. Parecia que aquela noite ia ser muito comprida.

...Menos 095

e CONTANDO...

QUANDO OS CANDIDATOS com nomes iniciados pela letra R passaram sob a seta vermelha e entraram na sala de exames o relógio marcava poucos minutos após às 9:3Oh. Um bocado da agitação inicial desaparecera e as pessoas ali olhavam avidamente para a Free-Vee, sem nada do pavor anterior, ou cochilavam. O homem de peito barulhento tinha um nome iniciado por *L* e fora chamado mais de uma hora antes. Preguiçosamente, conjecturou se ele havia sido eliminado.

A sala de exames, comprida e mosaicada, iluminada por tubos fluorescentes, parecia uma linha de montagem, com médicos entediados nas várias estações ao longo do caminho.

Algum de vocês gostaria de examinar minha filhinha? pensou amargamente.

Os candidatos mostraram novamente os cartões a outro olho de câmera embutido na parede e receberam ordem de parar ao lado de uma fileira de ganchos para roupa. Um médico usando uma bata comprida aproximou-se deles. Trazia uma prancheta sob um braço.

— Tirem a roupa — disse. — Pendurem-nas nos ganchos. Lembrem-se do número em cima de seus ganchos e dêem o número ao atendente lá no

fim. Não se preocupem com seus objetos de valor. Ninguém aqui os quer.

Objetos de valor. Essa era boa, pensou, desabotoando a camisa. Quanto a ele, possuía uma carteira vazia com algumas fotos de Sheila e Cathy, um recibo de uma meia-sola que mandara botar em um sapateiro local há uns seis meses, um molho de chaves sem outra chave que a da porta do apartamento, uma meia de bebê que não se lembrava de ter posto ali, e o maço de Blams que comprara na máquina.

Usava cueca rasgada porque Sheila era teimosa demais para deixar que ele andasse sem ela, mas muitos dos homens ali nada tinham por baixo da calça. Logo depois, estavam todos nus e anônimos, pênis pendurados entre as pernas como clavas esquecidas. Todos de cartão na mão. Alguns arrastavam os pés, como se o chão estivesse frio, embora não fosse esse o caso. O odor leve, impessoalmente nostálgico de álcool, flutuava no ar.

— Permaneçam em fila — disse o médico com a prancheta. — Mostrem sempre o cartão. Sigam as instruções.

A fila moveu-se. Richards notou que, ao longo do caminho, havia um guarda para cada médico. Baixou os olhos e esperou, passivamente.

— Cartão.

Entregou-o. O primeiro médico notou o número e disse:

— Abra a boca.

Abriu-a. A língua foi abaixada.

O médico seguinte olhou dentro de suas pupilas com uma minúscula luz brilhante e em seguida examinou os ouvidos.

O outro colocou-lhe no peito o disco frio de um estetoscópio e ordenou:

— Tussa.

Tossiu. O médico virou-o e mudou o estetoscópio para as costas.

— Tome uma respiração funda e prenda-a.

O esteto moveu-se.

— Exale.

Exalou.

— Siga em frente.

A pressão arterial foi tirada por um médico sorridente que usava venda num dos olhos. Um médico calvo com várias grandes sardas pardas que pareciam cloasmas deu-lhe pequenas batidas no corpo. Em seguida, colocou a fria mão entre o saco e a parte superior da coxa.

— Tussa.

Tossiu.

— Siga em frente.

Tomada a temperatura, pediram-lhe que cuspisse numa taça. A meio caminho nesse instante da linha de montagem. Dois ou três candidatos já haviam terminado o exame e um atendente de rosto branco e dentes de coelho trouxe-lhes as roupas em cestas de arame. Uma meia dúzia havia sido recusada e mandada embora.

— Flexione o corpo para a frente e abra as nádegas.

Flexionou e abriu. Um dedo calçado de plástico invadiu seu reto, explorou e retirou-se.

— Siga em frente.

Entrou em uma cabine com cortinas em três lados, parecida com as velhas cabines de votação — elas haviam sido eliminadas pela eleição por computador 11 anos antes — e urinou em um copo azul. O médico pegou a amostra e colocou-a numa prateleira de arame.

Na parada seguinte, olhou para um quadro de exame oftalmológico.

— Leia — disse o médico.

— E-A, L-D, M.F. P.M, Z-K, L, A, C.D-U.S, G, A-

— Basta. Siga em frente.

Entrou em outra pseudocabine de votação e colocou fones nos ouvidos. Receber ordem de apertar o botão branco quando ouvisse alguma coisa e o vermelho quando não a ouvisse mais. O som era muito agudo e baixo — como um apito para chamar cães cujo timbre fora abaixado para tornar-se apenas audível na faixa humana. Apertou os botões e disseram-lhe para parar.

Tirado o peso, os arcos dos pés foram examinados. Vestiu avental de chumbo e postou-se em frente de um aparelho de raio-X. Um médico, mascando chicletes e cantando baixinho desafinado alguma coisa, bateu várias chapas e anotou-lhe o número do cartão.

Entrara na sala em um grupo de umas trinta pessoas. Uns doze haviam chegado ao fim da sala. Alguns, já vestidos, esperavam o elevador. Mais ou menos mais uma dúzia estava sendo retirada da linha. Um dos homens tentou atacar o médico que o eliminara e foi derrubado por um policial, que usou o chicote elétrico a plena carga. O indivíduo caiu como se atingido na cabeça por uma bigorna.

Em frente a uma mesa baixa, foi perguntado se sofrera de umas cinqüenta doenças diferentes. A maioria de natureza respiratória. O médico ergueu vivamente a vista quando ele disse que havia um caso de influenza em sua família.

— Esposa?

— Não. Minha filha.

— Idade.

— Um ano e meio.

— O senhor foi vacinado? Não tente mentir! — berrou subitamente o médico, como se Richards tivesse tentado fazer isso. — Vamos examinar suas declarações sobre estado de saúde.

— Vacina em julho de 2023. Dose de reforço em setembro de 2023— Posto de saúde da quadra.

— Siga em frente.

Richards sentiu uma vontade repentina de estender a mão por cima da mesa e quebrar o pescoço daquele verme. Em vez disso, seguiu em frente.

Na última parada, uma médica de aspecto severo, cabelos cortados rentes e “egoísta” enfiado num ouvido, perguntou-lhe se era homossexual.

— Não.

— Foi preso alguma vez, acusado de crime doloso?

— Não.

— Tem alguma fobia grave? Com isso, quero dizer...

— Não.

— É melhor escutar a definição — interrompeu-o ela, com um leve toque de condescendência. — Quero dizer...

— Se tenho medos estranhos e compulsivos, como acrofobia ou claustrofobia. Não tenho.

Ela apertou com força os lábios e, por um momento, pareceu que ia fazer algum comentário contundente.

— Usa ou usou drogas alucinogênicas ou viciantes?

— Não.

— Tem parentes que foram presos sob acusação de crimes contra o Governo ou contra a Rede?

— Não.

— Assine esse juramento de lealdade e esse formulário de exculpação da Comissão dos Jogos, sr., ahn, Richards.

Ele rabiscou a assinatura.

— Mostre o cartão ao atendente e diga-lhe o número...

Ele deixou-a no meio da frase e gesticulou para o atendente dentuço, erguendo o polegar.

— Número 26, Pernalonga.

O atendente trouxe-lhe as roupas. Vestiu-se devagar e dirigiu-se para o elevador. Sentia o ânus quente e embaraçado, violado e um pouco escorregadio com o lubrificante usado pelo médico.

Logo que todos se reuniram, a porta do elevador se abriu. A cabine à prova de balas estava vazia. O policial era um tipo magrelo com um grande lobinho ao lado do nariz.

— Para o fundo do carro! — entoou ele. — Por favor, para o fundo do carro!

No momento cm que as portas se fechavam, viu os candidatos com nomes iniciados pela letra *S* entrando pelo lado oposto do corredor. O médico com a prancheta sob o braço aproximava-se deles. Mas a porta fechou e bloqueou a vista.

Subiram para o terceiro andar e as portas se abriram para um imenso dormitório semi-iluminado. Fileira após fileira de estreitos beliches de ferro e lona pareciam estender-se até o infinito.

Dois policiais começaram a organizar a saída do elevador, dando-lhe o número dos beliches. Recebeu o 940. O beliche tinha um único cobertor pardo e um travesseiro muito baixo. Deitou-se e soltou os sapatos no chão. Os pés sobravam da extremidade da cama mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito.

Cruzou os braços sob a cabeça e olhou fixamente para o teto.

...Menos 094

e CONTANDO...

ÀS 6:11H DA MANHÃ SEGUINTE, foi acordado bruscamente por uma campainha muito alta. Durante um momento ficou tonto, desorientado, pensando se Sheila comprara um despertador. Depois, lembrou-se e sentou-se na cama.

Foram levados em grupos de cinqüenta a um grande banheiro industrial, onde mostraram os cartões a uma câmera guardada por um policial. Dirigiu-se a um reservado mosaicado que continha espelho, pia, chuveiro e vaso. Na prateleira em cima da pia encontrou uma fileira de escovas de dentes embrulhadas em celofane, uma navalha elétrica, um pedaço de sabonete e um tubo meio usado de pasta de dente. Um aviso enfiado num canto do espelho dizia: *RESPEITE ESTA PROPRIEDADE!* Embaixo, alguém rabiscara: *SÓ RESPEITO MEU CU!*

Tomou um banho de chuveiro, enxugou-se com a toalha que estava em cima de uma pilha no tanque do sanitário, barbeou-se e penteou os cabelos.

Foram levados a uma lanchonete, onde mostraram novamente seus cartões de identidade. Pegou uma bandeja e empurrou-a pela borda de um balcão de aço inoxidável. Recebeu uma caixa de *corn flakes,* um prato gorduroso de batatas fritas, uma colherada de ovos mexidos, um pedaço de torrada tão fria e dura como o mármore de uma lousa fúnebre, meio litro de leite, uma xícara de café lamacento (sem creme), um envelope de açúcar, outro de sal, uma porção de manteiga falsificada em cima de um minúsculo retângulo de papel encerado.

Comeu vorazmente. Todos, aliás. Para ele, era a primeira comida autêntica, que não os pedaços sebosos de pizza e os comprimidos alimentares distribuídos pelo governo, que comia só Deus sabe em quanto tempo. Ainda assim, era estranhamente insípida, como se algum *chef* vampiro na cozinha tivesse sugado todo o gosto e deixado ali somente os nutrientes brutos.

O que estariam *elas* comendo naquela manhã? Comprimidos de algas. Leite falsificado para o bebê. Sentiu-se tomado por uma súbita sensação de desespero. Cristo, quando era que começariam a ver dinheiro? Naquele dia? No dia seguinte? Na próxima semana?

Ou talvez aquilo fosse simplesmente um truque, uma enganosa atração. Talvez não houvesse nem mesmo arco-íris, quanto mais um pote de ouro.

Ficou olhando para o prato vazio até que disparou a campainha das 7h e foram levados aos elevadores.

...Menos 093

e CONTANDO...

NO QUARTO ANDAR, seu grupo de cinqüenta homens foi tangido para uma sala enorme e sem nada de característico mas onde havia o que pareciam ser caixas de correio. Mostraram novamente os cartões e as portas se fecharam às costas deles.

Um homem esgalgado, cabelos rareando, e o emblema dos Jogos (a silhueta de uma cabeça humana em cima de uma tocha) na bata de laboratório entrou na sala.

— Por favor, tirem as roupas e tirem delas todos os seus artigos de valor — disse. — Em seguida, joguem as roupas em uma das entradas de calha do incinerador. Vocês receberão macacões dos Jogos. — Sorriu com ar magnânimo. — Poderão conservar os macacões, quaisquer que sejam seus resultados pessoais nos Jogos.

Houve alguns grunhidos, mas todos obedeceram.

— Rápido, por favor — disse o homem. Bateu palmas duas vezes, como uma professora do primeiro grau dando sinal do fim do recreio. — Temos muita gente à frente de nós.

— O senhor também vai participar? — perguntou Richards.

O homem magro fitou-o com uma expressão confusa. Alguém que estava no fundo do grupo soltou uma risadinha.

— Esqueça — disse Richards, e tirou a calça.

Removeu os objetos de valor, sem valor algum, e jogou camisa, calça e cueca na boca da calha. Em algum lugar lá embaixo houve um curto, faminto, relâmpago de chamas.

Abriu-se a porta na outra extremidade da sala (havia *sempre* uma porta na outra extremidade; eles eram como ratos em labirinto vertical imenso: um labirinto americano, pensou), e entraram homens trazendo grandes cestos sobre rodas, rotulados, P, M, G e GG. Escolheu um GG pelo tamanho e esperou que o macacão pendesse frouxo no corpo, mas assentou muito bem nele. O material era macio, colante, quase parecido com seda, embora mais resistente do que esta. Um único fecho ecler subia a partir da virilha. Quando todo o grupo ficou vestido da mesma forma, sentiu-se como se houvesse perdido a identidade.

— Por aqui, por favor — disse o homem magro e levou-os para outra sala de espera. A inevitável Free-Vee estava iluminada e barulhenta. — Os senhores serão chamados em grupos de dez.

A porta atrás da Free-Vee era encimada por outro letreiro, POR AQUI, completo com seta.

Sentaram-se. Após algum tempo, levantou-se, foi até a janela e olhou para fora. Estavam em um nível mais alto, mas continuava a chover, as ruas escorregadias, pretas e úmidas. O que estaria Sheila fazendo nesse momento?

...Menos 092

e CONTANDO...

CRUZOU A PORTA, um de um grupo de dez nesse instante, às 10:45h. Seguiram em fila indiana. Mais uma vez, exame dos cartões. Havia ali dez cubículos de três lados, embora de material mais sólido. Os lados eram de painelamento de cortiça à prova de som, com iluminação no teto suave e indireta, música ambiental saindo de alto-falantes ocultos. E havia um carpete de tecido veludoso no chão. Seus pés ficaram sobressaltados ao pisar em alguma coisa que não era cimento.

O homem esgalgado disse-lhe alguma coisa.

Pestanejou e disse:

— Ahn?

— Cabine 6 — respondeu com ar de reprovação o homem magro.

— Oh.

Na cabine 6 havia uma mesa e um grande relógio de parede montado do outro lado, ao nível do olho. Encontrou ali um lápis G-A/IBM com a ponta

feita e uma pilha de papel liso. Tipo barato, notou.

Em pé ao lado de tudo isso viu uma estonteante sacerdotisa dessa era do computador, uma loura alta e junoesca usando bermudas iridescentes curtíssimas que desenhavam claramente a elevação em forma de delta de sua genitália. Bicos de seios rosados espigavam-se altaneiros dentro da mais fina das blusas de seda.

— Sente-se, por favor — disse ela. — Eu sou Rinda Ward, sua examinadora.

E estendeu-lhe a mão.

Surpreso, Richards apertou-a.

— Benjamin Richards.

— Posso chamá-lo de Ben?

O sorriso era sedutor, mas impessoal. Ele sentiu exatamente a elevação simbólica de desejo que devia sentir por essa mulher bem formada, com seu corpo bem alimentado. Mas a ereção irritou-o. Perguntou a si mesmo se ela conseguia sua excitação dessa maneira, exibindo-se em frente dos pobres trouxas que estavam a caminho do moedor de carne.

— Claro — disse ele. — Lindas tetas.

— Obrigada — respondeu ela, imperturbável. Sentado nesse momento, ele olhava para cima enquanto ela olhava para baixo e isso acrescentava um

aspecto mais embaraçoso à cena. — O teste de hoje é para suas faculdades mentais o que o exame físico de ontem foi para seu corpo. Será um teste bem longo e seu almoço será servido por volta de 3h da tarde — supondo que você seja aprovado.

O sorriso relampejou e apagou-se rapidamente.

— A primeira seção é verbal. Você dispõe de uma hora a partir do momento em que lhe entregar o livreto. Pode fazer perguntas durante o exame e eu as responderei, se tiver autorização para fazê-lo. Mas não lhe darei qualquer resposta às perguntas do teste. Entendeu?

— Entendi.

A moça entregou-lhe o livreto. Ele viu uma grande mão vermelha impressa na capa, a palma para fora. Em grandes letras vermelhas embaixo da mão, a palavra:

PARE!

E embaixo dessa palavra: *Não vire a primeira página até que sua examinadora autorize*.

— Pesada — observou Richards.

— Perdão.

As sobrancelhas perfeitamente esculpidas subiram um pouco.

— Nada.

— Você encontrará uma folha de respostas quando abrir o livreto — recitou ela. — Por favor, faça suas marcas com força, pretas, nítidas. Se desejar mudar uma resposta, por favor, apague-a inteiramente. Se não sabe uma resposta, *não* chute. Entendeu?

— Entendi.

— Passe à página um e comece. Quando eu disser pare, por favor, ponha o lápis de lado. Pode começar.

Não começou. Lentamente, insolentemente, examinou-lhe o corpo. Após um momento, ela enrubesceu.

— Sua hora já começou, Ben. Seria melhor que...

— Por que — perguntou ele — todo mundo supõe que quando trata com alguém do sul do Canal está tratando com um incompetente mental tesudo?

Nesse momento ela ficou inteiramente ruborizada.

— Eu... eu nunca...

— Não, você nunca. — Sorriu e pegou o lápis. — Meu Cristo, como as pessoas são estúpidas.

Iniciou o teste enquanto ela tentava ainda encontrar uma resposta ou mesmo uma razão para aquele ataque. Ela, com toda probabilidade, realmente não entendia nada.

A primeira seção exigia que marcasse a letra da resposta correta no claro respectivo.

1. Uma só não faz um verão

a. pensamento

b. cerveja

c. andorinha

d. crime

e. nenhuma delas

Ele preencheu rapidamente a folha de respostas, raramente parando para pensar ou pensar duas vezes numa resposta. A múltipla escolha foi em seguida por teste de vocabulário e em seguida por contraste de palavras. Ao terminar, na hora a que tinha direito sobravam ainda 15 minutos. Ela mandou que

ele conservasse a prova em seu poder — legalmente não podia entregá-la até que expirasse a hora — de modo que recostou-se e silenciosamente saciou os olhos no corpo quase despido da moça. O silêncio tornou-se denso e opressivo. Notou que ela estava desejando ter um casaco à mão, e ficou satisfeito.

Encerrado o prazo, ela lhe entregou o segundo exame. Na primeira página havia o desenho de um carburador de motor a gasolina. Embaixo:

Você colocaria isso num

a. aparador de grama

b. Free-Vee

c. rede elétrica

d. automóvel

e. nenhum deles

O terceiro exame foi de matemática. Não era tão bom em números e começou a suar ligeiramente quando viu o relógio adiantando-se. No fim, foi quase um empate. Não teve oportunidade de responder à última pergunta. Rinda

Ward sorriu um pouco exagerada quando tomou-lhe a lista de perguntas e a folha de respostas.

— Não foi tão rápido dessa vez, Ben.

— Mas estão certas — disse e retribuiu o sorriso. Inclinou-se para a frente e deu uma leve palmada no traseiro da moça. — Tome um banho de chuveiro, garota. Você se saiu muito bem.

Ela corou violentamente.

— Eu poderia reprová-lo.

— Conversa fiada. Você poderia ser demitida, isso, sim.

— Saia. Volte para a fila — rosnou ela, de repente quase em lágrimas. Ele sentiu alguma coisa parecida com compaixão e reprimiu-a.

— Tenha uma boa noite hoje à noite — disse. — Saia, tenha uma boa refeição de seis pratos com quer que esteja dormindo esta semana e pense em minha filhinha morrendo de influenza em um apartamento de merda de três cômodos num Projeto Habitacional.

Deixou-a enquanto ela o olhava fixamente, lívida.

Seu grupo de dez fora reduzido a seis, que passaram para a sala seguinte. O relógio marcava 1:30h.

...Menos 091

e CONTANDO...

O MÉDICO SENTADO NO OUTRO LADO DA MESA, na pequena cabine, usava óculos com pequenas lentes grossas. Nos lábios, um sorriso maldoso, satisfeito, que lhe lembrou um imbecil que conhecera no tempo de menino. O tal garoto gostava de ficar embaixo da arquibancada do campo de esportes na escola secundária, olhando para dentro das saias das mocinhas, enquanto se masturbava.

— Alguma coisa agradável? — perguntou o médico, mostrando o primeiro borrão. O sorriso perverso ampliou-se um pouquinho.

— O senhor me lembra uma pessoa que conheci.

— Oh? Quem?

— Não tem importância.

— Muito bem. O que é que você vê aqui?

Olhou para o borrão. Uma braçadeira inflada de pressão arterial fora

passada em volta do braço direito, vários eletrodos colados à cabeça, os fios que saíam da cabeça e do braço ligados a um consolo ao lado do médico. Linhas irregulares moviam-se sobre a face de um consolo de monitor.

— Duas negras. Beijando-se.

Ele virou para outro borrão.

— Isso?

— Um carro esporte. Parece um Jag.

— Gosta de carros a gasolina?

Ele encolheu os ombros.

— Tive uma coleção de modelos quando era menino.

O médico tomou uma nota e virou outro cartão.

— Mulher doente. Deitada de lado. As sombras no rosto dela parecem grades de prisão.

— E este último?

Explodiu numa gargalhada.

— Parece um monte de merda.

Pensou no médico, enfarpelado com bata branca e tudo, correndo por baixo das arquibancadas, olhando para dentro da saia das moças e masturbando-se, e voltou a rir. O médico continuou a sorrir seu sorriso maldoso, tornando a visão mais real, mais engraçada. Finalmente, o riso reduziu-se a uma ou duas fungadelas. Engulhou uma vez e ficou em silêncio.

— Acho que você não gostaria de me dizer...

— Não — confirmou ele. — Não gostaria.

— Vamos então adiante. Associação de palavras.

Não se preocupou em explicar o que era. Richards achou que informações sobre ele estavam se espalhando. Isso era bom, economizava tempo.

— Pronto?

— Pronto.

O médico tirou um cronômetro do bolso, apertou o botão da esferográfica e olhou para a lista à sua frente.

— Médico.

— Crioulo — respondeu Richards.

— Pênis.

— Caralho.

— Vermelho.

— Preto.

— Prata.

— Adaga.

— Fuzil.

— Assassinato.

— Ganhar.

— Dinheiro.

— Sexo.

— Testes.

— Greve.

— Fora.

A lista continuava. Passaram por mais de cinqüenta palavras antes que o médico baixasse o botão do cronômetro e soltasse a caneta.

— Ótimo — disse. Cruzou as mãos e fitou-o com seriedade. — Tenho uma pergunta final, Ben. Não vou dizer que flagro uma mentira quando a ouço, mas a máquina à qual você está ligado dará, num e noutro sentido, uma indicação muito forte. Resolveu tentar obter o *status* de qualificação para os Jogos obedecendo a alguma motivação homicida?

— Não.

— Qual é a sua razão?

— Minha filhinha está doente. Precisa consultar um médico. Medicina. Tratamento hospitalar.

A esferográfica arranhou o papel.

— Alguma coisa mais?

Estava a ponto de dizer não (aquilo não era da conta deles) mas

resolveu dizer tudo. Talvez porque o médico se parecesse com aquele garoto anormal quase esquecido de sua mocidade. Talvez apenas porque precisasse ser dito uma vez, para que se aglutinasse e tomasse forma concreta, como acontece com as coisas quando um homem se obriga a traduzir em palavras articuladas reações emocionais informes.

— Não trabalho há muito tempo. Quero voltar a trabalhar, mesmo que seja para ser apenas o farol num jogo viciado. Quero trabalhar e sustentar minha família.
Tenho orgulho. O senhor tem orgulho, doutor?

— Ele acaba antes de uma queda — respondeu o médico. Apertou e recolheu a ponta da esferográfica. — Se nada mais tem a acrescentar, sr. Richards...

Levantou-se. Isso e a volta a seu sobrenome sugeriam que a entrevista terminara, tivesse ele ou não mais alguma coisa para dizer.

— Não.

— A porta fica no fim do corredor, à direita. Boa sorte.

— Claro — respondeu ele.

...Menos 090

e CONTANDO...

O GRUPO COM QUE ENTRARA estava nesse momento reduzido a quatro. A nova sala de espera era muito menor e todo o grupo fora reduzido aproximadamente pela mesma percentagem de 60%. Os últimos com sobrenomes iniciados com as letras Y e Z entraram separadamente às 4:3Oh. Às 4h, um atendente circulara com uma bandeja de sanduíches sem gosto. Pegou dois deles e sentou-se, mastigando, escutando um cara chamado Rettenmund que o regalava e a alguns outros com fundo aparentemente inesgotável de histórias imorais.

Quando todo o grupo foi reunido, foram metidos num elevador e levados ao quinto andar. Seus alojamentos eram constituídos de uma grande sala comum, um lavatório comunal e a inevitável fábrica de dormir, com suas fileiras de beliches. Foram informados de que uma lanchonete ao fim do corredor serviria uma refeição quente às 7h.

Ficou sentado imóvel durante alguns minutos, levantou-se e dirigiu-se ao policial de serviço à porta por onde haviam entrado.

— Há um telefone por aqui, meu chapa?

Não esperava que tivessem permissão para telefonar para fora, mas o policial simplesmente inclinou um polegar na direção do corredor.

Entreabriu um pouco a porta e olhou para fora. Claro, havia. Um telefone acionado a moedas. Olhou para o guarda.

— Escute, se me emprestar 50 centavos para o telefone, eu...

— Te manda, cara.

Controlou-se.

— Quero ligar pra minha mulher. Nossa filha está doente. Ponha-se no meu lugar, pelo amor de Deus.

O guarda riu, um som curto, partido, feio.

— Vocês caras são todos os mesmos. Uma história para cada dia do ano. Em tecnicolor e 3-D no Natal e no Dia das Mães.

— Seu filho da puta — disse Richards e algo em seus olhos, a postura de seus ombros, fez com que o guarda mudasse a vista para a parede. — Você mesmo não é casado? Nunca se viu num aperto e foi obrigado a pedir dinheiro emprestado, mesmo que isso tivesse o gosto de merda em sua boca?

Subitamente, o guarda enfiou a mão no bolso do macacão e tirou um punhado de moedas de plástico. Enfiou duas de 25c na mão de Richards, guardou o resto no bolso e agarrou-lhe a manga:

— Se mandar alguém mais aqui porque Charlie Grady é um cara de coração mole, eu estouro sua cabeça a porrada, seu verme.

— Obrigado — disse calmo Richards. — Pelo empréstimo.

Charlie Grady riu e deixou-o ir embora. Ele saiu para o corredor, levantou o telefone e introduziu as moedas na ranhura. Os níqueis tilintaram ocamente e durante algum tempo nada aconteceu — *oh, Jesus, tudo isso por nada* — mas depois ouviu o som de chamada. Digitou lentamente o número do telefone do quinto andar, alimentando a esperança de que aquela puta Jenner não atendesse. Ha simplesmente berraria número errado quando reconhecesse sua voz e ele perderia o dinheiro.

O telefone chamou seis vezes e em seguida uma voz desconhecida disse:

— Alô?

— Eu quero falar com Sheila Richards, no 5C.

— Acho que ela saiu — disse a voz, que se tornou insinuante:

— Ela gira bolsinha pela quadra, sabia? Estão com uma criança doente em casa. O homem dela é um preguiçoso.

— Simplesmente, bata à porta — disse ele, disfarçando a voz.

— Espere.

O telefone no outro lado bateu na parede, onde a voz desconhecida o deixara pendurado. Muito distante, baixo, como num sonho, ouviu a voz desconhecida gritando e o som de batidas à porta:

— Telefone, telefone pra você, sra. Richards!

Meio minuto depois, a voz desconhecida voltou à linha.

— Ela não está. Ouvi a criança gritando, mas ela não está lá. Como eu disse, ela dá umas voltinhas quando a esquadra chega ao porto.

A voz transformou-se numa risadinha.

Ele desejou poder teleportar-se pela linha do telefone, sair na outra extremidade como se fosse um gênio do mal escapando de uma negra garrafa e estrangular a voz desconhecida até que os olhos dele saltassem e rolassem pelo chão.

— Pegue um recado — disse. — Escreva na parede, se não houver outro jeito.

— Não tenho lápis. Vou desligar. Adeus.

— Espere! — berrou ele, pânico na voz.

— Eu vou... espere um segundo. — De má vontade, a voz disse: — Ela 'tá subindo a escada agora.

Richards encostou-se, suando, na parede. Um momento depois, ouviu a voz de Sheila, curiosa, cautelosa, um pouco assustada.

— Alô?

— Sheila?

Fechou os olhos, deixando que a parede o sustentasse.

— Ben, Ben, é você? Você está bem?

— Estou, Ben. Cathy. Ela está...

— Na mesma. A febre não está tão alta, mas ela está tão *rouca.* Ben, acho que os pulmões dela estão cheios d'água. E se ela estiver com pneumonia?

— Vai correr tudo bem. Vai correr tudo bem.

— Eu... — Ela parou, uma longa pausa. — Odeio ter que deixá-la, mas tive que fazer isso. Ben, dei duas metidas esta manhã. Sinto muito. Mas comprei um pouco de remédio para ela na farmácia. Remédio bom.

A voz assumira um tom fanático, evangélico.

— Esse troço é merda — disse ele. — Escute: não compre mais, Sheila. Por favor. Acho que estou feito aqui. Realmente. Não podem cortar muito mais caras porque há um número grande demais de programas. Tem que haver bucha pra canhão suficiente para que eles continuem. E dão adiantamentos, acho. A sra. Upshaw...

— Ela ficou horrível de luto — interrompeu-o Sheila em voz sem expressão.

— Esqueça isso. Fique com Cathy, Sheila. Nada mais de metidas.

— Tudo bem. Não vou sair de novo. — Mas não acreditou no tom de voz dela. *Está fazendo figa, Sheila?*

— Eu o amo, Ben.

— E eu a...

— Os três minutos acabaram — interrompeu-os a telefonista. — Se quiserem continuar, por favor depositem uma moeda de 25c novos ou três de 25c velhos.

— Espere um segundo — berrou Richards. — Saia dessa linha, sua puta. Você...

Mas ouviu apenas o zumbido de ligação rompida.

Jogou longe o telefone. O aparelho voou em todo o comprimento do fio prateado, depois rebotou, batendo na parede e depois balançou lentamente para um lado e o outro como um pêndulo, como alguma estranha serpente que picara uma vez e morrera.

Alguém tem que pagar, pensou ele embotadamente, ao voltar para a sala comum. Alguém *tem* que...

...Menos 089

e CONTANDO...

FICARAM ALOJADOS NO QUINTO ANDAR até às 1 Oh da manhã seguinte e Richards já estava quase louco de raiva, preocupação e frustração quando um cara jovem e de aparência ligeiramente aveadada usando o uniforme colante dos Jogos convidou-os para, por favor, tomarem o elevador. Eles eram talvez trezentos no total: mais de sessenta deles haviam sido eliminados silenciosa e indolormente na noite anterior. Um deles fora o garoto com um repertório infindável de piadas sujas.

Em grupos de cinqüenta foram levados para um pequeno auditório no 6º andar. Era um local muito luxuoso, decorado com generoso volume de veludo vermelho. Havia um cinzeiro embutido na madeira de lei de cada assento. Puxou do bolso o maço amassado de Blams. Mas bateu as cinzas no chão.

Em frente à platéia, um pequeno palco e, no centro dele, uma tribuna. Na tribuna, um jarro d'água.

Mais ou menos as 10:15h, o cara com jeito de bicha dirigiu-se à tribuna e anunciou:

Gostaria de que os senhores conhecessem o sr. Arthur M. Burns, diretor-assistente dos Jogos.

— Hurrah — disse em voz amarga alguém às suas costas.

Um homem corpulento com uma tonsura cercada por cabelos grisalhos dirigiu-se para a tribuna, inclinou a cabeça quando chegou, como se para apreciar uma salva de palmas que só ele podia ouvir. Depois, sorriu para eles, um sorriso largo, faiscante, que pareceu transformá-lo em um gordo e idoso Cupido enfiado num terno de passeio.

— Parabéns — disse ele. — Vocês conseguiram.

Da platéia subiu um imenso suspiro coletivo, seguido de uns poucos risos e palmadinhas nas costas. Mais cigarros foram acesos.

— Hurrah — repetiu a voz azeda.

— Logo em seguida, suas designações para os programas e os números de seus quartos no sétimo andar serão distribuídos. Os produtores executivos de seus programas particulares explicarão com mais detalhes, exatamente, o que esperam dos senhores. Mas antes que isso aconteça, quero repetir minhas congratulações e dizer-lhes que os considero corajosos, férteis em recursos, indivíduos que se recusam a viver da caridade pública quanto têm meios à sua disposição de se comportarem como homens e, se posso acrescentar pessoalmente, como verdadeiros heróis de nosso tempo.

— Conversa mole — observou a voz azeda.

— Além do mais, falo por toda a Rede quando lhes desejo boa sorte e felicidades. — Arthur M. Burns sorriu suinamente e esfregou as mãos. — Bem, sei que vocês estão ansiosos para conhecer essas designações, de modo que vou poupá-los de meu bláblábla.

Abriu-se uma porta lateral e uma dezena de funcionários dos Jogos, usando túnicas vermelhas, entraram no auditório. Começaram a chamar nomes. Envelopes brancos foram distribuídos e logo depois cobriam o chão como se fosse confete. Cartões plásticos de designação foram lidos e comentados com novos conhecidos. Ouviram-se gemidos abafados, vivas, vaias. Sorrindo benevolentemente, Arthur M. Burns presidia a tudo aquilo do alto da tribuna.

— Aquele horroroso *Até que Ponto Você Pode Agüentar o Calor.* Jesus, eu odeio calor.

— O programa é uma droga em duas partes, vem logo depois dos desenhos animados, pelo amor de Deus...

— *Acione o Moinho para Ganhar Dólares,* poxa, eu não sabia que meu coração estava...

— Eu estava com esperança de conseguir esse, mas, realmente, não pensava.

— Hei, Jake, você viu *Nadando com os Crocodilos!* Eu pensava...

— .. nada que eu esperava...

— Não acho que você possa...

— Sorte miserável...

— Esse *Corra Pra Pegar Suas Armas...*

— Benjamin Richards! Ben Richards?

— Aqui!

Rasgou o envelope branco comum. Os dedos lhe tremiam ligeiramente e precisou fazer duas tentativas para extrair o pequeno cartão de plástico. Olhou-o, cenho franzido, sem compreender. Nenhuma designação de programa perfurada ali. O cartão dizia, simplesmente: ELEVADOR SEIS.

Colocou o cartão no bolso do peito, juntamente com a identidade, e deixou o auditório. Os cinco primeiros elevadores no início do corredor estavam trabalhando a toda, levando para o sétimo andar os participantes dos programas da semana seguinte. Viu quatro outros participantes ao lado das portas fechadas do elevador 6. Reconheceu num deles o dono daquela voz azeda.

— O que é isso? — perguntou. — Estão nos mostrando a porta da rua?

O homem de voz azeda devia ter uns 25 anos de idade e não era feio. Um de seus braços tinha sido atrofiado pela poliomielite, que voltara com toda a força no ano 2005. E fizera um esplêndido trabalho especialmente na Co-Op.

— Não temos essa sorte — respondeu o homem, e soltou uma risada sem expressão. — Acho que vamos pegar designações para os maiores prêmios. Aqueles em que fazem mais do que simplesmente nos mandar para o hospital com um derrame, implantar um olho ou amputar um ou dois braços. Aqueles em que matam a gente. Horário nobre, cara.

A eles se juntou o sexto participante, um rapaz de boa aparência que piscava surpreso para tudo.

— Olá, trouxa — disse o homem de voz amarga.

Às 11h, depois que todos os outros foram levados dali, as portas do elevador 6 abriram-se bruscamente. Mais uma vez, viram um policial na cabine à prova de bala.

— Está vendo? — observou o cara de voz azeda. — Somos tipos perigosos. Inimigos públicos. Vão acabar com a gente.

Fez cara de mau e borrifou o compartimento a prova de bala com uma imaginária metralhadora Sten. O policial fitou-o impassível.

...Menos 088

e CONTANDO...

A SALA DE ESPERA NO OITAVO ANDAR era muito pequena, muito luxuosa, muito íntima, muito privada. Richards ficou com ela toda para si mesmo.

Ao fim da subida no elevador, três deles haviam sido imediatamente escoltados por três policiais por um corredor luxuosamente acarpetado. Richards, o cara de voz amarga e o garotão que piscava pra caramba haviam sido trazidos para ali.

Uma recepcionista que lhe lembrou vagamente uma das velhas estrelas sexy da *Tee-Vee* (Iiz Kelly? Grace Taylor?) que vira ao tempo de garoto sorriu para eles quando entraram. Ocupava uma escrivaninha numa alcova e estava tão cercada de plantas em vasos que até parecia estar numa trincheira individual no Equador.

— Sr. Jansky — disse ela com um sorriso cegante —, pode entrar logo.

O garotão piscador entrou no gabinete interno. Richards e o tal de voz de limão, cujo nome era Jimmy Laughlin, iniciaram uma conversa cautelosa. Descobriu que Laughlin morava a apenas três quadras de sua casa, na Dock Street. Tivera um emprego em meio expediente até o ano passado como limpador de motores da General Atomics e fora despedido porque participara de uma greve de braços cruzados em protesto contra escudos anti-radiação que

vazavam.

— Bem, estou vivo, pelo menos — disse. — De acordo com aqueles vermes, isso é o que conta. Sou estéril, naturalmente. Mas isso *não* importa. Esse é um dos pequenos riscos em que o cara incorre pela principesca soma de sete novos dólares por dia.

Mandado embora pela G-A, o braço atrofiado tornara ainda mais difícil arranjar emprego. A mulher adoecera com asma dois anos antes, estava nesse momento recolhida ao leito.

— Finalmente, resolvi tentar a categoria do dinheiro grosso — disse ele com um sorriso triste. — Talvez eu tenha oportunidade de empurrar alguns safados de uma alta janela antes que os meninos de McCone me peguem.

— Você pensa realmente que é...

— O *Sobrevivente!* Pode apostar o cu nisso. Passe pra cá um desses cigarros nojentos, meu chapa.

Richards deu-lhe o cigarro.

A porta abriu-se e o garoto piscador saiu pelo braço de uma mulher que usava dois lenços e uma oração. O garotão dirigiu-lhes um pequeno e nervoso sorriso ao passarem.

— Sr. Laughlin? Quer entrar, por favor?

De modo que ficou sozinho ali, a menos que contasse a recepcionista,

que mais uma vez desaparecera em sua trincheira individual.

Levantou-se e foi até a máquina gratuita de servir café que ocupava um canto. Laughlin devia ter razão, refletiu. A máquina de cigarros fornecia Dokes. Deviam ter chegado às grandes ligas. Tirou um maço de Blams, sentou-se e acendeu-o.

Mais ou menos 20 minutos mais tarde, Laughlin saiu trazendo uma loura pelo braço.

— Uma amiga minha *do pool* de carros solidários — disse a Richards, e apontou para a loura. Obedientemente, ela sorriu, cheia de covinhas no rosto. Laughlin parecia machucado. — Pelo menos o calhorda é franco — disse a Richards. — A gente se vê.

Deixou a sala. A recepcionista levantou a cabeça de dentro do abrigo individual.

— Sr. Richards? Quer entrar, por favor?

Entrou.

...Menos 087

e CONTANDO...

O GABINETE PARTICULAR parecia suficientemente grande para nele se jogar bola assassina. Era dominado por uma enorme janela panorâmica que tomava uma parede inteira e dava para casas de classe média na zona oeste, os armazéns e tanques de óleo e o próprio lago Harding. Céu e água exibiam uma cor perolada cinzenta. Continuava a chover. Um grande petroleiro, muito distante, navegava da direita para a esquerda.

O homem sentado à escrivaninha era de estatura mediana e muito preto. Tão preto, na verdade, que por um momento ficou chocado com a irrealidade de sua aparência. Ele parecia ter saído de um programa de menestréis negros.

— Sr. Richards.

Levantou-se e estendeu a mão por cima da mesa. Não fazendo Richards qualquer movimento para apertá-la, ele não pareceu particularmente embaraçado. Recolheu simplesmente a mão e sentou-se.

Havia uma cadeira ao lado da mesa. Sentou-se e bateu a cinza do cigarro em um cinzeiro decorado com o emblema dos Jogos, em relevo.

— Eu sou Dan Killian, Sr. Richards. Por esta hora, o senhor provavelmente já desconfia por que foi trazido para aqui. Nossos registros e os resultados de seus testes dizem que o senhor é um rapaz brilhante.

Richards cruzou as mãos e esperou.

— O senhor foi escolhido como participante de *O Sobrevivente,* sr. Richards. É o nosso programa mais importante. E também o mais lucrativo — e o mais perigoso — para as pessoas envolvidas. Tenho aqui em minha mesa o formulário com seu consentimento final. Não tenho dúvida de que vai assiná-lo, mas, ém primeiro lugar, quero lhe dizer por que foi escolhido e também que entenda bem no que é que está se envolvendo.

Richards continuou calado.

Killian pôs um dossiê sobre a superfície virgem de seu borrador de mesa. Notou que tinha seu nome impresso na capa. Killian abriu-o.

— Benjamin Stuart Richards. Idade, 28 anos, nascido cm 8 de agosto de 1997 na cidade de Harding. Estudou no South City Manual Trades de setembro de 2011 até dezembro de 2013. Suspenso duas vezes por falta de respeito à autoridade. Acho que o senhor deu um chute na coxa do assistente do diretor enquanto ele estava de costas, não?

— Mentira — respondeu Richards. — Dei um chute na bunda dele.

Killian inclinou a cabeça.

— Como queira, sr. Richards. Casou com Sheila Richards, *née* Gordon, à idade de 16 anos. Contrato por toda a vida, estilo antigo. Rebelde em tudo, ahn?

Nenhuma afiliação a sindicato devido a sua recusa em assinar o Juramento de Lealdade ao Sindicato e aos Estatutos de Controle de Salário. Acho que chamou o governador da área, Johnsbury, de “filho da puta que toma no cu”.

— Foi — confirmou Richards.

— Seu currículo como trabalhador apresenta muitos claros e o senhor foi despedido... vejamos... seis vezes no total por coisas tais como insubordinação, insulto a superiores e críticas violentas à autoridade.

Richards deu de ombros.

— Em suma, o senhor é considerado antiautoritarista e anti-social. É um desajustado que tem sido inteligente o suficiente para permanecer fora da cadeia e de problemas com o governo, e não é viciado em coisa nenhuma. Um psicólogo de nosso quadro comunicou que o senhor viu lésbicas, excremento e gás poluente de veículos em vários borrões de teste. Ele comunicou também um grau alto e inexplicado de hilaridade...

Ele me lembrou um garoto que conheci. Ele gostava de esconder-se embaixo das arquibancadas no campo de esportes da escola e se masturbar. O garoto, quero dizer. Não sei o que o médico gosta de fazer.

— Entendo — disse Killian com um rápido sorriso, dentes brancos brilhando em todo aquele negrume, e voltou à pasta. — O senhor teve reações raciais proscritas pela Lei Racial de 2004. O senhor teve reações muito violentas no teste de associação de palavras.

— Eu estou aqui num negócio violento — retrucou Richards.

— Exatamente. Ainda assim, nós... e falo aqui em um sentido mais amplo do que a Comissão dos Jogos, falo em sentido nacional — consideramos essas reações com inquietação extrema.

— Com medo que alguém possa colar em uma noite destas uma banana de explosivo em seu sistema de ignição? — perguntou Richards, sorrindo.

Killian umedeceu pensativamente o polegar e passou à folha seguinte:

— Felizmente — para nós — o senhor deu uma refém à sorte, sr. Richards. O senhor tem uma filhinha chamada Catherine, de 18 meses de idade Isso foi um engano?

Sorriu geladamente.

— Planejado — respondeu Richards, sem rancor. — Nessa ocasião eu estava trabalhando para a G-A. De alguma maneira, parte de meu esperma sobreviveu a isso.
Uma piada de Deus, talvez. Com o mundo do jeito que está, acho que devíamos ter estado loucos.

— De qualquer maneira, o senhor está aqui — disse Killian, continuando a sorrir seu frio sorriso. — E na próxima terça-feira o senhor vai participar de O *Sobrevivente.* Viu o programa?

— Vi.

— Neste caso, sabe que é a maior atração da Free-Vee. Repleto de oportunidades de participação dos espectadores, mas vicário e real. Eu sou o produtor executivo do programa.

— Isso é realmente maravilhoso — comentou Richards.

— O programa é uma das maneiras mais seguras de que a Rede dispõe de livrar-se de criadores de casos em embrião, como o senhor, sr. Richards. Estamos no ar há seis anos. Até esta data, não temos sobreviventes. Para ser brutalmente honesto, não esperamos ter nenhum.

— Nesse caso, o senhor está dirigindo uma roleta viciada — disse tranqüilamente Richards.

Killian pareceu mais divertido do que horrorizado.

— Mas não estamos. O senhor continua a esquecer que é um anacronismo, sr. Richards. Não haverá pessoas em bares, hotéis ou reunidas no frio, em frente a lojas de eletrodomésticos, torcendo para que o senhor consiga escapar. Deus do céu, não! Querem vê-lo liquidado, e ajudarão, se puderem. Quanto mais suja a coisa, melhor.
E há McCone a levar em conta. Evan McCone e os Caçadores.

— Eles parecem que formam um grupo neo — disse Richards.

— McCone não perde nunca — observou Killian.
Richards grunhiu alguma coisa.

— O senhor aparecerá ao vivo na noite de terça-feira. Os programas subseqüentes serão uma colagem de *tapes,* filmes e 3-D quando possível. Todo mundo sabe que interrompemos irradiações programadas quando um participante especialmente fértil em recursos está prestes a chegar a seu... Waterloo pessoal, digamos assim.

— As regras são a própria simplicidade. O senhor — ou a família que deixar receberá cem novos dólares por cada hora que o senhor permanecer à solta. Avaliamos o senhor em 4.800 dólares correntes na suposição de que poderá enganar os Caçadores durante 48 horas. O saldo não gasto é restituível, claro, se o senhor cair antes de terminadas as 48 horas. O senhor terá uma vantagem de 12 horas. Se durar 30 dias, ganhará o Grande Prêmio: um bilhão de novos dólares.

Richards jogou a cabeça para trás e riu.

— Meus sentimentos, exatamente — disse Killian com um seco sorriso. — Tem alguma pergunta a fazer?

— Apenas uma — disse Richards, inclinando-se para a frente. Os traços de humor haviam desaparecido inteiramente de seu rosto. — O senhor gostaria de ser o cara que está lá fora, fugindo?

Killian riu. Segurou a barriga e um sonoro riso de mogno correu pela sala.

— Oh... sr. Richards... o senhor tem que me perdoar... — e redobrou as gargalhadas.

Finalmente, enxugando os olhos com um grande lenço branco, Killian pareceu controlar-se.

— Entenda, o senhor não só possui senso de humor, sr. Richards. O senhor... eu... — Engasgou-se com novo ataque de riso. — Por favor, perdoe-me. O senhor tocou meu nervo de cócega.

— É o que vejo.

— Mais perguntas?

— Não.

— Muito bem. Haverá uma reunião da produção antes do programa. Se alguma outra pergunta surgir nessa sua mente fascinante, por favor, reserve-a para essa ocasião.

Killian apertou um botão na mesa.

— Poupe-me a xoxota barata — disse Richards. — Eu sou casado.

As sobrancelhas de Killian subiram.

— Tem absoluta certeza? A fidelidade é uma coisa admirável, sr. Richards, mas é muito tempo de sexta para a terça-feira. E considerando o fato de que o senhor talvez
nunca mais veja sua esposa...

— Eu sou casado.

— Muito bem. — Inclinou a cabeça para a moça que apareceu à porta e ela desapareceu. — Alguma coisa que possamos fazer pelo senhor, sr. Richards? O senhor terá uma suíte particular no nono andar e solicitações razoáveis sobre refeições serão atendidas.

— Uma boa garrafa de *bourbon.* E um telefone para que eu possa falar com minha mu...

— Ah, não. Sinto muito, sr. Richards. Quanto ao *bourbon,* podemos dar um jeito. Mas logo que assinar o formulário de exculpação — empurrou-o pela mesa juntamente com uma caneta —, o senhor fica incomunicável até terça-feira. Gostaria de reconsiderar o oferecimento da garota?

— Não — respondeu, e rabiscou o nome na linha pontilhada. — Mas talvez seja melhor enviar duas garrafas de *bourbon.*

— Com toda certeza.

Killian levantou-se e estendeu novamente a mão.

Richards ignorou-a novamente e saiu.

Killian fitou-o, olhos vazios. Não estava sorrindo.

...Menos 086

e CONTANDO...

A RECEPCIONISTA SALTOU IMEDIATAMENTE de seu abrigo quando Richards passou e lhe entregou um envelope. Na frente do envelope:

Sr. Richards,

Desconfio que uma das coisas que não mencionou durante nossa entrevista é que precisa muito de dinheiro neste momento. Não é verdade?

A despeito de boatos em sentido contrário, a Comissão de Jogos *não* fornece adiantamentos. O senhor não deve considerar-se como um participante com todo o brilho que isso acarreta. O senhor não é um astro da Free-Vee, mas apenas um trabalhador que está sendo regiamente remunerado para realizar um trabalho muito perigoso.

Não obstante, a Comissão de Jogos não tem uma regra que me proíba de lhe fazer um empréstimo pessoal. Dentro do envelope o senhor encontrará 10% de seu salário antecipado — não em novos dólares, devo avisar, mas em Certificados dos Jogos, resgatáveis em dólares. Caso resolva enviá-los a sua esposa, como acho que fará, ela descobrirá que têm uma vantagem sobre os

novos dólares: um médico respeitável os aceitará como moeda legal, o que um charlatão não fará.

Sinceramente seu,

DanKillian

Abriu o envelope e extraiu um grosso talão de cupões com o símbolo dos Jogos na capa de pergaminho. No talão havia 48 cupões com valor nominal de dez novos dólares cada. Sentiu uma absurda sensação de gratidão a Killian e abafou-a. Não tinha dúvida de que Killian descontaria 480 dólares de seu salário antecipado e, além disso, 4.800 era um preço danado de barato para pagar por seguro no grande programa, contínua felicidade do patrocinador, e sem dúvida o próprio altíssimo salário dele.

— Merda — disse.

Atenta, a recepcionista ergueu a cabeça de dentro do buraco.

— O senhor disse alguma coisa, sr. Richards?

— Não. Qual é o caminho para os elevadores?

...Menos 085

e CONTANDO...

A SUÍTE ERA SUNTUOSA.

Um carpete de parede a parede com profundidade quase suficiente para permitir nado de peito cobria o chão dos três cômodos: sala de estar, quarto de dormir e banheiro. Desligada a Free-Vee, prevalecia ali um maravilhoso silêncio. Flores derramavam-se de vasos e na parede junto à porta um botão, discretamente, anunciava: SERVIÇO. E o serviço seria rápido, também, pensou cinicamente. Dois policiais estacionados à porta do corredor cuidavam para que não saísse perambulando por aí.

Apertou o botão de serviço e a porta se abriu.

— Sim, sr. Richards — disse um dos guardas. Richards pensou que podia até experimentar o gosto azedo daquele *senhor* na boca do homem. — O *bourbon* que o senhor pediu será...

— Não é isso — retrucou ele. Mostrou ao guarda o talão de cupões que Killian lhe fornecera. — Quero que leve isso a um lugar.

— Simplesmente, escreva o nome e endereço, sr. Richards, e providenciarei para que seja entregue.

Tirou da carteira o recibo do sapateiro e nas costas escreveu o nome e endereço de Sheila. Entregou o papel amassado e o talão ao guarda. Já ia se virando quando um novo pensamento lhe ocorreu:

— Hei! Espere um momento!

O guarda virou-se e Richards tomou-lhe o talão. Abriu-o no primeiro talão e destacou um décimo do mesmo ao longo da linha perfurada. Valor equivalente: um dólar novo.

— O senhor conhece um guarda chamado Charlie Grady?

— Charlie? — O policial fitou-o cauteloso. — Sim, conheço Charlie. Ele dá serviço no 5º andar.

— Lhe entregue isso. — Passou a fração do cupom ao guarda. Diga a ele que os 50 centavos extras são a comissão do usurário.

O guarda virou-se mas Richards chamou-o outra vez.

— O senhor me trará recibos de minha mulher e de Grady, não?

Repugnância transpareceu claramente no rosto do policial.

— Mas o senhor não é mesmo uma alma confiante?

— Claro que sou — retrucou ele, sorrindo de leve. — Vocês, caras, me ensinaram isso. Ao sul do Canal, vocês me ensinaram tudo a esse respeito.

— Vai ser divertido — disse o guarda — vê-los perseguindo-o. Vou ficar grudado em minha Free-Vee com uma lata de cerveja em cada mão.

— Simplesmente me traga os recibos — disse Richards e fechou suavemente a porta na cara do policial.

O *bourbon* chegou 20 minutos mais tarde. Ao surpreso mensageiro, disse que queria que lhe fossem enviados dois grossos romances.

— Romances?

— Livros. Você sabe. Coisa pra ler. Imprensa móvel.

E fez um gesto imitando páginas viradas.

— Sim, senhor — respondeu em dúvida o mensageiro. — Tem algum pedido para o jantar?

Cristo, a merda estava engrossando. Estava se afogando nela. Subitamente, imaginou uma fita de desenho animado: um homem cai na fossa da casinha no fundo do quintal e se afoga em merda cor-de-rosa que cheira a Chanel *N*°5. Emocionante. Mas o gosto ainda era de merda.

— Filé. Ervilhas. Purê de batatas. — Deus, o que era que Sheila estava comendo nesse momento? Uma cápsula de proteína e uma xícara de café falsificado? — Leite.

Com creme. Anotou?

— Sim, senhor. O senhor gostaria...

— Não — respondeu, subitamente desanimado. — Não. Saia.

Não tinha nenhum apetite. Absolutamente nenhum.

...Menos 084

e CONTANDO...

COM UM AMARGO DIVERTIMENTO, achou que o mensageiro dos Jogos havia aceito literalmente o que dissera a respeito dos romances. Devia tê-los escolhido usando uma régua como único critério. Qualquer coisa de uma grossura superior a 4cm servia. Trouxera-lhe três livros dos quais nunca ouvira falar: dois clássicos antigos intitulados *God Is an Englishman* e *Not as a Stranger* e um tomo imenso, escrito três anos antes, com o título *The Pleasure of Serving.* Examinou este em primeiro lugar e enrugou o nariz. O rapaz pobre faz carreira na General Atomics. Passa de limpador de motores a vendedor. Faz cursos noturnos (sobre o quê? especulou. Ganhar dinheiro no jogo "Monopólio"?). Apaixona-se por uma bela moça (aparentemente a sífilis não lhe havia ainda roído o nariz) em uma orgia na quadra. É promovido a técnico júnior em seguida a escores fenomenais em testes de aptidão. Segue-se um contrato de casamento de três anos e...

Jogou o livro para o outro lado da sala. *God Is an Englishman* era um pouco melhor. Serviu-se de um *bourbon on the rocks* e iniciou a leitura.

Ao ouvir a discreta batida à porta, já lera trezentas páginas e estava bem adiantado na bebedeira. Esvaziara já uma das garrafas de *bourbon.* Foi até a porta, levando a outra garrafa na mão. O mesmo guarda.

— Seus recibos, sr. Richards — disse, e fechou a porta.

Sheila não escreveu coisa alguma, mas enviara uma das fotos de bebê de Cathy. Olhou-a e sentiu as lágrimas fáceis da embriaguez picarem-lhe os olhos. Enfiou-o no bolso e olhou para o outro recibo. Charlie Grady escrevera curtas palavras nas costas de um bilhete de tráfego:

— Obrigado, verme. Foda-se. Charlie Grady.

Soltando uma risadinha, deixou o papel cair no carpete.

— Obrigado, Charlie — disse à sala vazia. — Eu precisava disso.

Olhou novamente para a foto de Cathy, um bebê pequenino, rostinho vermelho, com quatro dias de vida à época da foto, chorando feito uma louca, sobrando dentro da camisolinha que a própria Sheila costurara. Sentiu as lágrimas voltando e obrigou-se a pensar na nota de agradecimento do bom e velho Charlie. Especulou se poderia acabar com a segunda garrafa antes de perder os sentidos e resolveu descobrir.

Quase conseguiu.

...Menos 083

e CONTANDO...

PASSOU O SÁBADO CURTINDO UMA IMENSA RESSACA. Recuperou-se quase inteiramente por volta da noite do mesmo dia e pediu mais duas garrafas de *bourbon* com o jantar. Liquidou ambas e acordou na pálida luz matutina do domingo vendo grandes lagartas de olhos assassinos chatos rastejando para baixo pela parede distante. Resolveu então que seria contra seus melhores interesses acabar inteiramente com seus reflexos antes da terça-feira e cortou a bebida.

Essa ressaca demorou mais a passar. Vomitou um bocado e quando não havia nada mais a lançar, teve vômitos secos, que passaram por volta das 6h da noite de domingo, quando pediu sopa ao jantar. Nada de *bourbon.* Pediu uma dezena de discos de neo-rock para tocar no sistema de som do apartamento mas logo se cansou deles.

Deitou-se cedo e dormiu mal.

Passou a maior parte da segunda-feira no pequeno terraço envidraçado do quarto. Nesse momento se encontrava em um local muito acima do cais do porto e o dia foi uma série de aguaceiros e sol, que achou muito agradável. Leu dois romances, foi deitar-se cedo e dormiu um pouco melhor. Mas teve um sonho desagradável. Sheila falecera e acompanhava-lhe o enterro. Alguém a colocara sentada no caixão e lhe enfiara na boca um grotesco buquê formado de novos dólares. Tentara correr para ela e arrancar aquela obscenidade, mas mãos o haviam segurado por trás. Estava sendo contido por uma dezena de policiais. Um

deles, Charlie Grady, sorria e dizia: “Isso é o que acontece com perdedores, verme”. Apontavam-lhe as pistolas para a cabeça quando acordou.

— Terça-feira — disse, não se dirigindo absolutamente a ninguém e rolou para fora da cama.

O elegante relógio G-A pendurado na parede oposta marcava 7:09h. O programa ao vivo em 3-D *O Sobrevivente* estaria sendo transmitido para toda a América do Norte em menos de 11 horas. Sentiu uma pontada quente de medo no estômago. Em 23 horas ele seria boa caça.

Tomou um demorado banho quente de chuveiro, vestiu o macacão, e pediu presunto e ovos no café da manhã, Pediu também ao mensageiro de serviço que lhe enviasse um pacote de Blams.

Passou o resto da manhã e princípios da tarde lendo tranqüilamente. Às 2h em ponto, uma única batida, formal, à porta. Três policiais e ArthurM. Burns, parecendo excêntrico e mais do que ridículo dentro de uma camiseta dos Jogos, entraram nesse momento. Os policiais estavam armados com chicotes elétricos.

— Chegou a hora de suas instruções finais, sr. Richards — disse Burns. — O senhor estaria...

— Claro — respondeu ele.

Marcou a página do livro que estivera lendo e colocou-o na mesinha de café.

Sentiu-se de repente apavorado, quase em pânico, e ficou muito contente porque não havia nenhum tremor perceptível em seus dedos.

...Menos 082

e CONTANDO...

O 10º ANDAR DO EDIFÍCIO DOS JOGOS era muito diferente dos que ficavam abaixo e ele sabia que não havia intenção de levá-lo para um lugar mais alto. A ficção de mobilidade vertical que começava no sujo nível do saguão no térreo acabava ali no I8º andar. Ali ficava o centro de transmissão.

Os corredores eram largos, brancos e despojados. Trenós de cores berrantes acionados por motores a bateria solar G-A moviam-se de um lado para o outro transportando técnicos da Free-Vee para estúdios e salas de controle.

Um deles esperava-os quando o elevador parou e os cinco — Ele, Burns e os policiais — tomaram o veículo. Pescoços se espicharam e dedos apontaram para ele em várias ocasiões durante a viagem. Uma mulher usando bermuda e sutiã amarelos com o emblema dos Jogos, piscou-lhe um olho e atirou-lhe um beijo. Ele mostrou-lhe o dedo médio, imitando pau e colhões.

Aparentemente viajaram quilômetros através de dezenas de corredores interligados. Teve vislumbres de pelo menos uma dezena de estúdios, um deles contendo o infame moinho de degraus mostrado no *Acione o Moinho para Ganhar Dólares*. Um grupo de turistas da zona norte estava experimentando-o nesse momento e soltando risinhos.

Finalmente, pararam em frente a uma porta encimada por um aviso: o

SOBREVIVENTE: ENTRADA RIGOROSAMENTE PROIBIDA. Burns acenou para o guarda que se encontrava dentro da cabine à prova de bala ao lado da porta e olhou em seguida para Richards.

— Coloque seu cartão de identidade na ranhura entre a cabine do guarda e a porta" — disse.

Obedeceu. O cartão desapareceu e uma pequena luz acendeu-se na cabine do guarda, que apertou um botão, abrindo a porta. Voltou ao trenó e passaram para o outro lado.

— Onde está meu cartão? — perguntou ele.

— Você não vai precisar mais dele.

Encontravam-se nesse momento na sala de controle. O consolo da seção estava vazio, com exceção de um técnico careca sentado em frente de uma tela apagada de monitor, lendo números num microfone.

À esquerda, viu Dan Killian e dois homens que não conhecia ainda sentados em volta de uma mesa, copos de vidro fosco nas mãos. Um deles, vagamente familiar, era bonitão demais para ser um dos técnicos.

— Olá, sr. Richards. Olá, Arthur. Gostaria de tomar um refrigerante, sr. Richards?

Ele descobriu que estava com sede. Era muito quente ali no I0º, a despeito dos muitos aparelhos de ar condicionado que vira ao longo do caminho.

— Aceito um Rooty-Toot — disse.

Killian levantou-se, foi até um armário frio e tirou a tampa de uma garrafa de plástico mole.

Richards sentou-se, pegou a garrafa e agradeceu com um aceno de cabeça.

— Sr. Richards, este cavalheiro a minha direita é Fred Victor, o diretor de *O Sobrevivente*. Este outro senhor, como tenho certeza que sabe, é Bobby Thomppn.

Thompson, claro. Apresentador e mestre-de-cerimônia de *O Sobrevivente,* Usava túnica verde, ligeiramente iridescente e uma vasta cabeleira prateada suficientemente atraente para ser suspeita.

— O senhor pinta os cabelos? — perguntou Richards.

Subiram as sobrancelhas impecáveis de Thompson.

— Perdão?

— Esqueça — disse Richards.

— Você tem que ser tolerante com o sr. Richards — disse Killian, sorrindo. — Ele parece sofrer de um caso extremo de rudeza.

— Muito compreensível — respondeu Thompson, e acendeu um cigarro. Richards sentiu-se envolvido por uma onda de irrealidade. — Nas circunstâncias.

— Venha até aqui, sr. Richards, se faz favor — disse Victor, assumindo o controle. Levou-o até uma bateria de telas no outro lado da sala. O técnico acabara com a recitação de números e deixara a sala.

Victor apertou dois botões e cenas de O *Sobrevivente* apareceram à esquerda e à direita.

— Nós não fazemos ensaios aqui — explicou Victor. — Achamos que isso prejudica a espontaneidade. Bobby simplesmente dirige o espetáculo e faz um trabalho danado de bom. Vamos ao ar às 6h, hora de Harding. Bobby ocupa o centro do palco naquela plataforma azul elevada. Apresenta o programa, fazendo um sumário sobre o senhor. O monitor mostrará umas duas fotos posadas. O senhor estará nos bastidores à direita, flanqueado por dois guardas dos Jogos. Eles entrarão com o senhor, armados com escopetas. Chicotes elétricos seriam mais práticos, caso o senhor quisesse criar algum problema, mas escopetas são bom teatro.

— Claro — concordou ele.

— Vai haver um bocado de vaias da platéia. Vaias enlatadas porque isso é bom teatro. Exatamente como nos jogos de bola assassina.

— Vão atirar em mim com balas de festim? — perguntou Richards. — Poderiam pôr dentro de minha roupa algumas bolsas de sangue, que romperiam a uma deixa. Isso seria bom teatro, também.

— Preste atenção, por favor — disse Victor. — O senhor e seus guardas

entrarão no palco quando seu nome for chamado. Bobby, ahn, o entrevistará. O senhor tem liberdade de expressar-se com todo o colorido que achar melhor. Tudo isso é bom teatro. Em seguida, por volta de 6:10h, pouco antes do primeiro promocional da Rede, o senhor receberá seu dinheiro de aposta e sairá — *sem* guardas — pela esquerda do palco. Entendeu?

— Entendi. E Laughlin?

Victor franziu as sobrancelhas e acendeu um cigarro.

— Ele entra depois do senhor, às 6:15h. Nós apresentamos dois concursos simultaneamente porque, com freqüência, um dos participantes é, ahn, inapto para permanecer à frente dos Caçadores.

— Com o garotão como reserva?

— O sr. Jansky? Sim. Mas isso não lhe diz respeito, sr. Richards. Quando sair do palco pela esquerda, receberá uma gravadora de fita mais ou menos do tamanho de uma caixa de biscoitos. Pesa 2.450 kg. Juntamente com a máquina, receberá sessenta jogos de fita, que tem mais ou menos l0cm de comprimento. O equipamento cabe dentro do bolso de um paletó sem fazer volume. É um triunfo da tecnologia moderna.

— Ótimo.

Victor apertou os lábios.

— Como Dan já lhe disse, Richards, você é um participante apenas para as massas. Na verdade, é um trabalhador e deve considerar seu papel a essa luz. Os cartuchos de fita podem ser colocados em qualquer boca de correio e

serão entregues a nós por via expressa, de modo a podermos editá-los para jogar no ar naquela noite. A falta de depósito de dois *clipes* por dia resultará em suspensão legal do pagamento.

— Mas eu continuarei a ser caçado.

— Exato. De modo que, envie essas fitas. Elas não revelam sua localização. Os caçadores operam independentemente da seção de transmissão.

Embora tivesse dúvidas a esse respeito, ele preferiu ficar calado.

— Depois de lhe entregarmos o equipamento, você será escoltado até o elevador que dá para a rua. Na Rampart Street. Uma vez lá, você fica por sua conta. — Uma pausa. — Perguntas?

— Não.

— Neste caso, o sr. Killian tem mais um detalhe jurídico a esclarecer com você. Voltaram ao local onde Dan Killian mantinha uma conversa com Arthur M. Burns.

Richards pediu outra Rooty-Toot e recebeu-a.

— Sr. Richards — começou Killian, os dentes falseando —, como o senhor sabe, o senhor deixa o estúdio desarmado. Mas isso não quer dizer que não possa armar-se por meios honestos ou irregulares. Deus do céu! Não. O senhor — ou seu espólio — receberão cem dólares adicionais por qualquer Caçador ou representante da lei que por acaso despache...

— Eu sei, não me diga — cortou-o Richards. — É bom teatro.

Killian sorriu, deliciado.

— Que inteligência a sua. Sim. Contudo, esforce-se para não matar espectadores inocentes. Isso não é *kosher.*

Richards permaneceu calado.

— Os outros aspectos do programa...

— Os alcagüetes e os cinegrafistas independentes. Conheço isso.

— Eles não são alcagüetes, são bons cidadãos norte-americanos. — Era difícil saber se o tom magoado de Killian era real ou irônico. — De qualquer modo, haverá oitocentos dólares para quem o localizar. Um avistamento confirmado paga cem novos dólares. Um avistamento que resulta em morte vale mil dólares. Aos cinegrafistas independentes pagamos dez dólares por 30cm de fita e até...

— Eles vão para a pitoresca Jamaica gastar o dinheiro sangrento — exclamou Richards, abrindo muito os braços. — Consiga sua foto em centenas de revistas em 3-D. Seja o ídolo de milhões. Simplesmente tire fotos holográficas dos detalhes.

— Basta — disse calmamente Killian.

Bobby Thompson limava as unhas. Victor se afastara dali e podia ser ouvido gritando com alguém sobre ângulos de câmera. Killian apertou um botão.

— Srta. Jones? Prontos para você, doçura. — Levantou-se e estendeu novamente a mão. — Maquiagem em seguida, sr. Richards. Depois, testes de iluminação. O senhor ficará isolado fora do palco e não nos veremos novamente antes de sair daqui. De modo que...

— Foi maravilhoso — disse Richards. Declinou de apertar a mão oferecida.

A srta. Jones levou-o dali. O relógio marcava 2:30h.

...Menos 081

e CONTANDO...

COM UM POLICIAL DE CADA LADO, permaneceu nos bastidores, escutando os aplausos frenéticos com que a audiência saudava Bobby Thompson. Estava nervoso. Zombou de si mesmo por isso, mas o nervosismo era um fato. Zombar não o faria ir embora. O relógio marcava 6:0h.

— O primeiro participante de hoje à noite é um homem astuto, fértil em recursos, morador da zona ao sul do Canal, em nossa própria cidade — dizia nesse momento Thompson.

O monitor passou a mostrá-lo, usando camisa de trabalho frouxona, uma foto tirada dias antes por uma câmera oculta. O fundo parecia a sala de espera do 5° andar. Mas fora retocada, pensou, para tornar os olhos mais fundos, a testa um pouco mais baixa, o rosto mais encovado. O pincel de um técnico dera à boca uma expressão revirada para cima, escarninha. No todo, o Richards que o fitava dali do monitor era apavorante — um anjo de morte urbano, brutal, não muito inteligente, mas possuidor de certa astúcia primitiva de animal. O bicho-papão dos moradores da zona norte.

— Esse homem é Benjamin Richards, de 28 anos de idade. Olhem bem para esse rosto! Dentro de meia hora, esse homem estará à solta. Um avistamento confirmado lhe renderá cem novos dólares! Um avistamento que resultar em morte dará a *você* mil novos dólares!

A mente de Richards estava vagueando. Voltou a foco com um poderoso estalo.

— ...e *essa* é a mulher a quem será entregue o prêmio de Benjamin Richards se, e quando, ele for abatido!

A imagem dissolveu-se e surgiu uma foto posada de Sheila... mas o pincel do retocador fora novamente usado, embora com mão mais pesada. Os resultados eram brutais. O rosto doce, não tão bonito assim, fora transformado no de uma devassa ordinária. Lábios cheios e mal-humorados, olhos que pareciam falsear de avareza, uma sugestão de papada desaparecendo para baixo no que pareciam seios sem sutiã.

— *Seu filho da puta!* — rosnou Richards. Mergulhou para a frente, mas foi detido por braços poderosos.

— Calma aí, meu chapa. Isso é apenas uma foto.

Um momento depois foi levado, meio arrastado, para o palco. Numa reação imediata, o estúdio se encheu de gritos e uivos:

— Fiau! Motoqueiro vagabundo! Caia fora, seu nojento! Matem o patife! Matem o safado! Foda-se! Fora, fora!

Bobby Thompson ergueu os braços e gritou também, bem-humorado, pedindo silêncio:

— Vamos ouvir o que é que ele tem a dizer.

A platéia Silenciou, mas relutante.

Cabeça baixa sob as luzes quentes, como se fosse um touro, ele sabia que estava projetando exatamente a aura de ódio e desafio que queriam que ele projetasse, mas não conseguiu evitar.

Fitou Thompson, olhos duros e orlados de vermelho.

— Alguém vai ter que engolir os próprios colhões por causa daquela foto de minha mulher — disse.

— Mais alto! Mais alto, sr. Richards! — exclamou Thompson com a nota exata de desprezo. — Ninguém vai machucá-lo... pelo menos, não *ainda.*

Mais gritos e insultos histéricos da parte da audiência.

De repente, Richards virou-se para enfrentá-la e a platéia silenciou, como se tivesse recebido uma bofetada. Mulheres fitaram-no com expressões assustadas, meio sexuais. Homens sorriram para ele, ódio sanguinolento nos olhos.

— Seus safados! — gritou. — Se querem tanto ver uma pessoa morrer, por que não se matam uns aos outros?

Suas palavras finais foram abafadas por mais gritos. Alguns espectadores (talvez pagos para isso) estavam tentando subir para o palco. A polícia continha-os. Richards virou-se para eles, sabendo qual devia ser sua aparência.

— Obrigado, sr. Richards, por essas palavras de sabedoria. — O desprezo era palpável nesse momento e a platéia, nesse momento quase silenciosa, sorvia aquilo avidamente. — O senhor se importaria em dizer à platéia aqui no estúdio e à audiência em casa quanto tempo pensa que vai agüentar?

— Quero dizer a todo mundo no estúdio e em casa que aquela não era minha mulher! Aquilo foi uma grosseira falsificação...

A multidão cobriu-lhe a voz. Os gritos de ódio haviam atingido um nível quase febril. Thompson esperou durante quase um minuto para que o silêncio voltasse e em seguida repetiu:

— Quanto tempo espera resistir, *senhor* Richards?

— O tempo todo — respondeu ele friamente. — Não acho que vocês tenham ninguém que possa me derrotar.

Mais gritos. Punhos cerrados. Alguém jogou-lhe um tomate. Bobby Thompson voltou-se mais uma vez para a platéia e gritou:

— Com essas últimas palavras baratas de desafio, o sr. Richards será retirado de nosso palco. Amanhã ao meio-dia começa a caçada. *Olhem bem para o rosto dele!* Poderá estar ao seu lado em um ônibus pneumático... em um avião a jato... em uma sala de projeção de 3-D... em seu próprio campo local de bola assassina. Hoje à noite, ele está em Harding. Amanhã em Nova York? Boise? Albuquerque? Columbus? Escondendo-se, furtivo e ameaçador no *seu* jardim? *Vocês o denunciarão se o virem?*

— SIIIIIIMMMMMMMM!!! — gritou a platéia.

Subitamente, Richards mostrou o dedo — os dois — em forma de caralho e ovos. Dessa vez, a corrida para o palco não foi, por mais que se forçasse a imaginação, coisa arranjada. Foi levado às pressas para fora do palco antes que os espectadores pudessem linchá-lo ali, em frente às câmeras, dessa maneira privando a Rede de toda a suculenta cobertura que se seguiria.

...Menos 080

e CONTANDO...

ENCONTROU KILUAN NOS BASTIDORES, sacudindo-se de divertimento.

— Excelente desempenho, sr. Richards! Ótimo! Deus, eu desejaria poder dar-lhe uma gratificação. Aqueles dedos... soberbo!

— Nós fazemos o possível para agradar — disse Richards. Os monitores estavam mudando para um comercial. — Dê-me logo essa merda de câmera e você mesmo que se foda.

— Genericamente isso é impossível — respondeu Killian, ainda rindo —, mas, eis a câmera. — Tomou-a das mãos do técnico que a estivera segurando. — Inteiramente carregada e pronta para filmar. E aqui estão os *clipes.*

Entregou-lhe uma caixa pequena, surpreendentemente pesada, embrulhada em pano oleado. Richards enfiou a câmera em um bolso do paletó e os *clipes* em outro.

— Okay. Onde é que fica o elevador?

— Não tão depressa assim — advertiu-o Killian. — Você ainda tem um minuto... 12, na realidade. Sua margem de segurança só começa oficialmente às 6:30h.

Os gritos de fúria haviam recomeçado. Olhando por cima do ombro, notou que Laughlin estava no ar. Seu coração abriu-se para ele.

— Eu gosto de você, Richards, e acho que vai se dar bem — disse Killian. — Você tem uma espécie de estilo rude que aprecio imensamente. Eu sou um colecionador, sabia? Arte das cavernas e artefatos egípcios são minhas áreas de especialização. Você se parece mais com a arte das cavernas do que com minhas urnas egípcias, mas, deixa pra lá. Eu gostaria que você pudesse ser preservado — colecionado, se me faz o favor — da mesma maneira que minhas pinturas asiáticas de cavernas foram colecionadas e preservadas.

— Pegue um registro de minhas ondas cerebrais, seu sacana. Elas estão arquivadas.

— De modo que eu gostaria de lhe dar um pequeno conselho — prosseguiu Killian, ignorando-o. —Você, realmente, não tem nenhuma chance. Ninguém tem, com toda a nação empenhada numa caçada humana e com o equipamento incrivelmente sofisticado e o treinamento que os Caçadores receberam. Mas se permanecer escondido, durará mais. Use as pernas em vez de qualquer arma que possa arranjar. E permaneça próximo de sua própria gente. — Apontou-lhe um dedo para dar mais ênfase às palavras. — Não dessa gente classe média que está lá dentro. Eles o odeiam. Você simboliza todos os medos destes tempos sombrios e sem continuidade. Aquilo tudo ali não foi exibição e manipulação de audiência, Richards. *Eles o odeiam.* Não sentiu isso?

— Senti — confirmou Richards. — Senti. E odeio-os, também.

Killian sorriu.

— É por isso que vão matá-lo. — Tomou-lhe o braço, em uma empunhadura surpreendentemente forte. — Por aqui.

Atrás deles, Laughlin estava sendo retalhado por Bobby Thompson para satisfação da platéia.

Desceram um corredor branco, seus passos soando ocos — os únicos ali. Inteiramente sozinhos. Um elevador no fim da passagem.

— É aqui que nós nos despedimos — disse Killian. — Expresso até a rua. Nove segundos.

Ofereceu a mão pela quarta vez e novamente Richards recusou-se a apertá-la. Ainda assim, ele ficou ali por mais um momento.

— E se eu subir? — perguntou ele e gesticulou com a cabeça para o teto e os 80 andares acima. — Quem eu poderia matar lá em cima? Quem, se eu pudesse subir até o alto?

Killian riu baixinho e apertou o botão ao lado do elevador, cujas portas se abriram imediatamente.

— É isso o que gosto em você, Richards. Você pensa grande.

Entrou no elevador. As portas deslizaram uma para a outra.

— Esconda-se — repetiu Killian e logo em seguida ele ficou sozinho.

O fundo caiu de seu estômago quando o elevador mergulhou na direção da rua.

...Menos 079

e CONTANDO...

O ELEVADOR ABRIU EXATAMENTE NA RUA. Viu um policial em frente, de serviço no Nixon Memorial Park, mas ele não olhou quando Richards saiu. Apenas bateu de leve, pensativamente, no chicote elétrico e olhou para a garoa fina que enchia o ar. A chuva fina trouxera um lusco-fusco prematuro para a cidade. Luzes brilhavam misticamente na escuridão e as pessoas que andavam pela Rampart Street à sombra do Edifício dos Jogos eram apenas silhuetas imateriais, como sabia que ele mesmo devia ser. Tomou uma respiração funda de ar úmido e contaminado por enxofre. Bom, a despeito do gosto. Teve a impressão de que acabara de ser libertado de uma prisão, em vez de um vaso comunicante com outro. O ar era bom. O ar era ótimo.

Fique perto de sua própria gente, dissera Killian. Claro que ele tinha razão. Mas não precisara dele para lhe dizer isso. Ou para saber que a pressão seria a maior na Co-Op City quando a trégua fosse suspensa ao meio-dia da manhã seguinte. Mas por essa hora já estaria muito longe.

Andou três quadras e chamou um táxi. Tinha a esperança de que estivesse pifado a Free-Vee do táxi — um bocado delas estava mesmo — mas aquela estava em ordem de funcionamento A-l e mostrando os créditos.finais do programa *O Sobrevivente.* Merda.

— Para onde, moço?

— Robart Street.

Essa rua ficava a cinco quadras de seu destino. Quando o táxi o deixasse, iria via expressa pelos quintais para a casa de Molie.

O táxi acelerou, o motor antigo a gasolina parecendo uma sinfonia desafinada de pistões e ruído de eixos de manivelas. Afundou-se no forro de vinil no que esperava fosse uma sombra mais escura.

— Hei, acabo de vê-lo na Free-Vee — exclamou o motorista. — Você é aquele cara, Pritchard!

— Pritchard. Isso mesmo — respondeu resignado Richards.

O Edifício dos Jogos ia desaparecendo atrás do carro. Uma sombra psicológica parecia estar também diminuindo proporcionalmente em sua mente, a despeito da má sorte com o motorista.

— Jesus, você tem colhões, moço. Isso eu digo com convicção. Tem, mesmo. Cristo, vão matá-lo. Sabe disso? Vão matá-lo bem matado. Você deve ter realmente aqueles ovos.

— Exatamente. Dois deles. Exatamente igual a você.

— Dois deles! — repetiu o motorista. Ficou extático. - Jesus, isso é bom! Isso é quente! Você se importa se eu disser à minha mulher que lhe dei uma corrida? Ela é doida varrida pelos Jogos. Eu devia comunicar que vi você, mas, Cristo, não ia ganhar nada com isso. Motoristas de táxi têm que ter pelo menos uma testemunha que confirme o que dizem, sabia? Conhecendo minha sorte, ninguém viu você entrar no meu táxi.

— Isso seria uma pena — simpatizou Richards. — Sinto muito não poder ajudá-lo a me matar. Quer que deixe um bilhete dizendo que estive aqui?

— Jesus, você podia...? Isso seria... Havia justamente cruzado o Canal.

— Eu salto aqui — disse bruscamente Richards.

Tirou um dólar novo do envelope que Thompson lhe entregara e deixou-o cair no assento dianteiro.

— Pô, eu não disse nada, disse? Não tive intenção...

— Não — concordou Richards.

— Você podia me dar aquele bilhete...

— Foda-se, verme.

Saltou e começou a andar na direção da Drummond Street. Co-Op City erguia-se esquelética na escuridão cada vez maior à sua volta. O grito do motorista chegou-lhe aos ouvidos:

— *Tomara que o matem logo, seu cabra ordinário.*

...Menos 078

e CONTANDO...

ATRAVÉS DE UM QUINTAL, de um lado a outro de um buraco de forma irregular numa cerca que separava um estéril deserto de asfalto de outro, cruzando um abandonado e fantasmagórico canteiro de obras, escondendo-se bem no fundo das sombras quando uma quadrilha de motoqueiros rugiu por ali em cima de suas máquinas, os faróis brilhando na noite como olhos psicopáticos de lobisomens. Transpondo a cerca final (e cortando a mão) e logo depois batendo à porta dos fundos de Molie Jenigan — o que significava a entrada principal.

Molie tinha uma loja de penhores na Dock Street onde um cara com dinheiro suficiente para gastar podia comprar um chicote elétrico especial da polícia, uma escopeta de grosso calibre, uma submetralhadora, heroína, anfetamina, cocaína, disfarces, uma pseudomulher em *styroflex,* uma prostituta de carne e osso se o dinheiro não desse para uma *styroflex,* o endereço atual de um dos três jogos de dados em atividade, o endereço atual de um Clube de Pervertidos em funcionamento, ou centenas de outros itens ilegais. Se Molie não tinha o que o cara queria, ela encomendava.

Incluindo documentos falsos.

Quando abriu a janelinha e viu quem estava ali, Molie teve um sorriso bondoso e disse:

— Por que não vai embora, meu chapa? Não vi você nem de longe.

— Novos dólares — respondeu Richards, como se falando com o próprio ar.

Houve uma pausa, enquanto Richards examinava o punho da camisa como se nunca o tivesse visto antes.

Logo em seguida ferrolhos e fechaduras foram abertos, rapidamente, como se Molie tivesse medo que Richards mudasse de idéia. Ele entrou. Estava na casa de Molie, que ficava atrás da loja, um ninho de ratos de velhos aparelhos de televisão, instrumentos musicais roubados, câmeras surrupiadas, e caixas de gêneros vendidos no mercado negro. Molie era, por necessidade, uma espécie de Robin Hood. Um dono de casa de penhores ao sul do Canal não ficava no negócio por muito tempo se fosse ganancioso demais. Molie esfolava tanto quanto podia os ricos vermes da zona norte e vendia quase ao custo nas vizinhanças — às vezes abaixo do custo se algum amigo estivesse num verdadeiro aperto. Por tudo isso, era excelente sua reputação em Co-op City, e soberba sua proteção. Se um tira perguntasse a um alcagüete da zona sul (e havia centenas deles) alguma coisa sobre Molie Jenigan, saberia que Molie era uma velha ligeiramente senil que aceitava uma pequena propina e vendia um pouco de coisas do mercado-negro. Um bom número de bacanas da zona norte com estranhas tendências sexuais poderia ter contado à polícia uma história muito diferente, mas não havia mais batidas policiais contra a prostituição. Todo mundo sabia que a prostituição era ruim para qualquer autêntico clima revolucionário. O fato de Molie explorar também um negócio moderadamente lucrativo de documentos falsos, apenas para clientes locais, era desconhecido na zona norte. Ainda assim, Richards sabia que preparar documentos falsos para um cara tão perigoso como ele seria extremamente perigoso.

— Que documentos? — perguntou Molie, exalando um profundo suspiro e ligando um velho abajur extensível que inundou sua escrivaninha com uma forte luz branca. Ela era uma velha, aproximando-se dos 75, e ao brilho forte da luz seus cabelos pareciam prata torcida.

— Carteira de habilitação de motorista. Certificado de Serviço Militar. Identidade de Rua de Residência. Cartão de carga axial. Cartão da Previdência Social. Fácil. Um trabalho de sessenta dólares para qualquer um, menos para você, Bennie.

— Você arranja isso para mim?

— Por sua mulher, faço. Por você, não. Não boto minha cabeça no laço por um sacana doido como Bennie Richards.

— Quanto tempo, Molie?

Os olhos de Molie relampejaram sardonicamente.

— Conhecendo sua situação como conheço, vou me apressar. Uma hora para cada um.

— Cristo, cinco horas... Posso ir...

— Não, não pode. Você está pirado, Bennie? Um tira foi até seu Projeto Residencial na semana passada. Levava um envelope para sua mulher. Chegou num camburão preto com seis colegas. Flapper Donnigan estava na esquina vendendo pó com Gerry Hanrahan quando eles chegaram. Flapper me conta tudo. O garoto é meio débil mental, sabia?

— Eu sei que Flapper é — respondeu impaciente Richards. — Eu mandei dinheiro. Ela o...

— Quem sabe? Quem viu? — Molie encolheu os ombros e virou os

olhos para cima enquanto punha caneta e formulários brancos no centro de luz formado pelo abajur. — Eles estão formados em fileira por quatro em volta de seu prédio, Bennie. Quem quer que fosse lá levar um recado acabaria num porão, conversando com um bocado de cassetetes de borracha. Nem mesmo bons amigos têm que suportar isso. Tem algum nome que queira nestes documentos?

— Não importa, desde que seja um nome inglês. Jesus, Molie, ela deve ter saído de casa para fazer compras de alimentos.

— Ela mandou o filho de Budgie Sanchez. Qual é o nome dele?

— Walt.

— Sim, isso mesmo. Não posso mais guardar essas drogas de nomes. Estou ficando senil, Bennie. Acabando meu tempo. — Olhou subitamente para Richards. — Mas me lembro do tempo em que Mick Jagger era um grande nome. Você nem mesmo sabe quem foi ele, sabe?

— Sei quem foi ele — respondeu abatido Richards.

Virou-se para a janela de Molie, que ficava no nível da calçada, sentindo medo. A coisa era pior do que pensava. Sheila e Cathy estavam também numa gaiola. Pelo menos até que...

— Elas estão bem, Bennie — disse suavemente Molie. — Simplesmente, fique longe delas. Neste momento, você é veneno para elas. Pode entender isso?

— Posso — respondeu.

Foi subitamente dominado pelo desespero, negro e terrível. *Estou com saudade de casa,* pensou, espantado, mas era mais do que isso, era pior. Tudo parecia desfocado, irreal, o próprio tecido da existência forçando as costuras, rostos, rodopiando: Laughlin, Burns, Killian, Jansky, Molie, Cathy, Sheila...

Tremendo, olhou para a escuridão. Molie começara a trabalhar, cantarolando alguma velha canção do passado vazio, alguma coisa que tinha os olhos de Bette Davis, o que diabo era *isso?*

— Ele era baterista — disse de repente. — Naquele grupo inglês, os Beatles. Mick McCartney.

— Ah, vocês garotos — disse Molie, encurvada sobre o trabalho. — Isso é tudo que vocês garotos sabem.

...Menos 077

e CONTANDO...

DEIXOU A CASA DE MOLIE dez minutos após a meia-noite e mais pobre em duzentos novos dólares. A penhorista lhe vendera também um disfarce, limitado mas muito eficaz: cabelos grisalhos, óculos, recheio para a boca, dentes acavalados plásticos que transfiguraram sutilmente a linha de seus lábios.

— Manque um pouco, também — aconselhou Molie. — Não uma coisa que chame muita atenção. Apenas um pouco. Lembre-se, você tem o poder de toldar a mente do homem se o usar. Lembra-se dessas palavras, não?

Richards não se lembrava.

Segundo os novos cartões que levava na carteira, ele era John Griffen Springer, vendedor de fitas-texto em Harding. Era viúvo, de 43 anos de idade. Nenhum *status* técnico, mas isso era bom. Técnicos usam um jargão peculiar, próprio.

Reemergiu da Robard Street às 12:30h, uma boa hora pra meter, ser assaltado ou morto, mas péssima para empreender uma fuga discreta. Ainda assim, vivera ao sul do Canal durante toda a vida.

Cruzou-a a três quilômetros mais a oeste, quase na beira do lago. Viu

um grupo de bêbados reunidos em torno de uma fogueira furtiva, vários ratos, mas nenhum policial. A l:15h da manhã estava cruzando a borda distante da terra de ninguém de armazéns, restaurantes baratos e escritórios de companhias de navegação no lado norte do Canal. À l:30h estava no meio de um número suficientemente grande de gente da zona norte, circulando de um antro de pecado para outro, para poder em segurança mandar parar um táxi.

Dessa vez o motorista não lhe deu um segundo olhar.

— Jatoporto — disse.

— É comigo mesmo que se fala, cara.

Os empuxos a ar empurraram-no para o tráfego. À1:50h chegaram ao aeroporto. Passou coxeando ligeiramente por vários policiais e guardas de segurança, que não lhe deram a mínima atenção. Comprou uma passagem para Nova York porque foi o nome que naturalmente lhe ocorreu. A verificação de identidade foi rotineira e sem problemas. Às 2:20h estava na ponte aérea para Nova York. Havia no aparelho uns quarenta passageiros, a maioria de homens de negócios que dormiam e estudantes. O guarda que ocupava a cabine de segurança dormiu durante toda a viagem. Após algum tempo, ele cochilou.

O avião aterrou às 3:06h. Desceu e deixou o aeroporto sem incidentes.

Às 3:15h o táxi descia em espirais a lindsay Overway. Cruzaram o Central Park em diagonal e, às 3:20h, ele desapareceu na maior cidade existente na face da Terra.

...Menos 076

e CONTANDO...

VOLTOU À TERRA NO BRANT HOTEL, um estabelecimento mais ou menos no East Side. Essa parte da cidade vinha entrando gradualmente em um novo ciclo de elegância. Ainda assim, o Brant ficava a menos de quilômetro e meio do centro arruinado e empestado de crimes de Manhattan — e que era também o maior do mundo. Ao registrar-se, lembrou-se outra vez das palavras de despedida de Dan Killian. *Fique perto de sua própria gente*.

Após saltar do táxi, fora a pé até Times Square, não querendo registrar-se num hotel durante a madrugada. Passara as cinco horas e meia, de 3:30h às 9h num programa de noite inteira de perversões sexuais. Queria desesperadamente dormir mas nas duas vezes em que cochilara foi acordado bruscamente por dedos leves subindo por dentro de sua coxa.

— Quanto tempo vai ficar aqui, senhor? — perguntou o recepcionista do hotel, olhando para seu registro como John G. Springer.

— Não sei — respondeu, tentando o gambito da afabilidade cordial. — Tudo depende dos clientes, o senhor sabe.

Pagou sessenta novos dólares por dois dias e tomou o elevador para o 23º andar. Do quarto tinha uma vista sombria do esquálido East River. E chovia também em Nova York.

O quarto era limpo mas despojado. Havia um banheiro contíguo e o vaso produzia ruídos constantes e sinistros, que não conseguiu consertar mesmo depois de mexer na bóia do tanque.

Pediu o desjejum no quarto — ovos escaldados com torrada, suco de laranja e café. Quando o garoto apareceu com a bandeja, deu-lhe uma gorjeta pequena mas perdoável.

Resolvida a questão do desjejum, pegou a câmera de videotape e examinou-a. Uma pequena placa de metal com o título INSTRUÇÕES fora pregada justamente embaixo do visor. Leu:

1. Empurre o cartucho de tape na ranhura marcada A até que ouça o estalido indicando que se encaixou.

2. Ajuste o visor através da retícula em seu interior.

3. Aperte o botão marcado B para gravar som e vídeo.

4. Quando a campainha soar, o cartucho sai automaticamente.

Tempo de gravação: 10 minutos.

Bom, pensou. Eles podem me ver dormindo.

Colocou a câmera no *bureau,* junto à Bíblia Gedeão, e ajustou a retícula para a cama. A parede atrás era vazia e comum. Não viu como alguém poderia descobrir sua localização baseando-se na cama ou no fundo. O ruído da rua tornava a questão da altura negligível, mas, por precaução, deixaria o chuveiro aberto.

Mesmo tendo se preparado mentalmente, quase apertou o botão e entrou no campo de visão da câmera com o disfarce à vista. Parte dele podia ser removido, mas os cabelos grisalhos não. Cobriu a cabeça com a fronha do travesseiro. Apertou em seguida o botão e sentou-se na cama de frente para a lente.

— Surpresa — disse ele em voz oca à sua imensa platéia de espectadores e ouvintes que mais tarde naquela mesma noite veriam aquela fita com horrorizado interesse. — Vocês não podem me ver, mas estou rindo de vocês, seus comedores de merda.

Deitou-se, fechou os olhos e fez um esforço para não pensar. Quando o *clipe* da fita saltou dez minutos depois, dormia a sono solto.

...Menos 075

e CONTANDO...

ACORDOU POUCO DEPOIS DAS 4H DA TARDE - a caça começara. Começara há três horas, calculando-se a diferença de fuso horário. O pensamento provocou um calafrio pela espinha abaixo.

Introduziu uma nova fita na câmera, pegou a Bíblia Gedeão e leu os Dez Mandamentos repetidamente durante dez minutos, conservando a fronha do travesseiro sobre a cabeça.

Encontrou três envelopes na gaveta da mesa, mas com o nome e endereço do hotel. Hesitou mas depois chegou à conclusão de que aquilo não fazia diferença.

Tinha que aceitar a palavra de Killian de que sua localização, revelada pelo carimbo do correio ou pelo endereço de resposta impresso, não seria revelada a McCone e a seus rafeiros pela Comissão de Jogos. Tinha que utilizar o serviço postal. Não lhe haviam fornecido pombos-correio.

Havia uma caixa do correio junto aos elevadores. Cheio de apreensões colocou os *clipes* na abertura que designava correspondência para fora da cidade. Embora as autoridades postais não pudessem receber qualquer dinheiro dos Jogos por comunicar o paradeiro de participantes, ainda assim aquilo parecia uma coisa horrivelmente arriscada de fazer. Mas a única outra coisa que podia

fazer era omitir-se, e tampouco podia fazer isso.

Voltou ao quarto, fechou o chuveiro (o banheiro estava tão cheio de vapor como uma floresta tropical) e deitou-se na cama para pensar.

Como fugir? O que era a melhor coisa a fazer?

Tentou colocar-se no lugar do participante típico. O primeiro impulso, naturalmente, era puro instinto animal: enterre-se. Abra um cova e cubra-se de areia.

E fora isso o que fizera. O Brant Hotel.

Os Caçadores esperariam isso? Esperariam. Não andariam absolutamente à procura de um homem que estivesse correndo. Procurariam um homem que se escondesse.

Poderiam encontrá-lo em seu buraco?

Queria responder que não, mas não podia. O disfarce era bom, mas apressadamente produzido. Não havia muitas pessoas observadoras, mas sobravam algumas. Talvez já houvesse sido identificado. Pelo recepcionista. Pelo empregado que lhe trouxera o desjejum. Talvez mesmo por um dos homens sem rosto que haviam estado no *show* de perversões na Forty-second Street.

Não era provável, mas possível.

E o que dizer de sua proteção verdadeira, o falso documento de identidade fornecido por Molie? Bom por quanto tempo? Bem, o motorista que o

apanhara no Edifício dos Jogos podia colocá-lo em South City. E os Caçadores eram assustadoramente, pavorosamente, competentes. Estariam pressionando seriamente todo mundo que ele conhecia, de Jack Crager àquela puta Eileen Jenner que morava no fundo do corredor. Pressão forte. Quanto tempo passaria até que alguém, talvez aquele miolo-mole do Flapper Donnigan, deixasse escapar que Molie falsificava ocasionalmente documentos? E se encontrassem Molie, estava perdido. A penhorista resistiria o suficiente para agüentar um espancamento. Ela era bastante astuciosa para querer algumas marcas visíveis de batalha para exibir pela vizinhança. Para que não ocorresse em sua casa um caso grave de combustão espontânea uma dessas noites. E depois? Uma verificação simples nos três jatoportos de Harding descobriria que John G. Springer viajara à meia-noite para a Cidade dos Anormais.

Se descobrissem Molie.

Você supõe que sim. Tem que supor que sim.

Em seguida, fuga. Para onde?

Não sabia. Passara toda sua vida em Harding. No Meio-Oeste. Não conhecia a Costa Leste, não havia lugar para onde pudesse fugir e sentir-se em terreno conhecido. Assim, para onde? Onde?

A mente massacrada e infeliz resvalou para um devaneio mórbido. Sem nenhum problema haviam descoberto Molie. Arrancaram-lhe o nome Springer em cinco fáceis minutos, depois de lhe extraírem a frio duas unhas, encher-lhe o umbigo de fluido de isqueiro e ameaçar acender um fósforo. Com um rápido telefonema conseguiriam o número do seu vôo (homens bonitões, de aparência comum, usando capas de gabardine de idêntico corte e marca) e chegado a Nova York por volta de 2:3Oh tempo do leste. Pessoal auxiliar já conseguira o endereço do Brant em uma busca de telex na lista dos hotéis da Cidade de Nova York, que era tabulada por computador todos os dias. Estavam lá fora nesse instante, cercando o local. Carregadores, mensageiros, empregados burocráticos, garçoes de bar haviam sido substituídos por Caçadores. Uma meia

dúzia subindo pela escada de incêndio. Outros cinqüenta ocupando os três elevadores. Mais e mais chegando, carros parando por toda parte em volta do prédio. Nesse momento haviam chegado ao corredor e dentro de um momento a porta seria derrubada e eles entrariam, uma gravadora de vídeo filmando entusiasticamente montada num tripé rolante, acima de seus ombros musculosos, registrando tudo aquilo para a posteridade enquanto o transformavam em hambúrguer.

Sentou-se na cama, suando. Nem mesmo possuía uma arma, ainda não.

Corra. Rápido.

Boston serviria, para começar.

...Menos 074

e CONTANDO...

DEIXOU O QUARTO ÀS 5 DA TARDE e cruzou o saguão. O recepcionista sorriu-lhe cordialmente, com toda probabilidade já a espera de seu substituto no turno da noite.

— Boa tarde, sr.... ahn...

— Springer. — Retribuiu o sorriso. — Parece que tive sorte, homem. Três clientes que parecem... receptivos. Vou ocupar aquele excelente apartamento por mais dois dias. Posso pagar antecipadamente?

— Certamente, senhor.

Dólares mudaram de mão. Ainda sorridente, Richards voltou ao quarto. Corredor vazio. Pendurou um aviso NÃO PERTURBE na maçaneta da porta e desceu rápido pela escada de incêndio.

A sorte ajudou-o e não encontrou ninguém. Desceu até o chão e escapuliu sem ser observado por uma entrada lateral.

A chuva parara, mas as nuvens ainda cobriam Manhattan. O ar tinha um cheiro de bateria rançosa. Andou rapidamente, abandonando a claudicação, até o terminal de ônibus elétrico. Um homem ainda podia comprar um bilhete ou uma passagem num Greyhound sem ter que dar o nome.

— Boston — disse ao barbudo vendedor de bilhete.

— Vinte e três dólares, moço. O ônibus parte às 6:15h em ponto.

Entregou o dinheiro, reduzindo sua disponibilidade para menos de três mil novos dólares. Tinha uma hora de espera e o terminal estava congestionado de gente, muitos deles do Exército-Voluntário, boinas azuis e fisionomias vazias, juvenis e brutais. Comprou uma revista de perversões, sentou-se e colocou-a em frente ao rosto. Na hora seguinte olhou para a revista, virando ocasionalmente uma página para evitar parecer estátua.

Quando o ônibus chegou, foi arrastando os pés para as portas abertas, juntamente com o resto de passageiros de aparência comum.

— Hei! Hei, você!

Olhou em volta. Um guarda de segurança aproximava-se, correndo. Ficou imóvel, incapaz de levantar vôo. Uma parte distante de seu cérebro gritava-lhe que ele ia ser abatido ali mesmo, ali mesmo nesse terminal de merda, cheio de bolinhos de goma de mascar no chão e uma ou outra obscenidade pichada nas paredes sujas: ia ser o troféu de algum estúpido guarda!

— Peguem! Peguem esse cara!

O guarda estava mudando de direção. Não era com ele, absolutamente.

Era com um garotão magrelo e sujo que nesse momento corria para as escadas, levando uma bolsa de senhora na mão e empurrando as pessoas ali para os lados como se fossem garrafas de madeira num jogo de boliche.

Ele e o perseguidor desapareceram, subindo a escada em três enormes saltos. 0 grupo de pessoas que embarcavam, desembarcavam e se despediam observaram-nos com vago interesse por um momento e em seguida retomaram os fios do que estavam fazendo, como se nada houvesse acontecido.

Richards permaneceu na fila, tremendo e sentindo frio.

Desmoronou numa poltrona quase no fim do carro e, minutos depois, o ônibus ronronou subindo suavemente a rampa, parou, e entrou no fluxo do tráfego. O tira e sua presa haviam desaparecido na multidão geral que constituía a humanidade.

Se eu tivesse uma arma, tê-lo-ia queimado ali mesmo, pensou. Cristo. Oh, Cristo.

E depois dessas palavras mentais: *Na próxima vez não vai ser um batedor de carteiras. Vai ser você.*

De qualquer maneira, arranjaria uma arma em Boston. De qualquer jeito.

Lembrou-se de Laughlin, dizendo que empurraria alguns de uma janela alta antes que o pegassem.

O ônibus rolou para o norte na escuridão cada vez maior.

...Menos 073

e CONTANDO...

A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS de Boston localizava-se na alta Huntington Avenue. Imensa, empretecida pelos anos, antiquada, parecendo uma caixa, ocupava o que fora uma das melhores áreas de Boston em meados do último século. Permanecia ali como um culpado lembrete do que fora outro tempo, outro dia, seu ultrapassado letreiro de neon ainda piscando as letras na direção da pecaminosa zona dos teatros. Parecia o esqueleto de uma idéia assassinada.

No momento em que entrou no vestíbulo, o recepcionista discutia com uni menino negro, pequenino, sujo e mal-amanhado, vestido com uma camisa de equipe de bola assassina tão grande que lhe descia *pelo jeans* e chegava até o meio da canela. O motivo da disputa parecia ser uma máquina de venda de chicletes ao lado da porta.

— Perdi meus cinco centavos, cara. Perdi meus cinco centavos que precisava muito!

— Se não for embora daqui, vou chamar o detetive da casa, garoto. Só isso. Enchi de falar com você!

— Mas aquela merda de máquina ficou com meus cinco!

— Deixe de falar palavrão, seu bostinha! — O recepcionista, que parecia ter uns velhos e frios trinta anos, estendeu a mão e agarrou a camisa. Mas ela era grande demais para que pudesse sacudir o garoto ali dentro. — Agora, caia fora. Estou com o saco cheio de falar.

Vendo que ele falava sério, a máscara quase cômica de ódio e desafio sob o penteado afro do garoto, transformou-se numa agoniada careta de incredulidade.

— Ouça, aquela era a única moeda de cinco centavos que eu tinha! Aquela máquina de chiclete ficou com meu níquel! Aquela...

— Vou chamar o detetive da casa agora.

O recepcionista virou-se para a mesa telefônica. Seu paletó, um refugiado de algum balcão de trocas, bateu cansadamente em volta da bunda magra.

O menino deu um pontapé na máquina e correu dali em seguida, gritando.

— Vá tomar no cu, seu brancoso filho da puta!

O empregado seguiu-o com os olhos, o botão de segurança, real ou inventado, intocado. Sorriu para Richards, mostrando um velho teclado no qual faltavam algumas teclas.

A gente não pode mais conversar com crioulos. Se eu mandasse na Rede, botaria todos eles em gaiolas.

— Ele perdeu realmente cinco centavos? — perguntou Richards, assinando o livro como John Deegan, de Michigan.

— Se perdeu, ele o roubou antes — retrucou o homem. — Oh, acho que perdeu. Mas se eu lhe devolvesse um níquel, antes do anoitecer eu teria aqui duzentos deles alegando a mesma coisa. Onde é que eles aprendem essa linguagem? Era isso o que eu queria saber. Será que os pais deles não se importam com o que fazem? Quanto tempo vai permanecer aqui, sr. Deegan?

— Não sei ainda. Estou aqui a negócios.

Tentou um sorriso aliciante e, quando conseguiu, ampliou-o. O recepcionista reconheceu-o imediatamente (talvez pelo seu próprio reflexo olhando de baixo para cima para ele das profundidades do balcão de mármore falsificado, polido por milhões de cotovelos) e retribuiu-o.

— Serão $15,50, sr. Deegan. — Empurrou pelo balcão uma chave presa a uma murada lingüeta de madeira. — Quarto 512.

— Obrigado.

Pagou em dinheiro. Mais uma vez, nada de pedido de identidade. Graças a Deus pela A.C.M.

Dirigiu-se para os elevadores e pelo corredor olhou para a biblioteca circulante da instituição. Era mal iluminada, com globos amarelos cobertos de moscas. Um velho usando sobretudo e galochas examinava um tratado, virando lenta e metodicamente as páginas com um dedo trêmulo e salivado. Ali onde estava, junto aos elevadores, podia ouvir o assovio entupido da respiração do homem e sentiu uma mistura de pena e horror.

O elevador chegou com um baque e abriu com uma relutância ofegante as velhas portas. Quando entrou, ainda ouviu o recepcionista dizer

— É uma pena e uma vergonha. Eu botaria todos eles em gaiolas.

Ergueu a vista, pensando que o homem se dirigia a ele, mas o recepcionista não olhava para coisa nenhuma.

O vestíbulo estava muito vazio e muito silencioso.

...Menos 072

e CONTANDO...

O 5º ANDAR FEDIA A URINA.

O corredor era suficientemente estreito para fazê-lo sentir claustrofobia e o carpete, que poderia ter sido vermelho, puíra no meio e nesse momento era constituído de alguns fios soltos. As portas eram de uma cor cinzenta industrial e várias delas exibiam marcas de chutes, socos e tentativas recentes de arrombamento. Tabuletas a cada 12 passos diziam: PROIBIDO FUMAR POR ORDEM DO CORPO DE BOMBEIROS. Havia um banheiro coletivo no centro e o fedor de urina tornou-se subitamente mais forte. Aquele era um cheiro que automaticamente associava a desespero. Pessoas moviam-se inquietas atrás das portas cinzentas como se fossem animais em jaulas — animais terríveis e assustadores demais para serem vistos. Em voz de bêbado, alguém estava cantarolando repetidamente o que podiam ter sido ave-marias. Estranhos sons de coisas engolidas vinham de outra porta. Uma música caipira atrás de outra porta ("Não tenho grana pro telefone/E estou tão sozinho..."). Ruído de arrastamento de pés. O solitário chiado de molas de cama que poderiam significar um homem dando trabalho à mão. Soluços. Risos. Grunhidos histéricos de uma discussão de bêbados. E por trás desses sons, silêncio. E silêncio. Um homem com um peito horrivelmente afundado passou por ele sem olhá-lo, levando um sabonete e uma toalha na mão, usando calça de pijama cinzenta amarrada com um cordão. Nos pés, chinelas de papel.

Abriu a porta do quarto e entrou. Encontrou uma tranca das recomendadas pela polícia no outro lado da porta e usou-a. Viu uma cama com lençóis quase brancos e um cobertor excedente do Exército. E também uma

mesa à qual faltava a segunda gaveta. E uma imagem de Jesus na parede. E também um cano de metal com dois cabides atravessados no ângulo reto formado por duas paredes. E nada mais, exceto a janela, que dava para a escuridão. O relógio marcava 10:15h da noite.

Pendurou a jaqueta, tirou os sapatos e deitou-se na cama. Deu-se conta de como, neste mundo, ele era sofredor, desconhecido, vulnerável. O universo como que chiava, batia e roncava em tomo dele como um enorme e indiferente calhambeque descendo uma ladeira a caminho de um abismo insondável. Os lábios começaram a tremer e chorou um pouco.

Não gravou isso em fita. Ficou olhando para o teto, que era rachado em milhões de loucos rabiscos, como a vitrificação de um mau oleiro. Nesse momento andavam à sua procura há mais de oito horas. Ele já ganhara oitocentos dólares de seu dinheiro de aposta. Cristo, e nem mesmo saíra ainda do buraco.

E nem mesmo conseguira ver-se na Free-Vee. Cristo, sim. Aquela fronha espetacular cobrindo-lhe a cabeça.

Onde estariam eles? Ainda em Harding? Nova York? A caminho de Boston? Não, não poderiam estar vindo para ali, poderiam? O ônibus não passara por nenhuma barreira policial na estrada. Deixara anonimamente a maior cidade do inundo e estava ali sob nome suposto. Não podiam estar em seu encalço. De jeito nenhum.

A A.C.M. de Boston poderia ser lugar seguro durante uns dois dias. Depois disso, poderia seguir para New Hampshire e Vermont, ou para o suína direção de Hartford, Philadelphia ou mesmo Atlanta. Mais a leste estendia-se o oceano e, do outro lado, a Grã-Bretanha e a Europa. Era uma idéia interessante, mas provavelmente fora de seu alcance. Passagem de avião exigia prova de identidade, a França estava sob lei marcial e conquanto viajar como clandestino fosse possível, a descoberta de seu paradeiro implicaria fim rápido de tudo. O Oeste estava fora de cogitação. Era ali onde o calor se tornava mais forte.

Se não pode agüentar o calor, saia da cozinha. Quem dissera isso? Molie saberia. Soltou uma risadinha e sentiu-se melhor.

O som desencarnado de um rádio chegou-lhe aos ouvidos.

Seria bom arranjar a arma logo, naquela noite, mas estava cansado demais. A viagem deixara-o esgotado. Ser um fugitivo cansava-o. E sabia, de uma maneira animal que era mais profunda do que a racional, que muito cedo poderia estar dormindo em um bueiro, no frio de outubro, ou em uma ravina cheia de mato e cinzas.

Arranjaria a arma na noite seguinte.

Apagou a luz e deitou-se.

...Menos 071

e CONTANDO...

ERA NOVAMENTE HOUA DE ESPETÁCULO

De pé, com as nádegas voltadas para o gravador de vídeo, ele cantarolava a música-tema de *O Sobrevivente*. Envolvera a cabeça com uma fronha da A.C.M., virada pelo avesso, a fim de não aparecer o nome estampado nela.

A câmera inspirara-lhe uma espécie de humor criativo que nunca supusera possuir. A auto-imagem que sempre tivera de si mesmo era de um homem muito amargo, com pouco ou nenhum humor em suas opiniões. A perspectiva de morte iminente acordara um comediante solitário escondido nele.

Quanto ao *clipe,* resolveu economizar o segundo para a tarde.

O quarto isolado era monótono e talvez lhe ocorresse alguma outra coisa.

Vestiu-se sem pressa, foi até a janela e olhou para fora.

O tráfego de uma manhã de quinta-feira corria apressado para cima e para baixo da Huntington Avenue. Pedestres andando lentamente congestionavam as duas calçadas. Alguns examinavam anúncios de emprego. A maioria simplesmente andava. Viu um policial em cada esquina que dali divisava. Mentalmente, podia ouvi-los, dizendo: *Andem. Não têm nenhum lugar para ir? Mais ligeiro, vermes!*

De modo que o indivíduo ia até a esquina seguinte, que era exatamente igual à precedente, e novamente recebia ordem de prosseguir. A pessoa podia tentar enfurecer-se com aquilo, mas, na maior parte do tempo, os pés doíam demais.

Debateu consigo mesmo o risco de descer o corredor e tomar um banho de chuveiro. Finalmente, chegou à conclusão de que não haveria problema. Saiu com uma toalha em cima do ombro, não viu ninguém e dirigiu-se para o banheiro.

Misturavam-se ali essências de urina, vômito e fezes. Evidentemente, haviam sido arrancadas todas as portas das privadas. Em cima do mictório, alguém escrevera A REDE QUE SE FODA em letras de 30cm de altura. Parecia que o cara estivera furioso quando escrevera aquilo. Observou um monte de merda num dos mictórios. Alguém devia ter estado mesmo bebão para fazer aquilo, pensou. Umas poucas indolentes moscas de outono passeavam por cima da merda. Não ficou repugnado, a vista era comum demais, mas, por razões práticas, ficou satisfeito por estar calçado.

O chuveiro estava também vazio. O chão em de porcelana rachada, as paredes de ladrilho esburacado, com grossas estrias de podridão perto da base. Abriu o chuveiro entupido pela ferrugem, quente ao máximo, e esperou pacientemente durante cinco minutos até que a água correu, lépida, e depois banhou-se rapidamente. Usou um pedaço de sabão que encontrou no chão. A A.C.M. deixara de fornecê-lo ou a arrumadeira levara o seu.

De volta ao quarto, um homem de lábio leporino entregou-lhe um

volante.

Vestiu a camisa, sentou-se na cama e acendeu um cigarro. Estava com fome, mas esperaria até anoitecer antes de sair para comer alguma coisa.

Tédio levou-o novamente à janela. Identificou marcas diferentes de carros — Fords, Chevies, Wints, VWs, Plymouths, Studebakers, Rambler-Supremes, contando pontos. Era um divertimento chato, mas melhor do que nenhum.

Na alta Huntington Avenue erguia-se a Norlheastern University e, no outro lado da rua, bem em frente à A.C.M., viu uma livraria automatizada. Enquanto contava observava estudantes entrando e saindo do prédio. Formavam um flagrante contraste com os indivíduos que liam os classificados à procura de emprego: usavam cabelos mais curtos e aparentemente todos vestiam jaquetas axadrezadas com capuz., .!i nesse ano era a última moda no *campus.* Entravam na loja para fazer suas compras com um ar de embaraçada superioridade e condescendência que deixou um sabor amargo de divertimento em sua boca. As vagas de estacionamento de cinco minutos em frente à livraria enchiam-se e esvaziavam-se de carros-esporte vistosos, freqüentemente de marcas estrangeiras. A maioria exibia decalques da faculdade na janela traseira: Northeastem, M.I.T., Boston College, Harvard. A maioria dos desempregados olhava para os carros-esporte como se eles fizessem parte da paisagem, mas alguns fitavam-nos com uma expressão de desejo, estúpida e infeliz.

Um Wint saiu da vaga bem em frente à livraria e foi substituído por um Ford que parou a uns dois centímetros da calçada quando seu motorista, um cara de cabelos cortados à escovinha, fumando um charuto de uns 30cm de comprimento, colocou-o em ponto morto e desligou. O carro inclinou-se um pouco quando o motorista, um tipo almofadinha usando jaqueta marrom e branca de caçador, desceu e entrou na loja.

Richards suspirou. Contar carros era um jogo muito estúpido. Os Fords estavam à frente dos concorrentes mais próximos por um escore de 78 a 40. O

resultado ia ser tão previsível como a próxima eleição.

Alguém bateu à porta e ele endureceu-se como uma barra de ferro.

— Frankie? Você está aí, Frankie?

Permaneceu calado. Paralisado de medo, bancou a estátua.

— Vá comer merda, Frankie, menino. — Seguiu-se um riso de ébrio e ele ouviu passadas afastando-se. Batidas na porta seguinte: — Frankie, você está aí?

A mão de Richards desceu lentamente da garganta.

O Ford ia deixando a vaga nesse momento, substituído por outro Ford. Número 79. Merda.

O dia transformou-se em tarde e logo depois era 1h, soube pelos carrilhões de várias igrejas muito distantes. Ironicamente, o homem que lutava contra o relógio não possuía um que lhe dissesse as horas.

Nesse momento, experimentava uma variação do jogo de carros: os Fords valiam dois pontos, os Studcbakers, três, os Wints, quatro. O primeiro a chegar a quinhentos ganha.

Talvez 15 minutos depois notou o jovem de jaqueta de caça marrom e branca encostado em um poste de iluminação livraria acima, lendo um cartaz sobre um concerto. Ele não estava sendo mandado circular; na verdade, a polícia parecia ignorá-lo.

Você está se assustando com sombras, verme. Logo em seguida vai vê-las nas esquinas. Contou um Wint com pára-choque denteado. Um Ford amarelo. Um velho Studebaker. Um VW — não adiantava, não estavam mais na moda. Outro Wint. Um Studebaker.

Um homem que fumava um charuto de uns 30cm de comprimento parecia esperar, desinteressado de tudo, no ponto de ônibus na esquina. Era a única pessoa ali. E com boa razão. Vira os ônibus subirem e descerem a rua e sabia que não haveria outro ainda por 45 minutos.

Sentiu uma friagem entrar nos testículos.

Um velho usando um sobretudo preto puído desceu preguiçosamente o outro lado da rua e se encostou no prédio como quem não quer nada.

Dois caras usando casacos axadrezados com capuz desceram de um táxi, conversando animadamente e começaram a estudar o cardápio colado na vitrine do Stockholm Restaurant.

Um policial aproximou-se e conversou alguma coisa com o homem que estava no ponto do ônibus. Depois, afastou-se.

Com um embotado e distante terror, notou que muitos dos vagabundos que liam o caderno de empregos estavam andando muito mais lentamente. Suas roupas e maneiras de andar pareciam-lhe estranhamente conhecidas, como se tivessem passado por ali muitas vezes antes e só então ele tomasse conhecimento do fato — na maneira experimental, desagradável, como reconhecemos nos sonhos a voz dos mortos.

Havia mais policiais, também.

Estou sendo cercado, pensou. O pensamento despertou nele um pavor impotente de coelho caçado.

Não, corrigiu-o a mente. *Você já foi cercado.*

...Menos 070

e CONTANDO...

DIRIGIU-SE RÁPIDO PARA O BANHEIRO, calmo, ignorando o pavor, da mesma maneira que um homem numa alta plataforma ignora a queda. Se ia escapar daquilo, isso só aconteceria se conservasse a cabeça no lugar. Se entrasse em pânico, morreria rápido.

Alguém no banheiro cantava, em voz rachada e desafinada, uma canção popular. Ninguém nos mictórios ou às pias.

O macete lhe ocorrera sem esforço enquanto estivera ali à janela, observando-os quando se reuniam à sua maneira descuidada, sinistra. Se não lhe tivesse ocorrido, achava que estaria ainda no mesmo lugar, como Aladim, observando a fumaça que saía da lâmpada solidificar-se e transformar-se em um onipotente gênio. Haviam usado o macete no tempo de meninos para roubar jornais dos porões do Projeto Habitacional. Molie comprava-os a dois centavos a libra-peso.

Com um forte puxão tirou um dos suportes de escova de dentes, de arame. Estava um pouco enferrujado mas isso não teria importância. Dirigiu-se para o elevador, estirando e tomando reto o arame.

Apertou o botão de chamada e a gaiola levou uma lenta eternidade para descer do 8^9 andar. Vazia. Graças a Cristo, vazia.

Entrou, olhou por um momento para o corredor e virou-se para o painel de controle. Havia uma ranhura ao lado do botão marcado como subsolo. O zelador teria um cartão especial para enfiar ali. Um olho elétrico examinaria o cartão, o zelador apertaria o botão e desceria até o subsolo.

E se não funcionar? Esqueça isso. Esqueça isso agora.

Fazendo careta à espera de uni possível choque elétrico, enfiou o arame na ranhura e apertou simultaneamente o botão do subsolo.

Ouviu um som dentro do painel que lhe pareceu um curto palavrão elétrico e uma sensação leve, de formigamento, no braço. Por um momento, nada mais. Mas em seguida a grade pantográflea correu, as portas se fecharam e o elevador desceu de má vontade. Um pequeno tentáculo de fumaça azul evolou da ranhura no painel.

Afastou-se da porta do elevador e observou os números correrem para trás. Quando o l9 se iluminou, o motor no alto do prédio emitiu um som de coisa arranhando e pareceu que o carro ia parar. Após um momento (talvez depois de pensar que já apavorara Richards o suficiente), o elevador voltou a descer. Vinte segundos depois as portas se abriram e ele saiu para o enorme e escuro subsolo. Ouviu o som de água gotejando em algum lugar e das patas de ratos perturbados no que porventura estivessem fazendo. Mas, à parte isso, o porão era seu. Por ora.

...Menos 069

e CONTANDO...

CANOS ENORMES, ENFERRUJADOS, cobertos de teias de aranha espalhavam-se em arranjos loucos pelo teto. Quando a fornalha ligou automaticamente, quase gritou de pavor. O aumento de adrenalina nos membros e coração doeu e, por um momento, foi quase incapacitante.

Havia também jornais ali, notou. Milhares deles, empilhados e amarrados com barbante. Ratos, aos milhares, haviam construído ali seus ninhos. Famílias inteiras olharam com desconfiados olhos de rubis para aquele intruso.

Começou a afastar-se do elevador mas parou a meio-caminho no rachado chão de cimento. Viu uma grande caixa de fusíveis aferrolhada a um poste e, atrás do posto, encostadas na outra parede, um conjunto de ferramentas. Pegou um pé-de-cabra e continuou a andar, mantendo os olhos no chão.

Perto da parede mais distante descobriu a tubulação principal de águas pluviais, à esquerda. Foi até ali, perguntando-se no fundo da mente se eles já sabiam que se encontrava ali embaixo.

A tubulação de drenagem era de aço, com respiradouro. Tinha uns 90cm de diâmetro e no lado mais distante ele descobriu uma reentrância para enfiar o pé-de-cabra. Introduziu-o, levantou a tampa e colocou um pé em cima do pé-de-cabra para sustentá-lo ali. Pôs as mãos sob a borda da tampa e

empurrou-a para cima. Ela caiu no cimento com um estrondo metálico que fez os ratos guincharem de desalento.

A tubulação embaixo descia em um ângulo de 45° e calculou que a alma do cano não podia ter mais de 75cm. E muito escuro. A claustrofobia secou-lhe de repente a boca. O cano era estreito demais para manobrar ali dentro, quase pequeno demais para permitir que respirasse ali. Mas tinha que ser.

Desvirou a tampa do poço de drenagem e puxou-a para a entrada justamente o suficiente para poder pegá-la logo que estivesse ali dentro. Foi até a caixa de fusíveis, quebrou o cadeado com o pé-de-cabra e abriu-a. Ia começar a arrancar os fusíveis quando lhe ocorreu outra idéia.

Dirigiu-se às pilhas de jornais que se alinhavam em bancos amarelos sujos contra toda a parede leste do subsolo. Tirou do bolso a carteia amassada e dobrada nas pontas dos fósforos que estivera usando para acender os cigarros. Havia ainda três ali. Puxou uma folha de jornal e transformou-a em tocha, colocou-a sob um braço e acendeu o fósforo. O primeiro apagou-se numa corrente de ar. O segundo caiu-lhe da mão trêmula e apagou com um chiado no concreto molhado.

O terceiro continuou aceso. Tocou com ele a tocha de papel e chamas amarelas surgiram logo. Um rato, talvez desconfiado do que ia acontecer, passou por cima de seu pé e correu para a escuridão.

Embora tomado nesse momento por um terrível senso de urgência, esperou até que a chama da tocha chegasse a uns 30cm de altura. Não tinha mais fósforos. Com todo o cuidado, introduziu-a em uma abertura na parede de papel, que chegava à altura do peito e esperou até que se certificou de que o fogo estava se espalhando.

O enorme tanque de óleo que aquecia a A.C.M. era embutido numa parede contígua. Talvez explodisse. Pensou que explodiria.

Correndo nesse momento, voltou à caixa de fusíveis e começou a arrancá-los. Tirou a maioria antes de se apagarem as luzes do subsolo. Foi tenteando até a tubulação de drenagem, ajudado pela luz cada vez mais forte dos jornais em chamas.

Sentou-se à beira da tubulação, com os pés pendentes para dentro e em seguida lentamente arriou-se para baixo. Quando a cabeça ficou abaixo do nível do chão, pressionou com os joelhos os lados do cano para se manter firme e levantou os braços por cima da cabeça. Um trabalho lento. Era pouco o espaço para se mover. A luz do fogo era de um amarelo brilhante nesse momento e o som crepitante do incêndio encheu-lhe os ouvidos. Quando os dedos tateantes chegaram à borda da tubulação, empurrou-os deslizando para cima e agarrou a tampa perfurada. Lentamente, puxou-a para a frente, suportando mais e mais o peso com os músculos das costas e pescoço. Quando achou que a borda mais distante da tampa estava à beira da entrada, deu-lhe um último e forte puxão.

A tampa caiu no lugar certo com um som metálico alto, entortando-lhe cruelmente os punhos. Relaxou os joelhos e deslizou para baixo como um menino descendo à toda num tobogã. O cano estava coberto de lodo e ele escorregou sem esforço por uns três -metros até o ponto em que o cotovelo do cano se transformava numa linha reta. Os pés bateram com força no chão e ficou ali como um bêbado encostado num poste.

Mas não conseguia entrar na tubulação horizontal. O cotovelo ali era fechado demais.

O gosto de claustrofobia na boca tornou-se insuportável, sufocante. *Encurralado,* gaguejou sua mente, *encurralado aqui, encurralado, encurralado...*

Um grito subiu em sua garganta e abafou-o com força.

Calma. Claro, é um chavão muito gasto, muito banal, mas temos que ficar muito calmos aqui. Muito calmos. Porque estamos no fundo deste cano e não

podemos nem subir nem descer e se aquela bosta do tanque explodir vamos ser fritados com toda a perfeição e...

Lentamente, começou a contorcer-se até que o peito ficou de frente para o cano, e não mais as costas. O revestimento de lodo servia como lubrificante, facilitando-lhe os movimentos. Havia muita claridade no cano naquele momento e estava esquentando. A tampa perfurada jogava sombras de grades de prisão sobre seu rosto angustiado.

Inclinando-se contra o peito, barriga e virilha, os joelhos dobrando-se da maneira certa, pôde deslizar mais para baixo, introduzindo pés e panturrilha no canal horizontal até ficar ajoelhado. Mas ainda não era o suficiente. As nádegas empurravam a cerâmica sólida que ficava de frente para a entrada do cano horizontal.

Distantes, achou que ouvia berros de comando acima do crepitar alucinado do incêndio, mas poderia ter sido sua imaginação, que nesse momento estava tensa e febril demais para merecer confiança.

Começou a flexionar os músculos das coxas e panturrilhas em um cansativo ritmo de serrote e, pouco a pouco, os joelhos começaram a ceder sob o corpo. Ergueu as mãos acima da cabeça para obter mais espaço e nesse momento tinha o rosto colado ao limo do cano. Estava quase entrando no cano. Dobrou tanto quanto podia as costas e começou a empurrar com os braços e cabeça, as únicas partes do corpo em condições de lhe dar alguma impulsão.

Quando começou a pensar que não havia espaço suficiente, que ia simplesmente ficar pendurado ali, incapaz de se mover em qualquer das direções, os quadris e nádegas subitamente entraram na abertura do tubo horizontal. A parte baixa das costas foi arranhada dolorosamente quando os joelhos afrouxaram sob o corpo e a camisa subiu pelas omoplatas. Logo depois estava no tubo horizontal — exceto pela cabeça e braços, que estavam dobrados para trás. Coleou para dentro e parou em seguida, arquejando, o rosto estriado de lodo e merda de rato, a pele da parte inferior das costas lixada e escorrendo

sangue.

O cano era ainda mais estreito. Os ombros tocavam levemente os lados a cada vez que seu peito subia numa respiração.

Graças a Deus eu sou subalimentado.

Ofegante, começou a afundar-se na escuridão desconhecida do cano.

...Menos 068

e CONTANDO...

COMO UMA TOUPEIRA, fez progressos lentos ao longo de uns 50cm através da tubulação, empurrando-se cegamente para trás. Logo em seguida, o tanque de óleo da A.C.M. explodiu com um ribombo alto o suficiente para produzir vibrações simpáticas nos canos que quase lhe arrebentavam os tímpanos. Ocorreu um relâmpago amarelo-esbranquiçado como se uma pilha de fósforos houvesse pegado fogo, que desmaiou depois para um brilho rosado, irregular. Momentos depois uma onda quente atingiu-lhe o rosto fazendo-o produzir um sorriso doloroso.

A câmera de vídeo no bolso do casaco sacudiu-se e balançou enquanto tentou esgueirar-se para trás com maior rapidez. O cano estava absorvendo calor da violenta explosão e do fogo que lavrava furioso em algum lugar acima, da mesma maneira que o cabo de uma frigideira pega o calor do fogão. Ele não tinha a menor vontade de ser assado ali como uma batata numa panela fechada.

Suor rolava-lhe pelo rosto, misturando-se com as estrias pretas de excremento que já o cobriam, fazendo-o parecer, no brilho que aumentava e diminuía do fogo refletido, um índio pintado para guerra. Os lados do cano estavam quentes demais para poder tocá-los.

Movimentando-se como uma lagosta, contraindo-se e espichando-se, rastejou para trás sobre os joelhos e antebraços, as nádegas subindo e batendo a todo momento na parte superior do cano. A respiração saía entrecortada, em

arquejos caninos. O ar quente, cheio do gosto pegajoso de óleo, era difícil de respirar. Uma dor de cabeça apareceu no crânio e começou a cravar adagas no fundo de seus olhos.

Vou fritar aqui. Vou fritar.

De repente, seus pés balançaram no ar. Tentou olhar por entre as pernas e ver o que havia ali, mas estava escuro demais ali atrás e tinha os olhos ofuscados demais pela luz à sua frente. Teria que arriscar-se. Recuou e os joelhos chegaram à borda do fim do cano. Cautelosamente, deixou-as deslizar por ali.

Os sapatos tocaram subitamente em água, fria e chocante após o calor do cano.

O novo cano corria em ângulo reto com aquele que acabara de deixar e era muito mais largo — suficientemente para ficar em pé encurvado. A água grossa, em lento movimento, chegava-lhes aos tornozelos. Parou por apenas um momento para olhar para o cano minúsculo, com seu mortiço círculo de luz refletida do incêndio. O fato de poder ver qualquer brilho daquela distância significava que a explosão devia ter sido muito forte.

Relutantemente, obrigou-se a reconhecer que o pessoal dos Jogos teria que supor que ele continuava vivo, e não morto naquele inferno do subsolo da A.C.M., mas talvez não descobrissem qual fora sua rota de fuga até depois de debelado o incêndio e iniciado o rescaldo das ruínas. Pareceu-lhe uma suposição segura. Mas parecera também seguro supor que não poderiam seguir-lhe os passos até Boston.

Talvez não tenham. Afinal de contas, o que foi que você realmente viu?

Não. Foram eles. Tinha certeza. Os Caçadores. Eles até mesmo exalavam odor do mal, um odor que lhe chegara no quinto andar, trazido por

correntes térmicas psíquicas invisíveis.

Um rato passou por ele, nadando cachorrinho e parou um momento para observá-lo com olhos brilhantes.

Desajeitado, foi espadanando atrás do rato, na direção para aonde corria a água.

...Menos 067

e CONTANDO...

CHEGOU À ESCADA, olhou para cima, ofuscado pela luz. Não ouviu sons de tráfego regular, o que era uma boa coisa, mas luz...

A luz era surpreendente porque tinha a impressão de que andara pelos esgotos durante horas infindáveis. Na escuridão, sem insumos visuais e nenhum outro som que o gorgolejar da água, o ocasional chape-chape baixo de um rato e as batidas fantasmagóricas de outros canos (o que é que vai acontecer se alguém der descarga numa latrina em cima de minha cabeça, especulou morbidamente), perdera inteiramente o sentido de tempo.

Nesse momento, olhando para a tampa da boca de lobo a uns 5m acima de sua cabeça, notou que a luz não desaparecera ainda do céu. Na tampa havia vários orifícios circulares de ventilação e raios de sol do tamanho de lápis imprimiam moedas de sol no seu peito e ombros.

Nenhum carro pneumático passara desde que chegara ali, apenas um veículo pesado de rodas e uma frota de motos Honda. Esse fato levou-o a suspeitar que, mais por sorte e lei das médias do que por um inato senso de direção, conseguira abrir caminho até o núcleo da cidade — até sua própria gente.

Ainda assim, não ousava subir até que escurecesse. A fim de passar o

tempo, tirou a câmera do bolso, introduziu um *clipe* e começou a gravar o próprio peito. Sabia que as fitas eram “sensíveis à luz”, capazes de aproveitar a mais fraca fonte de luz existente, e não queria revelar muita coisa do lugar onde se encontrava. Nessa vez nem falou nem fez palhaçadas. Estava cansado demais.

Terminada a gravação, guardou-a com a outra fita já usada. Desejava poder livrar-se da suspeita persistente — quase uma certeza — de que as fitas indicavam com precisão o local onde se encontrava. Tinha que haver uma maneira de anular aquilo. *Tinha* que haver.

Sentou-se resignado no terceiro degrau da escada a fim de esperar pela noite. Estava em fuga há quase 30 horas.

...Menos 066

e CONTANDO...

O MENINO, DE UNS SETE ANOS DE IDADE, negro, fumando um cigarro, estava encostado na parede perto da entrada do beco, olhando para a rua.

Houve um repentino e leve movimento na rua antes deserta. Sombras moveram-se, descansaram, moveram-se novamente. A tampa do poço de inspeção estava subindo. A tampa parou e alguma coisa — olhos? — brilhou. De repente, com um estridor metálico, a tampa deslizou para um lado.

Alguém (ou *alguma coisa,* pensou o menino com um pouco de medo) estava saindo dali. Talvez o demônio estivesse saindo do inferno para vir buscar Cassie. Mamãe dissera que Cassie ia para o céu para fazer companhia a Dicky e a outros anjos. O menino achava que aquilo era conversa pra boi dormir. Todo mundo ia pro inferno quando morria e o diabo cutucava o rabo deles com um forcado. Vira um retrato do diabo nos livros que Bradley roubara da Biblioteca Pública de Boston. O céu era para os viciados ricos. O demônio era o Homem.

Podia ser o demônio, pensou, quando Richards subitamente saiu do poço e inclinou-se por um segundo para a frente, no cimento rachado e riscado, para recuperar o fôlego. Nem rabo nem chifres, e nem vermelho como naquele livro, mas parecendo suficientemente louco e perverso.

Nesse momento ele estava empurrando a tampa de volta para o

encaixe, e nesse momento — e nesse momento, santo Jesus, ele corria para o beco.

O menino soltou um grunhido, tentou correr e caiu, tropeçando nos próprios pés.

Estava tentando levantar-se, atabalhoado, deixando cair coisas, quando o diabo subitamente agarrou-o.

— Não me fure com isso! — gritou ele num sussurro abafado. — Não me fure com seu garfo, seu filho da puta...

— Psiu! Cale essa boca! Cale essa boca!

O demônio sacudiu-o, fazendo-lhe os dentes chocalhar como bolas de gude, e o menino calou-se. O demônio olhou em volta, apreensivo. A expressão de seu rosto era quase cômica no medo extremo que revelava. O menino lembrou-se daqueles tipos engraçados no programa de jogos *Nadando com os Crocodilos.* Teria rido também se não estivesse tão amedrontado.

— Você não é o capeta — disse o menino.

— Vai pensar que eu sou, se gritar.

— Não vou gritar — respondeu desdenhosamente o menino. — Que é que está pensando, que corte meus colhões? Jesus, não tenho ainda nem idade pra gozar.

— Você sabe de um lugar tranqüilo aonde a gente possa ir?

— Não me mate, homem, eu não tenho nada.

Os olhos do menino, brancos na escuridão, rolaram para cima.

— Eu não vou matar você.

Segurando-lhe a mão, o menino levou Richards pelo beco tortuoso e cheio de lixo e daí para outro. No fim do caminho, pouco antes de o beco abrir no poço de ventilação entre dois altos prédios, o menino guiou-o até uma meia-água de tábuas aproveitadas e tijolos. Fora construída para pessoas baixas e bateu com a cabeça ao entrar.

O menino afastou para o lado um pano preto sujo que tapava a entrada e mexeu em alguma coisa. Um momento depois um brilho fraco iluminou-lhes o rosto. O menino ligara uma pequena lâmpada a uma velha bateria rachada de automóvel.

— Eu mesmo roubei essa bateria — disse o menino. — Bradley me ensinou como consertar ela. Ele tem livros. Eu tenho um saco de moedas de 10 centavos que dou a você se você não me matar. É melhor que não mate. Bradley está com os Esfaqueadores. Você me mata e ele faz você cagar em sua bota e comer a merda.

— Eu não vou matar ninguém — respondeu impaciente Richards. — Pelo menos, não menininhos.

— Eu não sou menininho! Eu mesmo roubei essa bateria.

Aquela expressão de pessoa ultrajada provocou-lhe um pequeno sorriso e ele disse:

— Tudo bem. Qual é o seu nome, garoto?

— Eu não sou garoto — respondeu ele e, mal-humorado: — Stacey.

— Tudo bem. Stacey. Ótimo. Eu estou em fuga. Acredita nisso?

— Acredito, você está fugindo. Você não saiu daquele esgoto pra comprar foto de safadeza. — Olhou-o especulativamente. — Você é branco? É difícil saber com todo esse sujo.

— Stacey, eu... — Interrompeu-se e correu a mão pelos cabelos. Ao voltar a falar, parecia dirigir-se a si mesmo: — Tenho que confiar em alguém e vai ter que ser em um garoto. Um *garoto.* Oh, Jesus, você não tem nem seis anos, rapaz.

— Vou fazer oito em março — respondeu zangado o menino. — Minha irmã Cassie tem câncer — acrescentou. — Ela grita muito. É por isso que gosto daqui. Eu mesmo roubei aquela porra de bateria. Quer queimar um fumo, moço?

— Não, e você também não quer. Quer ganhar dois dólares, Stacey?

— Cristo, quero! — Mas desconfiança apareceu naqueles olhos.

— Você não saiu daquele buraco com dois dólares. Isso é conversa fiada.

Richards tirou do bolso um novo dólar e entregou-o ao menino. O garoto olhou-o com reverência que quase se aproximava do horror.

— Você ganha mais um se trouxer seu irmão até aqui — prometeu Richards e, observando-lhe a expressão, acrescentou rapidamente: — Eu dou a você às escondidas, de modo que ele não veja. Mas traga-o aqui sozinho.

— Não vai adiantar nada você matar Bradley, homem. Ele obriga você a cagar em sua bota...

— E comer a merda. Eu sei. Vá correndo buscá-lo. Espere até ele estar sozinho.

— Três dólares.

— Não.

— Ouça, homem. Por três dólares posso comprar um troço pra Cassie na farmácia. Depois, ela não vai gritar tanto.

O rosto de Richards contorceu-se de repente como se algo que o menino não podia ver lhe houvesse dado uma punhalada.

— Tudo bem. Três.

— Novos dólares — insistiu o menino.

— Sim, pelo amor de Deus, *sim*. Vá buscá-lo. E se trouxer os tiras não vai ganhar nada.

O menino parou, metade fora metade dentro do cubículo.

— Você é burro se pensa que vou fazer isso. Odeio mais aqueles nojentos do que qualquer outra coisa. Até mesmo que o demônio.

Saiu, um menino de sete anos com sua vida nas mãos imundas e sarnentas. Mas estava cansado demais para sentir realmente medo. Apagou a luz, recostou-se e cochilou.

...Menos 065

e CONTANDO...

UM SONO COM SONHOS começara justamente quando os sentidos altamente esticados acordaram-no de chofre. Confuso, em um lugar escuro, o início do pesadelo dominou-o por um momento e pensou que um enorme cão policial vinha pegá-lo, uma pavorosa arma orgânica de sete metros de altura. Quase gritou, antes que Stacey trouxesse o mundo para a dura realidade, silvando:

— Se ele quebrou aquela merda da minha lâmpada...

O menino foi violentamente silenciado. O pano que tapava a entrada ondulou e Richards acendeu a luz. Viu Stacey e outro negro. O novo cara tinha talvez 18 anos, calculou, usava jaqueta de motoqueiro, e fitava-o com uma mistura de ódio e interesse.

Um canivete de mola estalou e brilhou na mão de Bradley.

— Se está armado, deixe cair.

— Não estou.

— Eu não acredito que... — interrompeu-se, esmigalhando os olhos. — Hei, você é o cara da Free-Vee. Destruiu a A.C.M. na Huntington Avenue. — O negror da face foi fendido por um sorriso involuntário. — Disseram que você fritou cinco policiais. Isso provavelmente quer dizer 15.

— Ele saiu do buraco do esgoto — explicou todo importante Slacey. — Eu soube logo que não era o diabo. Eu sabia que era algum brancoso filho da puta. Vai cortar ele, Bradley?

— Simplesmente, cale o bico e deixe o homem falar.

Bradley passou o resto do corpo pela porta, agachou-se desajeitado e sentou-se em frente a Richards em um caixote rachado de laranjas. Olhou para o canivete na mão, pareceu surpreso de vê-lo ainda ali, e fechou-o.

— Você é mais quente do que o sol, homem — disse, finalmente.

— Isso é verdade.

— Pra onde vai você?

— Não sei. Tenho que sair de Boston.

Bradley permaneceu ali sentado, perdido em silenciosos pensamentos.

— Você tem que ir comigo e Stacey lá pra casa. Temos que conversar e a gente não pode fazer isso aqui. Dá na vista demais.

— Tudo bem — respondeu cansadamente Richards. — Não me importo.

— Vamos pelos fundos. Os porcos estão rondando novamente. Agora, sei por quê.

Quando Bradley saiu, Stacey chutou violentamente Richards na canela. Durante um momento, ele fitou-o, sem compreender, mas depois lembrou-se. Passou três novos dólares ao menino, que os fez imediatamente desaparecer.

...Menos 064

e CONTANDO...

A MULHER ERA MUITO VELHA. Pensou que nunca vira antes uma pessoa tão velha assim. Usava um vestido caseiro de algodão estampado com um grande rasgão sob um braço. Um mamilo antigo e engelhado balançava de um lado para o outro atrás do rasgão enquanto ela preparava a refeição comprada com os novos dólares de Richards. Os dedos amarelos de nicotina cortavam, aparavam, descascavam. Os pés, achatados e com a forma de batelões por anos de vida em pé, estavam calçados em chinelas de tecido felpudo cor-de-rosa. O cabelo dava a impressão de ter sido ondulado por um ferro manejado por sua própria mão trêmula: era empurrado para trás em forma de pirâmide pela rede de cabelos torcida que se entortara na parte de trás da cabeça. O rosto era um delta do tempo, não mais parda ou preta, mas acinzentada, costurada com uma galáxia radiante de rugas, bolsas e caimentos. A boca desdentada manejava habilmente o cigarro que segurava, soprando baforadas de fumaça azul que pairavam acima e atrás dela como pequenas bolas azuis furadas. Ela fumava sem cessar em um triângulo formado pelo balcão, frigideira e mesa. As meias de algodão estavam enroladas à altura do joelho e acima deles e da bainha da saia que voava, veias varicosas sobressaíam.

O apartamento era assombrado pelo fantasma de repolho há muito tempo falecido.

No quarto distante, Cassie gritava de dor, uivava, calava-se. Bradley lhe dissera, com uma espécie de zangada vergonha, que não desse importância a ela. A irmã tinha câncer nos dois pulmões, que recentemente se espalhara pela garganta e barriga.

Stacey retirara-se para algum lugar.

Enquanto ele e Bradley conversavam, o aroma enlouquecedor de carne moída, verduras e molho de tomate começou a encher a sala, expulsando o repolho para os cantos e fazendo-o compreender como estava faminto.

— Eu podia entregar você, homem. Podia matar você e roubar esse dinheiro. Entregar o corpo. Ganhar mais mil dólares e ficar numa boa.

— Não acho que você possa fazer isso — respondeu Richards. — Eu sei que eu não poderia.

— Por que é que você está fazendo isso, afinal de contas? — perguntou irritado Bradley. — Por que está sendo o otário deles? É tão ganancioso assim?

— O nome de minha filhinha é Cathy — respondeu Richards. — Mais moça do que Cassie. Pneumonia. Chora o tempo todo, também.

Bradley permaneceu calado.

— Ela poderia melhorar. Não é como... como ela lá dentro. A pneumonia não é pior do que um resfriado. Mas é preciso remédio e um médico. Isso custa dinheiro. Quis o dinheiro da única maneira que podia consegui-lo.

— Você ainda é um otário — disse Bradley com uma ênfase seca e algo estranha. — Você está chupando metade do mundo e eles gozam em sua boca todas as noites às 6h. Neste mundo, sua garota ficaria melhor se estivesse como Cassie.

— Eu não acredito nisso.

— Então você é mais burro do que eu, homem. Uma vez, mandei um cara para o hospital com uma facada. Um cara rico. Os tiras me caçaram durante três dias. Mas você é mais burro do que eu. — Pegou um cigarro e acendeu-o. — Talvez você dure o mês inteiro. Um bilhão de dólares. Ia ter que alugar uma merda de trem de carga para transportar essa grana toda.

— Não diga palavrão. Dê graças ao Senhor — disse a velha, no outro lado da sala, cortando cenoura.

Bradley não lhe deu atenção.

— Você, sua mulher e o bebê ficariam numa boa. Você já ganhou dois dias.

— Não — negou Richards. — O jogo é viciado. Lembra-se daquelas duas coisas que eu dei a Stacey para botar no correio quando ele e sua mãe foram comprar comida? Tenho que enviar pelo correio duas delas todos os dias, antes da meia-noite.

Explicou a Bradley a cláusula de desistência e a desconfiança de que o haviam seguido até Boston pela marca do correio.

— Isso é fácil de resolver.

— Como?

— Esqueça. Depois. Como é que você vai sair de Boston? Você é

danado de perigoso. Deixou os caras fulos de raiva, explodindo aqueles tiras deles na A.C.M. Apresentaram isso na Free-Vee hoje à noite. E aquelas em que você aparece com um saco na cabeça. Aquilo foi muito vivo. Mãe! — disse irritado — Quando é que esse troço vai ficar pronto? A gente 'tá morrendo de fome bem na sua frente!

— Ela está acordando — disse a mãe.

Colocou uma tampa sobre a massa grossa, que fervia lentamente, e dirigiu-se devagar para o quarto da menina doente.

— Não sei — respondeu Richards. — Vou tentar arranjar um carro, acho. Tenho documentos falsos, mas não tenho coragem de usá-los. Vou fazer alguma coisa — usar óculos escuros — e sair da cidade. Estive pensando em ir para Vermont e de lá cruzar a fronteira para o Canadá.

Bradley grunhiu alguma coisa, levantou-se e colocou pratos na mesa.

— Por esta hora, já bloquearam todas as estradas que saem de Boston. Um homem que usa óculos escuros é o primeiro a chamar atenção. Fazem de você comida de cachorro antes que possa andar l0km.

— Neste caso, não sei o que fazer — confessou Richards. — Se ficar aqui, pegam você como cúmplice.

Bradley começou a espalhar os pratos pela mesa.

— Vamos supor que a gente consiga um carro. Você tem as verdinhas. Eu tenho um nome que não é perigoso. Há um cara na Milk Street que me vende um Wint por 300. Peço a um de meus amigos para levá-lo a Manchester. Lá vai

ser uma maré mansa porque você está cercado em Boston. Vem comer, mãe?

— Vou, e dê graças ao Senhor. — Saiu bamboleando do quarto. — Sua irmã está dormindo um pouco.

— Ótimo. — Com uma concha encheu três pratos com a massa de hambúrguer e fez uma pausa: — Onde está Stacey?

— Disse que ia à farmácia — respondeu indiferente a mãe, enfiando com uma espantosa rapidez na boca desdentada a massa de carne. Disse que ia arranjar remédio.

— Se ele for preso, quebro ele de pancada — prometeu Bradley, sentando-se pesadamente.

— Ele não vai — tranqüilizou-o Richards. — Ele tem dinheiro.

— A gente talvez não queira dinheiro de caridade, brancoso.

Richards riu e botou sal na comida.

— Eu estaria provavelmente morto agora se não fosse por ele — lembrou. — Acho que foi dinheiro ganho.

Bradley inclinou-se para frente, concentrando-se no prato. Nenhum deles falou mais até acabar a refeição. Richards e Bradley repetiram uma vez; a velha, duas. No momento em que acendiam os cigarros, uma chave arranhou na fechadura e todos ali ficaram tensos até que Stacey entrou, parecendo culpado, assustado e excitado. Trazia um saco pardo na mão e dele tirou um frasco de

remédio, que entregou à mãe.

— Isso é droga de primeira — disse. — Aquele velho, o Curry, me perguntou onde arranjei dois dólares para comprar droga de primeira e eu disse a ele que cagasse na bota e comesse a merda.

— Não diga nome feio ou o diabo vem te buscar — avisou a mãe. — Olhe aí seu jantar.

Os olhos do menino se arregalaram.

— Jesus, tem carne aí?

— Não, a gente simplesmente cagou ainda pra engrossar — explicou Bradley.

O menino olhou para ele vivamente, viu que era uma brincadeira que o irmão estava fazendo, e caiu em cima do prato.

— Esse farmacêutico vai contar aos tiras? — perguntou tranqüilamente Richards.

— Curry? Não. Não se puder haver mais alguma verdinha nesta família. Ele sabe que Cassie precisa de droga pesada.

— O que é que me diz desse negócio de Manchester?

— Isso mesmo. Bem, Vermont não serve. Não há o suficiente de nossa própria gente. Tiras duros. Vou pegar um cara bom como Rich Goleon e pedir a ele para levar aquele Wint até Manchester e deixá-lo numa garagem automática. Depois eu levo você em outro carro. — Apagou o cigarro. — Na mala. Só estão usando cães farejadores nas estradas secundárias. Nós vamos diretos pela 495.

— Isso é muito perigoso para você — lembrou Richards.

— Oh, eu não ia fazer isso de graça. Quando Cassie morrer, vai ter enterro de gente.

— Louve ao Senhor — lembrou a mãe.

— Mas ainda assim muito perigoso para você.

— Qualquer porco que grunhir com Bradley, ele obriga a cagar na bota e comer a merda — disse Stacey, enxugando a boca.

Quando olhou para Bradley, seus olhos brilharam com a luz da adoração do herói.

— Você está babando na camisa, magrelo — disse Bradley, e lhe deu um cascudo. — Já anda tocando punheta, magrelo? Você ainda não tem idade pra isso, tem?

— Se eles nos pegarem, você vai pagar caro — lembrou Richards. — Quem é que vai tomar conta do garoto?

— Ele cuidará de si mesmo, se alguma coisa acontecer — retrucou

Bradley. — Dele mesmo e da mãe, aqui. Ele não é viciado em nada, é, Stacey?

O garoto sacudiu enfaticamente a cabeça.

— E ele sabe que se eu descobrir alguma picada nos braços dele dou-lhe uma surra como ele nunca viu igual. Não é isso, Stacey?

Stacey inclinou a cabeça.

— Além disso, a gente pode usar o dinheiro. Isso 'tá machucando a família. De modo que não fale mais nada sobre isso. Acho que sei o que estou fazendo.

Richards terminou o cigarro enquanto Bradley ia até o quarto dar um pouco de remédio a Cassie.

...Menos 063

e CONTANDO...

QUANDO ACORDOU ERA AINDA NOITE e o sistema de marés interno de seu corpo colocou a hora em volta de 4:3Oh. A menina Cassie, estivera gritando e Bradley levantou-se. Os três dividiam nesse momento um quarto de fundos pequeno e ventilado por uma corrente de ar, Stacey e Richards no chão. A mãe dormia com a menina.

Abafando o ronco da respiração de Stacey cm sono profundo, ele ouviu o som de Bradley deixando o quarto. Escutou o som metálico de uma colher na pia. Os gritos da menina transformaram-se em gemidos isolados que finalmente acabaram em silêncio. Imaginou Bradley em pé em algum lugar na cozinha, imóvel, esperando o silêncio. Ele voltou, soltou um peido e as molas da cama rangeram quando ele se deitou.

— Bradley?

— O quê?

— Stacey disse que ela só tem cinco anos. É verdade?

O dialeto urbano desaparecera de sua voz, fazendo-o parecer irreal, uma criatura de sonhos.

— O que é que uma menina de cinco anos tem a ver com câncer pulmonar? Eu não sabia que tinham isso. Leucemia, talvez. Não câncer pulmonar.

Da cama partiu um risinho amargo e baixo.

— Você é de Harding, certo? Qual é a contagem da poluição atmosférica em Harding?

— Não sei — respondeu. — Não a fornecem mais com o boletim meteorológico. Não fazem isso há... poxa, não sei. Muito tempo.

— Não desde o ano 2020 em Boston — sussurrou Bradley. — As autoridades têm medo de divulgar. Você não usa filtro de nariz, usa?

— Não seja estúpido — retrucou irritado Richards. — Essas merdas de coisas custam duzentos paus, mesmo nas lojas de descontos, eu não vi duzentos paus durante todo o ano passado, você viu?

— Não — respondeu baixinho Bradley. Interrompeu-se por um momento. — Stacey tem um deles. Eu fiz um. Mãe, Rich Goleon e uns outros caras também têm.

— Você está gozando da minha cara — acusou-o Richards.

— Não, homem. — Interrompeu-se. Richards teve subitamente certeza de que Bradley estava ponderando o que já dissera contra as muito mais coisas que poderia dizer. Perguntando a si mesmo quanto muito era demais. Quando as

palavras voltaram, saíram com dificuldade: — Nós andamos lendo. Aquela merda da Free-Vee
é pra cabeças vazias.

Richards grunhiu, concordando.

— A turma, você sabe. Alguns caras são simplesmente baderneiros, sabia? Tudo que querem é um barato nos sábados à noite. Mas alguns de nós têm freqüentado a biblioteca desde que a gente tinha uns 12 anos, ou por aí.

— Aqui em Boston deixam vocês entrar sem cartão?

— Não. Ninguém consegue um cartão a menos que haja alguém com uma renda anual garantida de cinco mil dólares em sua família. A gente pegou um garoto rico bobão e roubou o cartão dele. A gente se reveza indo lá. A gente tem um uniforme de turma que usa quando vamos. — Bradley parou. — Ria de mim e eu corto você, homem.

— Não estou rindo.

— No começo, a gente só lia livros de sexo. Depois, quando Cassie adoeceu, comecei a ler esse troço sobre poluição. Depois, a gente reuniu todos os livros que havia sobre contagem de impurezas, níveis de *smog* e filtros nasais que estão na seção reservada. A gente mandou fazer uma chave usando um molde de cera. Homem, você sabia que todo mundo em Tóquio teve que usar filtro nasal desde o ano 2012?

— Não.

— Rich e Dink Moran construíram um contador de poluição. Dink tirou

o desenho de um livro e fizeram a coisa com latas de café e uns troços que tiraram de carros.
Está escondido num beco. Em 1978 havia uma escala de poluição atmosférica que ia de um a vinte. Entende?

— Entendi.

— Quando a marca chegava aos 12, as fábricas e todas as merdas que produziam poluição tinham que fechar até que o tempo mudasse. Foi lei federal até 1987, quando o Congresso Revisado revogou-a. — A sombra na cama ergueu-se sobre um cotovelo. — Aposto que conhece um bocado de pessoas que sofrem de asma, não?

— Claro — respondeu cauteloso Richards. — Eu mesmo tenho, um pouco. A gente pega *isso* no ar. Cristo, todo mundo sabe que a gente deve ficar em casa quando faz calor e está nublado e o ar não se move...

— Inversão de temperatura — observou sombriamente Bradley.

— ...e um bocado de gente pega asma, certo. O ar fica igual a xarope pra tosse em agosto e setembro. Mas câncer pulmonar...

— Você não está falando de asma — corrigiu-o Bradley. — Está falando de enfisema.

— Enfisema?

Richards revolveu a palavra na mente. Não conseguiu atribuir-lhe um significado, embora a palavra lhe fosse vagamente familiar.

— Os tecidos dos pulmões incham. O cara inspira, inspira, mas continua sem fôlego. Você conhece um bocado de gente assim, não?

Richards pensou. Conhecia. Conhecia um bocado de pessoas que haviam morrido dessa maneira.

— As autoridades não falam nessa doença — continuou Bradley, como se tivesse lido os pensamentos de Richards. — Agora, a contagem da poluição em Boston é de vinte nos melhores dias. Isso significa fumar, apenas respirando, o equivalente a quatro maços de cigarros. Num dia ruim, a poluição chega a 42. Idosos caem mortos por toda a cidade. No atestado de óbito dizem que foi asma. Mas é o ar, o ar, o ar. E estão sujando o ar com toda rapidez de que são capazes, grandes chaminés despejando fumaça nas 24 horas do dia. Os mandachuvas gostam da coisa assim.

— Esses filtros nasais de duzentos dólares não valem um pedaço de merda. São apenas dois pedacinhos de tela com um pedaço de algodão mentolado entre eles. Só isso. Os únicos que prestam são os da General Atomics. E os únicos que podem pagar por eles são os mandachuvas. Deram-nos a Free-Vee para nos tirar das ruas, de modo que a gente possa respirar até morrer sem causar problema. O que é que você acha disso? Os filtros G-A à venda custam seis mil novos dólares. Com base naquele livro, fizemos um para Stacey que custou dez dólares. Usamos uma pepita atômica do tamanho da meia-lua de sua unha. Tiramos de um aparelho de surdez que compramos numa casa de penhor por sete dólares. O que é que você acha disso?

Richards ficou calado. Não tinha o que dizer.

— Quando Cassie morrer, acha que vão botar câncer no atestado de óbito? Escreverão asma. Com medo que alguém fique com medo. Alguém pode roubar um cartão de biblioteca e descobrir que o câncer pulmonar aumentou 700% desde 2015.

— Isso é verdade? Ou você está inventando isso?

— Eu li isso num livro. Homem, eles estão nos matando. A Free-Vee está acabando com a gente. É como um mágico que leva a gente a ver os seios saindo da blusa de sua ajudante enquanto ele tira coelhos das próprias calças e os coloca numa cartola. — Parou por um momento e depois disse, sonhador: — Às vezes, penso que podia botar tudo isso a perder com dez minutos de conversa franca na Free-Vee. Contar ao povo. Mostrar. Todo mundo podia ter um filtro nasal se a Rede quisesse que tivessem.

— E eu a estou ajudando — disse Richards.

— Isso não é culpa sua. Você tem que fugir.

O rosto de Killian, e o de Arthur M. Burns, surgiram diante do olho de sua mente. Queria esmagá-los, pisá-los, andar em cima deles. Melhor ainda, arrancar-lhes os filtros nasais e soltá-los nas ruas.

— O povo está louco — disse Bradley. — Está louco com os brancosos há trinta anos. Tudo de que precisa é de uma razão. Uma razão... uma única razão...

Richards caiu no sono com a palavra ainda lhe ecoando nos ouvidos.

...Menos 062

e CONTANDO...

PERMANECEU TODO O DIA NA CASA enquanto Bradley saía para providenciar o carro e combinar com outro membro da turma para levá-lo a Manchester.

Ele e Stacey voltaram às 6h. Bradley indicou a Free-Vee com o polegar.

— Tudo arranjado, homem. Vamos hoje à noite.

— Agora?

Bradley riu sem alegria.

— Não quer se ver no programa costa-a-costa?

Richards descobriu que queria e quando O *Sobrevivente* entrou no ar ficou olhando, fascinado.

De um posto em um mar de escuridão, Bobby Thompson olhou impassível para a câmera.

— Olhem — disse. — Esse é um dos lobos que andam entre vocês.

Uma enorme ampliação do rosto dele, Richards, apareceu na tela. Ficou ali durante um momento e em seguida foi substituída por uma segunda foto, desta vez no disfarce de John Griffen Springer.

A imagem dissolveu-se e Thompson voltou, parecendo grave:

— Hoje à noite dirijo-me especialmente ao povo de Boston. Ontem à tarde, cinco policiais morreram horrível e tragicamente nas chamas do subsolo da A.C.M. em Boston às mãos desse lobo, que preparara uma hábil e implacável armadilha. Onde estará ele hoje à noite? *Onde* está ele hoje à noite? Olhem! Olhem para ele!

Thompson projetou os dois primeiros *clipes* que ele filmara naquela manhã. Stacey colocara-os em uma caixa do correio na Cornmonwealth Avenue, do outro lado da cidade. Ele mandara a mãe segurar a câmera depois de tapar a janela e cobrir toda a mobília.

— Todos vocês que assistem a isso — disse lentamente a sua imagem. — Não os técnicos, não as pessoas que moram em coberturas — não me refiro a vocês, seus merdas. Falo a vocês que moram nos Projetos Habitacionais, nos guetos, nos arranha-céus baratos. A vocês, motoqueiros. A vocês, desempregados. Seus filhos estão sendo presos por drogas que vocês não têm e por crimes que vocês não cometeram porque a Rede quer ter certeza de que vocês não estão se reunindo e conversando. Quero lhes falar sobre uma monstruosa conspiração para privá-los do próprio ar...

O áudio tornou-se de repente uma mistura de chiados, pipocos e gargarejos. Um momento depois, o som desapareceu inteiramente. A sua boca continuava a mover-se mas nenhum som saía dela. Parece que perdemos nosso áudio — disse Bobby Thompson suavemente —, mas não precisamos ouvir mais os disparates radicais desse assassino para compreender com quem estamos tratando, precisamos?

— *Não!* — berrou a platéia.

— O que é que farão vocês, se o virem em *sua* rua?

— ENTREGAREMOS!

— E o que é que nós vamos fazer quando o encontrarmos?

— MATÁ-LO!

Richards esmurrou o braço cansado da única espreguiçadeira que havia na sala de estar-cozinha.

— Esses filhos da puta — disse, impotente.

— Você pensava que deixariam você no ar com aquilo que estava dizendo? — perguntou zombeteiro Bradley. — Oh, não, homem. Estou até surpreso de terem deixado você falar tanto quanto falou.

— Eu não pensava... — respondeu enojado Richards.

— Não, acho que não — concordou Bradley.

O primeiro *clipe* foi substituído pelo segundo. Nesse instante, ele pedia aos espectadores que tomassem de assalto as bibliotecas, exigissem cartões de freqüência, descobrissem a verdade. Lera uma lista de livros que tratavam da poluição do ar e da água e que lhe fora fornecida por Bradley.

Sua imagem na tela abriu a boca.

— Fodam-se, todos vocês — disse a imagem. Os lábios pareciam estar pronunciando palavras diferentes, mas quantos entre duzentos milhões de espectadores iam notar isso? — Fodam se todos os policiais. Foda-se a Comissão dos Jogos. Vou matar todo policial que encontrar. Vou...

Houve mais, o suficiente para querer tapar os ouvidos e sair correndo da sala. Não conseguia saber se aquilo era a voz de um imitador ou um discurso manipulado de pedaços de fita de áudio ligados de forma proposital.

O *clipe* foi substituído por uma tela dividida, onde apareciam o rosto de Thompson e uma foto posada dele, Richards.

— Olhem para esse homem — insistiu Thompson. — O homem que mataria. O homem que mobilizaria um exército de descontentes como ele mesmo para provocar distúrbios em suas ruas, estuprando, queimando, derrubando. O homem mentiria, enganaria, mataria. Ele fez tudo isso.

— Benjamin Richards! — A voz soou numa ira fria, imperiosa, de Velho Testamento. — Você está assistindo? Se está, você ganhou seu sujo dinheiro sanguinolento. Cem dólares por cada hora — neste momento, 54 — em que você permanece à solta. E quinhentos dólares extras. Cem por cada um desses cinco homens.

Os rostos de policiais jovens, de fisionomias honestas, começaram a aparecer na tela. Aparentemente, as fotos haviam sido tiradas durante o ensaio de formatura na Academia de Polícia. Pareciam novos, cheios de energia e esperança, dolorosamente vulneráveis. Baixinho, uma única corneta começou a tocar o toque do silêncio.

— E estas... — a voz de Thompson baixara de tom e estava rouca de emoção — e estas são as famílias deles.

Esposas, sorrindo cheias de esperança. Crianças que haviam sido treinadas para sorrir para a câmera. Um bocado de crianças. Richards, com frio, doente, repugnado, baixou a cabeça e levantou as costas da mão à boca.

A mão quente e musculosa de Bradley fechou-se em volta de seu pescoço.

— Hei, não. Não, homem. Isso é fabricado. Tudo isso é mentira. Eles, com toda probabilidade, foram um bando de burros velhos que...

— Cale essa boca — bradou Richards. — Oh, cale a boca. Por favor, cale a boca.

— Quinhentos dólares — dizia nesse momento Thompson, um ódio e desprezo imenso transparecendo-lhe na voz. O rosto de Richards voltou à tela, frio, duro, destituído de toda emoção, salvo uma expressão de sede de sangue que parecia estar principalmente nos olhos. — Cinco policiais, cinco esposas, 19 filhos. Isso equivale a apenas 17 dólares e 25 centavos por cada um dos mortos, dos despojados de pessoas queridas, dos que estão com o coração partido. Oh, sim, você trabalha barato, Ben Richards. Até mesmo Judas recebeu trinta moedas de prata, mas você nem mesmo exige isso. Em algum lugar, neste exato momento, uma mãe está dizendo ao filhinho que papai nunca mais voltará para casa porque um homem desesperado, ganancioso, com uma arma na mão...

— Assassino! — soluçou uma mulher. — Assassino vil, sujo! Deus o fulminará!

— Fulmine-o! — A audiência pegou o refrão. — Olhem para ele! Ele recebeu sua paga sangrenta — mas o homem vive pela violência e pela violência morrerá. E que a mão de todos os homens se levantem contra Benjamin Richards! Ódio e medo em todas as vozes, subindo em um rugido contínuo, vibrante. Não, eles não o entregariam. Reduzi-lo-iam a migalhas quando o vissem. Bradley desligou a televisão e voltou-se para ele.

— É isso o que você está enfrentando, homem. O que é que acha?

— Talvez eu os mate — respondeu Richards, em voz pensativa. — Talvez, antes que acabem comigo, eu suba ao 90º andar daquele edifício e cace os vermes que escreveram aquilo. Talvez eu simplesmente mate todos eles.

— Não fale mais! — explodiu alucinado Stacey. — Não fale mais nisso.

No outro cômodo, Cassie dormia seu sono drogado, de moribundo.

...Menos 061

e CONTANDO...

BRADLEY NÃO OUSARA ABRIR BURACOS NO CHÃO DA MALA e Richards teve que assumir a forma de uma lastimosa bola, com a boca e o nariz colados à pequena ranhura de luz do buraco da fechadura. Mas Bradley puxara também parte do isolamento interno em volta da tampa, de modo a permitir a entrada de uma pequena corrente de ar.

O carro ergueu-se com uma sacudidela e ele bateu com a cabeça na parte superior. Bradley lhe dissera que a viagem duraria pelo menos uma hora e meia, com duas paradas, talvez mais, em barreiras na estrada. Antes de fechar a mala, entregou um revólver de grosso calibre a Richards.

— A cada décimo ou décimo segundo carro, a polícia faz uma vistoria rigorosa — explicou. — Abre a mala e fuça por aí. Mas são boas as chances, de 11 a 1. Se não der certo, meta bala nos porcos.

O carro corcoveou e pairou por cima das ruas cheias de buracos, rachadas, do centro da cidade. Em certa ocasião, um garoto disse alguma coisa zombeteira, seguida pela pancada de um pedaço da pavimentação, que jogou no veículo. Logo depois, os sons de tráfego cada vez mais intenso e paradas mais freqüentes nos sinais de trânsito.

Ele permaneceu passivamente em seu lugar, segurando com força o

revólver na mão direita e pensando como Bradley parecera diferente no uniforme da turma. Era uma Dillon Street sóbria, tipo jaquetão, tão cinzenta como as paredes de um banco. Era arrematada em marrom e exibia um pequeno broche da Associação Nacional para o Progresso das Gentes de Cor. Bradley dera um salto enorme da aparência de sujo membro da turma (mulheres grávidas, cuidado, alguns de nós comem fetos) para um sério homem de negócios negro que sabia exatamente a quem devia imitar.

— Você está bacana — dissera Richards, admirando-o. — Para dizer a verdade, absolutamente inacreditável.

— Louve ao Senhor — disse a mãe.

— Eu pensei que você ia gostar dessa transformação, meu bom homem — respondeu Bradley com tranqüila dignidade. — Como sabe, sou o gerente distrital da Raygon Chemicals. Fazemos excelentes negócios nesta área. Ótima cidade, Boston. Imensamente cordial.

Stacey estourou em risinhos.

— É melhor que cale essa boca, crioulo — repreendeu-o Bradley —, ou obrigo-o a cagar na bota e comer a merda.

— Você imita tão bem, Bradley — disse Stacey, ainda rindo e em nada intimidado. — Você tá mesmo bonito pra burro.

Nesse momento o carro virou para a direita, passou para outra superfície, engatou uma marcha mas depois parou bruscamente. Uma voz, horrivelmente perto, gritava com monótona regularidade:

— Encostem... preparem a carteira de habilitação e o registro de propriedade do carro... encostem... preparem...

Já. Começando já.

Você é tão perigoso, homem.

Suficientemente perigoso para justificar a vistoria de um carro em cada oito? Ou seis? Ou talvez todos?

O carro parou inteiramente. Os olhos de Richards moveram-se nas órbitas como coelhos presos numa armadilha. Apertou com força o cano do revólver.

...Menos 060

e CONTANDO...

— DESÇA DE SEU VEÍCULO, SENHOR — dizia a voz entediada e autoritária. — Carteira de habilitação e registro do carro, por favor.

Uma porta foi aberta e fechada. O motor ronronava baixinho, mantendo o carro a 2,5cm do piso da estrada.

— ...gerente distrital da Raygon Chemicals...

Bradley fazendo seu número de palco. Deus do céu, e se ele não tivesse documentos para confirmar aquilo?

A porta de trás foi aberta e alguém começou a fuçar ali atrás. Pareceu-lhe que o tira (ou era um miliciano estadual, perguntou a si mesmo Richards confusamente) ia rastejar para dentro da mala e ficar ali com ele.

A porta bateu. Pés andaram até a traseira do carro. Richards passou a língua pelos dentes e segurou com mais força o revólver. Visões de policiais mortos tremeram em sua frente, rostos angélicos em corpos contorcidos, porcinos. Especulou se o tira ia borrifá-lo com balas de metralhadora quando abrisse a mala e o visse ali enrodilhado como uma salamandra. E conjecturou também se Bradley daria no pé, tentaria fugir. Ele ia se mijar. Não fizera isso

desde criança quando o irmão mais velho coçava-o até que a bexiga se soltasse. Sim, todos aqueles músculos ali embaixo estavam se soltando. Meteria uma bala exatamente na junção do nariz e testa do guarda, espalhando pelo céu miolos e estilhaços de crânio. Faria mais alguns órfãos. Sim. Bom. Jesus me ama, isso eu sei, porque minha bexiga está dizendo isso. Cristo, Jesus, o que é que ele está fazendo, rasgando o assento do carro? Sheila, eu te amo tanto e quanto tempo durarão seis mil dólares? Um ano, talvez, se não a matarem para roubá-los. Depois, de volta às ruas, subindo e descendo, cruzando esquinas, rebolando as nádegas, flertando com bolsos vazios. Hei, moço, eu chupo, esta cidade é limpa, garoto, eu lhe ensino...

Uma mão, de passagem, bateu casualmente na tampa da mala. Richards abafou um grito. Poeira nas narinas, garganta coçando. Biologia na escola secundária, sentado na última fila, riscando suas iniciais e as de Sheila no tampo antigo da carteira. *O espirro é uma função dos músculos lisos.* Vou espirrar como um desgraçado, mas será ainda um tiro à queima-roupa e posso meter aquela bala exatamente no coco dele e...

— O que é que há aí na mala, moço?

Ouviu a voz de Bradley, divertida, um pouco entediada:

— Um cilindro de reserva, mas não muito bom. A chave está na corrente. Espera aí que vou buscá-la.

— Se eu a quisesse, tinha pedido.

Foi aberta e fechada outra porta traseira.

— Siga em frente.

— Agüenta aí, guarda. Tomara que pegue o cara.

— Siga em frente, moço. Te manda.

Os cilindros detonaram. O carro ergueu-se no ar e acelerou. Reduziu a marcha uma vez e deve ter sido mandado seguir com um gesto. Richards sacudia-se um pouco enquanto o carro subia, deslizava um pouco e engatava marcha. A respiração lhe saía do peito em cansados pequenos gemidos. Não precisava mais espirrar.

...Menos 059

e CONTANDO...

A VIAGEM APARENTEMENTE DEMOROU MUITO MAIS do que hora e meia e foram mandados parar mais duas vezes. Uma delas pareceu ser um controle rotineiro de carteira de motorista. Na seguinte, um policial sem pressa e voz monótona conversou um pouco com Bradley, dizendo que aqueles safados motoqueiros comunistas estavam ajudando aquele cara, Richards, e possivelmente o outro, também. Laughlin não matara ninguém, mas corria o boato que estuprara uma mulher em Topeka.

Depois disso, nada mais houve, salvo o chiado cansativo do vento e o grito de seus próprios músculos imobilizados em câimbras. Não dormiu, mas a mente torturada finalmente colocou-o num estado de aturdida semi-consciência. Não havia desprendimento de monóxido de carbono nos carros aéreos, graças a Deus por isso.

Séculos depois da última barreira de estrada, o carro reduziu para uma marcha mais baixa e inclinou-se subindo uma rampa de saída em espiral. Richards pestanejou lentamente e pensou se iria vomitar. Pela primeira vez em sua vida, sentia enjôo em um carro.

Passaram por uma série revoltante de voltas e mergulhos que achou que era um trevo rodoviário. Mais cinco minutos e sons de cidade voltaram. Repetidamente, tentou virar o corpo para uma nova posição, mas não conseguiu. Finalmente, parou, esperando embotadamente que aquilo terminasse. O braço

direito, dobrado sob o corpo, fora dormir há uma hora. Nesse momento transmitia a sensação de ser um bloco de madeira. Podia tocá-lo com a ponta do nariz, mas só sentia a pressão no nariz.

Tomaram uma passagem à direita, seguiram em reta durante algum tempo e depois viraram novamente. O estômago de Richards deu cambalhotas quando o carro mergulhou numa ladeira íngreme. O eco produzido pelo motor disse-lhe que estavam dentro de uma estrutura. Haviam chegado à garagem.

Um baixo e impotente som de alivio escapou-lhe dos lábios.

— Pegou seu tíquete de estacionamento, moço? — perguntou uma voz.

— Aqui mesmo, companheiro.

— Rampa 5.

— Obrigado.

Viraram a direita. O carro subiu, parou, virou novamente à direita e depois para a esquerda. O motor rodou um pouco em marcha lenta e o carro logo arriou-se com uma batida suave quando o motor parou. Fim de viagem.

Seguiu-se um momento de silêncio e então o som oco da porta de Bradley abrindo e fechando. Passos dele em direção à mala e a fresta de luz na frente de seus olhos apagou-se quando ele introduziu a chave na fechadura.

— Você está aí, Bennie?

— Não — grasnou ele. — Você me deixou lá na fronteira do estado. Abra esta merda.

— Apenas um momento. O local está deserto agora. Seu carro está estacionado junto ao nosso. À direita. Você pode sair daí rapidamente?

— Não sei.

— Faça todo possível. Lá vamos nós.

A tampa da mala subiu, deixando entrar a mortiça luz da garagem. Richards levantou-se, apoiando-se num braço, passou uma perna sobre a borda, e não conseguiu ir adiante. O corpo endurecido pelas câimbras berrou de dor. Bradley segurou-lhe um braço e puxou-o para fora. As pernas começaram a fechar-se em canivete. Bradley pegou-o pelo sovaco e em parte levou e em parte carregou-o até o amassado Wint verde à direita. Abriu a porta do motorista, empurrou-o para dentro e fechou-a com um estrondo. Um momento depois, Bradley entrou também suavemente.

— Jesus — disse em voz baixa. — Nós chegamos aqui, homem. Nós chegamos aqui.

— É isso aí — respondeu Richards. — De volta à estrada. Mais duzentos dólares a cobrar.

Fumaram ali na escuridão, as pontas de seus cigarros brilhando como olhos. Durante algum tempo, nenhum deles falou.

...Menos 058

e CONTANDO...

— A GENTE QUASE SE FERRA NA PRIMEIRA BARREIRA — contava nesse momento Bradley, enquanto Richards tentava com massagem restabelecer a circulação e a sensação no braço, que parecia cheio de pregos fantasmas. — Aquele tira quase abriu a mala. Quase.

Exalou uma grande nuvem de fumaça. Richards ficou calado.

— Como é que você se sente? — perguntou em seguida Bradley.

— Está melhorando. Tire por mim minha carteira. Não consigo mover direito ainda o braço.

Com um gesto, Bradley ignorou-lhe as palavras.

— Depois. Quero lhe contar como Rich e eu armamos este troço.

Richards acendeu outro cigarro com a bagana do primeiro. Uma dezena de câimbras começavam a se desatar lentamente.

— Há um quarto de hotel reservado para você na Winthrop Street. O nome do lugar é Winthrop House. Parece coisa fina, mas não é. O nome é Ogden Grassner.
Pode gravar o nome?

— Posso. E vou ser reconhecido imediatamente.

Bradley estendeu a mão para o assento traseiro, pegou uma caixa e deixou-a cair no colo de Richards. Era comprida, marrom, amarrada com barbante. Para Richards, pareceu uma daquelas caixas em que vinham becas alugadas para formatura. Olhou interrogativamente para Bradley.

— Abra-a.

Abriu-a. Encontrou óculos grossos, vidros azuis, em cima de um bocado de tecido preto. Colocou os óculos no painel e tirou o traje. Uma batina de padre. Embaixo dela, no fundo da caixa, um rosário, uma Bíblia, e uma estola escarlate.

— Padre? — perguntou.

— Isso. Você muda de roupa aqui mesmo. Eu lhe ajudo. Há uma bengala aí no assento traseiro. Você não banca o cego, mas quase. Bate em coisas. Está em Manchester para comparecer a uma reunião do Conselho das Igrejas, que vai tratar da questão do abuso de drogas. Manjou?

— Manjei — retrucou Richards. Hesitou, os dedos nos botões da camisa. Uso minhas calças por baixo desta saia?

Bradley estourou numa gargalhada.

...Menos 057

e CONTANDO...

BRADLEY FALAVA RÁPIDO, enquanto o conduzia para o outro lado da cidade.

— Há uma caixa de rótulos gomados do correio em sua valise — disse. — Ela está na mala do carro. As etiquetas dizem: "Após cinco dias, voltar a Brickhill Manufacturing Company, Manchester, N.H." Rich e outro cara prepararam esse troço. Nós temos uma prensa na sede dos Estaqueadores, na Boylston Street. Todos os dias, você me envia suas duas fitas em uma caixa com uma dessas etiquetas. Eu as mandarei para os Jogos, a partir de Boston. Envie o material por Via Expressa. Esse macete eles nunca vão descobrir.

O carro aproximou-se vagarosamente do meio-fio da Winthrop House.

— Este carro vai voltar para aquele estacionamento de onde saímos. Não tente sair nele de Manchester, a menos que mude seu disfarce. Você vai ter que ser um camaleão, homem.

— Por quanto tempo você acha que vou ficar seguro aqui? — perguntou Richards. E pensou: coloquei-me nas mãos dele. Aparentemente, não conseguia mais, sozinho, pensar racionalmente. Sentia exaustão mental em si mesmo como quem sente um odor corporal.

— Sua reserva é por uma semana. Isso pode ser legal. Pode não ser. Comporte-se de acordo com as circunstâncias. Há um nome e um endereço na valise. De um cara em Portland, Maine. O pessoal de lá esconderá você por um ou dois dias. Vai custar uma nota, mas eles são de confiança. Vou ter que me mandar, homem. Esta é uma zona de estacionamento de cinco minutos. Tempo de falar de dinheiro.

— Quanto? — perguntou Richards.

— Seiscentos.

— Conversa fiada. Isso não cobre as despesas.

— Cobre, sim. E sobram uns paus pra família.

— Aceite mil.

— Você vai precisar do dinheiro, meu chapa.

Richards fitou-o, perdido.

— Cristo, Bradley...

— Mande mais pra gente, se puder. Mande um milhão. Bote a gente numa boa.

— Você acha que vou conseguir?

Bradley apenas sorriu de leve, tristemente, e nada disse.

— Então, por quê? — perguntou secamente Richards. — Por que está fazendo tanto por mim? Posso compreender que tenha me escondido. Eu faria isso. Você deve ter quebrado o braço de sua turma.

— Ela não se importa. Ela conhece o placar.

— Que placar?

— Zero a zero. Esse placar. Se a gente não se arrisca por nós mesmos, eles nos pegam. Nem precisa esperar que o ar poluído acabe com a gente. Do jeito que está a coisa, é como se a gente ligasse um cano do fogão até a sala, ligasse a Free-Vee, e esperasse.

— Alguém vai matá-lo — disse Richards. — Alguém vai alcagüetá-lo e você terminará num porão com as tripas de fora de tanta pancada. Ou Stacey. Ou a mãe.

Os olhos de Bradley brilharam mortiços.

— Mas um dia ruim está se aproximando. Um dia ruim para os vermes que andam por aí com as tripas cheias de rosbife. Para eles, vejo sangue na lua. Armas e tochas. Um amuleto poderoso que anda e fala.

— Pessoas vêm vendo essas coisas há dois mil anos.

A campainha de cinco minutos disparou e Richards tenteou à procura da maçaneta da porta.

— Obrigado — disse. — Não sei como dizer isso de outra maneira...

— Vá embora antes que me dêem uma multa — disse Bradley. Uma forte e escura mão morena agarrou a batina. — E quando eles o pegarem, leve alguns com você.

Richards abriu a porta traseira e acionou o mecanismo para abrir a mala do carro e poder pegar a sacola preta que estava ali dentro. Sem uma palavra, Bradley entregou-lhe a bengala.

Suavemente, o carro entrou no fluxo do tráfego. Richards permaneceu um momento ali no meio-fio, observando-o afastar-se — observando-o como um míope, esperava. As luzes traseiras brilharam uma vez na esquina e logo o carro desapareceu, de volta ao pátio de estacionamento, onde Bradley o deixaria e pegaria o outro para voltar a Boston.

Richards sentiu uma sensação estranha de alívio e deu-se conta de que nela havia empatia por Bradley — *como ele deve estar satisfeito por ter se livrado de mim, finalmente!*

Obrigou-se a errar o primeiro degrau ao subir a entrada da Winthrop House e o porteiro ajudou-o.

...Menos 056

e CONTANDO...

PASSARAM-SE DOIS DIAS.

Desempenhou bem seu papel — isto é, como se sua vida dependesse disso. Nas duas noites, jantou no quarto. Acordava às 7h, lia a Bíblia na sala de espera e em seguida seguia para a "reunião". O pessoal do hotel tratava-o com uma fácil e desdenhosa cordialidade — o tipo reservado para religiosos meio cegos, desajeitados (mas que pagavam suas contas) nesse dia de assassinato legalizado limitado, guerra bacteriológica no Egito e na América do Sul, e a mal-afamada lei de Nevada, que dava à mulher o direito de matar apenas um feto. O Papa era um velho gagá de 96 anos cujas bulas idiotas a respeito desses fatos correntes eram divulgadas como matéria final humorística nos noticiários das 7h.

Comparecia às suas "reuniões" de um homem só em um cubículo alugado de biblioteca, com a porta fechada, onde lia sobre poluição. Era pouca a informação posterior ao ano 2002 e o que havia não combinava muito bem com o que fora escrito antes. O governo, como sempre, estava realizando um tardio mas eficiente trabalho de assimilar opiniões contraditórias.

Ao meio-dia, dirigia-se à lanchonete na esquina de uma rua que não ficava muito longe do hotel, colidindo com pessoas e pedindo desculpas em seu caminho. Algumas pessoas diziam: não há do quê, padre. A maioria simplesmente soltava um palavrão indiferente e empurrava-o para o lado.

Passava as tardes no quarto e jantava assistindo O *Sobrevivente*. Pelas manhãs, despachara os quatro *clipes* enquanto se dirigia à biblioteca. A nova remessa a partir de Boston parecia correr normalmente.

Os produtores do programa haviam adotado uma nova tática para lhe combater a mensagem antipoluição (ele persistia nelas com uma espécie de sorridente frenesi — e tinha, afinal de contas, de estar sendo compreendido por quem sabia ler lábios): nesse momento a platéia abafava a voz com uma tempestade crescente de sarcasmo, vaias, gritos, obscenidades, e palavrões. O som que ela produzia tornava-se cada vez mais alucinado, feio até parecer coisa de dementes.

Nas longas tardes, refletia que uma mudança involuntária lhe ocorrera nesses cinco dias de fuga. Fora Bradley quem fizera isso — Bradley e irmãzinha dele. Não era mais apenas ele, um solitário lutando pela sua família, com os dias contados. Nesse momento havia todos eles lá fora, lutando para respirar — sua família incluída.

Nunca fora um homem de pendores sociais. Cheio de desprezo e nojo evitara as chamadas cruzadas nobres. Eram empreendidas por trouxas simplórios demais e por pessoas com tempo e dinheiro demais, como aqueles estudantes de faculdade metidos a sebo com seus *buttons* chocantes e seus grupos de *neo-rock*.

Seu pai mergulhara na noite quando ele tinha cinco anos de idade. Fora jovem demais naquela época para lembrar-se de alguma coisa, salvo em cenas isoladas.

Nunca odiara o pai por aquilo. Compreendia muito bem que um homem defrontado pela opção entre orgulho e responsabilidade quase sempre escolhe o orgulho — se a responsabilidade rouba-lhe a masculinidade. Um homem pode ficar e ver a mulher ganhando o dinheiro da ceia deitada de costas. Se ele não pode fazer mais do que servir de cáften para a mulher com quem casou, achava, bem que podia saltar de uma alta janela.

Entre os cinco e os 16 anos vivera de biscates, ele e seu irmão Todd. A mãe falecera de sífilis quando tinha dez anos e Todd sete. Todd fora morto cinco anos depois quando o caminhão a ar de um jornal perdera os freios de emergência em uma ladeira, enquanto Todd o carregava. A municipalidade jogara mãe e filho no Crematório Municipal. Os garotos da rua chamavam-no de Fábrica de Cinzas ou Leiteria. Eram garotos revoltados mas desamparados, sabendo muito bem que, com toda probabilidade, acabariam sendo vomitados pelas chaminés no ar da cidade. Aos 16 anos, sozinho no mundo, trabalhava como limpador de motores, em um turno completo de oito horas, após as aulas. A despeito dessa vida sacrificada e ocupada, sempre sentira um pânico constante por saber que era só e desconhecido, merda na corrente. Acordava às vezes às 3h da manhã com o cheiro de repolho podre no apartamento de um único cômodo numa casa de cômodos, terror instalado na câmara mais profunda de sua alma. Não tinha ninguém.

E, assim, casara. Sheila passara o primeiro ano em orgulhoso silêncio, enquanto seus amigos (e os inimigos que fez ao se recusar a participar de expedições de vandalismo e de entrar para uma turma local) esperavam que chegasse o Expresso do Útero. Quando não chegou, o interesse diminuiu, foram abandonados no limbo particular reservado aos recém-casados em Co-Op City. Poucos amigos e um círculo de conhecidos que chegava apenas até onde ia a sombra de seu próprio prédio. Não se importara com isso, era-lhe conveniente. Entregou-se de corpo e alma ao trabalho, com uma sorridente intensidade, fazendo horas extras quando havia oportunidade. Os salários eram baixos, não havia oportunidade de promoção e a inflação corria à solta — mas eles se amavam. Continuaram a se amar, e por que não? Ele era aquele tipo de homem solitário que pode despejar quantidades gigantescas de amor, afeição, e, talvez, dominação psíquica sobre a mulher que escolhera. Até esse ponto, suas emoções haviam permanecido praticamente intocadas. Em 11 anos de casamento nunca haviam discutido a sério.

Deixou o emprego em 2018 porque as probabilidades de ter filhos diminuíam com cada turno de trabalho atrás dos escudos anti-radiação antigos e cheios de vazamentos da G-A. As coisas poderiam ter ocorrido bem se houvesse respondido com uma mentira à magoada pergunta do contramestre: “Por que é que está pedindo suas contas?” Ele, porém, simples e claramente, lhe dissera o que pensava da General Atomics, terminando com um convite ao contramestre para tirar todos seus escudos anti-raios gama e dar uma cagada ao contrário com

eles. A coisa terminou em uma briga curta e selvagem. O contramestre era musculoso e parecia durão, mas ele o fizera chorar como uma mulher.

A bola preta começara a rolar. Ele é perigoso. Evitem-no. Se precisar muito de um operário, contrate-o por uma semana e depois mande-o embora. No jargão da G-A ele estava virando Vermelho.

Nos cinco anos seguintes, passara um bocado de tempo carregando e distribuindo jornais, mas o trabalho rareara e finalmente desaparecera. A Free-Vee liquidara, com grande eficiência, a palavra impressa. Começou a ser mandado a andar pela polícia. Trabalhava apenas intermitentemente.

Os grandes movimentos da década passaram por ele, ignorados, como passam os fantasmas para os descrentes. Nada soube sobre o Massacre das Donas-de-Casa em 24 até que sua mulher lhe contou o fato, três semanas depois — duzentos policiais armados com metralhadoras e chicotes elétricos de alta potência repelira um exército de mulheres que marchava na direção do Southwest Food Depository. Sessenta haviam sido mortas. Vagamente, sabia que gás que ataca o sistema nervoso estava sendo usado no Oriente Médio. Mas nada disso o afetava. Protestos em nada resultavam. Nem violência. O mundo era o que era e Ben Richards movia-se nele como uma fina foice, nada pedindo, procurando trabalho. Conseguiu uma centena de nojentos trabalhos de um dia ou meio dia. Trabalhou limpando limo que parecia geléia sob ancoradouros e fossas sanitárias quando outros que andavam pelas ruas e que honestamente pensavam que procuravam emprego nada faziam.

— Ande, verme. Desapareça. Nada de emprego. Fora. Circule. Mova-se.

Depois, as possibilidades de trabalho secaram. Era impossível arranjar qualquer coisa. Um cara rico, usando camisa de seda, bêbado, abordara-o na rua certa noite, enquanto ele ia se arrastando para casa após um dia infrutífero, e lhe dissera que lhe daria dez novos dólares se baixasse a calça e ele pudesse ver se esses anormais de rua tinham realmente paus de 35cm de comprimento.

Derrubara o homem com um soco e fugira dali.

Mas então, depois de nove anos de tentativas, Sheila engravidara. Ele era um limpador de motores, dizia o pessoal do prédio. Você pode acreditar que ele tenha sido limpador durante seis anos e ainda seja capaz de engravidar uma mulher? Vai ser um monstro, diziam os moradores do prédio. Com duas cabeças e sem olhos. *Radiação, radiação, seus filhos serão monstros...*

Mas, em vez de monstros, fora Cathy quem nascera. Redondinha, perfeita, gritalhona. Trazida ao mundo por uma parteira que morava no quarteirão e que recebera cinqüenta centavos e quatro latas de feijão.

Naquele momento, pela primeira vez desde que o irmão morrera, estava ao léu novamente. Toda a pressão (até mesmo, temporariamente, a pressão da caçada) fora removida.

Sua mente e raiva voltaram-se para a Federação dos Jogos, com seu imenso e potente elo de comunicação com o mundo inteiro. Pessoas gordas munidas de filtros nasais passando as noites com mulheres que usavam calcinha de seda. Que a guilhotina caísse. E caísse. E caísse. Ainda assim, não haveria maneira de pegá-los, elevavam-se muito acima deles, mal entrevistos, como o próprio Edifício dos Jogos.

Ainda assim, por ser quem era e porque estava sozinho e mudando, pensou nisso. Não sabia, sozinho no quarto, que enquanto pensava nisso ele sorria um enorme sorriso branco de lobo que em si mesmo parecia suficiente para provocar afundamentos em ruas e derreter prédios. Era o mesmo sorriso que tivera naquele dia quase esquecido em que derrubara um ricaço e depois fugira com os bolsos vazios e a mente queimando.

...Menos 055

e CONTANDO...

A SEGUNDA-FEIRA FOI EXATAMENTE IGUAL AO DOMINGO — o dia de trabalho não era muito diferente de qualquer feriado — até às 6:30h.

O padre Ogden Grassner pediu no quarto um jantar de Pão de Carne Supremo (a cozinha do hotel, que teria parecido execrável a qualquer pessoa acostumada a algo melhor do que hambúrgueres em lanchonetes e pílulas concentradas, parecia-lhe maravilhosa), com uma garrafa de vinho Thunderbird, e depois sentou-se para apreciar O *Sobrevivente*. O primeiro bloco, tratando dele mesmo, foi muito parecido com os das duas noites anteriores. O áudio na fita foi abafado pelo áudio da audiência. Bobby Thompson mostrou-se educado e virulento. Uma busca de casa em casa estava sendo realizada em Boston. Quem quer que estivesse escondendo o fugitivo seria executado. Sorriu sem alegria quando a rede passou a apresentar um comercial. A situação não era tão ruim assim, era até mesmo engraçada, de maneira limitada. Poderia agüentar qualquer coisa, se não apresentassem novamente os policiais mortos.

Já a segunda parte do programa teve caráter inteiramente diferente. Thompson sorria largamente.

— Depois das últimas fitas que nos foram enviadas pelo monstro que atende pelo nome de Ben Richards, é um prazer dar a vocês algumas boas notícias...

Haviam pegado Laughlin.

Ele fora visto em Topeka na sexta-feira, mas uma intensa busca realizada na cidade no sábado e domingo não havia lhe levantado o paradeiro. Supusera que Laughlin escapara pelo cordão de isolamento como ele mesmo fizera. Naquela tarde, porém, Laughlin fora visto por duas crianças. Estivera se escondendo em um telheiro do Departamento de Estradas de Rodagem. Em algum lugar, ele fraturara o punho direito.

Os meninos, Bobby e Mary Cowles foram mostrados pela câmera, rindo alegremente. Bob Cowles era banguelo.

Orgulhosamente, Thompson anunciou que Bobby e Mary, "Os cidadãos Número Um" de Topeka, compareceriam ao O *Sobrevivente* na noite seguinte, quando receberiam o Certificado de Mérito, um suprimento de cereal por toda vida do cereal FunTwinks, e um cheque de mil novos dólares das mãos do governador Hizzoner, do Kansas. O anúncio provocou entusiásticos aplausos da platéia.

Seguiam-se fitas do corpo esburacado de balas, de Laughlin, afundado na cintura sendo tirado do telheiro, que fora reduzido a um monte de gravetos pelo fogo concentrado. A audiência do estúdio saudou as centenas com uma mistura de aplausos, vaias e assovios.

Desviou a vista, repugnado. Nesse momento, dedos invisíveis pressionaram-lhe as têmporas.

De alguma distância, palavras continuavam a rolar. O corpo estava sendo exibido no salão nobre da assembléia estadual do Kansas. Longas filas de cidadãos começavam já a desfilar por ali, para ver o morto. Um policial entrevistado, que participara da execução, disse que Laughlin não resistira lá grande coisa.

Ah, que bom para você, pensou, lembrando-se de Laughlin, da voz amarga, cabeça estreita, expressão zombeteira nos olhos.

Nesse momento só havia um único grande programa no ar. O grande programa era Ben Richards. Não quis saber mais do Pão de Carne Supremo.

...Menos 054

e CONTANDO...

NAQUELA NOITE TEVE UM PESADELO MUITO RUIM, o que era incomum. O velho Ben Richards nunca sonhava.

O mais estranho de tudo fora o fato de que ele não existia como pessoa. Simplesmente observava, invisível.

A iluminação do cômodo era mortiça, caindo para a noite nas bordas da visão. Parecia que água pingava em algum lugar por ali. Tinha a impressão de estar numa câmera subterrânea.

No centro do cômodo, viu Bradley sentado em uma cadeira de madeira de espaldar duro, os braços e as pernas presos com correias de couro. Cabeça raspada como a de um penitente. Cercando-o, figuras usando capuzes pretos. Os Caçadores, pensou ele, com um medo crescente. Oh, Deus querido, são os Caçadores.

— Eu não sou o homem que procuram — disse Bradley.

— Ah, mas é, irmãozinho — contestou-o suavemente uma das figuras encapuzadas e enfiou um alfinete em seu rosto.

Bradley soltou um grito.

— É o homem que procuramos?

— Vá chupar pica.

O alfinete entrou facilmente no globo ocular de Bradley e saiu gotejando líquido incolor. O olho de Bradley assumiu uma forma murcha, esvaziada.

— Você é o homem que procuramos?

— Enfie isso no cu.

Um chicote elétrico tocou-lhe o pescoço. Ele gritou novamente e seus cabelos ficaram em pé. Pareceu nesse momento uma cômica caricatura de negro, um crioulo futurista.

— Você é o homem que procuramos, irmãozinho?

— Filtros nasais dão câncer em vocês — retrucou Bradley. — Vocês todos estão podres por dentro, brancosos de merda.

O outro olho foi furado.

— Você é o homem que procuramos?

Bradley, cego, riu deles.

Uma das figuras encapuzadas fez um gesto e, das sombras, saíram Bobby e Mary Cowles, saltitando alegremente. Começaram a cabriolar em volta de Bradley, cantarolando:

— Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau?

Bradley começou a gritar e a contorcer-se na cadeira. Parecia querer erguer os braços em um gesto de proteção. A canção infantil tornou-se mais e mais alta, ecoando ainda mais. As crianças estavam mudando de aparência. Suas mãos estavam se alongando, escurecendo com sangue. Tinham as bocas abertas e nas cavernas internas presas faiscavam como se fossem navalhas.

— Eu digo! — berrou Bradley. — Eu digo! Eu digo! Eu não sou o homem que querem! O homem que querem é Ben Richards! Deus... oh... D-d-deus!

— Onde está ele, irmãozinho?

— Eu digo! Eu digo! Ele está bem...

As palavras, no entanto, foram abafadas pelas vozes cantantes. Estavam mergulhando para o pescoço esticado, encordoado de Bradley, quando acordou, suando.

...Menos 053

e CONTANDO...

A SITUAÇÃO NÃO ESTAVA MAIS BOA EM MANCHESTER.

Não sabia se fora o noticiário da morte brutal de Laughlin no Meio-Oeste, o pesadelo ou apenas uma premonição.

Na terça-feira pela manhã, porém, permaneceu no hotel, riscando a biblioteca de sua agenda. Pareceu-lhe que cada minuto a mais que continuava ali era um Convite para uma morte rápida. Olhando pela janela, via um Caçador, capuz preto dentro de cada velho latino-americano ou motorista de táxi amado em seu veículo. Fantasias em que apareciam pistoleiros subindo sorrateiramente a escada na direção de sua porta atormentavam-no. Sentia um imenso relógio tiquetaqueando dentro da cabeça.

Ultrapassou o ponto de indecisão pouco depois das 11h da manhã de terça-feira. Era impossível continuar ali. Sabia que eles sabiam.

Pegou a bengala, foi batendo no chão até os elevadores e desceu para o vestíbulo do hotel.

— Vai dar uma voltinha, padre Grassner? — perguntou o moço do balcão com seu agradável e desdenhoso sorriso.

— Feriado — respondeu Richards, falando no ombro do empregado do turno do dia. — Há algum cinema aberto nesta cidade?

Sabia que havia pelo menos uns dez, oito deles exibindo em 3-D filmes de perversões sexuais.

— Bem — respondeu cautelosamente o recepcionista —, há o Center. Acho que estão exibindo filmes de Disney...

— Esse serve — disse vivamente Richards e na saída chocou-se com uma planta no vaso.

A duas quadras do hotel entrou numa farmácia e comprou um rolo gigante de ataduras e um par de muletas baratas de alumínio. O caixeiro colocou as compras em uma longa caixa de fibra e ele tomou um táxi na esquina seguinte.

O carro estava exatamente no lugar onde fora deixado e se havia um vigia por ali, não conseguiu descobri-lo. Entrou e deu partida ao motor. Teve um mau momento quando se lembrou que não possuía carteira de habilitação em qualquer nome que não fosse perigoso, mas depois afastou isso da mente. Afinal de contas, não acreditava que o novo disfarce conseguiria dar conta do recado se houvesse uma fiscalização rigorosa. Se encontrasse barreiras na estrada, tentaria passar por cima delas. Morreria, mas iria morrer de qualquer maneira se o identificassem.

Guardou os óculos de Ogden Grassner no porta-luvas e deixou a garagem, fazendo um aceno neutro para o rapaz que estava de serviço à porta. O rapaz mal levantou a vista da revista de mulheres nuas que estava estudando.

Parou nos subúrbios do norte da cidade para tomar uma carga completa de ar comprimido. O frentista estava em meio a uma violenta erupção vulcânica de acne e parecia pateticamente ansioso para não virar a cara para ele. Até aí, tudo bem.

Passou da Estrada 91 para a 17 e desta última para outra, de asfalto, sem nome ou número. Uns cinco quilômetros mais à frente parou em um esburacado ponto de retorno e desligou o motor.

Inclinando o espelho retrovisor no ângulo certo, enrolou com toda rapidez possível a bandagem em torno da cabeça, segurando-a pela ponta e prendendo-a com um alfinete de segurança. Um passarinho trinava incansavelmente em um olmo de aspecto cansado.

Nada mau. Se tivesse tempo, em Portland acrescentaria ao disfarce um colarinho cervical.

Pôs ao lado no assento as muletas e deu partida ao carro. Quarenta minutos depois entrava no círculo de tráfego de Portsmouth. Entrou na Estrada 95. Enfiou a mão no bolso e tirou o pedaço de papel pautado amassado que Bradley lhe deixara. Usando um lápis macio, Bradley escrevera ali com o cursivo cuidadoso dos autodidatas:

94 State Street, Portland

THE BLUE DOOR, GUESTS

Elton Parrakis (& Virgínia Parrakis)

Olhou com as sobrancelhas franzidas por um momento para o papei e em seguida relanceou a vista para cima. Uma unidade preta e amarela da polícia cruzava lentamente o espaço por cima do trevo, trabalhando em *tandem* com uma unidade pesada de rodas embaixo. Inspecionaram-no durante um momento e depois seguiram em frente, ziguezagueando pelas seis pistas como se num gracioso balé. Patrulha rotineira de tráfego.

À medida que os quilômetros se acumulavam, uma sensação quase relutante, esquisita, de alívio surgiu-lhe no estômago, dando-lhe vontade de, ao mesmo tempo, vomitar.

...Menos 052

e CONTANDO...

A VIAGEM PARA PORTLAND TRANSCORREU SEM INCIDENTES.

Ao chegar aos limites da cidade, dirigindo através dos subúrbios reconstruídos de Scarborough (casas ricas, ruas ricas, escolas particulares ricas cercadas por cercas eletrificadas) a sensação de alívio começou a desaparecer novamente. Eles podiam estar por toda parte. Podiam estar cm volta dele. Ou não podiam estar em parte alguma.

State Street situava-se em uma área de casas de pedra antigas, arruinadas, não muito distante de um parque onde o mato crescia alto, quase uma floresta — um lugar de esconderijo, pensou, para os pequenos assaltantes, amantes, viciados em heroína e ladrões da cidade. Ninguém se aventuraria a sair da State Street após o cair da noite sem levar um cão policial na coleira ou acompanhado por uma dezena de companheiros de turma.

O número 94 era um prédio antigo caindo aos pedaços, enegrecido pela fuligem, com cortinas de velho estilo puxadas por trás das janelas. A casa lembrou-lhe um homem muito velho que morrera com catarata nos olhos.

Encostou no meio-fio e desceu. A cidade estavam cheia de carros sobre colchão de ar abandonados, alguns deles tão enferrujados que haviam se transformado numa casca quase irreconhecível. À borda do parque, um

Studebaker tombado sobre um lado, como um cão morto. Obviamente, não se tratava de uma zona policiada. Se o carro era deixado ali sem um guardador, quinze minutos depois transformava-se no centro de atenções de um grupo de rapazolas de olhos duros, encurvados, escarrando para os lados. Meia hora depois, os rapazes traziam de algum canto pés-de-cabra, chaves inglesas e chaves de fenda. Batiam com elas, comparavam-nas, faziam com elas lutas de espada de brincadeira. Pensativamente, erguiam-nas no ar, como se procurando descobrir o estado do tempo ou captar transmissões de rádio. Em uma hora, o carro estaria inteiramente depenado, das tampas dos tanques de ar e cilindros ao próprio volante.

Um meninote correu ao seu encontro enquanto ele se apoiava sobre as muletas. Cicatrizes engelhadas, lustrosas, de queimaduras haviam transformado o rosto da criança em um glabro horror frankensteiniano.

— Quer um baseado, moço? Do melhor. Bota o cara na lua.

Sorriu misteriosamente, a carne enodoada e encaroçada de seu rosto queimado movendo-se e contorcendo-se grotescamente.

— Suma — disse Richards.

O menino tentou arrancar com um pontapé uma das muletas em que ele se apoiava. Richards ergueu uma delas em um baixo arco e atingiu o menino no traseiro. Ele fugiu dali correndo, soltando palavrões.

Lentamente, dirigiu-se para os degraus esburacados e olhou para a porta. A porta fora originariamente azul, mas nesse momento a tinta desmaiara e despelara e assumira uma pálida cor de sol de deserto. Houvera também ali uma maçaneta, mas algum vândalo se encarregara de removê-la usando um formão.

Bateu e esperou. Nada. Bateu outra vez.

Era fim de tarde nesse momento e o frio subia lentamente pela rua. Muito baixo, da parte que se estendia além do fim da quadra, chegou o som crepitante de galhos de outono perdendo as folhas.

Não havia ninguém ali. Era tempo de ir embora.

Ainda assim, bateu outra vez, curiosamente convencido de que *havia* alguém na casa.

Dessa vez, foi recompensado com o arrastar lento de chinelos. Uma pausa à porta. Em seguida:

— Quem é? Não quero comprar nada. Vá embora.

— Disseram-me para procurá-la — respondeu Richards.

Uma portinhola abriu-se com um pequeno rangido e um olho castanho espiou por ela. Em seguida, a portinhola foi fechada com um estalo.

— Não conheço você.

Despedida final.

— Disseram-me para perguntar por Elton Parrakis.

E, de má vontade:

— Oh, você é um dos...

Atrás da porta fechaduras começaram a ser abertas, ferrolhos a serem puxados, um após outro. Correntes caíram. Em uma fechadura Yale ouviu o som de martelos girando e depois em outra. E finalmente o *chunk-slap* de uma tranca reforçada TrapBolt.

Aberta a porta, viu uma mulher magrela, sem seios, mãos enormes e enodoadas. Possuía um rosto liso, quase de querubim, mas dava a impressão de ter recebido centenas de diretos, ganchos e *uppercuts* invisíveis em uma luta sem quartel com o próprio tempo. Talvez o tempo estivesse ganhando, mas ela não sangrava fácil. Tinha quase l,85m de altura, mesmo usando chinelos sem salto, e os joelhos estavam inchados e transformados em troncos de árvore pela artrite. Trazia os cabelos dentro de uma touca de banho. Os olhos castanhos, fincados nele sob uma sobrancelha grossa e proeminente (as próprias sobrancelhas agarravam-se ao precipício como se fossem arbustos de montanha resolvidos a sobreviver a qualquer preço, lutando contra a aridez e a altitude), eram inteligentes e estavam iluminados com o que poderia ser medo ou raiva. Mais tarde, compreendeu que ela era uma mulher confusa, amedrontada, cambaleando à beira da insanidade mental.

— Eu sou Virgínia Parrakis — disse ela em voz sem expressão. — Sou a mãe de Elton. Entre.

...Menos 051

e CONTANDO...

ELA SÓ O RECONHECEU DEPOIS QUE O LEVOU À COZINHA, onde foi preparar o chá.

A casa era velha, caía aos pedaços, escura, mobiliada com um estilo de decoração que ele imediatamente identificou por experiência própria: porcaria moderna.

— Elton não está no momento — disse ela, olhando atentamente para o velho e amassado bule de alumínio em cima do fogão a gás.

A luz era mais forte ali, revelando as manchas pardas de água que haviam embolotado o papel de parede, as moscas mortas, *souvenirs* do último verão, nos peitoris das janelas, o velho linóleo riscado de linhas pretas, a pilha de papel de embrulho úmido embaixo do cano de esgoto que pingava. No ar, um cheiro de desinfetante que o fez lembrar-se de últimas noites em quartos de doentes.

A mulher cruzou a cozinha e os dedos inchados iniciaram uma dolorosa pesquisa entre o lixo acumulado cm cima da bancada, até encontrar dois saquinhos de chá, um deles já usado. Richards recebeu este. Não ficou surpreso.

— Ele trabalha — disse ela, enfatizando vagamente a primeira palavra e transformando o que dizia numa acusação. — Você veio de parte daquele cara de Boston, aquele a quem Elton escreve a respeito de poluição, não foi?

— Foi, sra. Parrakis.

— Eles se conheceram em Boston. Meu Elton é mecânico de máquinas automáticas de venda. — Pareceu orgulhosa disso por um momento e depois iniciou a lenta jornada de volta para o fogão, passando pelas dunas de linóleo. — Eu disse a Elton que o que aquele Bradley estava fazendo era contra a lei. Eu disse a ele que isso ia acabar em prisão ou coisa ainda pior. Mas ele não *me* ouve. Não ouve sua velha mãe, isso ele não faz. — Sorriu com uma sombria doçura diante de tal calamidade. — Elton sempre gostou de construir coisas, sabia?... Quando era menino, construiu lá no fundo do quintal uma casa de quatro cômodos em cima de uma árvore. Mas isso antes de derrubarem o elmo, sabia? Mas foi idéia daquele crioulo que ele devia construir uma estação de controle da poluição em Portland. Deixou cair os saquinhos de chá nas xícaras e permaneceu de costas para Richards, esquentando as mãos sobre o fogão.

— Eles escrevem, um pro outro. Eu disse a ele que o correio não é seguro. Você vai acabar na prisão ou coisa pior, foi o que eu disse. Ele disse: Mas mãe, a gente usa um código pra escrever. Ele pede uma dúzia de maçãs, eu respondo a ele que meu tio está um pouco pior. Eu disse: Eltie, você acha que eles não podem decifrar esse troço de espião? Mas ele não me ouve. Oh, ele ouvia. Eu era a melhor amiga dele. Mas as coisas mudaram. Desde que ele chegou à puberdade, as coisas mudaram. Revistas de safadeza embaixo da cama dele e toda *aquela* coisa. Agora, esse crioulo. Acho que pegaram você fazendo testes sobre *smogs,* carcinógenos ou coisas assim e agora você está fugindo...

— Eu...

— Não tem importância! — disse ela ferozmente à janela.

A janela dava para um quintal cheio de rodas e peças de metal enferrujadas. Havia também ali uma caixa de areia de brincadeiras infantis, nesse momento cheia com raquítica vegetação de outono.

— Não tem importância! — repetiu ela. — São os crioulos. — Virou para Richards olhos empapuçados, furiosos, confusos. — Eu tenho 65 anos de idade mas era uma mocinha de apenas 19 quando isso começou a acontecer. Eu tinha 19 anos e os crioulos estavam por toda parte! Por toda parte! Sim, estavam! — quase gritou, como se Richards houvesse divergido dela. — Em toda parte! Mandavam aqueles crioulos para as escolas, juntamente com os brancos. Deram postos importantes a eles no governo. Radicais, baderna e rebelião. Eu não sou...

Interrompeu-se como se as palavras houvessem se estilhaçado na boca. Olhou fixamente para Richards, vendo-o pela primeira vez.

— Oh, Deus, tende piedade — murmurou.

— Sra. Parrakis...

— Nada disso! — retrucou ela, a voz enrouquecida pelo medo. — Nada disso! Nada disso! Oh, nada disso! — Começou a avançar na direção dele, parando à bancada da cozinha para pegar uma longa e faiscante faca de açougueiro em meio àquela mixórdia toda. — Fora! Fora! Fora!

Ele levantou-se e começou a recuar lentamente, primeiro através da porta entre a cozinha e a escura sala de estar e depois pela própria sala.

Notou que havia um telefone de fichas na parede, lembrete dos dias em que aquela casa fora uma pensão respeitável. The Blue Door, Guests. Quando teria sido isso? perguntou a si mesmo. Há vinte anos? Quarenta? Depois que os crioulos haviam rompido as cadeias, ou antes.

Ia justamente começando a recuar pelo corredor entre a sala e a porta da frente quando uma chave entrou na fechadura. Pararam os dois como se alguma mão celestial houvesse interrompido o filme, enquanto decidia o que fazer em seguida.

A porta foi aberta e Elton Parrakis entrou. Era imensamente gordo e por baixo dos cabelos louros, baços, penteados para trás em ondas absurdas, via-se um rosto redondo de bebê que conservava uma expressão de eterna perplexidade. Usava o uniforme azul e dourado da Vendo-Spendo Company. Pensativamente, ele olhou para Virgínia Parrakis.

— Solte essa faca, mãe.

— Nada disso! — gritou ela, mas o desmoronamento da derrota já começava a lhe embranquecer o rosto.

Parrakis fechou a porta e começou a dirigir-se para ela, bamboleando. Ela recuou, dizendo:

— Você tem que mandá-lo embora, filho. Ele é aquele homem mau. Aquele Richards. Isso vai significar prisão ou coisa pior. *Eu não quero que nada lhe aconteça!*

Começou a chorar, soltou a faca e deixou-se cair nos braços dele. Ele abraçou-a e começou a niná-la suavemente, enquanto ela chorava.

— Eu não vou para a cadeia — prometeu. — Vamos, mãe, não chore. Por favor, não chore.

Por cima dos ombros encurvados e que se sacudiam, lançou a Richards

um sorriso embaraçado de quem pede desculpa por aquela cena. Richards ficou à espera.

— Agora — disse Parrakis, quando os soluços da mãe se transformaram em meras fungadelas —, o sr. Richards é um bom amigo de Bradley Thompson e vai ficar conosco, por uns dois dias, mamãe.

A mulher começou a chorar alto e ele tapou-lhe a boca, contorcendo-se enquanto fazia isso.

— Sim, mamãe, sim, ele é. Vou levar o carro dele para o parque e deixar um gatilho nele. E a senhora vai sair amanhã pela manhã e enviar pelo correio um pacote para Cleveland.

— Boston — corrigiu-o automaticamente Richards. — As fitas vão para Boston.

— Vão para Cleveland agora — respondeu Elton Parrakis com um sorriso paciente. — Bradley está em fuga.

— Oh, Jesus.

— E você vai fugir também! — uivou a sra. Parrakis para o filho. — E vão pegá-lo, também! Você é gordo demais!

— Vou levar o sr. Richards lá pra cima e mostrar-lhe o quarto onde ele vai ficar, mãe.

— Sr. Richards! Sr. Richards! Por que não o chama pelo seu verdadeiro

nome? Veneno!

Ele se soltou da mãe com grande suavidade. Richards seguiu-o obedientemente.

— Há muitos quartos lá em cima — disse ele, arquejando ligeiramente, enquanto suas grandes nádegas flexionavam-se e se contraíam. — Há muitos anos esta casa era uma pensão — quando eu era um bebê. De lá de cima o senhor poderá vigiar a rua.

— Talvez seja melhor eu ir embora — observou Richards. — Se Bradley está numa pior, sua mãe pode ter razão.

— Seu quarto é esse — disse ele e abriu a porta para um cômodo empoeirado e úmido que mostrava o peso dos anos. Aparentemente, não ouvira o comentário de Richards. — Não é grande coisa em matéria de acomodação. Lamento, mas... — Virou para Richards seu paciente sorriso de quem quer agradar. — Pode ficar aqui o tempo que quiser. Bradley Thompson é o melhor amigo que já tive. — O sorriso fraquejou um pouco — O *único* amigo que jamais tive. Eu tomo conta de minha mãe. Não se preocupe.

Richards simplesmente repetiu:

— Acho melhor eu ir embora.

— Você não pode, e sabe disso. Essa atadura na cabeça nem mesmo conseguiu enganar a mãe por muito tempo. Vou levar seu carro para um lugar seguro, sr. Richards. Mais tarde a gente conversa.

Saiu, rápida e apressadamente. Richards notou que estava lustroso o

fundilho do uniforme do rapaz. Ele como que deixou no quarto um leve odor de pedido de desculpa.

Afastando um pouco a velha cortina verde, viu quando ele emergiu na calçada rachada em frente e entrou no carro. Mas desceu em seguida e voltou apressado para casa. Richards sentiu uma pontada de medo.

Passos pesados ressoaram na escada. A porta foi aberta e Elton sorriu para ele.

— Mamãe tem razão — disse ele. — Eu não sou lá grande coisa como agente secreto. Esqueci as chaves.

Richards entregou-lhe a chave e tentou uma brincadeira:

— Meio agente secreto é melhor do que nada.

As palavras tocaram uma corda sensível, ou talvez nenhuma. Elton Parrakis exibia visivelmente demais seus tormentos e Richards quase que podia ouvir as vozes fantasmagóricas, zombeteiras, que o seguiriam para sempre, como pequenos rebocadores atrás de um grande transatlântico.

— Obrigado — disse baixinho.

Parrakis saiu e o pequeno carro em que Richards viera de New Hampshire foi levado para o parque.

Puxou a coberta empoeirada da cama e deitou-se vagarosamente, a respiração rasa, olhando apenas para o teto. A cama como que o apertava num

úmido abraço de pervertida, mesmo através do lençol e de suas roupas. Um odor de mofo chegou-lhe as narinas.

No térreo, a mãe de Elton chorava.

...Menos 050

e CONTANDO...

COCHILOU UM POUCO MAS NÃO CONSEGUIU DORMIR. A noite já caíra quase inteiramente quando ouviu outra vez os passos pesados de Elton na escada. Aliviado, colocou os pés no chão.

Ao bater e entrar, Richards notou que Parrakis se trocara para uma camisa-esporte que parecia uma tenda e calça *jeans.*

— Consegui — disse ele. — O carro está no parque.

— Vai ser depenado?

— Não — respondeu Elton. — Eu armei um gatilho. Uma bateria e dois clipes-jacaré. Se um cara põe a mão ou um pé-de-cabra no carro, recebe um choque e provoca um disparo curto da sirene. Funciona bem. Eu mesmo o construí.

Sentou-se com um profundo suspiro.

— Que história é essa sobre Cleveland? — quis saber Richards. (Era

fácil, descobrira, querer coisas de Elton.)

Parrakis deu de ombros.

— Oh, ele é um cara como eu. Estive com ele em Boston, na biblioteca, em companhia de Bradley. Nosso pequeno clube antipoluição. Acho que mamãe disse alguma coisa a esse respeito.

Esfregou as mãos e sorriu com ar infeliz.

— Disse alguma coisa — confirmou Richards.

— Ela é... um pouco biruta — explicou Parrakis. — Não compreende bem o que aconteceu nos últimos vinte anos mais ou menos. Vive assustada o tempo todo. Eu sou tudo o que ela tem.

— Eles pegarão Bradley?

— Não sei. Ele tem uma... ahn, excelente rede de informações.

Seus olhos, porém, desviaram-se dos de Richards.

— Você...

A porta foi aberta e a sra. Parrakis apareceu à soleira, braços cruzados no peito, sorridente, mas olhos de obcecada.

— Chamei a polícia — disse. — Agora, você tem que ir embora.

O rosto de Elton esvaziou-se de todo sangue e adquiriu uma coloração branca aperolada.

— Você está mentindo.

Richards levantou-se de um salto, mas depois parou, a cabeça inclinada como quem escuta.

Baixinho, crescendo, ouviu o som de sirenes.

— Ela não está mentindo — disse ele. Foi tomado por uma sensação de inutilidade. De volta ao ponto de partida. — Leve-me até o meu carro.

— Ela está mentindo — insistiu Elton. Levantou-se, quase tocou o braço de Richards, mas depois recuou a mão quase como se aquele homem fosse quente ao toque. — Aquilo é sirene de bombeiro.

— Leve-me para meu carro, rápido.

As sirenes estavam se tornando mais altas, subindo e descendo, uivando. O som encheu-o de um pavor de pesadelo. Preso ali com aqueles dois loucos enquanto...

— Mãe... — disse ele, rosto contorcido, implorante.

— Eu a chamei! — berrou ela e sacudiu um dos braços gordos do filho como se para despertá-lo. — Tive que fazer isso! Por você! Aquele crioulo botou minhoca em sua cabeça. Diremos que ele invadiu a casa e ganharemos o dinheiro...

— Venha — grunhiu Elton para Richards e tentou soltar-se dela.

A mulher, porém, continuou a segurá-lo obstinadamente, tal como um cachorrinho atormentando um Percheron.

— Eu tive que fazer isso. Você tem que parar com esse negócio radical, Eltie! Você tem que...

— Eltie! — gritou ele. — *Eltie!* — e jogou-a para longe. Ela deslizou pelo quarto e caiu na cama.

— Rápido — disse ele, o rosto cheio de pavor e sofrimento. — Oh, venha rápido!

Desceram aos trambolhões a escada e saíram pela porta da frente, Elton iniciando um trote gigantesco e bamboleante. Começou a arquejar novamente.

Lá em cima, saindo pela janela fechada do primeiro andar e pela porta aberta do térreo, o grito da sra. Parrakis transformou-se num uivo que se misturou e fundiu com as sirenas que se aproximavam:

— EUFIZISSOPORVOCÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ...

...Menos 049

e CONTANDO...

SUAS SOMBRAS SEGUIRAM-NOS LADEIRA ABAIXO na direção do parque, aumentando e diminuindo à medida que se aproximavam e deixavam para trás as lâmpadas de iluminação pública G-A protegidas por telas de arame. Elton Parrakis respirava como uma locomotiva, em imensos e ventosos haustos e silvos.

Cruzaram a rua e, de repente, faróis focalizaram-nos em alto-relevo na calçada oposta. Luzes relampejantes azuis iluminaram a rua quando um carro de polícia parou com um chiado de pneus a uns l00m de distância.

— RICHARDS! BEN RICHARDS!

Era unia voz tonitruante, amplificada por megafone.

— Seu carro... lá em cima... está vendo? — arquejou Elton.

Richards conseguiu vê-lo, mas com dificuldade. Elton o estacionara bem, embaixo de um bosque de desfolhadas bétulas.

O carro da polícia, subitamente, voltou a roncar, os pneus traseiros imprimindo borracha quente no asfalto em linhas de aceleração, o motor a gasolina rugindo com o aumento das revoluções. Passou com um solavanco sobre o meio-fio, as luzes dos faróis subindo para o alto, e desceu, apontando diretamente para eles.

Richards virou-se para o carro, sentindo-se inesperadamente muito frio, quase embotado. Tirou do bolso a pistola que Bradley lhe dera, ainda recuando. O resto dos carros da polícia não estavam ainda à vista. Só esse. O carro guinchou na direção deles através do solo desnudo de outubro do parque, os pneus traseiros arrancando grandes torrões de terra preta.

Disparou dois tiros contra o pára-brisa. Estilhaçaram, mas não partiram o vidro. Saltou para o lado no último segundo e rolou, relva seca atingindo-lhe o rosto. Pondo-se de joelhos, disparou mais duas vezes contra a traseira do carro, mas logo depois ele estava voltando e com toda velocidade, as luzes azuis girando na noite em um pesadelo de sombras saltitantes. A radiopatrulha se encontrava nesse momento entre ele e seu carro. Elton, porém, saltara na direção oposta e, nessa altura, trabalhava freneticamente para tirar o gatilho elétrico da porta do carro.

Um policial tinha posto parte do corpo fora da radiopatrulha, que se movia novamente. Um som gaguejado, rouco, encheu a escuridão. Uma submetralhadora. Balas cravaram-se no chão em volta dele sem obedecer a um padrão regular. Terra bateu em seu rosto e choveu em sua testa.

Ajoelhou-se, como se estivesse rezando, e atirou novamente no pára-brisa. Dessa vez, a bala abriu um buraco no vidro.

O carro estava quase em cima dele...

Saltou para a esquerda, mas o reforçado pára-choque de aço atingiu-lhe o pé esquerdo, quebrando-lhe o tornozelo e jogando-o de cara no chão,

braços e pernas abertos.

O ruído do motor transformou-se num muco superalimentado, no momento em que fazia outra volta fechada. Nesse instante, os faróis focalizavam-no novamente, tornando tudo em volta inteiramente monocromático. Tentou levantar-se, mas o tornozelo quebrado não o agüentou.

Soluçando em grandes arquejos, observou a radiopatrulha aumentar novamente o tamanho à sua frente. Todas as coisas se tornaram intensificadas, surrealistas. Estava vivendo em um delírio de adrenalina e tudo parecia lento, deliberado, orquestrado. O carro de polícia que se aproximava parecia um imenso e cego búfalo.

A submetralhadora crepitou novamente e, desta vez, uma bala repassou-lhe o braço esquerdo, fazendo-o cair de lado. O pesado carro tentou virar e atropelá-lo e, por um momento, teve uma visão clara do homem atrás do volante. Atirou uma vez e a janela voou para dentro. O carro chiou em um rolamento lento, fundo, lateral, e depois capotou, virando e a seguir tombando sobre um lado. O motor rateou e, de repente, em um chocante silêncio, o rádio da polícia crepitou claramente.

Não podendo levantar-se ainda, Richards começou a rastejar na direção de seu carro. Parrakis, dentro do veículo nesse instante, tentava dar partida, mas, em seu pânico cego, devia ter esquecido de abrir as alertas de segurança. Toda vez que girava a chave ouvia-se apenas um oco som de tosse de ar nas câmaras de combustão.

A noite começou a encher-se com o som das sirenes que convergiam para ali.

Ele se encontrava ainda a uns 50m do carro quando Elton compreendeu o que estava errado e baixou a alavanca das alertas. Quando girou a chave em seguida, o motor pegou e o carro deslizou na direção de Richards.

Levantou-se parcialmente, abriu com um puxão a porta do passageiro e jogou-se para dentro. Parrakis voltou à esquerda na direção da Estrada 7, que se cruzava com a State Street acima do parque, a parte inferior da plataforma do carro a não mais de 2,5cm do chão, quase o suficiente para arrastar e cuspi-los de seus assentos.

Elton engolia grandes golfadas de ar e soprava-as com força suficiente para fazer tremer os lábios como se fossem venezianas.

Mais dois carros da polícia apareceram na esquina atrás deles, as luzes azuis acesas, e iniciaram a perseguição.

— Não estamos indo rápidos o suficiente! — gritou Elton. — Não estamos indo...

— Eles são de rodas! — gritou Richards em resposta. — Siga por aquele terreno vazio!

O carro aéreo guinou para a esquerda e sofreram um violento empurrão para cima quando passaram por cima do meio-fio. A pressão do ar colocou-os em marcha.

Os carros da polícia aumentaram de tamanho atrás deles, e vinham atirando. Richards ouviu dedos de aço cavarem buracos na carroceria de seu carro. A janela traseira despedaçou-se com um som terrível e foram borrifados com fragmentos de vidros de segurança. , Gritando, Elton manobrou o carro para a direita e a esquerda.

Um dos carros da polícia, desenvolvendo mais de 100 km/h, perdeu-os ao passar por cima do meio-fio. O carro guinou loucamente, as luzes azuis giratórias da capota cortando a escuridão com raios lunáticos e em seguida

tombou sobre um lado, abrindo um quente sulco no terreno vazio cheio de pedras, até que uma fagulha tocou seu tanque de gasolina desprotegido. O carro explodiu, branco, como se fosse um foguete de sinalização rodoviário.

O segundo carro da polícia voltara novamente à estrada, mas Elton o deixara para trás. Mas ele recuperaria rapidamente a distância perdida. Os carros de propulsão a gasolina que rodavam no chão eram três vezes mais rápidos do que os que usavam propulsão a ar. E se um carro a ar tentasse afastar-se demais da estrada, a superfície irregular embaixo dos bocais de empuxo fá-lo-ia capotar, como quase acontecera quando Parrakis cruzara o meio-fio.

— Vire para a direita! — gritou Richards.

Parrakis deu uma guinada de fazer o estômago saltar em cambalhotas. Estava nesse momento na Estrada 1. À frente, notou Richards que logo seriam empurrados contra a rampa de acesso ao Trevo Rodoviário da Costa. Ali nenhuma manobra evasiva seria possível, ali só seria possível a morte.

— Vire! Vire, droga! Entre naquele beco!

— NÃO! Não! — Parrakis, falando nesse momento de forma incoerente. — Vamos ficar ali como ratos numa ratoeira!

Richards inclinou-se e puxou o volante, tirando com o mesmo gesto a mão de Elton do acelerador. O carro a ar derrapou cm uma volta de quase 90°. ricochetearam no concreto do prédio à esquerda da entrada do beco, o que os colocou em ângulo torto. O nariz rombudo do carro atingiu uma pilha de destroços acumulados, latões de lixo e engradados quebrados. Atrás disso, tijolo sólido.

Richards foi lançado violentamente contra o painel de instrumentos

quando se chocaram com o obstáculo e seu nariz quebrou com um estalo súbito, o sangue esguichando com violência.

O carro parou inclinado no beco, um dos cilindros ainda tossindo um pouco. Parrakis era um silencioso monte de carne caído sobre o volante. Não havia tempo para ele, ainda.

Atirou o ombro contra a porta emperrada do passageiro. Ela se abriu violentamente e ele foi saltando sobre uma perna só até a boca do beco. Recarregou a pistola com a munição que Bradley lhe fornecera numa caixa, nesse momento amassada. Cartuchos frios e graxentos ao toque. Deixou cair alguns no chão. O braço começara a latejar como um dente infeccionado, tornando-o doente e nauseado de dor.

Faróis transformaram a noite da via expressa urbana em um dia sem sol. A radiopatrulha derrapou pela esquina, pneus traseiros lutando para ganhar tração, desprendendo um cheiro forte de borracha queimada. Marcas pretas riscaram em parábolas as juntas de expansão do macadame. Logo depois, arremetia novamente. Segurando a arma com ambas as mãos, Richards encostou-se no prédio à esquerda. Em um momento, a polícia descobrira que não havia luzes traseiras à sua frente. O guarda que ia ao lado do motorista veria o beco, desconfiaria.

Sentindo o cheiro de sangue no nariz quebrado, começou a atirar, quase à queima-roupa e, a essa distância, os projéteis de grosso calibre atravessaram o vidro à prova de bala como se fosse papel. Cada coice da pesada arma vibrava através do braço ferido, fazendo gritar.

O carro rugiu passando por cima do meio-fio, voou sem asas por uma curta distância e atingiu um muro no outro lado da rua. CONSERTOS DE FREE-VEE, dizia um cartaz no muro. PORQUE VOCÊ ASSISTE, DE CONSERTAR A GENTE NÃO DESISTE.

O carro da polícia, ainda a uns 30cm do chão, atingiu o muro em alta velocidade e explodiu.

Mas outros estavam vindo. Sempre outros.

Arquejando, voltou ao carro a ar. A perna sadia estava muito cansada.

— Estou ferido — gemia em voz rouca Parrakis. — Estou muito ferido. Onde está a mãe? Onde está minha mãe?

Richards caiu de joelhos, arrastou-se de costas para baixo do carro e, como um louco, começou a puxar lixo e destroços das câmaras de ar. O sangue do nariz quebrado escorria-lhe pelo rosto e se juntava atrás das orelhas.

...Menos 048

e CONTANDO...

O CARRO ESTAVA FUNCIONANDO com apenas cinco dos seus seis cilindros e não conseguia desenvolver mais do que 40km/h, e inclinado como um bêbado sobre um dos lados.

Parrakis orientava-o do banco do passageiro, onde Richards o colocara rudemente. A coluna do volante penetrara em seu abdômen como se fosse um espigão de trilho e achava que ele estava morrendo. Sentiu nas palmas das mãos que seguravam o volante denteado o sangue ainda quente e pegajoso.

— Sinto muito — disse Parrakis. — Vire à esquerda aqui... Foi tudo realmente culpa minha. Eu devia ter sido mais cuidadoso. Ela... ela não regula bem. Ela não...

Tossiu e expeliu um coágulo de sangue preto no colo. As sirenes enchiam a noite, mas estavam muito atrás nesse momento e indo na direção oeste. Haviam saído da Estrada Marginal e nesse momento Parrakis orientava-o para estradas secundárias. Agora encontravam-se na Estrada 9, indo para o norte, e os subúrbios de Portland estavam se dissolvendo no campo estéril de outubro. Os madeireiros haviam passado por ali como se fossem gafanhotos e o resultado evidente era um confuso emaranhado de pântanos e árvores renascendo de tocos.

— Você sabe para onde está me dizendo para ir? — perguntou Richards.

Ele era uma única marca de ferro em brasa de um lado a outro do corpo. Tinha absoluta certeza de que o tornozelo estava fraturado e nenhuma dúvida sobre o nariz. A respiração saía por ele como se passando por passagens achatadas.

— Para um lugar que eu conheço — respondeu Elton Parrakis, tossindo mais sangue. — Ela sempre me dizia que a melhor amiga de um menino é a mãe dele. Você pode acreditar numa coisa dessas? E eu acreditava. Você acha que vão machucá-la? Levá-la para a cadeia?

— Não — respondeu secamente Richards, sem saber se a polícia faria isso ou não.

Faltavam 20 minutos para as 8h. Ele e Elton haviam deixado a Blue Dooer às 7:10h. E lhe parecia que haviam transcorrido décadas.

A uma grande distância, mais sirenes se juntavam ao corpo geral. *O inqualificável em perseguição ao incomível,* pensou incoerentemente. *Se não agüenta o calor, saia da cozinha.* Liquidara sozinho dois policiais. Outro prêmio para Sheila. Dinheiro sangrento. E para Cathy. Adoeceria e morreria Cathy com leite comprado com dinheiro de recompensa? *Como vão vocês, minhas queridas? Amo vocês duas. Aqui nesta estrada torta, maluca, que só serve para caçadores e casais à procura de um lugar para dar uma metida, eu amo vocês e desejo que tenham bons sonhos. Eu desejo...*

— Vire à esquerda — grasnou Elton.

Richards guinou para a esquerda e subiu uma estrada macia de asfalto que cortava um emaranhado de pesadelo de olmos, sumagreiras, pinheiros e

espruces que começavam a renascer depois do corte. Sentiu o cheiro de um rio gordo e sulfuroso com despejos industriais. Ramos baixos arranhavam a capota do carro soltando gritos de esqueletos. Passaram por uma tabuleta que informava: SUPERALAMEDA DE COMPRAS PINHEIRAL — EM CONSTRUÇÃO — PROIBIDA A ENTRADA — INVASORES SERÃO PROCESSADOS!

Chegaram ao alto da ladeira e lá estava a Superalameda de Compras Pinheiral. O trabalho ali devia ter sido suspenso há pelo menos dois anos, pensou Richards, e as obras não estavam adiantadas quando isso acontecera. O lugar era um labirinto, uma coelheira de lojas e oficinas construídas pela metade, pedaços abandonados de canos, pilhas de placas de concreto e tábuas, cabanas e enferrujados abrigos pré-fabricados, tudo aquilo coberto com moitas de junípero, loureiro, capim silvestre, espruce azul, amora-preta, ameixeira brava, e vara-de-ouro desnudadas. Buracos de fundações oblongos, escancarados, como tumbas escavadas para deuses romanos. Esqueletos enferrujados de aço. Paredes de cimento com a armação de aço projetando-se para fora como obscuros criptogramas. Terrenos nivelados por buldôzeres que deviam ter sido pátios de estacionamento e que estavam nesse momento cobertos de mato alto.

Em algum lugar no alto, uma coruja passou deslizando sobre as asas rígidas e silenciosas, à caça.

— Ajude-me... a passar para o banco do motorista.

— Você não está em condições de dirigir — respondeu Richards, empurrando com força sua porta, tentando abri-la.

— Isso é o mínimo que posso fazer — disse Elton Parrakis com grave e sangrenta absurdidade. — Vou bancar o coelho para atraí-los... guiarei até onde puder.

— Não — recusou Richards.

— Deixe-me ir! — gritou ele para Richards, terrível e grotesco seu rosto de bebê. — Estou morrendo e é melhor que você me deixe... — A voz sumiu e um horroroso ataque de tosses que provocou novos vômitos de sangue. O cheiro do sangue era muito úmido ali no carro, como se aquilo fosse um matadouro. — Ajude-me — murmurou ele. — Sou gordo demais para fazer isso sozinho. Oh, Deus, ajude-me a fazer isso.

Richards ajudou-o. Empurrou e levantou, suas mãos escorregaram e chapinhavam no sangue de Elton. O banco da frente parecia um chão de açougue. E Elton (quem poderia pensar que havia tanto sangue assim nele?) continuava a sangrar.

Finalmente, ele se aninhou como uma cunha atrás do volante e o carro a ar começou a subir aos arrancos, virando. As luzes de freio piscaram e apagaram, piscaram e apagaram e o carro chocou-se levemente com árvores antes de Elton encontrar a saída dali.

Richards pensou que ouvira o som da queda, mas não houve nenhuma queda. O *thumpa-thumpa-thumpa* dos cilindros a ar tornou-se mais baixo, funcionando ao ritmo do cilindro enguiçado, que fundiria os outros dentro de uma hora, mais ou menos. O som desapareceu. Não ouviu mais nada, salvo o zumbido longínquo de um avião. Tardiamente, lembrou-se que deixara na traseira do carro as muletas que comprara para fins de disfarce.

As constelações giravam indiferentes no alto.

Viu sua respiração em pequenas e congeladas baforadas. Fazia mais frio naquela noite.

Saiu da estrada e mergulhou na selva do canteiro de obras.

...Menos 047

e CONTANDO...

VIU UMA PILHA DE MATERIAL DE ISOLAMENTO no fundo de um buraco de porão e desceu usando como suporte das mãos os ferros da armação de cimento armado. Descobriu por ali um pedaço de pau e bateu no tecido isolante para afugentar os ratos, se houvesse. Nada conseguiu tirar dali senão uma poeira grossa e fibrosa que o fez espirrar e uivar com as dores da explosão respiratória no nariz muito quebrado. Nenhum rato. Todos os ratos estavam na cidade. Soltou um áspero zurro de riso que estourou entrecortado e estilhaçado na grande escuridão.

Enrolou-se em faixas de tecido até que se tomou parecido com um iglu humano — mas quente. Encostou-se na parede e caiu num cochilo.

Quando acordou inteiramente, uma lua tardia, não mais do que uma réstia de luz, estava suspensa ainda no horizonte do leste. Continuava sozinho. Não ouviu som de sirenes. Seriam 3h da manhã, talvez.

O braço latejava, dolorido, mas o sangue parará por si mesmo. Notou isso depois de tirar o braço de dentro do isolamento e espanar delicadamente as fibras de cima do coágulo que se formara. A bala de metralhadora arrancara aparentemente um pedaço triangular bem grande de carne de um dos lados do braço, imediatamente acima do cotovelo. Achou que tinha sorte porque a bala não quebrara o osso. O tornozelo, porém, pulsava com uma dor forte e ininterrupta. O próprio pé parecia estranho e etéreo, quase sem ligação com o

corpo. Achou que a fratura devia ser exposta.

E assim cochilou novamente.

Ao acordar, a cabeça estava mais clara. A lua subira até a metade da abóbada celeste, mas não havia sinal ainda de manhã, falsa ou verdadeira. *Ele estava esquecendo de alguma coisa...*

Lembrou-se com uma sensação desagradável e violenta.

Antes do meio-dia, tinha que pôr no correio dois cartuchos de fita gravada, para que chegasse ao Prédio dos Jogos antes das 18:30h, quando o programa era posto no ar. Isso significava viajar ou perder o dinheiro.

Bradley, porém, estava em fuga ou já fora capturado.

E Elton Parrakis não chegara a dar-lhe aquele nome em Cleveland.

E seu tornozelo estava fraturado.

Alguma coisa grande (um cervo? Mas eles não estavam extintos no leste?) cruzou subitamente o mato baixo à sua direita, fazendo-o saltar. As faixas de isolamento deslizaram de cima de seu corpo como se fossem serpentes e puxou-as com dificuldade para abrigar-se novamente, fungando através do nariz quebrado.

Era um morador da cidade, em um Projeto de Desenvolvimento que recaíra no estado de natureza no meio de parte nenhuma. De repente, a noite lhe pareceu viva e malévola, assustadora em si, cheia de calombos e rachaduras

incompreensíveis.

Respirando pela boca, passou em revista as suas opções e conseqüências.

Nada a fazer. Ficar simplesmente ali e deixar que as coisas esfriassem. Conseqüências: o dinheiro que estava juntando, 100 dólares por hora, seria suspenso às 6h da noite. Estaria em fuga sem nada receber, mas a caçada não terminaria, nem mesmo que conseguisse escapar dos caçadores durante todos os trinta dias. A caçada continuaria até que ele fosse tirado de cena dentro de um caixão.

Enviar os clipes a Boston. Isso não poderia prejudicar Bradley ou a família, porque a proteção deles já fora estourada. Conseqüências: 1) As fitas seriam sem dúvida nenhuma enviadas a Harding pelos Caçadores que vigiavam a correspondência de Bradley, mas, 2) eles poderiam ainda localizá-lo diretamente até o local de onde mandasse as fitas, sem uma franquia de Boston para atrapalhar.

Enviar as fitas diretamente para o Prédio dos Jogos, em Harding. Conseqüências: A caçada continuaria, mas ele seria provavelmente reconhecido em qualquer cidade suficientemente grande para ter um caixa do correio.

Todas eram péssimas alternativas.

Obrigado, sra. Parrakis. Muito obrigado.

Levantou-se, jogando para o lado o material isolante e em cima dele atirou a bandagem inútil da cabeça. Ocorrendo-lhe outro pensamento, escondeu-o dentro do isolante.

Começou a procurar alguma coisa que pudesse usar como muleta (a ironia de ter deixado no carro muletas autênticas ocorreu-lhe novamente) e quando encontrou finalmente uma tábua que chegava a aproximadamente a altura da axila, jogou-a pela borda do buraco das fundações do subsolo e começou a subir laboriosamente pela armação de ferro.

Ao chegar ao alto, suando e tremendo de frio ao mesmo tempo, notou que não podia ver as mãos. A primeira leve luz cinzenta do amanhecer começara a penetrar na escuridão. Olhou saudoso para o Projeto de Desenvolvimento abandonado, pensando: *Isso teria sido um esconderijo excelente...*

Nada bom. Não devia ser um homem escondido, mas um homem em fuga. Não era isso que mantinha altos os índices de audiência?

...Menos 046

e CONTANDO...

JÁ ERA DIA CLARO HÁ DUAS HORAS e começara quase a convencer-se de que estava andando em grandes círculos quando ouviu, através das sarças e vegetação baixa de moitas, à frente, o chiado de carros a ar.

Continuou a andar, cauteloso, e entre a folhagem viu uma estrada asfaltada de duas pistas. Carros corriam nas duas direções com uma boa regularidade. Mais ou menos a uns 800m adiante, enxergou uni amontoado de casas e o que era ou uma estação de fornecimento de ar ou um velho armazém geral com bombas na frente.

Continuou seu caminho, paralelo à estrada, caindo ocasionalmente. Mãos e rosto eram um bordado de sangue produzido por espinhos e sarças, e tinha a roupa coberta de carrapichos. Desistira de tentar tirá-los. Flocos de algodãozinho-do-campo caíam leves de seus ombros, dando a impressão de que estivera metido numa briga de travesseiros. Estava molhado dos pés à cabeça. Conseguira safar-se bem nos dois primeiros riachos, mas, no terceiro, sua "muleta" escorregara no fundo traiçoeiro e caíra de ponta-cabeça. A câmera, claro, estava intacta. Era à prova de água é de choques. Claro.

Moitas e árvores começaram a rarear. Caiu sobre as mãos e os joelhos e passou a engatinhar. Quando chegou até o lugar onde achou que podia ir com segurança, estudou a situação.

Encontrava-se em um terreno ligeiramente mais alto, uma península no mar de ervas— e moitas de segundo crescimento que vinha cruzando. Abaixo dele viu a estrada, algumas casas tipo rancho, e um armazém com bombas de ar. Um carro estava parado ali nesse momento, sendo abastecido enquanto o motorista, um homem que usava uma jaqueta de camurça, conversava com o frentista. Ao lado da loja, juntamente com três ou quatro máquinas de vender chiclete e uma vendedora Maryjane, havia uma caixa de correio, azul e vermelha. Estava a apenas uns 200m de distância. Olhando para ela, deu-se conta, amargamente, que se houvesse chegado ali antes da primeira luz do dia teria provavelmente depositado os clipes sem ser visto.

Bem, leite derramado e aquela lengalenga toda. Os melhores planos de ratos e homens.

Afastou-se até um ponto em que pôde instalar a câmera e fazer a gravação sem ser visto.

— Olá, todos vocês, maravilhosos, na terra da Free-Vee — começou. — Este que vos fala é o jovial Ben Richards, falando-lhes durante minha excursão anual de contato com a natureza. Se olharem com atenção poderão ver o valente tangará escarlate ou o grande e mosqueado anum. — Fez uma pausa. — Eles podem deixar que esta parte passe, mas não o resto. Se você é surdo e pratica leitura labial, lembre-se do que estou dizendo. Conte a um amigo ou vizinho. Espalhe a noticia. A Rede está envenenando o ar que você respira e lhe negando proteção barata porque...

Gravou as duas fitas e colocou-as no bolso da calça. Muito bem. O que faria em seguida? A única maneira possível de conseguir era ir até ali, arma na mão, depositar as fitas, e correr. Poderia roubar um carro. Afinal de contas, não era como se eles não fossem saber onde se encontrava.

Aleatoriamente, calculou o quanto Parrakis viajara antes de ser abatido. Sacou a arma e, nesse momento, ouviu a voz, surpreendentemente perto, aparentemente no ouvido esquerdo:

— Vamos, Rolf!

Seguiu-se uma saraivada de latidos que o fez saltar violentamente e teve apenas tempo de pensar: *Cães policiais, Cristo, eles trouxeram cães policiais,* quando alguma coisa enorme e preta irrompeu entre as moitas e partiu como uma flecha em sua direção.

A arma foi arrancada de sua mão e ele caiu de costas. O cão saltou em cima dele, um grande cão pastor alemão com um generoso traço de vira-lata, e começou a lamber-lhe o rosto e babar em sua camisa, a cauda vergastando o ar de um lado para o outro em vigorosos sinais de alegria.

— Rolf! Hei, Rolf! Rolf... oh, Deus! — Richards vislumbrou obscuramente pernas correndo vestidas de *jeans* e logo em seguida um menino puxava o cão para longe.

— Jesus, desculpe, moço, Jesus, ele não morde. É burro demais pra morder, ele é só brincalhão, ele... ele..! Poxa, o senhor está todo sujo! O senhor se perdeu?

Segurando Rolf pela coleira, o menino olhava para Richards com visível interesse. Era um menino bonito, bem construído de corpo, de talvez 11 anos de idade, e não havia em seu rosto nada de palidez e abatimento do menino do centro de cidade. Nas suas feições, algo desconfiado e estranho, mas também conhecido. Após um momento, Richards descobriu o que era. Era inocência.

— É... — disse secamente. — Eu me perdi.

— Poxa, o senhor deve ter caído um bocado por aí.

— Quanto a isso, caí mesmo, meu chapa. Quer dar um bom olhar na minha cara e me dizer se estou muito machucado? Eu mesmo não posso ver, como sabe.

O menino inclinou-se obediente para a frente e examinou-lhe o rosto. Nenhum sinal de reconhecimento aparente. Richards ficou satisfeito.

— Está toda arranhada... machucada — disse o menino (falava com um ligeiro sotaque da Nova Inglaterra, não exatamente Leste Puro, mas um pouco refina do, sardônico) — mas o senhor vai sobreviver. — Franziu as sobrancelhas. — O senhor fugiu de Thomaston? Sei que não é de Pineland porque não parece um retardado.

— Eu não fugi de lugar nenhum — respondeu Richards, conjecturando consigo mesmo se isso era verdade ou mentira. — Eu estava fazendo uma excursão a pé. É um mau hábito, meu chapa. Você nunca faz isso, faz?

— Nunca — garantiu sério o menino. — Nestes dias há uns tipos malucos na cidade correndo pelas estradas. É isso o que meu pai diz.

— Ele tem toda razão — concordou Richards. — Mas eu simplesmente tinha que ir a... — estalou os dedos numa pantomima de poxa-simplesmente-me-esqueci-do-diabo-do-nome. — Você sabe, jatoporto.

— O senhor deve querer dizer Voigt Field.

— Isso mesmo.

— Jesus, isso fica a uns l60km daqui, moço. Em Derry.

— Eu sei — respondeu melancólico Richards, e passou a mão sobre a pelagem de Rolf. O cachorro rolou obedientemente no chão e bancou o morto. Richards combateu uma súbita vontade de soltar uma risada. — Peguei uma carona na fronteira de New Hampshire com três vermes. Uns caras realmente maus. Espancaram-me, roubaram minha carteira e me jogaram num *shopping center* abandonado...

— Hei, eu conheço aquele lugar. Poxa, quer ir até lá em casa tomar o café da manhã?

— Eu gostaria, mesmo, meu chapa, mas ia ser uma perda de tempo. Tenho que chegar ao jatoporto até o anoitecer.

— Vai pegar outra carona? — perguntou o menino, esmigalhando os olhos.

— Vou ter que pegar. — Richards fez menção de levantar-se e depois voltou a sentar-se como se lhe tivesse ocorrido uma grande idéia. — Escute, você me faria um favor?

— Acho que sim — respondeu cauteloso o menino.

Richards tirou do bolso duas fitas gravadas.

— Estes aqui são saques de dinheiro com postagem paga — disse, improvisando habilmente. — Se você botar isso numa caixa de correio para mim, minha companhia mandará um bocado de dinheiro para mim em Derry. Depois disso, eu poderei viajar por minha própria conta.

— Mas sem endereço?

— Essas encomendas seguem diretas — explicou Richards.

— Claro, tudo bem. Há uma caixa de correio lá na Jarrok's Store. — Levantou-se, seu rosto inexperiente incapaz de disfarçar o fato de que ele pensava que Richards estava mentindo em sua cara. — Vamos, Rolf.

Ele deixou que o menino se afastasse por uns cinco metros e depois disse:

— Não. Venha aqui novamente.

O menino virou-se e voltou, arrastando os pés. Havia medo em seu rosto. Claro, na história contada por Richards havia buracos largos o suficiente para que um caminhão passasse por eles.

— Vou ter que lhe contar tudo, acho — disse Richards. — Eu lhe contei a verdade na maior parte da história, meu chapa. Mas não queria me arriscar à possibilidade de que você andasse falando por aí.

O sol matutino de outubro batia maravilhosamente quente em suas costas e pescoço e sentiu vontade de passar, se pudesse, o dia inteiro naquela colina e dormir docemente um fugitivo calor de outono. Apanhou a arma onde ela caíra e depois deixou-a cair molemente na grama. Os olhos do menino se esbugalharam.

— Governo — disse tranqüilamente Richards.

— Je... sus! — murmurou o menino.

Rolf sentou-se ao lado dele, a língua rosada pendendo bonita de um lado da boca.

— Ando à procura de uns caras muito perigosos. Você pode ver o que fizeram comigo, a coca que me deram. Esses clipes que estão com você *tem* que ser enviados.

— Eu boto eles no correio — respondeu quase sem fôlego o menino. — Jesus, espere só até eu contar...

— A ninguém — cortou-o Richards. — Não conte a ninguém por 24 horas. Pode haver represálias — acrescentou sinistramente. — De modo que, até amanhã a esta hora, você nunca me viu. Compreendeu?

— Claro! Compreendi!

— Então, vá agora. E obrigado, meu chapa.

Estendeu a mão, que o menino apertou medrosamente.

Richards ficou observando-os enquanto eles trotavam ladeira abaixo, o menino vestindo uma camisa vermelha axadrezada enquanto o cachorro rompia alegremente a grama baixa a seu lado. *Por que minha Cathy não pode ter uma coisa assim?*

O rosto contorceu-se em uma apavorante e inteiramente inconsciente careta de raiva e ódio e poderia ter amaldiçoado o próprio Deus se um alvo melhor não houvesse se interposto na tela escura de sua mente: a Federação dos Jogos. E atrás dela, como a sombra de um deus mais sombrio, a Rede.

Observou até que viu o menino, tornado minúsculo pela distância, depositar as fitas na caixa do correio.

Levantou-se duro, ajeitou a muleta sob a axila, e voltou a penetrar na mataria, traçando um curso oblíquo em direção à estrada.

O jatoporto, então. E talvez alguém mais pagasse o que devia antes que tudo aquilo acabasse.

...Menos 045

e CONTANDO...

VIRA UM CRUZAMENTO cerca de quilômetro e meio para trás e foi aí que abandonou o bosque, começando a andar desajeitado pelo acostamento de cascalho entre o mato e a estrada.

Sentou-se em seguida como um homem que desistiu de pegar uma carona e resolveu em vez disso desfrutar o quente sol de outono. Deixou que passassem os dois primeiros carros. Em ambos notou a presença de dois homens e julgou que os riscos eram muito grandes.

Mas quando o terceiro aproximou-se do sinal de parada, levantou-se. A sensação de encurralamento voltara. Toda aquela área devia ser perigosa, pouco importava que distância Parrakis pudesse ter percorrido. O carro seguinte poderia ser da polícia e isso significaria o fim do jogo.

Viu uma mulher no carro, e sozinha. Nem o olhou. Tomadores de carona eram pessoas desagradáveis e deviam ser ignorados. Ele abriu com um puxão a porta do passageiro e saltou para dentro no momento em que o carro começou a acelerar. Foi apanhado pelo impulso e jogado de lado, uma mão agarrando-se desesperadamente à maçaneta da porta e o pé bom arrastando-se no chão da estrada.

Silvo de freios e o carro guinando loucamente.

— Que... quem... o senhor não pode...

Richards apontou-lhe a arma, sabendo que devia parecer grotesco assim de perto, como um homem que fora passado por um moedor de carne. A imagem feroz ser-lhe-ia útil. Puxou o pé para dentro e bateu com força a porta, a arma não se mexendo nem um centímetro. A mulher estava vestida para ir à cidade e usava óculos de sol envolventes. Bonitona, pelo que podia ver.

— Siga — disse Richards.

Ela fez o previsível. Pisou nos freios com ambos os pés e gritou. Richards foi lançado para a frente, o tornozelo ferido arrastando com uma dor insuportável pelo piso do carro a ar, que se sacudiu e parou no acostamento, a uns 15 metros além do cruzamento.

— Você é aquele... você é aquele... R... R... R...

— Ben Richards. Tire as mãos do volante. Ponha-as no colo.

A mulher obedeceu, tremendo convulsivamente. Não queria olhar para ele. Receosa, pensou Richards, de ser transformada em pedra.

— Qual é o seu nome, madame?

— A-Amelia Williams. Não atire em mim. Não me mate. Eu... eu... pode ficar com meu dinheiro, *apenas, por amor de Deus, não me maaaaaaa...*

— Psiu — disse Richards, tranqüilizando-a. — Psiiiiu, psiiiiiu! — Logo que ela se acalmou um pouco, continuou: — Não vou tentar mudar sua opinião

sobre mim, sra. Williams. É senhora?

— É... — respondeu ela automaticamente.

— Mas não tenho intenção de lhe fazer mal. Compreendeu isso?

— Compreendi — retrucou ela, subitamente animada. — O senhor quer um carro. Pegaram seu amigo e agora o senhor precisa de um carro. Pode levar este... está no seguro... não vou nem mesmo contar a ninguém. Juro que não contarei. Digo que alguém o roubou no pátio de estacionamento...

— Falaremos disso depois — interrompeu-a Richards. — Comece a guiar. Suba a Estrada 1 e conversaremos a respeito. Há barreiras na estrada?

— Não... há, sim. Centenas. Eles vão pegá-lo.

— Não minta, sra. Williams. Sim?

Ela começou a guiar, erraticamente no começo e depois com mais suavidade. O movimento parecia acalmá-la. Richards repetiu a pergunta sobre barreiras na estrada.

— Lá em Lewiston — respondeu ela com assustada infelicidade. — Foi lá que pegaram aquele outro ver... aquela pessoa.

— A que distância fica isso?

— Uns 50km ou mais.

Parrakis conseguira chegar mais longe do que Richards jamais teria sonhado.

— Você vai me estuprar?

Amélia Williams fez a pergunta tão subitamente que Richards quase estourou na gargalhada.

— Não — respondeu em voz comum. — Eu sou casado.

— Eu a vi — disse ela com uma espécie de incredulidade risonha que fez Richards querer esmagá-la ali mesmo.

Coma lixo, sua puta. Mate o rato que estava escondido na caixa de pão, mate-o como uma vassoura e depois veja como fala a respeito de minha mulher.

— Posso descer aqui? — perguntou ela, suplicante, e ele, novamente, sentiu um pouco de pena dela.

— Não — retrucou. — A senhora é minha proteção, sra. Williams. Tenho que chegar ao Voigt Field, em um lugar chamado Deny. A senhora vai dar um jeito para eu chegar lá.

— Isso fica a 240km! — gemeu ela.

— Alguém me falou em 100km.

— Enganou-se. O senhor nunca conseguirá chegar lá.

— Eu poderia — disse ele, e fitou-a. — E a senhora, também, se fizer as coisas certinhas.

Ela voltou a tremer, mas nada disse. A atitude dela era de uma mulher que queria acordar.

...Menos 044

e CONTANDO...

VIAJARAM PARA O NORTE através de um outono que queimava como uma tocha.

As árvores não estavam moitas tão ao norte assim, assassinadas pela fumaça volumosa de Portland, Manchester e Boston, mas se vestiam de todas as tonalidades de amarelo, vermelho, púrpura brilhante. Despertaram nele uma sensação de dolorosa melancolia. Era um sentimento que nunca suspeitara que suas emoções poderiam ter abrigado há apenas duas semanas. Em mais um mês, a neve cairia e cobriria tudo aquilo.

Tudo terminava no outono.

Ela pareceu compreender-lhe o estado de espírito e permaneceu calada. O movimento na estrada, a viagem, preenchia o silêncio entre eles, tranqüilizava-os. Deslizaram sobre a água em Yarmouth e depois houve apenas bosques, *trailers* e choupanas miseráveis, com "casinhas" ao lado (ainda assim, podia-se sempre ver a ligação por cabo da Free-Vee, soldada embaixo de um peitoril de janela arriada, sem pintura ou ai lado de uma porta com a dobradiça quebrada, piscando e fazendo sinais semafóricos ao sol) até que entraram em Freeport.

Viram três carros da polícia estacionados pouco antes da cidade, os

guardas reunidos numa espécie de conferência à beira da estrada. A mulher enrijeceu-se como um arame, o rosto desesperadamente pálido. Richards, porém, sentiu-se calmo.

Passaram pela polícia sem despertar atenção, e ela afundou-se no assento.

— Se estivessem monitorando o tráfego, teria vindo atrás de nós como uma bala — observou casualmente Richards. — Para todos os efeitos você parece ter escrito na testa: BEN RICHARDS ESTÁ NESTE CARRO.

— Por que não me solta? — explodiu ela, e no mesmo hausto perguntou: — Tem um baseado por acaso?

Ricos fumam Dokes. O pensamento fê-lo soltar uma gargalhada irônica e sacudiu a cabeça.

— Está rindo de mim? — perguntou ela, magoada. — Você tem coragem, não tem, seu assassinozinho covarde! Quase me matando de medo e provavelmente pensando em me matar como matou aqueles pobre rapazes em Boston...

— Havia uma grosa inteira daqueles pobres rapazes — lembrou —, todos eles prontos para me matar. É esse o trabalho deles.

— Matando por dinheiro. Disposto a fazer tudo por dinheiro. Querendo roubar o país. Por que não procura um trabalho decente? Porque é preguiçoso demais! Gente como você cospe na cara de tudo o que é decente.

— Você é decente? — perguntou Richards.

— Sou — respondeu ela, furiosa. — Não foi por isso que me escolheu? Porque eu era indefesa... e decente? Para que pudesse me usar, arrastar-me para seu baixo nível e depois rir?

— Se a senhora é tão decente, como é que arranjou seis mil novos dólares para comprar este carro de luxo enquanto minha filhinha morre de influenza?

— O quê... — Ela pareceu aturdida. A boca começou a abrir-se mas ela fechou-a com um estalo. — Você é um inimigo da Rede — disse. — É isso o que a Free-Vee diz. Eu vi algumas das coisas revoltantes que você fez.

— Sabe o que é revoltante? — perguntou Richards, acendendo um cigarro do maço que estava sobre o painel. — Eu lhe digo. É revoltante ser posto na lista negra porque a gente não quer aceitar um trabalho na General Atomics que nos torna estéreis. É revoltante ficar sentado em casa e ver sua mulher ganhando o dinheiro das compras deitada de costas com as pernas abertas. É revoltante saber que a Rede está matando milhões de pessoas todos os anos com poluentes atmosféricos, quando podia estar fabricando filtros nasais por seis dólares a peça.

— Você está mentindo — retrucou ela, os nós dos dedos ficando brancos no volante.

— Quando isto acabar — prosseguiu Richards —, a senhora pode voltar para seu belo apartamento dúplex de dois níveis, acender um Doke, entrar num barato e adorar a maneira como sua nova prataria brilha na cristaleira. Não há no seu bairro ninguém que corra atrás de ratos com um cabo de vassoura ou defeque no alpendre do fundo porque o vaso está entupido. Conheci uma menininha de cinco anos que sofria de câncer pulmonar. O que acha disso como coisa revoltante?

— O que... Pare! — gritou ela. — *Você está dizendo coisas sujas!*

— Isso mesmo — concordou ele, olhando para o campo que passava pela janela.

O desamparo saturou-o como se fosse água fria. Não havia um terreno comum de comunicação com esses belos afortunados. Viviam em uma altitude em que o ar era rarefeito. Sentiu uma ânsia súbita de obrigar aquela mulher a parar, jogar aqueles óculos de sol no cascalho, arrastá-la pela terra, obrigá-la a comer pedra, estuprá-la, saltar sobre ela, quebrar-lhe os dentes, despi-la e perguntar-lhe se ela estava começando a ver o grande quadro, o que é apresentado 24 horas por dia no Canal 1, onde o hino nacional nunca é tocado antes do encerramento de um programa.

— Isso mesmo — murmurou. — Conversa suja é comigo!

...Menos 043

e CONTANDO...

CONSEGUIRAM CHEGAR MAIS LONGE do que tinham qualquer direito de ir, pensou. Percorreram toda aquela distância até uma bonita cidadezinha à beira-mar chamada Camden, a mais de 160km do local onde pegara uma carona com Amélia Williams.

— Escute — disse ele no momento em que entravam em Augusta, a capital do Estado —, há uma boa probabilidade de que nos descubram aqui. Eu não tenho a menor vontade de matá-la. Compreendeu isso?

— Compreendi — respondeu ela, e, cheia de ódio: — Você precisa de uma refém.

— Exato. De modo que se um tira aparecer atrás de nós, pare. Imediatamente. Abra a porta e incline-se para fora. Simplesmente, incline-se. Sua bunda não deve deixar o assento. Compreendeu?

— Compreendi.

— Grite: Benjamin Richards me tomou como refém. Se não der passagem livre a ele, ele me mata.

— E você pensa que *isso* vai funcionar?

— É melhor que funcione — retrucou ele com tensa zombaria.— É a sua bunda que está em jogo.

Ela mordeu o lábio e continuou calada.

— Vai funcionar. Acho. Logo, logo haverá uma dezena de cinegrafistas free lancer por aí, na esperança de pegar algum dinheiro dos Jogos ou mesmo um Prêmio Zapruder. Com esse tipo de publicidade, a polícia terá que jogar limpo. Sinto que não vá ver nós dois morrermos em uma saraivada de balas, de modo que eles possam falar hipocritamente em você como a última vítima de Ben Richards.

— Por que é que você *diz* essas coisas? — explodiu ela. Ele não respondeu. Simplesmente afundou-se no assento até que ficou de fora apenas o alto da cabeça e esperou as luzes azuis no espelho retrovisor do carro.

Mas não houve luzes azuis em Augusta. Continuaram durante mais hora e meia, bordejando o oceano enquanto o sol começava a descambar para oeste, captando pequenas faíscas e cristas de onda, cruzando campos, transpondo pontes e através de abetos.

Passava das 2h da tarde quando terminaram uma curva não muito longe de Camden e viram um bloqueio de estrada: dois carros da polícia estacionados de cada lado da estrada. Dois policiais estavam examinando a situação de um fazendeiro que guiava uma velha *pick-up.* Com um gesto mandaram-no prosseguir viagem.

— Rode mais uns 70m e pare — disse Richards. — Faça como eu lhe disse.

Ela estava pálida, mas, aparentemente, no controle de si mesma. Resignada, talvez. Aplicou os freios normalmente e o carro a ar parou no meio da estrada, a uns 50m do ponto de vistoria.

O miliciano que segurava uma prancheta mandou-a seguir, imperiosamente, com um gesto de mão. Continuando ela parada, ele olhou interrogativamente para o companheiro. Um terceiro guarda, que estivera sentado dentro de um dos carros, com os pés para cima, pegou logo o microfone portátil sob o painel e começou a Mar rapidamente.

Lá vamos nós, pensou Richards. Oh, Deus, lá vamos nós.

...Menos 042

e CONTANDO...

O DIA ESTAVA MUITO CLARO (a chuva constante de Harding parecia a anos-luz de distância) e tudo era muito nítido, claramente definido. As sombras dos milicianos davam a impressão de que traçadas a *crayon.* Nesse momento estavam soltando as finas tiras que prendiam as coronhas de suas armas. A sra. Williams abriu a porta e inclinou-se para fora.

— Não atirem, por favor — disse, e pela primeira vez Richards deu-se conta de como era cultivada a voz dela, como era rica. Em outras circunstâncias, ela poderia estar em uma sala de visitas, se fossem esquecidos os nós de dedos brancos e uma veia que tremia como um passarinho assustado em seu pescoço. Aberta a porta, sentiu o odor fresco, revigorante, de pinheiros e capim rabo-de-gato.

— Saia do carro com as mãos sobre a cabeça — disse o policial que segurava a prancheta. Falava como se fosse uma máquina bem programada. Modelo 6925-A9 da General Atomics, pensou Richards. O miliciano Hicksville, baterias de rádio de 16-psm incluídas. Só fornecido na cor branca. — A senhora e seu passageiro, madame. Nós o estamos vendo.

— Meu nome é Amélia Williams — respondeu ela em voz muito clara. — Não posso descer do carro, como quer. Benjamin Richards está me detendo aqui como refém. Se não lhe der trânsito livre, ele disse que me mata.

Os dois policiais se entreolharam e algo mal perceptível passou entre eles. Richards, com os nervos esticados a um ponto tal que parecia operar um sétimo sentido, percebeu.

— *Guie!*— gritou.

Ela fitou-o, confusa.

— Mas eles não vão...

A prancheta caiu na estrada. Os dois policiais arriaram-se em postura ajoelhada quase no mesmo instante, armas à vista, seguradas com força na mão direita, a mão esquerda firmando o pulso direito. Um em cada lado da linha branca sólida no meio da estrada.

Richards pisou com o pé ferido no pé direito de Amélia Williams, seu rosto se contorcendo numa máscara de tragédia de dor quando os ossos do tornozelo fraturado arranharam uns nos outros. O carro a ar arrancou.

No momento seguinte, dois socos perfurantes atingiram o carro, fazendo-o vibrar. Um segundo depois, o pára-brisa voou para dentro, cobrindo os dois com fragmentos dos vidros de segurança. A mulher ergueu as mãos para proteger o rosto, enquanto Richards inclinava-se selvagemente sobre ela, girando o volante.

Passaram como uma bala pelo espaço entre os carros estacionados. Richards captou um vislumbre dos milicianos girando para atirar novamente e depois concentrou toda a atenção na estrada.

Subiram uma pequena elevação e logo depois mais um oco *thutmnm!*

quando uma bala abriu um buraco na mala do carro. O carro começou a rabear e Richards agarrou com força o volante girando-o em arcos cada vez menores. Obscuramente, notou que a sra. Williams estava gritando.

— Guie! — berrou para ela. — Guie, droga! Guie! Guie!

As mãos da mulher procuraram reflexivamente o volante e encontraram-no. Ele soltou-o e com a mão aberta arrancou-lhe dos olhos os óculos de sol, que ficaram pendurados de uma orelha por um instante e depois caíram.

— Parem!

— Eles atiraram em nós. — A voz dela começou a subir. — Eles atiraram em nós. Eles *atiraram* em...

— *Parem!*

O uivo das sirenes aumentou às costas deles.

Ela parou, desajeitada, lançando o carro em uma violenta meia-volta que jogou cascalho no ar.

— Eu disse a eles e eles tentaram nos matar — disse ela, espantada. — Tentaram nos matar.

Mas ele já descera do carro, capengando canhestramente na direção de onde haviam vindo, a pistola na mão. Perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente, arranhando o joelho.

Quando a primeira viatura apareceu no lado da ladeira, ele estava sentado no acostamento da estrada, a pistola em empunhadura firme ao nível do ombro. O carro estava desenvolvendo uns 125km/h e acelerando ainda; algum caubói do interior ao volante, com motor demais na frente e visões de glória nos olhos. Talvez o tenham visto, talvez tenham tentado parar. Não importava. Não havia pneus à prova de bala naqueles carros. O mais próximo dele explodiu como se tivesse dinamite dentro. A radiopatrulha decolou como um pesado pássaro, em alta velocidade pelo acostamento, em um vôo uivante e descontrolado, chocando-se com o tronco de um enorme olmo. A porta do motorista abriu-se bruscamente. O motorista passou pelo pára-brisa como se fosse um torpedo e voou uns 30m antes de cair numa moita.

O segundo carro surgiu desenvolvendo quase a mesma velocidade e Richards precisou de quatro tiros para acertar num pneu. Duas balas levantaram areia perto do lugar onde ele se encontrava. Esse carro derrapou em uma fumacenta meia-volta e rolou três vezes sobre si mesmo, espalhando vidro e metal.

Levantou-se com dificuldade, olhou para baixo e viu a camisa escurecendo aos poucos, imediatamente acima do cinto. Voltou saltitando para o carro a ar e depois caiu sobre o rosto quando a segunda radiopatrulha explodiu, vomitando estilhaços por cima e em volta dele.

Voltou a levantar-se, produzindo estranhos sons de choro. O lado do corpo que fora atingido começou a latejar em ciclos lentos e dolorosos.

A mulher poderia ter fugido, talvez, mas não fez esforço nenhum nesse sentido. Olhava, transfixada, para o carro da polícia em chamas na estrada. Quando Richards entrou, ela se encolheu, afastando-se dele.

— Você os matou. Você matou aqueles homens.

— Eles tentaram me matar. E a você, também. Guie. Rápido.

— ELES NÃO TENTARAM ME MATAR!

— *Guie!*

Ela guiou.

A máscara de jovem e abastada *hausfrau* de volta de compras no supermercado pendia nesse momento rasgada, em frangalhos. Por baixo dela havia alguma coisa da caverna, alguma coisa com lábios contorcidos e olhos rolantes. Talvez houvesse estado ali o tempo todo.

Percorreram cerca de 8km e chegaram a um armazém e posto de abastecimento de ar na estrada.

— Pare — ordenou Richards.

...Menos 041

e CONTANDO...

— DESÇA.

— Não.

Ele enfiou a arma no seio direito dela e a mulher choramingou:

— Não faça isso. Por favor.

— Sinto muito, mas não há mais tempo para você bancar a prima-dona. Desça.

Ela desceu e ele deslizou atrás dela.

— Deixe eu me apoiar em você.

Passou o braço em volta dos ombros dela e com a arma apontou para a cabine telefônica ao lado da máquina de vender gelo. Começaram a andar nessa direção, parecendo um grotesco par de teatro de variedades, Richards saltando sobre o pé sadio. Sentia-se cansado. Mentalmente, viu os carros estourando, o corpo voando como um torpedo, a explosão. As cenas se repetiam, como se fosse uma volta contínua de fita gravada.

O proprietário do armazém, um tipo idoso, cabelos brancos, pernas magrelas por trás de um sujo avental de açougueiro, saiu da casa e fitou-os com olhos preocupados.

— Hei — disse em voz humilde. — Não quero vocês aqui. Eu tenho família. Continuem na estrada. Por favor. Não quero problema.

— Entre, papai — disse Richards.

O homem entrou.

Richards entrou frouxamente na cabine, respirando pela boca e enfiou 50 cents na ranhura. Segurando a arma e o aparelho com uma única mão, digitou 0. Que central é esta, telefonista?

— Rockland, senhor.

— Ligue-me com a agência de notícias local, por favor.

— O senhor pode discar, senhor. O número é...

— Disque você.

— O senhor deseja...

— *Simplesmente, disque!*

— Sim, senhor — respondeu imperturbável a telefonista.

Richards ouviu cliques e estalidos. O sangue escurecera em sua camisa e nesse momento tinha uma cor púrpura suja. Desviou a vista. Aquilo fazia-o sentir vontade de vomitar.

— Noticiário de Rockland — disse uma voz em sua orelha. — Tablóide Número 6943 da Free-Vee.

— Quem está falando aqui é Ben Richards.

Houve um logo silêncio. Em seguida:

— Escute aqui, verme, eu preciso tanto de uma piada como qualquer outro cara, mas hoje tem sido um dia muito, muito...

— Cale-se. Você vai ter confirmação disso dentro de dez minutos, no máximo. E pode tê-lo agora, se tem um rádio que opera na faixa da polícia.

— Eu... espere um segundo.

No outro lado da linha, ele ouviu o som de um telefone que caía de um mão e ficava pendurado pelo fio. Em seguida, o telefone foi recuperado e a voz falou, dura e prática, mas com um subtom de excitação.

— Onde é que você está, cara? Metade dos tiras da região leste do Maine acaba de passar por Rockland... mais ou menos às 10:10h

Richards espichou o pescoço para ler o nome do armazém.

— Em um lugar chamado Gilly's Town Line Store & Airstop, na Estrada Federal. Conhece o lugar?

— Conheço. Simplesmente...

— Você é que me escuta, verme. Não liguei para lhe contar a história de minha vida. Mande uma equipe de cinegrafistas para aqui. Rápido. E ponha isso no ar. Boletim Extra. Tenho uma refém. O nome dela é Amélia Williams. De... — olhou para ela.

— Falmouth — disse ela, infeliz.

— De Falmouth. Quero salvo-conduto ou mato-a.

— Jesus! Estou sentindo o cheiro do Prêmio Pulitzer!

— Não, você simplesmente cagou nas calças, só isso. — disse Richards. Sentia-se meio tonto. — Divulgue isso. Quero que os porcos da Milícia Estadual saibam que não estou sozinho. Três deles numa barreira da polícia tentaram nos matar.

— O que foi que aconteceu com esses policiais?

— Matei-os.

— Todos três? Notícia quente! — A voz afastou-se do telefone e gritou para um lugar a alguma distância: — Dick, abra o cabo nacional!

— Eu vou matá-la, se eles atirarem — disse Richards, simultaneamente tentando injetar sinceridade na voz e lembrar-se de todos os filmes de gângster que vira na televisão no tempo de criança. — Se querem salvar a mulher, é melhor que me deixem passar

— Quando...

Richards desligou e saiu desajeitado da cabine.

— Ajude-me.

A mulher pôs um braço em volta dele, fazendo uma careta para o sangue.

— Compreende o que está fazendo?

— Compreendo.

— Isso é loucura. Você vai ser morto.

— Siga para o norte — murmurou ele. — Simplesmente, siga para o norte.

Entrou no carro, respirando com dificuldade. O mundo insistia em aparecer e desaparecer. Música atonal, alta, feria-lhe os ouvidos. A mulher pôs o carro na estrada. O sangue dele manchara-lhe a elegante blusa verde com listras pretas. O velho, Gilly, abriu a porta numa fresta e por ela surgiu uma velha câmera Polaroid. Apertou o obturador, puxou a fita, e esperou. Tinha o rosto pintado de horror, emoção e deleite.

À distância, o som de sirenes que aumentavam de volume e convergiam.

...Menos 040

e CONTANDO...

VIAJARAM UNS 8KM ANTES que pessoas começassem a correr para seus gramados fronteiros a fim de vê-los passar. Muitas delas traziam câmeras fotográficas. Richards relaxou.

— Naquela barreira, eles atiraram nos bolsões de ar — disse ela em voz baixa. — Foi um erro. É isso o que foi. Um erro, se aquele verme estava atirando num bolsão de ar quando destruiu o pára-brisa, então deve ter havido naquela arma um aparelho de pontaria de um metro de altura.

Foi um erro.

Nesse momento entravam no distrito residencial do que achou que era Rockland. Casas de veraneio. Estradas de areia levando a bangalôs à beira-mar. Breeze Inn. *Estrada Particular.* Só Eu e Patty. *Entrada Proibida. Intrusos Serão Recebidos a Bala.* Cloude-Hi. 5000 *Volts.* Set-A. Spell. *Cães Policiais Soltos.*

Olhos doentios e rostos famintos fitando-os de trás de árvores, como se fossem gatos Cheshire. O estridor de Free-Vees a bateria entrava pelo pára-brisa quebrado.

Um ar alucinado, sobrenatural, de carnaval em tudo.

— Essas pessoas — observou Richards — querem apenas ver alguém sangrar. Quanto mais, melhor. E prefeririam que fôssemos nós dois. Pode acreditar numa coisa dessas?

— Não.

— Neste caso, eu a saúdo.

Um homem idoso, cabelos brancos, usando bermudas de tecido madras que lhe descia aos joelhos, correu para a borda da estrada. Trazia uma grande câmera, com lentes de telefoto. Começou a tirar fotos feito um alucinado, dobrando-se e abaixando-se. Suas pernas eram brancas como barriga de peixe. Richards estourou de repente numa gargalhada que parecia um zurro, sobressaltando Amélia.

— O que...

— Ele não tirou o protetor da lente — disse Richards. — Ele não...

O riso, porém, dominou-o.

Carros congestionavam o acostamento da estrada no momento em que chegaram ao alto de uma longa e suave ladeira e começaram a descer em direção à própria cidade de Rockland. Talvez ela houvesse sido outrora uma pitoresca aldeia de pescadores na costa, cheia de personagens de Winslow Homer vestidos de impermeáveis amarelos que saíam em pequenos botes para pegar as astuciosas lagostas. Se assim, aquilo tudo era coisa de passado distante. Nesse momento havia um enorme *shopping center* de cada lado da estrada, uma rua principal de espeluncas, bares, e agências de aluguel de carros. E também residências de classe média nas alturas que davam para a rua principal e uma favela crescente nascendo na borda rançosa da água. O mar no horizonte

continuava ainda o mesmo. Brilhava, azul e imemorial, cheio de pontos dançantes de luz ao sol de fins de tarde.

Iniciaram a descida e viram dois carros da polícia atravessados na estrada. As luzes azuis acendiam e apagavam irregularmente, loucamente e fora de sincronia entre si. Estacionado em um ângulo no acostamento esquerdo, um carro blindado, armado com um canhão curto, grosso, apontava para eles.

— Você está perdido — disse ela, quase com pena. — Eu também tenho que morrer?

— Pare a 50m da barreira da polícia e faça o que tem que fazer — respondeu Richards.

Deslizou para baixo no assento. Um tique nervoso começou a aparecer-lhe no rosto.

A mulher abriu a porta, mas não se inclinou para fora. Havia um silêncio mortal no ar. O *silêncio caiu sobre a multidão,* pensou ironicamente Richards.

— Estou com medo — confessou a mulher. — Por favor. Estou com tanto medo.

— Eles não atirarão em você — retrucou ele. — Há gente demais por aí. Ninguém mata reféns, a menos que ninguém esteja olhando. Essas são as regras do jogo.

Ela fitou-o por um momento e ele, de repente, desejou que pudessem tomar juntos uma xícara de café. Escutaria com toda atenção a conversa dela e

mexeria o creme na xícara quente — oferecimento dela, claro. Discutiriam em seguida as possibilidades de desigualdade social, a maneira como as meias sempre caem quando a gente usa botas de borracha, e a importância de ser sério.

— Vá em frente, sra. Williams — disse ele com suave e tensa zombaria. — Os olhos do mundo estão pousados na senhora.

Ela inclinou-se para fora.

Seis carros da polícia e outro carro blindado haviam parado a uns 30m atrás deles, cortando-lhes a retirada.

Ele pensou: *Agora o único caminho de fuga é direto para cima e para o céu.*

...Menos 039

e CONTANDO...

— MEU NOME É AMÉLIA WILLIAMS. Benjamin Richards está me mantendo como refém. Se não lhe derem salvo conduto, ele diz que me mata.

Silêncio durante um momento, tão completo que Richards ouviu o ronco distante do apito pneumático de algum iate ao largo.

Em seguida, o berro assexual, amplificado:

— QUEREMOS FALAR COM BEN RICHARDS.

— Não — respondeu imediatamente Richards.

— Ele diz que não tem nada a falar.

— SAIA DO CARRO, MADAME.

— Ele diz que me mata! — gritou ela, alucinada. — Será que vocês não escutam? Alguns homens quase nos mataram *lá* atrás! Ele diz que vocês não se

importam com quem matam. *Meu Deus será que ele tem razão?*

Na multidão, uma voz rouca gritou:

— Deixem-na passar.

— SAIAM DO CARRO OU NÓS ATIRAREMOS.

— Deixem-na passar! Deixem-na passar!

A multidão pegara o estribilho como torcedores entusiásticos de um jogo de bola assassina.

— SAIAM...

A multidão abafou a voz da polícia. De algum lugar, uma pedra veio voando. O pára-brisa de um carro da polícia transformou-se numa matriz de rachaduras.

Ocorreu uma brusca aceleração de motores e as duas radiopatrulhas começaram a se afastar uma da outra, deixando uma estreita passagem na pista. A multidão aplaudiu, feliz, e depois calou-se, a espera do ato seguinte.

— TODO OS CIVIS DEVEM DEIXAR A ÁREA — entoou o alto-falante. — PODE HAVER TIROTEIO. TODOS OS CIVIS DEVERÃO DEIXAR A ÁREA OU SERÃO ACUSADOS DE OBSTRUÇÃO E REUNIÃO ILEGAL. A PENA POR OBSTRUÇÃO DA AÇÃO DA JUSTIÇA E REUNIÃO ILEGAL É DE DEZ ANOS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL OU UMA MULTA DE DEZ MIL DÓLARES OU AMBAS AS PENAS. EVACUEM A ÁREA. EVACUEM A

ÁREA.

— Sim, de modo que ninguém possa ver vocês matarem a moça! — gritou uma voz histérica. — Fodam-se, vocês todos policiais!

A multidão permaneceu no mesmo lugar. Um carro de reportagem preto e amarelo parará com um guinchar bem produzido de pneus. Dois homens saltaram e começaram a montar uma câmera.

Dois policiais correram para lá e houve uma luta curta e selvagem pela posse da câmera. Finalmente, um dos guardas arrancou-a, ergueu no ar o tripé e bateu com ele na estrada. Um dos cinegrafistas tentou agarrar o policial que fizera isso e foi derrubado a golpes de cassetete.

Um menino saiu correndo do meio da multidão e atirou uma pedra na parte posterior da cabeça do policial. Sangue espirrou pela estrada quando o policial caiu. Uma meia dúzia de espectadores desceu sobre o menino e levou-o dali. Inacreditavelmente, pequenas e selvagens lutas de socos haviam começado no acostamento entre bem vestidos moradores da cidade e moradores mais esmolambados das favelas. Uma mulher usando vestido caseiro rasgado e desbotado atacou subitamente uma gorda matrona e começou a puxar-lhe os cabelos. As duas caíram pesadamente na estrada e começaram a rolar pelo asfalto, escoiceando e gritando.

— Meu Deus — disse Amélia, enojada.

— O que é que está acontecendo? — perguntou Richards.

Não ousava levantar a cabeça para um ponto mais alto do que o relógio do painel.

— Brigas. A polícia batendo no povo. Alguém quebrou uma câmera de reportagem.

— DESISTA, RICHARDS. SAIA DO CARRO.

— Continue a dirigir — disse baixinho Richards.
O carro a ar avançou taticamente.

— Eles atirarão nos bolsões de ar — disse ela. — E depois esperarão até que você saia.

— Não farão isso — retrucou Richards.

— Porquê?

— Porque são estúpidos demais.

Não atiraram.

Lentamente, passaram pelos carros da polícia alinhados ao lado da pista e pelos espectadores de olhos esbugalhados. Estes últimos haviam se separado em dois grupos em uma segregação inconsciente. Em um dos lados da estrada reuniam-se os cidadãos de classe média e alta, as mulheres que faziam o cabelo em salões de beleza, homens que usavam camisas Arrow e sapatos tipo mocassim. Homens que usavam batas com os nomes de suas companhias nas costas e seus próprios nomes bordados em fio de ouro sobre os bolsos do peito. Mulheres como a própria Amélia Williams, vestidas para o mercado e as lojas. Seus rostos eram diferentes de todas as maneiras mas parecidas em uma: pareciam estranhamente incompletas, tais como fotos com buracos no lugar dos olhos ou um quebra-cabeça em que faltava uma pequena peça. Era uma

carência de desespero, pensou Richards. Lobo nenhum rondava aquelas barrigas. Aquelas mentes não estavam cheias de sonhos podres, loucos, ou loucas esperanças.

Essas pessoas ocupavam o lado direito da estrada, o lado que dava para a combinação de marina e clube de campo pelo qual estavam justamente passando.

A polícia estava desdobrada com mais efetivos nessa parte da estrada e mais homens chegavam o tempo todo. Richards não ficou surpreso com a prontidão e efetivos com que haviam chegado ali, a despeito do inesperado de sua aparição no local. Mesmo ali no interior, o cassetete e a arma de fogo eram mantidos sempre ao alcance da mão, os cachorros famintos nos canis. Os pobres arrombavam casas de veraneio fechadas no outono e inverno. Os pobres invadiam supermercados em turmas de adolescentes. Sabia-se que os pobres costumavam escrever obscenidades com erros de ortografia nas vitrinas de lojas. Os .pobres sempre têm fome e sabia-se que a vista de ternos de duzentos dólares e barrigas bem abastecidas de comida faziam-lhes as bocas encherem-se de saliva invejosa. E os pobres tinham que ter seus Jack Johnsons, seus Muhammad Alis, seus Clyde Barrows. Parados ali, apenas observavam.

Ali à direita, gente, temos os veranistas, pensou Richards. Gordos e desleixados, mas pesados em suas armaduras. À esquerda, pesando apenas 55kg — mas um adversário maldoso de olhos perversos — temos os Brancosos Famintos. A política deles era a morte por inanição, trocariam o próprio Cristo por meio quilo de salame. A polarização chegara ali. Cuidado com esses dois contendores, porém. Eles não ficam no ringue, têm a tendência de brigar nos lugares que custam dez dólares. Poderemos, por acaso, arranjar um bode expiatório para os dois.

Vagarosamente, a 50km, Ben Richards passou por eles.

...Menos 038

e CONTANDO...

PASSOU-SE UMA HORA. Eram 4h. Sombras rastejavam pela estrada.

Richards, derreado no assento abaixo do nível do olho, entrava e saía flutuando e sem esforço do estado de consciência. Com dificuldade, puxara a camisa de dentro das calças para examinar o novo ferimento. A bala abrira um fundo e feio canal no lado do corpo e que sangrava um bocado. O sangue coagulara, mas de má vontade. Quando tinha que mover-se rápido, o ferimento reabria e sangrava um bocado. Mas isso não importava. Iam matá-lo. Diante desse maciço arsenal, seu plano era uma piada. Mas iria adiante com ele, preencheria os claros até que houvesse um "acidente" e o carro a ar fosse transformado em rebites recurvados e cacos de metal ("...um terrível acidente... o miliciano foi suspenso de suas funções até a conclusão do inquérito... lamentamos a perda de uma vida inocente..." — tudo isso sepultado no último noticiário do dia, entre o boletim do mercado de ações e o último pronunciamento do Papa), mas era apenas um reflexo. Estava tornando-se cada vez mais preocupado com Amélia Williams, cujo grande erro fora escolher a manhã de quarta-feira para fazer suas compras.

— Há tanques lá na frente — disse ela de repente. A voz era jovial, em tom de prosa, histérica. — Pode imaginar uma coisa dessas? Você pode...

E começou a chorar.

Richards esperou. Finalmente disse:

— Em que cidade estamos?

— W-W-Winterport, era o que dizia a tabuleta. Oh, eu não posso! Não posso esperar para que façam isso! *Eu não posso!*

— Tudo bem — retrucou ele.

Ela piscou devagar, dando uma sacudidela infinitesimal na cabeça, como se para clareá-la.

— O quê?

— Pare. Desça.

— Mas eles o matarão...

— Matarão, sim. Mas não haverá sangue nenhum. Você não verá meu sangue. Eles têm ali poder de fogo suficiente para vaporizar o carro e a mim também.

— Você está mentindo. Você me mataria.

A arma estivera pendurada entre seus joelhos. Deixou-a cair no piso do carro, onde ela bateu inocuamente no tapete de borracha.

— Eu quero um pouco de maconha — disse ela, sem saber o que dizia. — Oh, Deus, quero ficar alta. Por que você não esperou pelo carro em seguida ao meu? Jesus! Jesus!

Richards começou a rir. Riu de uma forma chiante, rasa, que lhe provocava dores nos lados. Fechou os olhos e riu até que lágrimas escaparam de suas pálpebras.

— Está frio aqui com esse pára-brisas quebrado — disse ela, irrelevantemente. — Ligue o aquecedor.

O rosto dela era uma mancha pálida nas sombras de fins de tarde.

...Menos 037

e CONTANDO...

— ESTAMOS EM DERRY — anunciou ela.

As ruas estavam pretas de tanta gente, que se empoleirava em beirais de telhados e sentavam-se em balcões e varandas de onde havia sido retirada a mobília de verão. Comiam sanduíches e galinha assada em baldes sebentos.

— Há sinais de jatoporto?

— Há. Estou seguindo-os. Mas eles vão simplesmente fechar os portões.

— Eu simplesmente ameaçarei novamente matá-la se fizerem isso.

— Vai seqüestrar um avião?

— Vou tentar.

— Você não pode.

— Tenho certeza de que você tem razão.

Viraram a direita e depois à esquerda. Monotonamente, alto-falantes exortavam a multidão para que recuasse, se dispersasse.

— Ela é realmente sua esposa? Aquela mulher nas fotos?

— É. O nome dela é Sheila. Nossa filha, Cathy, tem um ano e meio. Pegou influenza. Talvez esteja melhor agora. Foi por isso que me meti nisto.

Um helicóptero zumbiu por cima deles, desenhando uma grande sombra de aranha na estrada à frente. Uma voz rudemente amplificada apelou a Richards para que soltasse a mulher. Quando o helicóptero se afastou e puderam conversar novamente, ela disse:

— Sua mulher parece uma pequena vagabunda. Ela devia cuidar-se mais.

— Foi retocada — respondeu Richards numa voz sem expressão.

— Eles fariam uma coisa dessas?

— Eles fariam uma coisa dessas.

— O jatoporto. Estamos chegando.

— Os portões estão fechados?

— Não posso ver... espere... abertos, mas bloqueados. Um tanque. Está apontando o canhão para nós.

— Siga até uns 30m do tanque e pare.

O carro arrastou-se lentamente pela estrada de acesso de quatro pistas, entre os carros de polícia estacionados e os gritos e conversas incessantes da multidão. Uma tabuleta apareceu bem acima deles: VOIGT AIRFIELD. A mulher viu uma cerca eletrificada de arame que cruzava uma espécie de terra pantanosa e devoluta de ambos os lados da estrada. Bem à frente, uma combinação de guichê de informação e ponto de controle, em uma ilha no meio da estrada. Do outro lado dela, o portão principal, bloqueado por um tanque *A-62,* capaz de disparar obuses de um quarto de megaton com seu canhão. Mais longe, uma confusão de estradas e pátios de estacionamento, todos convergindo para o complexo de terminais de linhas a jato e que bloqueavam da vista as pistas de pouso e decolagem. Uma imensa torre de controle projetava-se do meio de tudo aquilo, acima de todo o terreno, como um marciano de H.G. Wells, o sol a leste refletindo-se de suas baterias polarizadas de janelas e transformando-as em fogo. Empregados e passageiros haviam se reunido no pátio do estacionamento mais próximo, onde estavam sendo contidos por mais policiais. Ouviram um chiado pulsante, forte, e Amélia viu um Lockheed G-A Superbird cinza-metálico erguer-se em uma poderosa ascensão vertical de uma das pistas que ficavam por trás dos prédios principais.

— RICHARDS!

Ela sobressaltou-se e olhou para ele. Ele acenou indiferente com a mão para ela. Está tudo bem, mãe. Eu estou apenas morrendo.

— VOCÊ NÃO TERÁ PERMISSÃO PARA ENTRAR — advertiu-o a voz ensurdecedora mente amplificada. — SOLTE A MULHER. DESÇA DO CARRO.

— E o quê, agora? — perguntou ela. — É um impasse. Eles simplesmente esperarão até que...

— Vamos pressioná-los um pouco mais — disse Richards. — Eles blefarão um pouco mais. Incline-se para fora. Diga a eles que estou ferido e meio louco. Diga que quero me entregar a Polícia das Companhias Aéreas.

— Você quer fazer *o quê?*

— A Polícia das Companhias Aéreas nem é estadual nem federal. É internacional desde a assinatura do tratado das Nações Unidas em 1995. Havia uma história que dizia que se a gente se entregava a ela, conseguia anistia. Tal como aterrar no Estacionamento Gratuito, naquele jogo, Monopólio. Pura merda, claro. Ela entrega o cara aos Caçadores e os Caçadores arrastam-no para a frente do celeiro.

Ela se contorceu.

— Mas talvez eles pensem que acredito nisso. Ou que me obriguei a acreditar nessa mentira. Vá em frente e diga a eles.

Ela inclinou-se para fora e Richards ficou tenso. Se ia haver um "infeliz acidente" que tiraria Amélia de cena, provavelmente ia acontecer nesse momento. A cabeça e parte superior dela estavam claramente expostos a milhares de armas. Um único aperto num gatilho e toda aquela farsa chegaria ao fim.

— Ben Richards quer se entregar à Polícia das Companhias Aéreas — gritou ela. — Ele foi ferido a bala em dois lugares. — Lançou um olhar apavorado por cima do ombro e sua voz se alquebrou, alta e clara no silêncio súbito criado pela partida do jato que desaparecia i distância. — Ele tem estado

louco a metade do tempo e, Deus,
estou tão *assustada... por favor... por favor... POR FAVOR!*

As câmeras estavam gravando tudo aquilo, ao vivo, numa notícia de última hora que seria transmitida em questão de minutos para toda a América do Norte e metade do mundo. Isso era bom. Isso era excelente. Richards sentiu a tensão enrijecer-lhe novamente os membros e teve certeza de que estava começando a ter esperança.

Silêncio por um momento. Uma conferência estava em curso atrás da cabine do ponto de controle.

— Muito bom — disse Richards, baixinho.

Ela fitou-o.

— Você acha que é difícil parecer assustada? Nós não estamos juntos nisto, o que quer que você pense. Eu só quero que você vá embora.

Pela primeira vez, ele notou como os seios dela eram perfeitos sob a blusa preta e verde manchada de sangue. Como eram perfeitos e preciosos. Ouviram os dois um inesperado e forte rangido e ela gritou.

— É o tanque — disse ele. — Tudo bem. Apenas o tanque.

— Ele está se movendo — avisou ela. — Vão deixar que a gente entre.

— RICHARDS! DIRIJA-SE AO LOTE 16! A POLÍCIA DAS COMPANHIAS AÉREAS ESTARÁ LÁ

PARA COLOCÁ-LO SOB SUA PROTEÇÃO E CUSTÓDIA!

— Tudo bem — concordou ele, a voz fraca. — Continue a guiar. Quando passar uns 800m do portão, pare.

— Você vai conseguir que eu seja morta — observou ela, sem esperança. — Tudo que eu preciso fazer é ir ao banheiro e você vai conseguir que eu seja morta.

O carro a ar ergueu-se uns l0cm do solo e zumbiu suavemente para a frente. Richards agachou-se novamente quando passaram pelo portão, prevendo uma possível emboscada, mas não houve nenhuma. A estrada de asfalto curvava-se suavemente na direção dos prédios principais. Uma tábua com seta indicava que aquele era o caminho para os Lotes 16-20.

Nesse local a polícia se alinhara de pé ou ajoelhada atrás de cavaletes amarelos.

Richards sabia que ao menor movimento suspeito, ela reduziria o carro a frangalhos.

— Agora, pare — disse ele, e ela parou.

A reação foi instantânea:

— RICHARDS! DIRIJA-SE IMEDIATAMENTE PARA O LOTE 16!

— Diga a eles que eu quero um alto-falante — instruiu-a em voz baixa Richards. — Devem deixá-lo na estrada, a uns 20m à frente. Quero falar com

eles.

Ela gritou o recado e novamente eles esperaram. Um momento depois, um homem usando uniforme azul entrou correndo na estrada e depositou no chão um alto-falante elétrico. Ficou ali um momento, talvez saboreando a sensação de estar sendo visto por 500 milhões de pessoas e em seguida retirou-se para o anonimato atrás de um cavalete.

— Siga em frente — ordenou ele.

Seguiram devagar até o alto-falante e quando a porta do motorista se emparelhou com o aparelho, ela abriu-a e puxou-o para dentro. Em um dos lados, gravadas em relevo, as letras G e A, em cima de um raio.

— Muito bem — disse ele. — A que distância estamos do prédio principal?

Ela apertou os olhos.

— Uns 400m, acho.

— A que distância estamos do Lote 16?

— Metade disso.

— Ótimo. Isso é muito bom. Se é. — Notou que estava mordendo compulsivamente o lábio e obrigou-se a parar. A cabeça lhe doía, o corpo todo, na verdade, com excesso de adrenalina. — Continue a guiar. Vá até a entrada do Lote 16 e pare.

— E depois, o quê?

Ele sorriu, tenso e infeliz.

— Isso — disse — vai ser a Última Trincheira de Richards.

...Menos 036

e CONTANDO...

QUANDO ELA PAROU O CARRO à entrada do pátio de estacionamento, a reação foi rápida e imediata:

— CONTINUE — animou-o o alto-falante. — A POLÍCIA DO AEROPORTO ESTÁ NO PÁTIO, CONFORME COMBINADO.

Pela primeira vez, Richards ergueu seu próprio alto-falante:

— DEZ MINUTOS — disse. — TENHO QUE PENSAR.

Silêncio, novamente.

— Será que você não compreende que está obrigando-os a fazer isso? — perguntou ela numa voz estranha, controlada.

Ele soltou um risinho estranho, apertado, que parecia vapor sob alta pressão escapando de um bule de chá.

— Eles sabem que estou me preparando para acabar com a brincadeira deles. Só não sabem como.

— Você não pode — disse ela. — Será que você *tão percebe* isso ainda?

— Talvez eu perceba — retrucou ele.

...Menos 035

e CONTANDO...

— ESCUTE — disse ele.

“Quando os Jogos começaram, as pessoas disseram que eram o maior entretenimento do mundo porque nunca houve nada igual a eles. Mas nada disso é original. Houve gladiadores em Roma que fizeram a mesma coisa. E há outro jogo, também, o pôquer. No pôquer, o maior jogo é um *Royal-straight-flush* em espadas. E a forma mais dura de pôquer é o que se joga com cartas a descoberto. Quatro cartas à mostra na mesa e uma do baralho. Pagando 25 ou 10c todo mundo pode ficar no jogo. Custa-lhe talvez meio dólar para ver a carta coberta do outro cara. Mas quando você aumenta as apostas, a carta coberta torna-se cada vez mais importante. Após uma dezena de apostas, com a poupança de sua vida, seu carro e a casa no pano verde, aquela carta fica mais alta do que o monte Everest. O programa *O Sobrevivente* é assim. Apenas, eu não devo ter dinheiro algum com que jogar. Eles têm os homens, o poder de fogo, e o tempo. Estamos jogando com as cartas deles, as fichas deles, no cassino deles. Quando eu for agarrado, devo morrer. Mas eu talvez tenha apostado alto demais. Chamei os repórteres dos noticiários em Rockland. Os noticiários, eles são meu dez de espadas. Eles *tiveram* que me dar salvo-conduto porque todo mundo estava vendo. Não houve mais oportunidade de me liquidarem higienicamente depois daquela primeira barreira policial na estrada. Isso é engraçado porque é a Free-Vee que dá à Rede a influência que ela tem. Se você vê alguma coisa na Free-Vee, ela deve ser verdade. De modo que se todo o país visse a polícia assassinar minha refém — uma mulher abastada, de classe média — o país acreditaria. Eles não podem arriscar-se a isso, o sistema está trabalhando sob muita suspensão de fé, de confiabilidade, neste momento. Engraçado, ahn? Minha gente está aqui. Já houve problemas na estrada. Se os

milicianos e os Caçadores voltarem suas armas contra nós, alguma coisa feia pode acontecer. Um certo homem me disse para ficar perto de minha gente. Ele tinha mais razão do que pensava. Uma das razões por que estão me tratando com luvas de pelica é que minha gente está aqui.

“Minha gente, ela é o valete de espadas.

“A rainha, a mulher no caso, é você.

“Eu sou o rei, o negro com a espada.”

— “Estas são minhas cartas à mostra. Os meios de divulgação de massa, a possibilidade, o problema real, você, eu. Juntos eles nada são. Um par liquida com eles. Sem o ás de espadas, nada valem. Com o ás, são imbatíveis.

De repente, ele pegou-lhe a bolsa, uma imitação de pele de crocodilo com uma pequena corrente de prata. Enfiou-a no bolso do casaco, onde ela fez um grande volume.

— Eu não tenho o ás — disse ele baixinho. — Com um pouco mais de espírito de previsão, poderia possuí-lo. Mas eu *de fato* tenho uma carta coberta — uma carta que eles não podem ver. De modo que vou fazer um blefe.

— Você não tem a mínima chance — disse ela em voz sem expressão. — O que é que pode fazer com minha bolsa? Atirar neles com um batom?

— Acho que eles estão fazendo um jogo sujo por tanto tempo que vão se entregar. Acho que são covardes por dentro e por fora.

— RICHARDS! SEUS DEZ MINUTOS ACABARAM!

Richards levou o alto-falante aos lábios.

...Menos 034

e CONTANDO...

— ESCUTEM, COM ATENÇÃO! — A voz trovejou e ecoou pelos hectares planos do jatoporto. A polícia esperou, tensa. A multidão arrastou os pés. — TENHO AQUI, NO BOLSO DE MEU CASACO, 6kg DE DYNACORE, EXPLOSIVO DE ALTO IMPACTO — O TIPO QUE CHAMAM DE IRLANDÊS NEGRO. SEIS QUILOS SÃO SUFICIENTES PARA DESTRUIR TUDO E TODOS EM UM RAIO DE 800 METROS E PROVAVELMENTE SUFICIENTE PARA EXPLODIR OS TANQUES DE ARMAZENAMENTO DE COMBUSTÍVEL DO JATOPORTO. SE NÃO SEGUIREM MINHAS INSTRUÇÕES AO PÉ DA LETRA, VOU MANDAR PRO INFERNO VOCÊS TODOS. UM DETONADOR DE IMPLOSÃO DA GENERAL ATOMICS ESTÁ ACOPLADO AO EXPLOSIVO. ELE ESTA ARMADO EM MEIA TRAVA. UM ÚNICO PASSO EM FALSO E VOCÊS TODOS PODEM BOTAR A CABEÇA ENTRE AS PERNAS E DAR UM BEIJO DE ADEUS NO CU.

Ouviram-se gritos no meio da multidão, seguidos de um súbito movimento de maré. A polícia e as barricadas descobriram de repente que não tinham mais ninguém a conter. Homens e mulheres corriam em desabalada carreira por estradas e campos, saindo pelos portões e escalando a cerca de proteção em volta do jatoporto. Tinham os rostos estonteados e cheios de pânico.

A polícia mexeu-se inquieta. Em rosto algum Amélia Williams viu incredulidade.

— RICHARDS? — falou uma VOZ. — ISSO É UMA MENTIRA. DESÇA DO CARRO.

— EU *ESTOU* DESCENDO — trovejou ele em resposta. — MAS ANTES DE DESCER VOU DAR SUAS ORDENS DE MARCHA. QUERO UM JATO INTEIRAMENTE ABASTECIDO E PRONTO PARA VOAR COM UMA TRIPULAÇÃO SIMLBÓLICA. ESSE JATO DEVE SER UM LOCKHEED/G-A OU UM DELTA SUPERSONIC. O RAIO DE AÇÃO DEVE SER DE NO MÍNIMO TRÊS MIL E DUZENTOS QUILÔMETROS. ELE DEVE ESTAR PRONTO EM NOVENTA MINUTOS.

Câmeras gravavam sem parar à distância. *Flashes* de fotógrafos espocavam. A imprensa parecia também nervosa. Mas, claro, havia a pressão psíquica daqueles quinhentos milhões a levar em conta. Essas pessoas eram reais. O trabalho era real. E os 6kg de Irlandês Negro de Richards talvez fossem apenas uma criação de sua admirável mentalidade criminosa.

— RICHARDS!

Um homem vestido apenas com calça comprida escura e camisa branca arregaçada nos cotovelos a despeito do frio de outono saiu de um grupo de carros sem marcas estacionados a uns cinqüenta metros. Trazia um alto-falante maior do que o de Richards. Daquela distância, Amélia viu que ele usava óculos pequenos que faiscavam à luz do dia que nesse momento se apagava.

— EU SOU EVAN McCONE.

Ele conhecia o nome, claro. Era um nome que esperava semeasse medo em corações. E não ficou surpreso ao descobrir que semeara medo no *seu.* Um descendente direto de J. Edgar Hoover e Heinrich Himmler, pensou. A personificação do aço que havia dentro da luva de catodo da Rede. Um bicho-papão. Um nome usado para assustar crianças. Se não deixar de brincar com fósforos, Johnny, deixo Evan McCone sair de seu guarda-roupa.

Vagamente, no olho da memória, recordou-se de uma voz num sonho: *É você o homem, irmãozinho?*

— VOCÊ ESTÁ MENTINDO, RICHARDS. NÓS SABEMOS DISSO. UM HOMEM SEM GRADUAÇÃO G-A NÃO TEM POSSIBILIDADE DE OBTER DYNACORE. SOLTE A MULHER E DESÇA DO CARRO. NÓS NÃO QUEREMOS TER QUE MATÁ-LA, TAMBÉM.

Amélia soltou um fraco e infeliz som de silvo. Richards ribombou em resposta:

— ISSO PODE SER VERDADE EM SHAKER HEIGHTS, HOMENZINHO. NAS RUAS VOCÊ PODE COMPRAR DYNACORE A CADA DOIS QUARTEIRÕES SE TEM DINHEIRO VIVO. E EU TIVE. DINHEIRO DA FEDERAÇÃO DOS JOGOS. VOCÊ TEM 86 MINUTOS. NENHUM TRATO.

— McCONE?

— SIM.

— VOU MANDAR A MULHER SAIR AGORA. ELA VIU O IRLANDÊS. — Amélia fitava-o com atordoado horror. — ENQUANTO ISSO, É MELHOR BOTAR AS COISAS EM MOVIMENTO. OITENTA E CINCO MINUTOS. NÃO ESTOU BLEFANDO, SEU MERDA. UMA ÚNICA BALA E VOAMOS TODOS PARA A LUA.

— Não — sussurrou ela, o rosto contorcido num ricto incrédulo. — Você não pode acreditar que vou *mentir* por você.

— Se não mentir, estou morto. Estou baleado, quebrado e mal

consciente o suficiente para saber o que estou dizendo, mas sei que esta é a melhor maneira, de um jeito ou de outro. Agora, escute. A Dynacore é branca e sólida, ligeiramente graxenta ao toque. Ela...

— Não, não, *não!*

A mulher tapou as orelhas com as mãos.

— Parece uma barra de sabão branco. Muito denso, porém. Agora, vou descrever o anel do detonador de implosão. Ele parece...

Ela começou a chorar.

— Não posso, você sabia disso? Tenho meu dever a cumprir como cidadã. Minha consciência. Tenho minha...

— Sim, e eles podem descobrir que você mentiu — acrescentou ele amargamente. — Exceto que não vão. Porque, se me ajudar, eles cederão. E eu vou embora como um grande pássaro.

— *Eu não posso!*

— RICHARDS! SOLTE A MULHER!

— O detonador de implosão é de ouro — continuou ele. — De mais ou menos 5cm de diâmetro. Parece uma argola de chaves, sem chaves. Preso a ele há uma fina barra de metal, como se fosse um lápis mecânico, com um dispositivo detonador G-A ligado a ele. O dispositivo detonador parecer a borracha num lápis.

Ela estava balançando para frente e para trás, gemendo um pouco. Tinha uma bochecha em cada mão e estava torcendo a carne como se fosse massa de pão.

— Eu disse a eles que havia puxado o detonador para meia trava. Isso significa que você só veria um único e pequeno entalhe imediatamente acima da superfície do Irlandês. Compreendeu?

Nenhuma resposta. Ela chorou, gemeu e balançou-se.

— Claro que compreendeu — disse ele baixinho. — Você é uma moça inteligente, não é?

— Eu não vou mentir — disse ela.

— Se perguntarem a você alguma coisa, você não sabe de mais nada. Não viu. Estava amedrontada demais. Exceto por uma coisa: eu estive segurando aquele anel desde a primeira barreira na estrada. Você não sabia o que era, mas eu o conservava na mão.

— É melhor você me matar agora.

— Vá — ordenou ele. — Saia.

Ela fitou-o, convulsa, a boca se movendo, os olhos transformados em escuros buracos. A mulher bonita, confiante, com óculos de sol que envolvia a cabeça desaparecera. E Richards se perguntou se aquela mulher jamais reapareceria. Achava que não. Não, inteiramente.

— Vá — repetiu. — Vá, vá.

— Eu... eu... *Ah, Deus...*

Ela mergulhou para a porta e em parte saltou e em parte caiu. Imediatamente, levantou-se e começou a correr. Os cabelos voavam-lhe atrás da cabeça e ela parecia muito bela, quase como uma deusa, correndo para a quente explosão estelar de um milhão de *flashes* de fotógrafos.

Carabinas relampejaram, prontas, e foram abaixadas enquanto a multidão a devorava. Richards arriscou-se a expor um olho acima da janela do motorista mas nada pôde ver.

Voltou a amar-se no assento, lançou um olhar ao relógio e esperou pelo seu desaparecimento.

...Menos 033

e CONTANDO...

O PONTEIRO VERMELHO DE SEGUNDOS DO RELÓGIO completou dois círculos. Mais dois. Mais dois.

— RICHARDS!

Ele levou o alto-falante aos lábios:

— SETENTA E NOVE MINUTOS, McCONE.

Faça o jogo certo até o fim. É a *única* maneira de jogá-lo. Até o momento em que McCone der a ordem de atirar à vontade. Seria rápido. E, de fato, não parecia, de jeito nenhum, importar muito.

Após uma longa, eterna pausa:

— PRECISAMOS DE MAIS TEMPO. PELO MENOS, TRÊS HORAS. NÃO HÁ UM L/G-A OU UM DELTA CAMPO. UM DELES TERÁ QUE SER TRAZIDO PARA AQUI.

Ela fizera. Ó espantosa graça divina. A mulher olhara dentro do abismo e depois o cruzara. Sem rede. Sem caminho de volta. Espantoso.

Claro que não acreditaram nela. Era função deles não acreditar em ninguém, sobre coisa alguma. Nesse exato momento, estariam levando-a às pressas para uma sala privativa em um dos terminais, onde a esperavam meia dúzia de interrogadores escolhidos por McCone. E quando a colocassem ali, a ladainha começaria: *Claro que a senhora está nervosa, mas apenas para que conste do inquérito, sra. Williams... a senhora se importaria de repelir tudo outra vez... estamos confusos a respeito de um pequeno ponto... tem certeza de que não foi o contrário... como é que sabe... por que... em seguida, o que foi que ele disse?...*

De modo que a jogada correta era ganhar tempo. Enganá-lo com uma desculpa e depois com outra. Há um problema de abastecimento de combustível, precisamos de mais tempo. Não há tripulação alguma nos terrenos do jatoporto, precisamos de mais tempo. Há um disco voador pairando em cima da Pista Zero-Sete, precisamos de mais tempo. E não a quebramos ainda. Não conseguimos ainda que ela confessasse que seu alto explosivo consiste de uma bolsa de crocodilo cheia de lenços de papel, troco, cosméticos e cartões de crédito. Precisamos de mais tempo.

Não podemos correr o risco de matá-lo agora. Precisamos de mais tempo.

— RICHARDS.

— ESCUTE — gritou ele ao megafone. — VOCÊ TEM SETENTA E CINCO MINUTOS. DEPOIS, VAI TUDO PELOS ARES.

Nenhuma resposta.

Espectadores começavam a voltar sorrateiros, a despeito da sombra do Armagedown. Olhos esbugalhados, úmidos e sensuais. Certo número de holofotes portáteis havia sido requisitado e focalizado no pequeno carro, banhando-o em um brilho sem sombras e destacando ò pára-brisas despedaçado.

Tentou imaginar a pequena sala onde a estariam detendo, sondando-a para descobrir a verdade, e não conseguiu. A imprensa seria excluída, claro. Os homens de McCone estariam tentando apavorá-la e, sem dúvida, conseguindo. Mas até que ponto ousariam ir com uma mulher que não pertencia a sociedade dos cortiços, de pobres que não tinham rosto? Drogas. Havia drogas, sabia, drogas que McCone podia obter imediatamente, drogas que podiam fazer com que um índio yaqui balbuciasse toda a história de sua vida como um bebê nos braços de alguém. Drogas que fariam um padre revelar logo as confissões de seus penitentes como se fosse uma gravadora de estenografa.

Um pouco de violência? Os chicotes elétricos modificados que haviam funcionado tão bem nos distúrbios de Seattle em 2005? Ou apenas o bombardeio interminável de perguntas? Esses pensamentos não serviam a fim algum, mas não conseguia abafá-los ou desligá-los. Do outro lado do terminal um inconfundível avião Lockheed estava sendo aquecido. Seu pássaro. O som do avião chegava em ciclos que subiam e desciam. Quando parou subitamente, teve certeza de que o abastecimento de combustível começara. Vinte minutos, se andassem ligeiro. Mas não pensava que estivesse com pressa.

Bem, bem, bem. Aqui estamos nós. Todas as cartas na mesa, menos uma.

McCone? McCone, está arriscando ainda? Já penetrou na mente dela?

As sombras se encompridaram pelo campo e todos ficaram á espera.

...Menos 032

e CONTANDO...

DESCOBRIU QUE AQUELE VELHO CLICHÊ era uma mentira. O tempo *não* fica parado. De algumas maneiras teria sido melhor que isso tivesse acontecido. Pelo menos teria havido fim à esperança.

Duas vezes, a voz amplificada disse a Richards que ele estava mentindo. Ele respondeu que, se era assim, por que não abriam fogo? Cinco minutos depois, uma nova voz amplificada disse-lhe que o flapes do Lockheed estavam congelados e que o abastecimento teria que ser iniciado em outro avião. Richards respondeu que, tudo bem. Desde que o avião estivesse pronto no prazo fatal que estabelecera.

Os minutos se arrastaram. Sobraram 26,25,22,20 *(ela não entregara os pontos ainda, meu Deus, talvez...),* 18,15 (novamente os motores do avião, transformando-se em um uivo estridente enquanto as turmas de terra realizavam as checagens de combustível e de instrumentos de vôo), 10, depois 8.

— RICHARDS?

— AQUI.

— NÓS SIMPLESMENTE PRECISAMOS DE MAIS TEMPO. OS

FLAPES DO AVIÃO ESTÃO EMPERRADOS. VAMOS IRRIGAR OS CONDUTOS COM HIDROGÊNIO LÍQUIDO MAS SIMPLES MENTE PRECISAMOS DE MAIS TEMPO.

— VOCÊS TEM SETE MINUTOS. DEPOIS VOU ME DIRIGIR PARA O CAMPO USANDO A RAMPA DE SERVIÇO. VOU DIRIGIR COM UMA MÃO NO VOLANTE E A OUTRA NO ANEL DO DETONADOR DE IMPLOSÃO. TODOS OS PORTÕES DEVEM SER ABERTOS. E LEMBRE-SE QUE ESTAREI ME APROXIMANDO MAIS DAQUELES TANQUES DE COMBUSTÍVEL O TEMPO TODO.

— VOCÊ NÃO PARECE COMPREENDER QUE NÓS...

— ESTOU CHEIO DE FALAR, CARAS, SEIS MINUTOS.

O ponteiro de segundos deu suas voltas regulares, em ordem. Três minutos de sobra, dois, um. Eles estariam dando o máximo em uma pequena sala que ele não conseguia imaginar. Tentou lembrar-se do rosto de Amélia, e não deu. Ele estava já se dissolvendo em outros rostos, um rosto composto de Bradley, Stacey, Elton e Virgínia Parrakis, e o menino com o cachorro. Tudo o que conseguia lembrar-se era que ela era macia e bonita da maneira sem inspiração que tantas mulheres podem ser graças a Max Factor, Revlon e a cirurgiões plásticos que botam para dentro e amarram, alisam e desentortam. Macia. Macia. Mas dura em algum lugar profundo. Onde foi que você ficou dura assim, mulher branca, anglo-saxã, protestante? É dura o suficiente? Ou está botando o Jogo a perder neste exato momento?

Sentiu alguma coisa quente escorregando-lhe pelo queixo e descobriu que mordera e rasgara o lábio não uma, mas várias vezes.

Distraidamente enxugou a boca, deixando na manga uma mancha de sangue em forma de lágrima, e engatou o carro. Que se ergueu obedientemente do chão, os colchões de ar gemendo.

— RICHARDS! SE DER PARTIDA A ESSE CARRO, ATIRAREMOS! A MULHER FALOU! NÓS SABEMOS!

Ninguém disparou tiro nenhum.

De certa maneira, aquilo foi quase anticlimático.

...Menos 031

e CONTANDO...

A RAMPA DE SERVIÇO DESCREVIA um arco em elevação dando a volta em torno do terminal futurista Estados do Norte. O caminho todo era ladeado por policiais armados com tudo o que era possível, de gás paralisante Mace-B e gás lacrimogêneo a armas capazes de perfurar blindagem. Mostravam rostos vazios, embotados, iguais. Dirigia devagar, sentado espigado nesse momento e eles o fitavam com um respeito vago, bovino. Mais ou menos da mesma maneira, pensou, como uma vaca deve olhar para o fazendeiro que enlouqueceu e caiu escoiceando, berrando, no chão do estábulo.

O portão para a área de serviço (ATENÇÃO — EMPREGADOS APENAS — PROIBIDO FUMAR — VEDADO O INGRESSO A PESSOAS NÃO AUTORIZADAS) fora aberto e Richards passou em marcha lenta, deixando para trás caminhões-tanques de combustível de alta octanagem, enfileirados, e pequenos aviões particulares repousando nos seus calços de roda. Atrás dele, uma pista de taxiagem, de cimento, escurecida de óleo, com juntas de expansão. Ali esperava-o o jumbo, um jato com uma dezena de motores a turbina, ronronando baixinho. E mais além ainda, as pistas se estendiam retas e desimpedidas na noite que chegava, parecendo aproximar-se de um ponto de encontro no horizonte. A escada sobre rodas de acesso estava sendo empurrada para a porta do avião por quatro homens que usavam macacões. Para ele, pareceu-lhe a escada que levava i forca.

E como se para completar a imagem, o carrasco saiu de baixo da sombra da barriga enorme do avião. Evan McCone.

Richards fitou-o com a curiosidade de um homem que vê uma celebridade pela primeira vez — não importa quantas vezes se veja sua foto cm 3-D, ninguém acredita em sua realidade até que ele apareça em carne e osso — e em seguida a realidade, assume um curioso aspecto de alucinação, como se a entidade não tivesse direito de existir separada da imagem.

Ele era um homem pequenino que usava óculos coloridos, com uma leve sugestão de barriguinha embaixo do terno bem cortado. Boatejava-se que McCone usava sapatos tipo plataforma, mas se assim, não davam na vista. Na lapela ele usava um alfinete prateado em forma de bandeira. Tudo pesado, de não parecia absolutamente um monstro, o herdeiro de departamentos conhecidos por uma sopa de letrinhas como F.B.I. e C.I.A. nada parecido com um homem que dominara a técnica do carro preto e sem marcas à noite, o porrete de borracha, a pergunta velhaca sobre parentes. Nada parecido com o homem que dominara todo o espectro do medo.

— Ben Richards?

Não usava alto-falante e, sem esse aparelho, sua voz era baixa e cultivada, sem nada de efeminado.

— Eu tenho um mandado da Federação de Jogos, um braço reconhecido da Comissão de Comunicações da Rede, para sua prisão e execução. Vai atendê-lo?

— Uma galinha precisa de uma bandeira?

— Ah! — McCone pareceu satisfeito. — As formalidades foram observadas. Eu acredito em formalidades, e você, não? Não, claro que não. Você foi um participante muito informal. É por isso que continua vivo. Sabe que ultrapassou o recorde atual de *O Sobrevivente,* de oito dias e cinco horas, isso há duas horas? Claro que não sabe. Mas quebrou o recorde. Sim. E sua fuga da A.C.M. em Boston. Espetacular. Eu soube que o índice Nielsen de audiência

saltou 12 pontos.

— Maravilhoso.

— Naturalmente, nós quase o pegamos no Interlúdio de Portland. Má sorte nossa. Parrakis jurou em seu último alento que você havia deixado o barco em Auburn. Nós acreditamos nele. Ele era obviamente um homenzinho assustado.

— Obviamente — respondeu em voz baixa Richards.

— Mas esta última jogada foi simplesmente brilhante. Eu o saúdo. De certa maneira, quase lamento que o jogo tenha que terminar. Eu nunca mais enfrentarei um adversário tão Inventivo.

— Que pena — lamentou Richards.

— O jogo acabou, você sabe — disse McCone. — A mulher entregou os pontos. Usamos nela sódio pentotal. Velha droga, mas confiável. — Sacou uma pequena automática. — Desça, sr. Richards. Eu lhe farei o último cumprimento. Vou fazer isso aqui, onde ninguém pode filmar a execução. Sua morte terá uma privacidade relativa. Prepare-se, então — sorriu Richards.

Abriu a porta e desceu, os dois homens se encararam através da área de serviço vazia.

...Menos 030

e CONTANDO...

MCCONE FOI O PRIMEIRO A QUEBRAR O IMPASSE. Jogou para trás a cabeça e riu. Um riso muito fino, suave e veludoso.

— Oh, o senhor é tão competente, sr. Richards. *Par excellence*. Eleva a aposta, pede pra ver, eleva novamente. Saúdo-o com toda honestidade. A mulher não cedeu. Sustenta teimosamente que o volume que viu em seu bolso é o Irlandês Negro. Não podemos drogá-la porque isso deixaria marcas visíveis. Um único eletro encefalograma nela e nosso segredo estaria descoberto. Estamos no processo de trazer três ampolas de Canogyn de Nova York. Elas não deixam vestígio. Esperamos recebê-las em quarenta minutos. Mas não a tempo de detê-lo, infelizmente.

"Ela *está* mentindo. Isso é obvio. Se perdoar um nadinha do que pessoas de sua classe chamam de elitismo, eu diria que a classe média só mente bem depois de fazer sexo. Posso fazer outra observação? Claro que posso. — McCone sorriu. — Desconfio que o que tem no bolso é a carteira dela. Notamos que ela não tinha nenhuma consigo, embora houvesse estado fazendo compras. Nós somos muito observadores. O que foi que aconteceu com a bolsa dela, se não estiver em seu bolso, Richards?

Ele não topou o gambito.

— Atire em mim, se tem tanta certeza.

McCone abriu pesarosamente as mãos.

— Como eu adoraria fazer isso! Mas não nos arriscamos com vidas humanas, nem mesmo quando as probabilidades são de 50 a 1 em nosso favor. Fica parecido demais com uma roleta-russa. A vida humana tem um certo aspecto *sagrado*. O governo — *nosso* governo — compreende isso. Nós somos humanitários.

— Sim, sim — concordou Richards, e sorriu como uma fera. McCone pestanejou.

— De modo que você vê...

Richards sobressaltou-se. Aquele homem estava hipnotizando-o. Os minutos voavam, um helicóptero estava vindo de Nova York trazendo três ampolas de uma droga infalível (e se McCone dissera quarenta minutos, na verdade eram vinte) e ali estava ele, ouvindo esse homem tocando um pequeno hino. Deus, ele *era* um monstro.

— Escute aqui — disse, interrompendo-o. — O discurso vai ser curto, homenzinho. Quando aplicar a injeção nela, ela vai cantar a mesma música. Para que conste, está tudo aqui. Morou?

Encadeou seus olhos nos de McCone e começou a andar para a frente.

— A gente se encontra, comedor de merda.

McCone deu um passo para o lado. Richards nem mesmo se importou em olhá-lo quando passou. As mangas de suas roupas roçaram uma na outra.

— Para que conste, disseram-me que o puxão em meia trava era de quilo e meio. Ela está agora em um quilo. Pegue ou largue.

Teve a satisfação de ouvir a respiração daquele homem assoviar um pouco mais rápida.

— Richards?

Olhou da escada para baixo e McCone olhava-o de baixo para cima, as bordas douradas de seus óculos brilhando e faiscando.

— Quando levantar vôo, nós vamos abatê-lo com um míssil terra-ar. A história para o público foi que Richards, que o dedo de Richards roçou um pouco no gatilho.

— Mas você não vai fazer isso. Não?

Richards começou a sorrir e deu meia razão:

— Vamos voar muito baixo e por cima de zona densamente habitada. Acrescente 12 tanques de combustível a 6,5kg de Irlandês e você consegue um potencial explosivo muito grande. Grande demais. Você faria isso se pudesse safar-se com seu ato, mas não pode. — Fez uma pausa. — Você é brilhante. Previu que eu poderia pular de pára-quedas?

— Oh, sim — respondeu calmamente McCone. — Ele está na cabine

fronteira de passageiros. Um macete tão velho, sr. Richards. Tem mais alguma outro truque no saco?

— O senhor também não foi tão estúpido que mexesse no pára-quedas, aposto?

— Oh, não. Dava demais na cara. E você puxaria o detonador de implosão que não existe antes de tocar no chão. Uma explosão muito eficaz no ar.

— Adeus, homenzinho.

— Adeus, sr. Richards. E *bon voyage*. — Soltou uma risadinha. — Sim, você merece honestidade. De modo que vou lhe mostrar mais uma carta. Apenas uma. Vamos esperar pelo efeito do Canogyn antes de fazer alguma coisa. O senhor tem toda razão sobre o míssil. Por ora, é apenas um blefe. Paga pra ver e eleva a aposta novamente, ahn? Mas eu posso esperar. Entende, eu nunca me engano. Nunca. E sei que está blefando. De modo que podemos esperar. Mas não vou deixá-lo. *Voir,* sr. Richards. — E acenou.

— Logo — respondeu Richards, alto o suficiente para que McCone ouvisse. E sorriu.

...Menos 029

e CONTANDO...

A CABINE DE PRIMEIRA CLASSE era comprida, possuía três corredores e era apainelada com sequóia autêntica. Um carpete cor de vinho de metros de profundidade cobria O chão. Uma tela de 3-D fora erguida e posta fora do caminho na antepara distante entre a primeira classe e a cozinha de bordo. Na poltrona 100, o grosso volume de um pára-quedas. Richards bateu nele de leve e passou à cozinha. Alguém pusera mesmo café para esquentar.

Cruzou outra porta e ficou por um instante na pequena garganta que dava acesso à porta de comando. À direita, viu o operador de rádio, um homem de talvez trinta anos com o rosto tomado por rugas de preocupação, que o olhou azedamente e em seguida voltou a seus instrumentos. Uns poucos passos além e à esquerda, sentava-se o navegador com suas pranchetas, grades topográficas e mapas encapados em plástico.

— O cara que vai matar todos nós está se aproximando, caras — disse ele ao microfone de garganta, e olhou friamente para Richards.

Richards permaneceu calado. Aquele homem, afinal de contas, estava quase com certeza certo. Foi coxeando até o nariz do avião.

O piloto tinha uns cinqüenta anos ou mais, era um velho cavalo de batalha de nariz vermelho de bebedor forte e os olhos claros e vivos de um

homem que não estava nem mesmo perto da borda alcoólica. O co-piloto era dez anos mais moço, com uma luxuriante cabeleira ruiva escapando de baixo do quepe.

— Olá, sr. Richards — disse o piloto. Olhou para o volume no bolso de Richards antes de lhe fitar o rosto. — Desculpe, se não lhe aperto a mão. Sou o comandante Don Holloway. Este moço é o meu co-piloto, Wayne Duninger.

— Nas circunstâncias, não muito prazer em conhecê-lo — disse Duninger. A boca de Richards contorceu-se.

— No mesmo espírito, permita-me dizer que sinto muito estar aqui. Comandante Holloway, o senhor está em comunicação com McCone, não?

— Claro que estamos. Através de Kippy Friedman, nosso encarregado de comunicações.

— Arranje-me um microfone ou coisa parecida.

Com infinito cuidado, Holloway entregou-lhe um microfone.

— Continue com sua checagem de antes de vôo — disse Richards. — Cinco minutos.

— Quer que sejam armados os rebites explosivos na porta de carga de ré? — perguntou Duninger com grande seriedade.

— Cuide de seu crochê — responde friamente Richards.

Chegara a hora de acabar com aquilo, de fazer a aposta final. Tinha o cérebro quente, superaquecido, correndo o risco de fundir um rolamento. *Agora vai ser o céu é o limite, McCone.*

— Sr. Friedman?

— Sim.

— Richards falando. Quero conversar com McCone.

Silêncio total no ar durante meio minuto. Holloway e Duninger não observavam mais. Realizavam a checagem de antes de vôo, lendo manômetros e sessões, verificando a situação de flapes, portas, comutadores. A subida e aceleração das imensas turbinas G-A recomeçaram, mas nesse momento muito mais altas, estridentes. Quando a voz de McCone finalmente surgiu, quase nem se ouvia devido ao ruído brutal.

— McCone aqui.

— Venha, verme. Você e a mulher vão dar uma volta. Compareça à porta de embarque dentro de três minutos ou puxo o anel.

Duninger endureceu-se na sua poltrona como se houvesse levado um tiro. Ao voltar aos números, a voz lhe saiu trêmula e apavorada.

Se ele tiver colhão, é agora que ele paga pra ver. Pedir revela minha carta. Se ele tiver colhão.

Esperou.

Um relógio começou a tiquetaquear dentro de sua cabeça.

...Menos 028

e CONTANDO...

AO VOLTAR, A VOZ DE MCCONE CONTINHA UMA NOTA ESTRANGEIRA, fanfarrona. Medo? Possivelmente. O coração de Richards cresceu no peito. Talvez as peças fossem todas se encaixar. Talvez.

— Você está louco, Richards. Eu não...

— Você é que me *ouve* — retrucou Richards, abafando a voz de McCone. — E enquanto ouve, lembre-se que esta conversa está sendo escutada por todos os rádios amadores dentro de um raio de l00km. A notícia está se espalhando. Você não está trabalhando no escuro, homenzinho. Está bem no centro do palco principal. Você vai vir porque é covarde demais para tentar uma traição quando sabe que pode ser morto. A mulher vem porque eu disse a ela para onde ia. *Fraco. Soque-o com mais força. Não o deixe pensar.*

— Mesmo que você sobreviva quando eu puxar o anel, não vai poder arranjar um emprego vendendo maçãs. — Estava segurando a bolsa com uma força frenética, maníaca. — De modo que é isso. Três minutos. Desligo.

— Richards, espere... — Ele desligou, cortando a voz de McCone. Devolveu o microfone a Holloway, que o recebeu com dedos que tremiam ligeiramente.

— Você tem colhão — disse lentamente Holloway. — Isso eu digo. Acho que nunca conheci um homem com tanto colhão.

— Haverá mais colhão do que todos já viram, se ele puxar esse anel — disse Duninger. Continuem com a checagem de pré-vôo, por favor — finalizou Richards. — Vou lá para trás a fim de receber nossos convidados. Decolamos em cinco minutos.

Voltou para o fundo do avião, empurrou o pára-quedas para a poltrona junto a janela e sentou-se, observando a porta entre a primeira e a segunda classe. Saberia logo. Saberia logo. A mão trabalhava com constante e impotente inquietação na bolsa de Amélia Williams.

Lá fora era quase noite cerrada.

...Menos 027

e CONTANDO...

ELES SUBIRAM A ESCADA com uma folga de nada menos de 45 segundos. Arquejando e assustada, os cabelos de Amélia eram transformados em uma colméia desorganizada pelo vento constante que rolava por esse platô artificial do campo. Por fora, a aparência de McCone continua a mesma, elegante e imperturbável, até mesmo serena, embora os olhos estivessem obscurecidos por um ódio quase psicótico.

— Você não ganhou nada, verme — disse ele em voz calma. — Nós nem mesmo começamos a jogar ainda nossos trunfos.

— É um prazer vê-la novamente, sra. Williams — recebeu-a humildemente Richards. Como se ele lhe tivesse dado um sinal, puxado um cordão invisível, ela começou a chorar, sons inteiramente desesperançados que saíam de sua barriga como se fossem pedaços de lava. A força do pranto fê-la cambalear, e em seguida desabar no luxuoso carpete dessa luxuosa cabine de primeira classe, o rosto entre as mãos, como se para mantê-lo no lugar. O sangue de Richards secara e se transformara numa mancha marrom em sua blusa. A saia ampla, espalhada em volta do corpo e lhe escondendo as pernas, fazia-a parecer uma flor murcha.

Richards sentiu pena dela. Era uma sensação rara, essa de sentir pena, mas era o melhor que podia ter.

— Sr. Richards?

Era a voz de Holloway pelo serviço de comunicações interno.

— Sim. Tudo azul?

— Sim.

— Neste caso, vou dar ordens à turma de terra para tirar a escada e fechar a porta. Não fique nervoso com isso.

— Tudo bem, comandante. Obrigado.

— Você se desmascarou quando pediu que a mulher viesse também. Você sabe disso, não?

McCone parecia sorrir e fazer carranca ao mesmo tempo, com um efeito geral assustadoramente paranóico. Suas mãos se fechavam e abriam.

— Ah, é assim? — retrucou Richards em voz mansa. — E desde que nunca se engana, o senhor vai me atacar antes que o avião decole. Dessa maneira, evita o perigo e sai disto cheirando como uma rosa, certo?

Os lábios de McCone se entreabriram em um pequeno rosnado e em seguida se contraíram até ficarem brancos. Não fez movimento nenhum. O avião começou a vibrar levemente à medida que aumentava cada vez mais as rotações do motor.

O ruído foi subitamente reduzido quando a borda de entrada na segunda classe fechou com força. Inclinando-se ligeiramente para olhar por uma das vigias de bombordo, Richards viu a turma de terra arrastar para longe a escada. *Agora todos nós estamos na forca,* pensou.

...Menos 026

e CONTANDO...

AO LADO DA TELA DE CINEMA ENROLADA, acendeu-se bruscamente o sinal: COLOCAR CINTOS DE SEGURANÇA. NÃO FUMAR. O avião começou a fazer uma lenta e poderosa curva sob os pés deles. Richards reunira todos os seus conhecimentos sobre jatos em programas de Free-Vee e leituras, grande parte delas de cabeludas aventuras de ficção, mas esta era apenas a segunda vez em que estivera num avião, e um avião que fazia o aparelho da ponte, aérea entre Harding e Nova York parecer um brinquedo de banheira. Achou perturbador aquele poderoso movimento sob os pés.

— Amélia?

Ela ergueu lentamente os olhos, o rosto devastado e riscado de lágrimas.

— Ahn?

A voz saiu enferrujada, atordoada, entupida de muco. Como se houvesse esquecido onde estava.

— Venha para a frente. Estamos decolando. — Olhou para McCone. — Você pode ir para onde quiser, homenzinho. O avião é seu. Mas não incomode a

tripulação.

Sem responder, McCone sentou-se perto da divisória acortinada entre a primeira e a segunda classe. Depois, aparentemente pensando melhor, passou para a cabine seguinte e desapareceu.

Richards dirigiu-se até onde estava a mulher, usando as costas altas das poltronas como apoio.

— Eu gostaria de ficar em uma poltrona de janela — disse. — Só voei uma vez antes.

Fez um esforço para sorrir. Ela, porém, apenas olhou-o embotadamente.

Ele sentou-se e ela tomou lugar a seu lado. Afivelou para ele o cinto de segurança, para que ele não tivesse que tirar a mão do bolso.

— Você é como um pesadelo — disse ela. — Um pesadelo que nunca termina.

— Sinto muito.

— Eu não... — começou ela.

Ele tapou-lhe a boca com a mão e sacudiu a cabeça. Com os lábios, disse a palavra *Não!* O avião girou com um cuidado lento, infinito, as turbinas uivando e começou a dirigir-se pesadamente para a pista como um desajeitado pato prestes a entrar na água. b aparelho era tão grande que Richards teve a

impressão de que estava parado e que era a terra que se movia.

Talvez tudo isto seja uma ilusão, pensou ele, alucinado. *Talvez tenham instalado projetores de 3-D do lado de fora das janelas e...*

Reprimiu o pensamento. Nesse momento chegaram à cabeceira da pista e o avião fez uma pesada curva à direita. Depois começou a correr em ângulo reto com a pista, passando os pontos de controle Três e Dois. No ponto Um, parou por um segundo. O sistema de comunicação interna transmitiu nesse momento a voz sem expressão de Holloway:

— Decolando, sr. Richards.

Ele foi jogado para o encosto macio do assento e as luzes de pouso no lado de fora começaram de repente a passar.com uma velocidade alucinante. As moitas e árvores queimadas pelo escape dos aviões no horizonte desolado e colorido pelo pôr-do-sol arremeteram para eles. Os motores aumentaram a rotação e o piso voltou a vibrar. De repente, ele se deu conta de que Amélia Williams segurava-lhe o ombro com as duas mãos, o rosto contorcido em uma horrível careta de medo. *Deus do céu, ela também nunca voou antes.*

— Estamos indo — disse ele. Descobriu que estava repetindo as mesmas palavras, incapaz de parar: — Estamos indo. Estamos indo.

— Para onde? — sussurrou ela.

Ele não respondeu. Estava justamente começando a saber.

...Menos 025

e CONTANDO...

OS DOIS MILICIANOS DE SERVIÇO NA BARRHRA de estrada no acesso leste do jatoporto olharam para o imenso jato que nesse momento levantava vôo, ganhando velocidade, as luzes piscando alaranjadas e verdes na escuridão cada vez maior, o uivo de seus motores martirizando-lhes os ouvidos.

— Ele está indo embora! Cristo, ele está indo embora.

— Para onde? — perguntou o outro.

Observaram a forma escura soltar-se do chão, os motores assumindo um som curiosamente regular, como fogo de treinamento de artilharia em uma manhã fria. Subiu em ângulo agudo, tão real, tangível e prosaico como um cubo de manteiga num prato, mas inacreditável por voar.

— Você acha que ele conseguiu?

— Diabo! Não sei.

O ronco do avião chegava-lhes nesse momento em ciclos sonoros

menores.

— Uma coisa, porém, eu digo. — O primeiro miliciano desviou a vista das luzes que sumiam e levantou a gola da jaqueta. — Estou satisfeito porque ele levou aquele filho da puta. Aquele McCone. Posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

— Enquanto eu não tiver que responder.

— Você gostaria de vê-lo ganhar essa parada?

O miliciano ficou calado durante muito tempo. O som do jato diminuiu cada vez mais até que desapareceu no zumbido subterrâneo de nervos em atividade.

— Gostaria.

— Acha que ele vai conseguir?

Um sorriso cada vez maior na escuridão.

— Meu amigo, acho que vai haver uma grande explosão.

...Menos 024

e CONTANDO...

ABAIXO DELES, A TERRA CAÍRA PARA LONGE.

Richards olhou para fora, espantado, incapaz de absorver tudo aquilo. Dormira durante todo seu outro vôo, como se à espera daquele. A cor do céu se aprofundara para uma tonalidade na fronteira entre o veludo real e o preto. Estrelas espiavam para baixo com um brilho hesitante. No horizonte de oeste, o único resto do sol era uma azeda linha alaranjada que não iluminava absolutamente a terra escura embaixo. Viu um aglomerado de luzes que julgou ser Derry.

— Sr. Richards?

— Sim.

Saltou no assento como se houvesse sido cutucado.

— Estamos no modo de espera neste exato momento. Isso significa que estamos descrevendo um largo círculo sobre o Voigt Jetport. Instruções.

Richards pensou, cuidadosamente. Não seria bom revelar muita coisa.

— Qual é a altitude mínima absoluta em que o senhor pode voar?

Houve uma longa pausa para consultas na ponte de comando.

— Poderíamos nos safar com 700m de altitude — respondeu cauteloso Holloway. — Isso é contra as regras do D.A.C., mas...

— Esqueça isso — cortou-o Richards. — Até certo ponto, tenho que me colocar em suas mãos, sr. Holloway. Sei muito pouco sobre vôo e tenho certeza de que o senhor conhece o assunto muito melhor do que eu. Mas, por favor, lembre-se que as pessoas que estão cheias de idéias brilhantes sobre como me derrotar estão lá no chão e fora de perigo. Se o senhor me mentir a respeito de alguma coisa e eu descobrir...

— Ninguém aqui vai dizer mentira nenhuma — garantiu Holloway. — Estamos apenas interessados em botar esta coisa no chão da mesma maneira como ela subiu.

— Okay. Ótimo.

Parou para pensar. Ao seu lado, Amélia Williams permanecia rígida, as mãos cruzadas no colo.

— Siga direto para oeste — disse, de súbito. — A 700m de altitude. Mostre os pontos de interesse turístico enquanto voarmos, por favor.

— Os pontos de interesse turístico?

— Os lugares por onde voaremos — explicou Richards. — Eu só voei uma vez antes.

— Oh. — Holloway pareceu aliviado.

O avião inclinou-se sob os pés deles e a escura linha do pôr-do-sol do outro lado da janela mudou também de posição. Richards observava aquilo fascinado. Nesse momento ele brilhava obliquamente do outro lado da grossa vidraça, em estranhos e fugitivos raios de claridade. *Estamos perseguindo o sol,* pensou. *Isso não é espantoso?* O relógio marcava 6:35h.

...Menos 023

e CONTANDO...

AS COSTAS DO ASSENTO À SUA FRENTE era em si uma revelação. Havia ali um bolso com um livro com instruções de segurança. Em caso de turbulência, coloque o cinto. Se a cabine perder pressão, puxe para baixo as máscaras de ar que estão diretamente em cima de sua cabeça. Em caso de problema de motor, as comissárias darão outras instruções. Em caso de morte por explosão súbita, tomara que você tenha obturações suficientes para permitir a identificação.

Havia também uma pequena tela de Free-Vee embutida nas costas do assento da frente, no nível do olho. Um cartão de metal embaixo lembrava os espectadores que os canais poderiam aparecer e desaparecer com grande rapidez. À disposição do espectador vidrado naquilo havia um seletor de canais acionado a botões. Abaixo e à direita da Free-Vee havia um bloco de papel com o timbre da companhia aérea e um estilo G-A preso a uma corrente. Richards puxou uma folha de papel e escreveu desajeitado sobre o joelho: "As probabilidades são de 99 em 100 de que você esteja grampeada, microfone nos sapatos ou nos cabelos, talvez um transmissor em malha na manga de sua blusa. McCone está à escuta e à espera que você deixe cair o outro sapato. Dentro de um minuto, tenha uma explosão histérica e me implore para puxar o anel. Isso tornará melhores as nossas chances. Topa?" Ela inclinou a cabeça e Richards hesitou por um momento e em seguida voltou a escrever "Por que você mentiu sobre aquilo?"

Ela tomou-lhe o estilo, pousou-o sobre o papel no joelho por um momento, e escreveu? "Não sei. Você me fez sentir como uma assassina. Esposa. E você parecia tão"... o estilo parou, hesitou e depois rabiscou,

“deplorável”.

Richards ergueu as sobrancelhas e sorriu um pouco — doeu. Ofereceu-lhe o estilo e ela sacudiu a cabeça, sem falar. Ele escreveu: “Inicie a encenação dentro de cinco minutos.” Ela baixou a cabeça, confirmando que entendera. Richards amassou o papel e enfiou-o no cinzeiro embutido no descanso da poltrona. Tocou fogo no papel, as chamas brilharam vivamente por um momento, lançando um pequeno brilho refletido na janela. Depois transformou-se em cinzas, que ele amassou cuidadosamente. Mais ou menos cinco minutos depois, Amélia começou a gemer. A coisa parecia tão real que, por um momento, ele ficou espantado. Depois, ocorreu-lhe de repente que aquilo *era* provavelmente real.

— Por favor, não faça isso — disse ela. — Por favor, não faça aquele homem... tentar alguma coisa contra você. Eu nunca fiz nada contra você. Quero voltar pra minha casa e pra meu marido. Nós temos uma filhinha, também. Tem seis anos. Ela deve estar perguntando quando a mãezinha dela vai voltar.

Richards sentiu as sobrancelhas subirem e descerem duas vezes em tique involuntário. Não queria que ela fosse tão competente assim. Não tão competente *assim.*

— Ele é estúpido — respondeu; fazendo um esforço para não se dirigir a uma platéia invisível —, mas não acho que seja tão estúpido desse jeito. Tudo vai correr bem, sra. Williams.

— Para o senhor, é fácil dizer isso. Nada tem a perder.

Ele não respondeu, tão evidentemente certa estava no que dizia. Nada, afinal de contas, que já não houvesse perdido.

— Mostre a ele — implorou ela. — Pelo amor de Deus, por que não a mostra a ele? Nesse caso, ele terá que acreditar... tirar o pessoal do chão. Eles estão nos seguindo com mísseis. Ouvi quando ele disse isso.

— Não posso mostrar a ele — retrucou Richards. — Tirar a bomba do bolso implicaria pôr a trava no detonador ou correr o risco de nos explodirmos acidentalmente. Além do mais — continuou, injetando zombaria na voz —, não acho que mostraria a ele, mesmo que pudesse. Ele é um verme que tem alguma coisa a perder. Vamos deixar que ele sue um pouco.

— O senhor não... — começou ela. Nesse momento, abriu-se bruscamente a porta entre a primeira e a segunda classe, e McCone entrou, meio andando, meio mergulhando. Tinha o rosto calmo, mas por baixo da calma havia uma estranha aparência lustrosa que Richards reconheceu imediatamente. A tonalidade do medo, branco, seroso e brilhando.

— Sra. Williams — disse ele vivamente. — Café, se faz favor. Para sete. A senhora vai ter que bancar a comissária de bordo neste vôo, lamento dizer.

Ela levantou-se sem olhar para nenhum dos dois.

— Onde?

— À frente — disse suavemente McCone. — Simplesmente siga seu nariz.

Ele era um homem, de certa maneira, gentil — mas pronto para se atirar contra Amélia Williams no momento em que ela desse um sinal de fazer causa comum com Richards. Ela subiu a coxia sem olhar para trás. McCone olhou fixamente para Richards e perguntou:

— Você desistiria disso se eu lhe prometesse anistia, meu chapa?

Meu chapa. Essas palavras parecem mesmo sebosas em sua boca — maravilhou-se Richards. Flexionou a mão livre e olhou para ela. Estava dura de pequenos riachos de sangue coagulados, ornamentada com pequenos arranhões e cortes devido ao passeio com o tornozelo quebrado pelos bosques do Maine. Sebosas, mesmo. Até fez com que parecessem dois hambúrgueres gordurosos fritando numa frigideira. Os únicos tipos que se pode conseguir nas Lojas de Beneficência de Co-Op City. Olhou para McCone com mal disfarçado nojo. Aquele, porém. Aquele parece mais um bife autêntico. Peça de primeira. Nenhuma gordura, exceto aquele anelzinho pelo lado de fora, certo?

— Anistia — repetiu McCone. — O que é que acha dessa palavra?

— Uma mentira — retrucou Richards, sorrindo. — Uma grandíssima mentira. Será que não sabe que sei que você nada mais é do que um empregado remunerado?

McCone enrubesceu. Não um rubor suave, mas forte, vermelho, atijolado.

— Vai ser bom ter você em meu tribunal particular — disse ele. — Temos projéteis de Impacto que fará sua cabeça parecer uma abóbora que caiu de um arranha-céu na calçada. Cheios de gás. Explodem ao contato. Um tiro na barriga, por outro lado...

Richards gritou:

— *Vai explodir! Vou puxar o anel!*

McCone soltou um grito agudo. Recuou cambaleando dois passos, bateu com a bunda no braço bem acolchoado da poliram 95, do outro lado do corredor, perdeu o equilíbrio e caiu como um homem que estava numa rede, os braços batendo o ar em volta da cabeça em loucos gestos de quem se protege.

As mãos imobilizaram-se em seguida acima da cabeça, como se fossem pássaros petrificados, os dedos abertos. Olhou através daquela grotesca moldura como se fosse uma máscara mortuária de gesso sobre a qual alguém, de brincadeira, pusera óculos de aro de ouro. Richards começou a rir. O ruído foi rachado no princípio, estranho a seus próprios ouvidos, desde quando soltara uma autêntica, real gargalhada, o tipo que brota livre e incontrolavelmente do ponto mais fundo do estômago? Achou que nunca fizera isso em toda sua vida cinzenta, esforçada, séria. Mas estava fazendo nesse momento.

Seu filho da puta. A voz de McCone lhe faltara e ele pudera apenas pronunciar as palavras com a boca, o rosto contorcido e amassado como a cara muito sovada de um ursinho de pelúcia muito usado. Richards gargalhou. Segurou um braço da poltrona com a mão livre e simplesmente riu, riu, a bandeiras despregadas.

...Menos 022

e CONTANDO...

NO MOMENTO EM QUE HOLLOWAY informou que o avião estava cruzando a fronteira entre o estado de Vermont e o Canadá (Richards achava que ele conhecia bem seu ofício; ele mesmo nada podia ver, salvo escuridão embaixo,

interrompida por ocasionais aglomerados de luzes), pôs com todo cuidado de lado a xícara de café e respondeu:

— Poderia me fornecer um mapa da América do Norte, comandante Holloway?

— Físico ou político?

Uma nova voz interrompendo o diálogo. Do navegador, pensou. Ora, ele devia estar fazendo o papel de estúpido obediente e não saber que mapa ele queria. O que ele não sabia.

— Ambos — respondeu secamente.

— Vai mandar a mulher buscá-los?

— Qual é seu nome, meu chapa?

Pausa hesitante de um homem que compreende com um súbito medo que foi escolhido.

— Donahue.

— Você tem pernas, Donahue. Que tal trazê-los aqui você mesmo?

Donahue trouxe-os. Possuía cabelos compridos penteados para trás com gomalina e calça cortada suficientemente justa para mostrar o que parecia

um saco de bolas de golfe entre as pernas. Os mapas estavam embrulhados em plástico mole. Richards não sabia no que estavam embrulhados os colhões de Donahue.

— Eu não quis provocar — disse ele, contrafeito.

Richards achou que podia identificá-lo. Jovens abastados com um bocado de tempo livre, freqüentemente gasto rondando as zonas baratas de prazer das grandes cidades, vagueando em grupos bem vestidos, às vezes a pé, com mais freqüência em helicópteros. Caçadores de homossexuais. Os bichas, claro, tinham que ser erradicados. Salvem nossos banheiros para a democracia. Mas eles raramente se aventuravam além das penumbras das áreas de prazer e entravam na escuridão completa dos guetos. Quando faziam isso, eram expulsos a pontapés.

Donahue mexeu-se inquieto sob o longo olhar de Richards.

— Alguma coisa mais?

— Você é inimigo dos bichas, meu chapa?

— *Ahn?*

— Esqueça. Volte lá pra trás. Ajude-os a guiar o avião.

Donahue voltou para a ponte em passo rápido.

Rapidamente, descobriu que o mapa com cidades grandes e pequenas e estradas era o político. Riscando com o dedo de Derry até a fronteira Canadá-

Vermont em um curso reto, localizou a posição aproximada onde estavam.

— Comandante Holloway?

— Sim.?

— Vire à esquerda.

— Ahn?

Holloway pareceu francamente sobressaltado.

— Para o sul, quero dizer. Diretamente para o sul. E lembre-se...

— Estou me lembrando — garantiu Holloway. — Não se preocupe.

O avião inclinou-se. McCone permaneceu encurvado no assento onde caíra, olhando para Richards com olhos famintos, desejosos.

...Menos 021

e CONTANDO...

DESCOBRIU QUE ENTRAVA E SAÍA DE COCHILOS e isso assustou-o. O zumbido contínuo dos motores era insidioso, hipnótico. McCone estava consciente de tudo que acontecia e sua postura inclinada tornou-se cada vez mais vulpina. Amélia também percebia isso, acachapada e infeliz em um assento à frente, perto da cozinha de bordo, observando-os.

Bebeu mais duas xícaras de café. Não ajudaram muito. Estava se tomando cada vez mais difícil concentrar-se na coordenação do mapa com o comentário em voz monótona de Holloway sobre aquele vôo ilegal.

Finalmente, enfiou o punho no lado do corpo em que fora atingido pela bala. A dor imediata e intensa agiu como um balde de água gelada lançado em seu rosto. Um guincho meio gritado, meio assoviado, saiu das extremidades da boca cerrada, como duas trilhas sonoras de estéreo. Sangue novo umedeceu-lhe a camisa e passou para a mão. Amélia gemeu.

— Vamos passar sobre Albany dentro de seis minutos — informou Holloway. — Se olhar para fora, verá a cidade surgindo à esquerda.

— Relaxe — disse Richards sem se dirigir a ninguém, falando consigo mesmo, — Relaxe. Simplesmente, relaxe.

Deus, isso acabará logo? Sim. Logo, logo. Faltava um quarto para as 8h.

...Menos 020

e CONTANDO...

PODERIA TER SIDO UM PESADELO, um pesadelo que rastejara da escuridão para o doentio palco iluminado de sua mente semi-acordada — mais exatamente, uma visão ou uma alucinação. O cérebro funcionava e concentrava-se em um nível, tratando do problema de navegação e da ameaça constante de McCone. Em outro, alguma coisa preta estava acontecendo. Coisas se moviam nas trevas.

Rastreador ligado.

Positivo.

Imensos servomecanismos, rangedores, moviam-se na escuridão, na noite. Olhos infravermelhos brilhavam em espectros desconhecidos. Pálidos fogos-fátuos verdes de mostradores e feixes vasculhantes de radar.

Contato. Temos um contato.

Caminhões ribombando em estradas do interior e em veículos-plataformas servindo de âncora de triangulação a 300km de distância um do outro, antenas de microondas varrendo os céus. Ondas intermináveis de eléctrons voando em invisíveis asas de morcegos. Ricochete, eco. O forte bipe e a pós-

imagem que desaparece até que o giro de retorno da luz ilumina-o em uma posição ligeiramente mais ao sul.

Sólido?

Positivo. A 300km ao sul de Newark. Poderia ser Newark.

Newark está em Alerta Vermelho, e também o sul de Nova York.

Ordem executiva ainda em vigor?

Positivo.

Nós o tivemos no centro do alvo em Albany.

Fique frio, meu chapa.

Caminhões trovejando através de cidades fechadas, onde com olhos apavorados, cheios de ódio, pessoas espiam por trás de janelas de papelão. Roncando como bestas pré-históricas na noite.

Enormes motores rangedores fazem deslizar para os lados, abrindo-se no meio, imensas calotas de concreto, correndo sobre trilhos de concreto. Silos circulares como as estradas do mundo subterrâneo dos Morlocks. Baforadas de hidrogênio líquido escapando para o ar externo.

Rastreando. Estamos rastreando, Newark.

Recebido e entendido, Springfield. Mantenha-nos informados.

Bêbados adormecidos em becos acordam estonteados com o trovão dos caminhões que passam e olham mudos para fatias do céu entre prédios muito perto uns do outros. Seus olhos são desbotados e amarelos, e suas bocas são linhas caídas. Mãos puxam com reflexos senis jornais velhos para protegê-los contra o frio de outono, mas os jornais não estão mais ali, a Free-Vee matou o último deles. A Free-Vee é a rainha do mundo. Aleluia. Ricos fumam Dokes. Os olhos amarelos captam um vislumbre de luzes altas e que piscam no céu. Relampejam, relampejam. Vermelhas e verdes, vermelhas e verdes. O ribombo dos caminhões passou, mas continua a ecoar para um lado e outro nos *canyons* de pedra, como punhos de vândalos. Os bêbados voltam a dormir. Merda.

Estamos localizando-o a oeste de Springfield.

Entrar em compasso de espera em cinco minutos.

Ordem de Harding?

Positivo.

Ele está enquadrado e iluminado.

Durante toda a noite, mexem-se as invisíveis asas de morcego, traçando uma rede luminosa pelo canto nordeste da América. Servomecanismos controlados pelos computadores da General Atomics funcionam suavemente. Os mísseis giram e mudam ligeiramente de posição em milhares de lugares a fim de seguir as luzes piscantes vermelhas e verdes que riscam o céu. Lembram cascavéis de aço cheias de veneno, à espera.

Ele viu tudo isso e funcionou, mesmo enquanto via. De certa maneira,

era estranhamente confortante a dualidade de seu cérebro. Induzia um desligamento que se parecia muito com insanidade mental. O dedo incrustado de sangue seguia maciamente a rota do avião para o sul. Nesse momento ao sul de Springfield, no outro a oeste de Hartford...

Rastreando.

...Menos 019

e CONTANDO...

— SR. RICHARDS?

— Sim?

— Estamos passando por cima de Newark, Nova Jersey.

— Certo — respondeu. — Estive observando. Holloway?

Holloway não respondeu, mas Richards sabia que ele estava à escuta.

— Eles estão fazendo pontaria para nós o tempo todo, não?

— Estão — confirmou Holloway. Richards olhou para McCone:

— Acho que eles estão tentando decidir se podem dar-se ao luxo de perder o sabujo que está aqui. Acho que vão resolver pela afirmativa. Afinal de contas, tudo o que eles têm que fazer é treinar outro cão.

McCone rosnou para ele, mas Richards pensou que aquilo era um gesto inteiramente inconsciente, que provavelmente poderia ser seguido às suas origens nos ancestrais de McCone, os Neanderthals, que se aproximavam sorrateiros dos inimigos, com grandes pedras nas mãos, em vez de lutarem até a morte à maneira respeitável mas estúpida.

— Quando é que vamos passar novamente sobre terreno desabitado, comandante?

— Não vamos. Não numa direção reta para o sul. Mas passaremos sobre mar aberto depois de voarmos por sobre as plataformas de perfuração ao largo da costa da Carolina do Norte.

— Tudo ao sul daqui é subúrbio da cidade de Nova York?

— É mais ou menos o tamanho da coisa — confirmou Holloway.

— Obrigado.

Newark espalhava-se e se abria embaixo como um punhado de jóias sujas lançadas descuidadamente na frasqueira forrada de veludo preto de alguma mulher.

— Comandante?

Cansadamente:

— Sim.

— Agora o senhor vai tomar a direção oeste.

McCone saltou como se tivesse sido enrabado. Amélia produziu um som de tosse, surpresa, no fundo da garganta.

— Oeste? — perguntou Holloway. Parecia infeliz e assustado pela primeira vez. — Indo nessa direção, o senhor está pedindo que eles disparem. A direção oeste nos leva por regiões muito desabitadas. A Pennsylvania entre Harrisbur e Pittsburgh é toda rural. Não há nenhuma outra grande cidade a leste de Cleveland.

— O senhor está planejando minha estratégia para mim, comandante?

— Não, eu...

— Diretamente para oeste — repetiu seco Richards. Newark afastou-se por baixo deles.

— Você está louco — protestou McCone. — Eles vão nos reduzir a frangalhos.

— O senhor e cinco outras pessoas inocentes a bordo? Neste honrado e respeitável país?

— Será um engano — retrucou áspero McCone. — Um engano cometido de propósito.

— O senhor não assiste ao *Relatório Nacional!* — perguntou Richards, ainda sorrindo. — Nós não cometemos erros. Não cometemos um erro desde

1950.

Newark ia desaparecendo sob a asa, substituída pela escuridão.

— O senhor não está mais rindo — observou Richards.

...Menos 018

e CONTANDO...

MEIA HORA DEPOIS, Holloway voltou ao rádio. Parecia agitado.

— Richards, fomos informados pelo Alerta Vermelho de Harding que querem dirigir-nos uma transmissão de alta intensidade. Da Federação dos Jogos. Fui informado que valeria a pena você sintonizar a Free-Vee.

— Obrigado.

Ele olhou para a tela vazia da Free-Vee e quase a ligou. Retirou a mão como se as costas do assento da frente, onde estava a tela embutida, estivesse quente. Foi tomado por uma curiosa sensação de medo e *deja vu.* Aquilo se parecia demais com uma volta ao começo, a Sheila e seu rosto magro e gasto, o cheiro do repolho que cozinhava no apartamento da sra. Jenner insinuando-se pelo corredor. A fanfarra dos jogos. *Acione o Moinho. Nade com os Crocodilos.* Os gritos de Cathy. Nunca mais poderia ter outro filho, claro, nem mesmo se retirasse tudo aquilo, anulasse tudo, voltasse ao começo. Mesmo aquele único fora concebido contra probabilidades fantasticamente altas.

— Vigie-a — disse McCone. — Quem sabe, eles vão nos fazer... fazer a você... uma proposta.

— Cale-se — disse Richards.

Esperou, deixando que o medo o encharcasse como se fosse água pesada. O curioso senso de pressentimento. As dores eram terríveis. O ferimento continuava a sangrar,e sentia as pernas fracas e distantes. Não sabia se poderia levantar-se para terminar essa charada quando chegasse o momento.

Com um grunhido, inclinou-se novamente para a frente e apertou o botão *ON.* A Free-Vee surgiu na tela incrivelmente clara, amplificado o seu sinal. O rosto que encheu a tela, pacientemente à espera, era muito preto e muito conhecido. Dan Killian. Estava sentado a uma escrivaninha em forma de rim, com o símbolo dos Jogos por trás.

— Olá, você aí — disse mansamente Richards.

Quase caiu da poltrona quando Killian espigou-se, sorriu largamente e respondeu:

— Olá, você aí, sr. Richards.

...Menos 017

e CONTANDO...

— EU NÃO POSSO VÊ-LO — começou Killian, mas posso ouvi-lo. O som do sistema interno de comunicação está sendo retransmitido pelo sistema de comunicação da ponte de comando. Eles me disseram que você está gravemente ferido à bala.

— Não é tão ruim como parece — respondeu Richards. — Levei uns arranhões lá nos bosques.

— Oh, sim — assentiu Killian. — A Famosa Fuga pelos Bosques. Bobby Thompson canonizou esta noite mesmo no programa essa odisséia. Juntamente com suas atuais façanhas, claro. Amanhã, esses bosques estarão cheios de gente à procura de um pedaço de sua camisa ou mesmo um cartucho deflagrado.

— Isso é uma pena — retrucou Richards. — Eu vi um coelho.

— Você vem sendo o maior participante que jamais tivemos, Richards. Graças a uma combinação de sorte e habilidade, você tem se revelado indisputavelmente o maior de todos. Suficientemente grande para que nos lhe ofereçamos um trato. Que trato? Um pelotão de fuzilamento televisado nacionalmente? O seqüestro desse avião foi o mais espetacular, mas também o mais estúpido. Sabe por quê? Porque, pela primeira vez, você não está perto de sua própria gente. Você a deixou para trás quando deixou o chão. Até mesmo a

mulher que o está protegendo. Você pode pensar que ela é sua gente. *Ela* pode mesmo pensar isso. Mas não é. Não há ninguém aí em cima, Richards, mas apenas nós. Você é um pato morto. Finalmente.

— Pessoas continuam a me dizer isso e a exalar o último suspiro.

— Você vem exalando seu último suspiro nas duas últimas horas porque a Federação dos Jogos assim quer. Eu consegui isso. E fui eu que finalmente consegui a muito custo a autorização para o oferecimento que vou lhe fazer. Há forte oposição da velha guarda — este tipo de coisa nunca foi feito antes — mas vou em frente com ela. "Você me perguntou quem poderia matar se pudesse subir até o alto do edifício com uma metralhadora na mão. Um deles teria sido eu, Richards. Isso o surpreende?

— Acho que sim. Eu o considerava como o negro da casa.

Killian jogou a cabeça para trás e riu, embora o riso parecesse forçado — o riso de um homem jogando por grandes apostas e agindo sob grande tensão.

— O trato é o seguinte, Richards. Traga seu avião para Harding. Haverá uma limusine dos Jogos à sua espera no aeroporto. Uma execução será realizada — uma falsa execução. Em seguida, você entra para nossa equipe.

Sobressaltado, McCone soltou um gemido de ódio:

— Seu negro filho da puta...

Amélia Williams pareceu atordoada.

— Muito bom — disse Richards. — Eu sabia que você era bom, mas isso é realmente grande. Que maravilhoso vendedor de carros usados você teria sido, Killian.

— McCone deu-lhe a impressão de que eu estava mentindo?

— McCone é um excelente ator. Fez um pequeno número de canto e dança no aeroporto que poderia merecer um Prêmio da Academia. — Ainda assim, estava perturbado. A ordem de McCone a Amélia para ir buscar café quando pareceu que ela pudesse acidentalmente provocar a explosão, o antagonismo profundo, inabalável dele — não combinavam. Ou combinavam? Sua mente começou a girar. — Talvez você esteja fazendo essa revelação súbita sem conhecimento dele, contando que a reação dele a faria parecer ainda mais convincente.

Killian respondeu:

— Você fez seu número de canto e dança com o explosivo plástico, Richards. Nós sabemos — *sabemos* — que você está blefando. Mas há um botão nesta escrivaninha, um pequeno botão vermelho, que não é um blefe. Vinte segundos depois de eu apertá-lo, o avião será reduzido a pedaços por mísseis terra-ar Diamondback levando ogivas nucleares limpas.

— O Irlandês não é falso, tampouco.

Mas sentiu um gosto de sangue coalhado na boca. O blefe azedara.

— Oh, é. Você não poderia entrar num Locklieed G-A levando explosivo plástico. Não sem disparar os alarmes. Há quatro detectores separados no avião, instalados para identificar seqüestradores. Um quinto foi instalado no pára-quedas que você pediu. Posso lhe dizer que as luzes de alarme na torre de

controle no Voigt Field foram observadas com grande interesse e medo quando você subiu para bordo. O consenso era que você, possivelmente, carregava o Irlandês. Você revelou tal fertilidade de recursos ao longo de todo o caminho que essa parecia uma suposição aceitável. Houve mais do que um pouco de alívio quando nenhuma dessas luzes se acendeu. Acho que você nunca teve oportunidade de arranjar o explosivo. Talvez nem tenha pensado nele senão quando já era tarde demais. Bem, isso não importa. Piora a sua situação, mas...

De repente, McCone apareceu ao lado de Richards.

— Aqui começa — disse, sorrindo. — É aqui que estouro sua cabeça de merda, jumento.

Apontou sua arma para a têmpora de Richards.

...Menos 016

e CONTANDO...

— VOCÊ MORRE, SE FIZER ISSO — disse Killian.

McCone hesitou, recuou um passo e olhou incrédulo para a Free-Vee, o rosto voltando a contorcer-se e desabar. Os lábios tremeram convulsivamente num esforço silencioso para falar. Quando a voz finalmente apareceu, foi um sussurro de raiva contrariada:

— Eu posso matá-lo! Agora mesmo! Aqui mesmo! Todos nós ficamos em segurança! Nós...

Cansadamente, Killian respondeu:

— Você está em segurança agora, seu grandessíssimo estúpido. E Donahue poderia tê-lo matado... se nós quiséssemos que ele fosse morto.

— Esse homem é um criminoso! — A voz de McCone estava subindo de tom. — Ele matou policiais! Cometeu crimes de anarquia e pirataria aérea! Ele... ele me humilhou publicamente e ao meu departamento.

— Sente-se — ordenou Killian e a voz dele parecia tão fria como o espaço profundo entre planetas. — É tempo de lembrar-se quem paga seu salário, sr. Caçador-Chefe.

— Eu vou até o Conselho do Presidente com isso! — McCone tresvariava nesse momento, saliva voando-lhe dos lábios. — Você vai colher algodão quando isto acabar, crioulo! Seu filho da puta inútil...

— Por favor, jogue sua arma no chão — falou uma nova voz.

Richards olhou em volta, espantado. Era Donahue, o navegador, parecendo mais frio e legal do que nunca. Seu cabelo gomalinado brilhava à iluminação indireta da cabine. Tinha na mão uma pistola-metralhadora Magnum/Springstun, e apontada para McCone.

— Robert S. Donahue, veterano. Controle do Conselho dos Jogos. Jogue a arma no chão.

...Menos 015

e CONTANDO...

MCCONE FITOU-O DURANTE UM LONGO SEGUNDO e a arma caiu com um som surdo no grosso carpete.

— Você...

Acho que já ouvimos toda retórica de que necessitamos — cortou-o Donahue. — Volte para a segunda classe e fique sentado lá como um bom menino.

McCone recuou vários passos, rosnando inutilmente, olhou para Richards como um vampiro em um velho filme de horror que fora contrariado por uma cruz.

Depois que saiu, Donahue fez uma pequena continência irônica a Richards, com o cano da arma e sorriu.

— Ele não vai aborrecê-lo mais.

— Você ainda parece um torturador de bichas — respondeu

tranqüilamente Richards. O sorriso desapareceu. Donahue fitou-o com uma antipatia súbita, vazia, durante um momento e em seguida dirigiu-se para a ponte de comando.

Richards voltou-se novamente para a tela da Free-Vee. Descobriu que sua taxa de pulsação permanecera absolutamente estável. Não estava com falta de ar nem com as pernas bambas. A morte se transformara para ele em normalidade.

— Ainda está aí, sr. Richards? — perguntou Killian.

— Estou.

— O problema foi resolvido?

— Foi.

— Ótimo. Então vamos voltar ao que eu estava dizendo.

— Continue.

Killian suspirou ao ouvir o tom de voz dele.

— Eu estava dizendo que nosso conhecimento de seu blefe piora sua situação, mas torna maior nossa credibilidade. Compreende por quê?

— Compreendo — respondeu indiferente Richards. — Significa que

vocês poderiam ter explodido este avião a qualquer tempo. Ou poderiam ter ordenado a Holloway que aterrissasse onde quisesse. McCone teria me matado.

— Exatamente. Acredita que nós sabemos que você está blefando?

— Não. Mas você é melhor do que McCone. Usar seu moleque de casa infiltrado aqui foi um excelente golpe. Killian riu.

— Oh, Richards. Você é um doce. Uma ave tão rara, tão iridescente.

Ainda assim, as palavras soaram forçadas, tensas, pressurizadas. Ocorreu-lhe que Killian estava escondendo informações que não queria absolutamente transmitir.

— Se você tivesse realmente o explosivo, poderia ter puxado o anel quando McCone encostou a arma em sua -cabeça. Você sabia que ele ia matá-lo. Você simplesmente ficou como estava.

Richards teve certeza de que o jogo acabara, teve certeza de que eles sabiam disso. Um sorriso fendeu-lhe o semblante. Killian gostaria daquilo. Ele era um homem de mente aguda e sardônica. Faça-os pagar então, se querem ver a carta coberta.

— Eu não estou aceitando nada disso. Se me pressionar, tudo vai pelos ares.

— E você não seria o homem que é se não levasse isso até o fim. Sr. Donahue?

— Sim, senhor.

A voz de Donahue, fria, eficiente, destituída de emoção, saiu quase simultaneamente do sistema interno de comunicação e da Free-Vee.

— Por favor, volte lá pra dentro e tire a bolsa da sra. Williams do bolso do Sr Richards. Mas não deve machucá-lo de maneira nenhuma.

— Sim, senhor.

Richards, vagamente, lembrou-se da perfuradora que marcara seu cartão de identificação no quartel-general dos Jogos. *Clitler clitler clitler.*

Donahue reapareceu e dirigiu-se para Richards, rosto liso, frio e vazio. *Programado.* A palavra saltou de repente na mente de Richards.

— Fique aí mesmo, bonitinho — observou Richards, mudando ligeiramente a mão no bolso do casaco. — O Homem lá está em terreno seguro. Você é o cara que vai para a lua.

Achou que os passos firmes podem ter hesitado apenas por um segundo e que os olhos podem ter se contraído com a menor das incertezas, mas em seguida ele continuou a andar. Para todos os fins, poderiam estar passeando pela Cote d'Azur... ou aproximando-se de um homossexual balbuciando de medo no fim de um beco sem saída.

Por um momento, Richards pensou em agarrar o pára-quedas e fugir. Inútil. Fugir? Para onde? O banheiro dos homens ao fim da cabine de terceira classe era o fim da estrada.

— Vejo-o no inferno — disse baixinho e fez um gesto de puxar alguma coisa do bolso.

Desta vez, a reação foi um pouco melhor. Donahue emitiu um grunhido e ergueu as mãos para defender o rosto, num gesto instintivo tão velho como o próprio homem. Baixou-os em seguida, ainda na terra dos vivos, parecendo embaraçado e muito zangado.

Richards tirou carteira de Amélia Williams do bolso sujo, rasgado, e jogou-a. Atingiu Donahue no peito e caiu no chão como uma ave morta. A sua mão estava banhada de suor. Repousando novamente no joelho, pareceu-lhe estranha, branca, diferente. Donahue apanhou a carteira, examinou-a superficialmente, e entregou-a a Amélia. Richards sentiu um estúpido tipo de tristeza com essa cena. De certa maneira, era como se estivesse perdendo um velho amigo.

— Buuummm — disse baixinho.

...Menos 014

e CONTANDO...

— SEU MOLEQUE É MUITO BOM — disse cansadamente Richards, depois que Donahue se retirou. — Consegui que ele tremesse um pouco, mas estava com esperança de que ele mijasse na calça. — Estava começando a notar uma esquisita duplicação da visão. Que acontecia e desaparecia. Examinou cautelosamente o lado ferido do corpo. — Instalou câmeras no aeroporto para que todos possam ver o bandido ser morto?

— Agora, o trato — disse baixinho Killian.

Tinha o rosto sombrio, indecifrável. O que quer que houvesse estado escondendo estava nesse momento imediatamente abaixo da superfície. Richards teve certeza disso. E, de repente, o medo dominou-o. Teve vontade de estender a mão e desligar a Free-Vee. Não ouvi-la mais. Sentiu as entranhas iniciarem um lento e terrível tremor — um tremor de terra real, literal. Mas não conseguiu desligá-la. Claro que não. Afinal de contas ela era gratuita.

— Vade retro, Satanás — disse em voz embolada.

— O quê? — perguntou Killian, parecendo sobressaltado.

— Nada. Diga o que tem a dizer.

Killian não falou logo. Olhou para as mãos. Ergueu novamente a vista. Richards sentiu uma câmara desconhecida de sua mente gemer com pressentimento psíquico. Pareceu que as almas dos pobres e dos anônimos, dos bêbados que dormiam em becos, chamavam-lhe o nome.

— McCone acabou — disse suavemente Killian. — Você sabe porque foi você quem fez isso. Esmagou-o como se fosse um ovo de casca mole. Queremos que você assuma o lugar dele.

Richards, que pensava ter ultrapassado o ponto de todos os choques, sentiu o queixo cair em total e atônita incredulidade. Aquilo era uma mentira. Tinha que ser. Ainda assim... Amélia recuperara sua carteira. Não havia mais razão para eles mentirem ou oferecerem falsas ilusões. Ele estava ferido e sozinho. McCone e Donahue estavam armados. Uma única bala disparada pouco acima da orelha esquerda poria um fim completo nele sem confusão ou amolação.

Conclusão: Killian estava dizendo a pura verdade.

— Você está pirado — murmurou.

— Não. Você é o melhor fugitivo que jamais tivemos. E o melhor fugitivo conhece os melhores lugares onde procurar. Abra os olhos e compreenderá que *O Sobrevivente* é concebido para algo mais do que agradar às massas e livrar-se de pessoas perigosas. Richards, a Rede está sempre no mercado à procura de novos e promissores talentos. Temos que estar.

Richards fez um esforço para falar, mas não conseguiu dizer coisa alguma. O medo ainda estava nele, alargando-se, aprofundando-se, engrossando.

— Nunca houve um Caçador-Chefe com família — disse ele, finalmente. — O senhor deve saber por quê. As possibilidades de extorsão...

— Bem — disse Killian com infinita suavidade —, sua mulher e filha estão mortas. Estão mortas há mais de dez dias.

...Menos 013

e CONTANDO...

DAN KILLIAN CONTINUAVA A FALAR, talvez estivesse fazendo isso já há algum tempo. Richards, porém, só o ouvia ao longe, a voz distorcida por um curioso efeito de eco em sua mente. Era semelhante a estar encurralado no fundo de um poço muito profundo e ouvir alguém chamar de lá de cima. Sua mente adquirira o negror da meia-noite e a escuridão servia como pano de fundo para uma espécie de programa de *slides.* Uma velha foto de Sheila nos corredores da escola secundária Trades High, com um caderno de folhas soltas sob o braço. Minissaias que haviam justamente voltado à moda. Um instantâneo dos dois sentados à extremidade da Bay Pier (Ingresso Livre), de costas para a câmera, olhando para a água. Mãos enlaçadas. Uma foto em tom sépia de um rapaz metido num temo mal cortado e uma moça usando o melhor vestido da mãe — especialmente reformado — diante um juiz de paz que exibia uma grande verruga no nariz. Na noite de núpcias, haviam rido daquela verruga. Uma foto de ação em preto e branco de um homem moço, suado, peito descoberto, usando um avental de chumbo e acionando as alavancas de marcha de um pesado motor em uma enorme câmara subterrânea com aspecto de casa-forte, iluminada por lâmpadas de arco voltaico. Foto colorida em tonalidades suaves (suavizadas para disfarçar o ambiente despojado de paredes que despelavam) de uma mulher com uma grande barriga, olhando pela janela, a cortina rasgada puxada para um lado, à espera que seu homem aparecesse na rua. A luz parecia uma suave pata de gato em seu rosto. Última foto: outra velha imagem Kodak de um cara magro erguendo bem alto acima da cabeça uma coisinha de nada de bebê, em uma curiosa mistura de triunfo e amor, o rosto fendido por um enorme sorriso cativante. As imagens começaram a passar cada vez mais rápidas, girando, sem trazer nenhuma sensação de dor, amor e perda, ainda não, trazendo apenas o embotamento frio de Novocaína.

Killian garantindo-lhe que a Rede nada tivera a ver com a morte de ambas, fora um horrível acidente. Richards achou que acreditava nele — não só porque a história parecia-se demais com uma mentira para não ser a verdade, mas porque Killian sabia que se ele aceitasse o oferecimento de emprego sua primeira parada seria em Co-Op City, onde em uma única hora na rua ele descobriria tudo. Assaltantes. Três deles. (Ou clientes? perguntou-se Richards, subitamente agoniado. Ela parecera ligeiramente furtiva ao telefone, como se estivesse escondendo alguma coisa...) Haviam sido espancadas, provavelmente. Talvez houvesse feito algum movimento ameaçador contra Cathy e Sheila tentara defender a filha. Haviam ambas morrido de ferimentos perfurantes. Essas palavras tiraram-no do ofuscamento.

— Não me venha com essa merda! — gritou de repente. Amélia afundou-se na poltrona e subitamente escondeu o rosto. — O que foi que aconteceu? Conte o que foi que aconteceu.

— Não há nada mais que eu possa contar. Sua mulher foi esfaqueada mais de sessenta vezes.

— Cathy... — disse Richards, a voz sem expressão, sem pensar e Killian se arrepiou.

— Ben, gostaria de ter um pouco de tempo para pensar em tudo isso.

— Sim, sim, gostaria.

— Eu sinto, sinto imensamente, meu chapa. Juro por minha mãe que nada tivemos a ver com isso. Nossa maneira teria sido separá-las de você, com direitos de visita, se você concordasse. Um homem não trabalha de boa vontade para gente que massacrou sua família. Nós sabemos disso.

— Preciso de tempo para pensar.

— Como Caçador-Chefe — acrescentou suavemente Killian —, você pegaria esses canalhas e os enfiaria num buraco muito fundo. E um bocado de outros iguais a eles.

— Eu quero pensar. Adeus.

— Eu...

Richards estendeu a mão e desligou a Free-Vee. Permaneceu ali, duro como pedra, na poltrona, as mãos caídas frouxas entre os joelhos. O avião ronronava na escuridão.

...Menos 012

e CONTANDO...

PASSOU-SE UMA HORA.

Chegou a hora, disse a morsa, de falar sobre muitas coisas... de navios veleiros e de lacre. E se porcos têm asas.

Imagens entravam e saíam céleres de sua mente. Stacey. Bradley. Elton Parrakis com aquele rosto de bebê. Um pesadelo de fuga. Tocando fogo em jornais no subsolo da A.C.M. com aquele último fósforo. Os carros movidos a gasolina correndo guinchando, a submetralhadora cuspindo fogo. A voz amarga de Laughlin. As imagens daqueles dois garotos, agentes juniores da Gestapo.

Bem, por que não?

Nenhum laço afetivo nesse momento e, com certeza, nenhuma moralidade. De que modo podia a moralidade ser problema para um homem solto e à deriva? Como fora sábio Killian em perceber isso, em mostrar-lhe com calma e suave brutalidade como ele estava sozinho. Bradley e sua apaixonada argumentação antipoluição eram nesse momento coisas distantes, irreais, sem importância. Filtros nasais. Sim. Em certa ocasião, o conceito de filtros nasais parece sério, muito importante. Mas não mais.

Os pobres estarão sempre presentes.

Verdade. Até mesmo suas entranhas haviam produzido um espécime para a máquina de matar. No fim, os pobres se adaptariam, sofreriam mutação. Seus pulmões produziriam seus próprios sistemas de filtragem, dentro de dez mil ou cinqüenta mil anos, e eles se ergueriam, arrancariam os filtros artificiais e observariam seus usuários cair, escoicear e morrer se debatendo, afogando-se numa atmosfera em que o oxigênio desempenhava apenas um papel minúsculo, e o que era o futuro para Ben Richards? Apenas trabalho árduo, interminável. Haveria um período de dor. Eles esperariam isso, dariam um desconto por isso. Haveria mesmo raivas, momentos de revolta. Tentativas abortadas de divulgar o conhecimento do envenenamento deliberado dó ar? Talvez. Eles cuidariam disso. Cuidar de si mesmo — antecipação de um tempo em que cuidaria deles. Instintivamente, sabia que podia fazer isso. Desconfiou que poderia mesmo ter gênio para o cargo. Eles o ajudariam, eles o curariam. Medicamentos e médicos. Uma mudança de atitude.

Em seguida, paz. Pensou em paz, da maneira como um homem no deserto pensa em água. Amélia chorava sem parar sentada cm sua poltrona, muito tempo depois do tempo em que todas as lágrimas deviam ter secado. Indiferentemente, ele especulou o que iria acontecer com ela. No seu estado atual, ela não poderia ser devolvida ao marido e à família. Ela simplesmente não era a mesma mulher que parará em um sinal rotineiro de trânsito, a mente cheia de refeições, encontros, clubes e preparação de refeições. Ela mostrara um estofo interno diferente. Pensou que haveria medicamentos e terapia, um paciente desnudamento. O Lugar Onde Duas Estradas se Separam, a identificação da razão porque o caminho errado fora escolhido. Um carnaval de sombrios estados mentais. De repente sentiu vontade de aproximar-se dela, dizer-lhe que ela não fora seriamente abalada, que uma simples aplicação de Band-Aids psíquicos a curaria, torná-la-ia ainda melhor do que fora antes. Sheila, Cathy.

Seus nomes soaram e se repetiram, estrugindo em sua mente como se fossem sinos, como palavras repetidas até que se tomam sons sem sentido. Diga seu nome duzentas vezes e descubra que não é ninguém. A dor era impossível. Só podia sentir um confuso senso de embaraço, haviam-no pegado, passado por uma peneira e descobrira que, afinal de contas, não passava de uma merda.

Lembrou-se de um garoto de seus dias de escola primária que se levantara para recitar o Juramento de Lealdade à Nação e cuja calça havia caído. O avião continuava a zumbir ininterruptamente. Cochilou durante uns três quartos de hora. Imagens vinham e se iam preguiçosamente, incidentes inteiros eram vistos sem nenhuma coloração emocional.

E depois uma foto final de álbum, uma foto lustrosa de oito por dez tirada por um entediado fotógrafo de polícia que talvez estivera mascando chiclete. Prova C, senhoras e senhores do conselho de jurados. Um bêbado cortado e fatiado em um berço encharcado de sangue. Respingos e fios de sangue no reboco barato das paredes e nas mobílias. Mãe Ganso comprados por 10 centavos. Um grande coágulo pegajoso no ursinho de pelúcia de segunda mão que só tinha um olho. Acordou bruscamente, inteiramente desperto e espigado, a boca aberta num grito inarticulado. A força expelida pelos pulmões foi suficiente para lhe fazer a língua bater como uma vela de barco. Tudo, tudo mesmo na cabine de primeira classe tornou-se subitamente claro e plangentemente real, esmagador, terrível. Com a realidade crua de um *clipe* de filme de horror. Laughlin sendo arrastado de um galpão em Topeka, por exemplo. Tudo, tudo era muito real e em tecnicolor. Amélia gritava apavorada, em uníssono com as lágrimas, tentando afundar-se na poltrona, olhos tão grandes como maçanetas de porta rachadas, de porcelana, tentando enfiar todo o punho na boca. Donahue apareceu bruscamente, passando pela despensa de bordo, arma na mão. Seus olhos eram pequenas e entusiásticas contas pretas.

— O que foi? Qual é o problema? McCone?

— Não — respondeu Richards, sentindo o coração acalmar-se apenas o suficiente para evitar que as palavras parecessem forçadas e desesperadas. — Um pesadelo. Minha filhinha.

— Oh.

Os olhos de Donahue se suavizaram em falsa simpatia. Mas ele não sabia muito bem como fazer isso. Talvez continuasse a ser um capanga durante

toda a vida. Talvez aprendesse. Ele se virou para ir embora.

— Donahue?

Donahue voltou-se, cauteloso.

— Eu lhe dei um grande susto, não dei?

— Não.

Donahue virou-se para ir embora após pronunciar essa curta palavra. O pescoço dele era encurvado e as nádegas dentro do uniforme azul eram tão bonitas como as de uma moça.

— Eu posso assustá-lo ainda mais — observou Richards. — Posso ameaçar tirar seu filtro nasal.

Donahue saiu.

Cansadamente, Richards fechou os olhos. Voltou a foto lustrosa de oito por dez. Abriu os olhos. Fechou-os. Não mais a lustrosa oito por dez. Esperou e quando teve certeza de que ela não ia voltar (imediatamente), ligou a Free-Vee.

A tela iluminou-se e ali estava Killian.

...Menos 011

e CONTANDO...

— RICHARDS.

Killian inclinou-se para a frente, sem fazer o menor esforço para ocultar a tensão.

— Resolvi aceitar — disse Richards.

Killian recostou-se na cadeira e nada nele sorriu, exceto os olhos.

— Estou muito contente — disse.

...Menos 010

e CONTANDO...

— JESUS — disse ele, de pé à porta da terra do piloto.

Holloway virou-se para ele.

— Oi

Estivera falando com alguma coisa chamada Detroit VOR. Duninger bebia café.

Os controle geminados do avião estavam aparentemente abandonados. Ainda assim viravam para um lado e outro, inclinavam-se e giravam como se em resposta a mãos e pés fantasmagóricos. Ponteiros demonstradores oscilavam, luzes se acenavam e apagavam. Parecia que ocorria uma constante entrada e saída de dados... dirigidas a ninguém.

— Quem é que está guiando o ônibus? — perguntou Richards, fascinado.

— Otto — respondeu Duninger.

— Otto?

— Otto, o piloto “otomático”. Entendeu? Trocadilho de merda. — Duninger sorriu inesperadamente. — É um prazer tê-lo em nosso time, cara. Você talvez não acredite, mas alguns de nós estávamos torcendo às pampas por você.

Richards inclinou a cabeça, sem se comprometer.

Holloway entrou na brecha ligeiramente embaraçosa, dizendo:

— Otto também me assusta. Mesmo depois de vinte anos disto. Mas ele é inteiramente seguro. Sofisticado como o diabo. Faria com que um dos modelos antigos parecesse um... bem, um engradado de laranjas ao lado de uma cômoda Chippendale.

— É assim mesmo?

Richards olhava para a escuridão.

— É. Você fixa o P.D.D. — ponto de destino — e Otto assume o comando, auxiliado pelo Radar Vocal o tempo todo. Torna o piloto inteiramente supérfluo, exceto nos pousos e decolagens. E em caso de problemas.

— Há muita coisa que você *possa* fazer se houver problemas? — perguntou Richards.

— Podemos rezar — respondeu Holloway.

À intenção da resposta talvez fosse ser jocosa, mas ela foi dada com uma estranha sinceridade que ficou pairando no ar.

— Essas rodas realmente guiam o avião? — perguntou Richards.

— Apenas para cima e para baixo — explicou Duninger. — Os pedais controlam o movimento lateral.

— Parece um carro de menino feito com caixote.

— É um pouco mais complicado — explicou Holloway. — Digamos apenas que há mais botões a apertar.

— O que é que acontece se Otto pirar?

— Isso nunca acontece — retrucou Duninger com um sorriso. — Se acontecesse isso, a gente simplesmente passava por cima dele. Mas o computador nunca se engana, meu chapa.

Richards quis sair dali, mas a vista dos manches que se moviam, dos ajustamentos minúsculos e aparentemente sem sentido dos pedais e comutadores, prenderam-no no lugar. Holloway e Duninger voltaram a seus afazeres — números obscuros e comunicações em meio a estática.

Holloway olhou para trás e pareceu surpreso ao vê-lo ainda ali. Sorriu e apontou para a escuridão.

— Você vai ver logo Harding aparecer ali.

— Quanto tempo?

— Em cinco ou seis minutos poderá ver o brilho no horizonte.

Quando Holloway se virou na vez seguinte, Richards não estava mais ali. Disse a Duninger.

— Vou ficar satisfeito quando a gente botar aquele cara no chão. Ele é um fantasma.

Duninger baixou a vista mal-humorado, o rosto banhado pela luz verde dos controles.

— Ele não gostou de Otto, sabia?

— Eu sei — respondeu Holloway.

...Menos 009

e CONTANDO...

RICHARDS VOLTOU PELO CORREDOR ESTREITO, da largura dos quadris de um homem. Friedman, o encarregado de comunicações, sequer levantou a vista. Nem Danahue. Passou para a despensa de bordo e parou.

O cheiro de café era forte e bom. Serviu-se de uma xícara, adicionou creme instantâneo e sentou-se em uma das poltronas de repouso das comissárias de bordo. À cafeteira de Sílex borbulhava e fumaçava.

Nos *freezers* de portas transparentes havia um estoque completo de jantares congelados de luxo. O armário de bebidas estava inteiramente abastecido com aquelas garrafas miniaturas de companhias de aviação.

Um homem poderia tomar um bom drinque, pensou.

Bebericou o café. Forte e bom. O Sílex borbulhava.

Aqui estou eu, pensou, e tomou um gole. Sim, nenhuma dúvida a esse respeito. Ali estava ele, simplesmente tomando café.

Frigideiras e panelas guardadas com cuidado. A pia de aço inoxidável brilhava como uma jóia de cromo na bancada de fórmica. E, claro, o Sílex, na chapa quente, borbulhava e fumaçava. Sheila sempre quisera um Sílex. Um Sílex dura, era o que dizia. Chorava.

Havia um minúsculo toalete ali, onde apenas bundas de comissárias haviam se sentado. A porta estava entreaberta e podia vê-lo, sim, até mesmo a água azul, refinadamente desinfetada no vaso. Defecar em um esplendor de bom gosto a 15 mil metros de altura.

Bebeu o café e observou o Sílex borbulhar e fumegar, e chorou. Um choro muito calmo e inteiramente silencioso. O choro e a xícara de café terminaram na mesma ocasião. Levantou-se e pôs a xícara na pia de aço inoxidável. Pegou o Sílex, segurando-o pelo cabo plástico marrom, e com todo cuidado derramou o café pelo ralo. Pequenas gotas de condensação apegaram-se ao vidro grosso.

Enxugou os olhos com a manga do paletó e voltou pelo mesmo estreito corredor. Entrou no compartimento de Donahue levando o Sílex numa mão.

— Quer um pouco de café? — perguntou.

— Não — respondeu seco Donahue, sem levantar a vista.

— Claro que você quer — disse ele, e descarregou o pesado bule na cabeça encurvada de Donahue, usando de toda força que conseguiu reunir.

...Menos 008

e CONTANDO...

PELA TERCEIRA VEZ, o esforço reabriu o ferimento no lado do corpo, mas o bule não quebrou. Richards perguntou a si mesmo se ele havia sido reforçado com alguma coisa (vitamina B-12, talvez?) para evitar que se estilhaçasse em caso de alta turbulência. E tirou uma enorme, espantosa quantidade de sangue de Donahue. Ele caiu sem uma palavra sobre a mesa dos mapas. Um fio de sangue correu de um lado a outro pela cobertura de plástico do mapa que estava por cima e começou a gotejar.

— Recebido e entendido, C-um-nove-oito-quatro — disse vivamente uma voz no rádio.

Deixou cair o bule, mas não houve barulho. Carpete grosso mesmo ali. A bolha de vidro do Sílex rolou para ele, um globo ocular piscante, injetado de sangue. A foto lustrosa de oito por dez de Cathy no berço reapareceu sem ser convidada e Richards estremeceu. Ergueu o peso-morto de Donahue pelos cabelos e procurou dentro do paletó azul do uniforme. A arma estava ali. Ia deixar cair a cabeça de Donahue novamente em cima da mesa do mapa mas parou, e puxou-a ainda mais para cima. A boca de Donahue estava aberta, num esgar idiota. Sangue pingou dentro dela.

Enxugou o sangue de uma das narinas e olhou ali dentro.

Ali estava — minutos, bem pequenino. O brilho de uma tela.

— Acuse T.E.C., C-um-nove-oito-quatro — disse o rádio.

— Hei, ele está falando com você — disse em voz alta Frieidman, do outro lado do corredor. — Donahue...

Richards entrou mancando no corredor. Sentia-se muito fraco. Friedman ergueu avista.

— Quer dizer a Donahue para se mexer e acusar...

A bala de Richards pegou-o imediatamente acima do lábio superior. Dentes voaram como um colar quebrado de selvagem. Cabelos, sangue e miolos espalharam um borrão Rorschach na parede atrás da cadeira, onde uma mulher em uma foto em 3-D abria eternamente as pernas em volta da coluna de mogno da cama. Ouviu uma exclamação abafada no comportamento dos pilotos e Holloway deu um mergulho desesperado, e inútil, para fechar a porta. Richards notou que ele tinha uma cicatriz pequenina na testa, em forma de ponto de exclamação. Era o tipo de cicatriz que um menino de espírito aventureiro poderia ganhar se caísse de um galho de árvore enquanto brincava de piloto.

Atingiu Holloway na barriga, arrancando dele um grande e chocado som:

— Queeeem...MMM?

Os pés faltaram ao corpo e ele caiu de cara no chão. Duninger estava virado na poltrona, o rosto transformado em uma lua caída.

— Não atire em mim, sim? — disse.

Não havia fôlego suficiente nele para tomar aquilo uma frase afirmativa.

— Tome — disse bondosamente Richards, e apertou o gatilho.

Alguma coisa pipocou e acendeu-se com curta violência atrás de Duninger quando ele caiu. Silêncio.

— Acuse Tempo Estimado de Chegada, C-um-nove-oito-quatro — disse o rádio.

Subitamente, Richards engulhou e vomitou um grande coalho de café e bile. As contrações musculares abriram ainda mais o ferimento implantando uma grande e lancinante dor naquela parte do corpo.

Foi manquejando até os controles, ainda gotejando sangue e vômito simultaneamente. Eram tantos os mostradores e controles.

Não teriam eles por acaso um elo de comunicação constantemente aberto em um vôo tão importante como aquele? Com toda certeza.

— Sinal recebido — disse Richards em tom de conversa.

— Está com a Free-Vee ligada aí em cima, C-Um-nove-oito-quatro? Estamos recebendo algumas transmissões bem confusas. Tudo okay aí?

— Tudo bem — respondeu Richards.

— Diga a Duninger que ele me deve uma cerveja — disse cripticamente a voz e depois só se ouviu a estática de fundo.

Otto estava dirigindo o ônibus.

Richards voltou para trás a fim de terminar o que tinha que fazer.

...Menos 007

e CONTANDO...

— OH, MEU DEUS — gemeu Amélia Williams.

Casualmente, Richards olhou de cima a baixo para si mesmo. Todo lado direito do corpo, da caixa torácica à panturrilha, era um só vermelho brilhante e faiscante.

— Quem teria pensado que o velho tinha tanto sangue? — especulou Richards.

De repente, McCone entrou correndo na primeira classe. Com um rápido olhar, viu a situação de Richards. McCone trazia a arma na mão. Ele e Richards atiraram ao mesmo tempo.

McCone desapareceu através da cortina que separava a primeira da segunda classe. Richards sentou-se pesadamente. Sentia-se muito cansado. Tinha um grande buraco na barriga, por onde podia ver os intestinos.

Amélia gritava interminavelmente, as mãos puxando para baixo as bochechas e transformando-as numa face de plástico de feiticeira. McCone entrou cambaleante na primeira classe. Sorria. Metade da cabeça parecia ter sido arrancada, mas ele sorria, apesar de tudo.

Atirou duas vezes. A primeira bala passou por cima da cabeça de Richards. A segunda atingiu-o pouco abaixo da clavícula.

Richards voltou a atirar. McCone deu voltas sobre si mesmo numa espécie de dança sem propósito, de bêbado. A arma escorreu-lhe da mão. Ele parecia observar o grosso teto de *styrospuma* da cabine de primeira classe, talvez comparando-o com o de sua própria segunda classe. Caiu para a frente. O cheiro de pólvora queimada e carne queimada era nítido e forte, tão característico como de maçãs em uma prensa de sidra.

Amélia continuou a gritar. Richards pensou em como ela parecia notavelmente sadia.

...Menos 006

e CONTANDO...

LEVANTOU-SE COM GRANDE LENTIDÃO, segurando os intestinos para que não rolassem para o chão. A sensação era de que alguém estava acendendo fósforos em seu estômago. Subiu bem devagar a coxia, curvou-se, uma mão na cintura, como se fazendo uma mesura. Pegou o pára-quedas com uma mão e arrastou-o atrás de si. Uma volta de salsicha cinzenta escapou de seus dedos e ele empurrou-a para dentro. Vagamente, achou que poderia estar defecando em si mesmo.

— D... — gemia Amélia Williams —, D-D-D-Deus. Oh, Deus. Oh, meu Deus.

— Vista isso — disse Richards.

Ela continuou a balançar-se e a gemer, sem ouvi-lo. Ele deixou cair o pára-quedas e esbofeteou-a. Não conseguiu pôr força na mão. Cerrou o punho e socou-a. Ela calou-se, os olhos fitando-o, atordoada.

— Vista isso — repetiu ele. — Como se fosse uma mochila. Está vendo como é?

Ela inclinou a cabeça.

— Eu... Não posso. Saltar. Medo.

— Vamos cair. Você tem que saltar.

— Não posso.

— Muito bem. Neste caso, vou atirar em você.

Ela levantou-se bruscamente do assento, empurrando-o para um lado e começou a vestir o pára-quedas com um vigor de olhos esbugalhados rolando nas órbitas. Afastou-se um pouco dele enquanto lutava com as correias.

— Não. Essa é passada por baixo.

Ela rearrumou a correia com grande rapidez, recuando por cima do corpo de McCone quando Richards se aproximou, sangue gotejando da boca.

— Agora, prenda o gancho no anel. Em volta. Em volta da cintura.

Ela obedeceu, dedos trêmulos, chorando quando errou o encaixe da primeira vez, os olhos loucamente lixos no rosto dele.

Ela escorregou por um momento no sangue de McCone e depois passou por cima dele. Da mesma maneira, de costas, recuaram pela segunda classe e chegaram à terceira. Os fósforos em sua barriga haviam sido substituídos por um isqueiro de chama contínua. A porta de emergência estava fechada com rebites

explosivos e uma barra controlada pelo piloto.

Richards entregou-lhe a arma.

— Atire nela. Eu... eu não posso agüentar o coice.

Fechando os olhos e desviando o rosto, ela apertou duas vezes o gatilho da arma de Donahue. Depois, ela ficou vazia. A porta continuou fechada e Richards sentiu um leve e doentio desespero. Amélia Williams segurava nervosamente a corda de abertura do pára-quedas.

— Talvez... — começou ela, e a porta explodiu subitamente e voou para a noite, sugando-a.

...Menos 005

e CONTANDO...

ENCURVADO COMO UMA BRUXA, um homem num furacão invertido, Richards afastou-se da porta, recuando enquanto se segurava nas costas das poltronas. Se estivesse voando mais alto, com maior diferença na pressão atmosférica, ele também teria sido puxado para fora. Na situação atual, ele estava sendo violentamente esbofeteado, seus pobres e velhos intestinos desdobrando-se e se arrastando atrás dele no chão. O frio ar da noite, rarefeito e penetrante a 700m de altitude, era como uma pancada de água gelada. O isqueiro se transformara em um maçarico e suas entranhas queimavam.

Através da segunda classe. Melhor. A sucção não era tão grande. Passando por cima do cadáver de McCone (mova-se, por favor), e cruzando a primeira classe. O sangue escorria-lhe livremente pela boca.

Parou à entrada da cozinha de bordo e tentou reunir os intestinos. Sabia que eles não gostavam de ficar de fora. Nem um pouco. Estavam ficando todos sujos. Teve vontade de chorar por seus pobres e frágeis intestinos, que não haviam pedido nada disso. Não conseguiu recolocá-los dentro do copo. Estavam todos atravessados, todos misturados. Imagens apavorantes dos livros de biologia da escola secundária passaram rápidas diante de seus olhos. Compreendeu, aos poucos e atabalhoadamente, o fato de seu fim estar chegando e chorou tristemente em meio a uma golfada de sangue. Não houve resposta no avião. Todos haviam desaparecido. Todos menos ele e Otto. O mundo parecia estar se esvaziando de cor como seu corpo estava se esvaziando de seus próprios fluidos brilhantes. Encostado torto na entrada da cozinha de bordo, como um bêbado encostado num poste de iluminação, viu as coisas em volta começarem a

desaparecer em um cinzento mutável.

É isso. Estou indo embora. Gritou novamente, trazendo o mundo de volta em um foco cruciante. Ainda não. Não devo. Cruzou a despensa caindo para a frente, as tripas penduradas em cordas em volta das pernas. Espantoso que houvesse tantas assim. Tão redondas, tão firmes, tão perfeitamente acondicionadas. Pisou numa parte de si mesmo e alguma coisa dentro dele mesmo *puxou.* O relâmpago de dor ultrapassou as fronteiras do crível, as fronteiras do mundo, e guinchou, borrifando sangue na parede mais distante. Perdeu o equilíbrio e teria caído, não o tivesse a parede amparado num ângulo de 60 graus. *Um tiro na barriga. Levei um tiro na barriga.*

Insanamente, a mente respondeu: *Cliter-cliter-cliter.*

Uma única coisa a fazer. Acreditava-se que um tiro na barriga era um dos piores. Certa vez, eles haviam tido uma conversa, durante a hora do almoço no turno da meia-noite, sobre a pior maneira de morrer. Isso ao tempo em que ele era limpador de motores. Em perfeitas condições de saúde, cheios de sangue, urina e sêmen, todos eles, devorando sanduíches e comparando os méritos relativos de envenenamento por radiação, congelamento, queda, golpe de porrete, afogamento. E alguém falara em tiro na barriga. Harris, talvez. O gordo que bebia cerveja, o que era proibido, durante o trabalho.

Dói na barriga, dissera Harris. *E demora um tempão.* E todos eles haviam inclinado a cabeça e concordado solenemente, sem a menor idéia do que era Dor. Seguiu cambaleando pelo estreito corredor, Segurando-se nos dois lados para não cair. Passou por Donahue. Passou por Friedman e por sua radical cirurgia dentária. Dormência subia-lhe pelos braços, mas ainda assim a dor na barriga (o que *fora* barriga) aumentava. Ainda assim, mesmo através de tudo isso ele se movia, o corpo dilacerado tentando cumprir as ordens do Napoleão louco engaiolado em seu crânio.

Meu Deus, poderá isto ser o fim de Rico?

Não teria acreditado que houvesse nele tantos clichês arquivados. Parecia que a mente estava se voltando para dentro, devorando-se a si mesma em seus últimos segundos febris. Mais. Uma. Coisa.

Caiu sobre o corpo esparramado de Holloway e ficou ali no chão, subitamente sonolento. Um cochilo. Sim. Exatamente a coisa certa a fazer. Difícil demais levantar-se. Otto cantarolando baixinho. Cantando para adormecer o neném. Psiu, psiu, psiu. A ovelha está na campina, a vaca está no milharal.

Levantou a cabeça — um esforço tremendo, a cabeça era aço, ferrogusa, chumbo — e olhou para os controles geminados do avião, nos passos de sua dança. Além dele, nas janelas de plexiglass, Harding.

Longe demais. *Ele está sob o monte de feno, dormindo a sono solto.*

...Menos 004

e CONTANDO...

O RÁDIO GRASNAVA PREOCUPADO:

— Responda C-um-nove-oito-quatro. Você está voando baixo demais. Acuse. Responda. Quer que assumamos o controle de aproximação? Responda. Responda.
Respon...

— Foda-se — murmurou Richards.

Começou a rastejar para os controles que se inclinam e balançavam. Os volantes moviam-se milimetricamente. Gritou com uma nova agonia de dor. Uma volta dos intestinos ficara presa sob o queixo de Holloway. Rastejou para trás. Soltou-a. Voltou a rastejar.

Os braços afrouxaram e, por um momento, flutuou, em estado de imponderabilidade, o nariz enfiado no macio e fundo tapete. Ergueu-se com um esforço e voltou a rastejar.

Subir para a poltrona de Holloway foi escalar o Everest.

...Menos 003

e CONTANDO...

ALI ESTAVA. Imenso, projetando-se quadrado e alto na noite, silhuetado em preto contra tudo mais. A meia-noite transformara-o em alabastro.

Mexeu no volante apenas um pouco. O chão caiu para a esquerda. Caiu na poltrona de Holloway e quase escorregou para fora. Virou novamente o volante, corrigiu demais e o chão caiu para a direita, o horizonte inclinando-se loucamente. Agora, os pedais. Sim. Melhor.

Cautelosamente empurrou o volante para a frente. Um ponteiro de mostrador em frente a seus olhos passou de 2000 para 1500 num piscar de olhos. Puxou o volante para trás. Era muito pouca a capacidade de visão que lhe restava. O olho direito estava quase inteiramente cego. Estranho que pifassem um de cada vez. Empurrou novamente o macho. Nesse momento pareceu que o avião flutuava, sem peso. O ponteiro no mostrador escorregou de 1500 para 1200 e 900. Puxou-o para trás.

— C-um-nove-oito-quatro. — Havia grande alarme na voz nesse momento. — O que é que está acontecendo? Responda!

— Fala, rapaz — grasnou Richards.

...Menos 002

e CONTANDO...

O GRANDE AVIÃO CRUZAVA A NOITE como se fosse uma lasca de gelo e nesse momento Co-Op City estendeu-se embaixo como um gigantesco caixote quebrado. Ele estava chegando, chegando ao Prédio dos Jogos.

...Menos 001

e CONTANDO...

NESSE MOMENTO O JATO CRUZOU O CANAL, parecendo suspenso ali pela mão de Deus, gigantesco, rugindo. Um vendedor de droga à porta do prédio olhou para cima e pensou que estava vendo uma alucinação, o último sonho do viciado, que vinha buscá-lo, talvez para o céu da General Atomics, onde toda comida era gratuita.

O som dos motores empurrou pessoas para soleiras de portas, cabeças espichadas para cima como se fossem chamas pálidas. Janelas de lojas tilintaram e caíram para dentro. O lixo das sarjetas foi sugado pelas ruas estreitas como pistas de boliche, como se fossem dervixes dançarinos. Um policial deixou cair o chicote-elétrico, abraçou a cabeça com as mãos, gritou e não conseguiu ouvir a própria voz.

O avião continuava a descer e nesse momento passava por cima dos telhados tal qual um morcego de prata. A ponta da asa direita errou por uns meros 4m a Coluna de Pedra do Glamour.

Em toda Harding, Free-Vees ficaram brancas por causa da interferência e pessoas olharam para as telas com estúpida e temerosa incredulidade.

O trovão encheu o mundo. Killian ergueu a vista da escrivaninha e

olhou para a janela panorâmica que ocupava uma parede inteira da sala.

A paisagem faiscante da cidade, da South City até o Crescent, desaparecera. A janela inteira se encheu com o jato Lockheed TriStar que chegava. Suas luzes de navegação piscavam cadenciadamente e durante apenas um momento, um momento insano de surpresa, horror e incredulidade totais, ele viu Richards olhando-o fixamente, o rosto manchado de sangue, os olhos negros queimados como os olhos de um demônio.

Richards sorria.

E mostrava-lhe o dedo esticado em forma de membro e colhões.

— ...Jesus... — foi tudo o que conseguiu dizer.

000

ADERNANDO LIGEIRAMENTE, o Lockheed atingiu de frente o prédio dos Jogos, a três quartas partes do topo. Seus tanques estavam ainda com mais de um quarto de combustível. Desenvolvia nesse momento pouco mais de 800km/h.

A explosão tremenda iluminou a noite como a ira de Deus e choveu fogo até uma distância de vinte quarteirões.

Table of Contents